

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação

Eu e a Subjetividade nas Fronteiras:
trânsitos geográficos e identitários na fronteira da paz

Érico Benites de Los Santos

Pelotas, 2024

Érico Benites de Los Santos

Eu e a subjetividade nas fronteiras:
trânsitos geográficos e identitários na “Fronteira da Paz”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Rita Juliana Soares Poloni

Pelotas, 2024.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

S237e Los Santos, Érico Benites de

Eu e a subjetividade nas fronteiras [recurso eletrônico] : trânsitos geográficos e identitários na “Fronteira da Paz” / Érico Benites de Los Santos ; Rita Juliana Soares Poloni, orientadora. — Pelotas, 2024.

214 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Identidades fronteiriças. 2. Representatividade. 3. Políticas educacionais. 4. Complexidade cultural. 5. Saber. I. Poloni, Rita Juliana Soares, orient. II. Título.

Minha Gratidão

Ao alcançar mais uma importante etapa desta pesquisa acadêmica, ofereço como um tributo a todas as pessoas que me possibilitaram ser quem sou pessoal e profissionalmente.

Aos meus pais, pelo modelo de educação que me proporcionaram e pelos incentivos que sempre me deram, expresso meu reconhecimento e saudades eternas.

À minha esposa, Sandra Motta, como educadora e pesquisadora social, pela presença constante e pelas discussões construtivas sobre meus trabalhos, manifesto minha profunda gratidão e amor.

À Jéssica Motta, pela dedicação e pelo olhar atento e técnico na formatação desta dissertação, contribuindo de maneira essencial para que o resultado final refletisse o rigor e a qualidade que o trabalho exige, expresso meu sincero reconhecimento e agradecimento.

Aos meus professores e colegas, pelo compartilhar de anseios, imaginações e desejos, pelos confrontos e troca de ideias, e pela construção conjunta do conhecimento, que enriquece nossa consciência coletiva, meu fraterno e afetuoso obrigado.

Para a filosofia de Sócrates, a maiêutica é a "arte de partejar". Por meio dele, fica meu reconhecimento de que esse método se aplica perfeitamente à forma didática de conduzir da minha professora e orientadora, a Doutora Rita Juliana Poloni. Por sua capacidade de descobrir o potencial individual e transformar a primeira pessoa em objeto de pesquisa para o mundo, resultando em um verdadeiro "parto intelectual" que ultrapassa minhas fronteiras. Justifico que, graças a ela, passei a ver, conhecer, me situar e compreender melhor quem sou e o que represento. *Muchas gracias fronterizas.*

À UFPEL, pela capacidade de resiliência e visão de futuro, ramificando-se para além dos braços físicos, se estendendo virtualmente na modalidade EAD, e ao nosso Programa de pós-graduação que possibilita romper limites e alcançar novas fronteiras.

No meu caso em específico, atentamente saúdo a plena implantação do programa nacional de cotas, fazendo com a pesquisa a razão que aproxima os distantes e valoriza os desiguais do conhecimento, as pontes em plena construção.

Sobre a construção, penso no quanto criamos ou impomos fronteiras ao simples ato isolado de assentar um tijolo ou de serrar uma tábua para pregar, como se fossem ações individuais. Na verdade, esses atos fazem parte de um processo coletivo de construção que integra a vida diária.

Sobre a vida diária, penso ainda no quanto agimos pelo limite entre o dia e a noite. Nos vemos isolados como se os dois fossem belos por si só, pois as manhãs trazem o sol ou gotas de chuva aliada ao vento. Da mesma forma, cada noite nos brinda com a penumbra do sereno ou o céu estrelado a guardar nosso descanso.

Coisas boas raramente fazemos sozinhos, e crescer significa sempre crescer junto com o grupo.

Entendo que, embora pareça que assentar um tijolo ou cortar uma tábua para pregá-la seja um ato individual, na verdade reflete um processo coletivo de construção. Da mesma forma, delimitar dia e noite não as torna belas por si só, pois as manhãs trazem consigo o sol ou a chuva, e a entrada de cada noite nos presenteia com serenidade ou um céu estrelado. As coisas boas raramente são realizadas sozinhas, e o crescimento pessoal sempre acontece em conjunto com os outros.

Existen muchos recuerdos de aquí de Santana, mezclados con recuerdos de allá de Rivera; todos ellos integran la memoria social de esta frontera, formando nuestro patrimonio cultural.

Todo puede resumirse en una palabra: gratitud.

*Más vale así, ciudad de mis afectos!
Tú sin eso también puedes ser grande!
Tú tienes el encanto de tus plátanos,
poblado de gorriones charlatanes,
y tu Cerro del Marco, que es un puño
cuyo índice gigante
señala eternamente las estrellas,
indica eternamente lo insondable...*

*Olyntho Maria Simões
(poeta riverense)*

RESUMO

LOS SANTOS, Erico Benites. **Eu e a Subjetividade nas Fronteiras:** trânsitos geográficos e identitários na fronteira da paz. 214 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

No âmbito do programa de pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, esta pesquisa investiga as identidades fronteiriças entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). Com uma abordagem interdisciplinar, adota a alegoria do Cerro do Marco para proporcionar um olhar distanciado que permita compreender o contexto interno. A pesquisa examina as interseções entre fronteiras geográficas, mobilidade étnica e racial, gênero e profissão, com o objetivo de compreender a vivência em espaços tradicionalmente femininos. Destacam-se os desafios enfrentados, como a dualidade de nacionalidades e o racismo, especialmente para indivíduos fronteiriços negros e professores, como eu. A pesquisa considera aspectos como a representatividade na sala de aula e a capacidade de desafiar estruturas condicionantes. A metodologia empregada inclui análise rizomática, entrevistas e análise documental. A pesquisa contribui para o conhecimento das dinâmicas fronteiriças e sugere políticas educacionais sensíveis e inclusivas, refletindo sobre a complexa interseção de identidades, como a de negros e de professores na fronteira. Explora-se também o “eu fronteiriço” e suas relações, analisando como essas interações moldam e influenciam as experiências individuais e coletivas. A análise incorpora diversas perspectivas teóricas para abordar as complexas interseções de identidade, poder e fronteiras em diferentes contextos sociais. A estrutura da pesquisa é dividida em três capítulos, que exploram a região fronteiriça, conceitos teóricos e diversas fronteiras. Conclui-se com reflexões sobre as vivências intrínsecas e a importância das raízes culturais, oferecendo uma análise abrangente e multifacetada das identidades fronteiriças. Assim, contribui-se para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais nessas regiões limítrofes.

Palavras-chave: Identidades fronteiriças, Representatividade, Políticas educacionais, Complexidade cultural, Saber, Poder.

RESUMEN

LOS SANTOS, Erico Benites. **Eu e a Subjetividade nas Fronteiras**: trânsitos geográficos e identitários na fronteira da paz. 214 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Como parte del posgrado en Memoria Social y Patrimonio Cultural, esta investigación indaga en las identidades fronterizas entre Santana do Livramento (Brasil) y Rivera (Uruguay). Con un enfoque interdisciplinario, adopta la alegoría del Cerro do Marco para brindar una mirada distanciada que permita comprender el contexto interno. La investigación examina las intersecciones entre fronteras geográficas, movilidad étnica y racial, género y profesión, con el objetivo de comprender la experiencia en espacios tradicionalmente femeninos. Se destacan los desafíos enfrentados, como la dualidad de nacionalidades y el racismo, especialmente para las personas y los maestros de la frontera negra, como yo. La investigación considera aspectos como la representación en el aula y la capacidad de desafiar estructuras condicionantes. La metodología utilizada incluye análisis rizomático, entrevistas y análisis documental. La investigación contribuye al conocimiento de las dinámicas fronterizas y sugiere políticas educativas sensibles e inclusivas, reflexionando sobre la compleja intersección de identidades, como la de los negros y los docentes en la frontera. También se explora el “yo fronterizo” y sus relaciones, analizando cómo estas interacciones dan forma e influyen en las experiencias individuales y colectivas. El análisis incorpora diversas perspectivas teóricas para abordar las complejas intersecciones de identidad, poder y fronteras en diferentes contextos sociales. La estructura de la investigación se divide en tres capítulos, los cuales exploran la región fronteriza, conceptos teóricos y fronteras diversas. Concluye con reflexiones sobre las experiencias intrínsecas y la importancia de las raíces culturales, ofreciendo un análisis integral y multifacético de las identidades fronterizas. De esta manera, contribuye a una comprensión más profunda de las dinámicas sociales y culturales en estas regiones limítrofes.

Palabras clave: Identidades fronterizas, Representatividad, Políticas educativas, Complejidad cultural, Saber, Poder.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista desde o Cerro do Marco, setembro de 2023	24
Figura 2 - Vista aérea do Limite urbano da Fronteira	25
Figura 3 - Carnaval Internacional de Rua, fevereiro de 2018	28
Figura 4 - <i>Calle Agraciada</i> , tradicionalmente conhecida como a “rua dos queijos” em Rivera	30
Figura 5 - Origem do aroma dos queijos, pastas, salames e produtos a granel nas casas especializadas em produtos típicos uruguaios, “ <i>Calle Agraciada</i> ”	31
Figura 6 - Kit de mate ou chimarrão	32
Figura 7 - Jovem casal mateando em espaço público	33
Figura 8 - Comércio local com anúncios em três idiomas	36
Figura 9 - Comércio de camisetas e bandeiras em tempos de copa do mundo de futebol	39
Figura 10 - Turma de alunos de uma escola santanense	42
Figura 11 - Cerimônia Cívica de escola do Bairro Rivera Chico	43
Figura 12 - Condições de ocupação da juventude fronteiriça.....	44
Figura 13- População Afrodescendente e indígena na fronteira	46
Figura 14 - O Cerro e o Marco como observatório panorâmico da fronteira ..	66
Figura 15 - O jovem casal Bonifácio e Constância – em Rivera – anos 50 e 60	83
Figura 16 - Dona Constância na formatura do seu Bonifácio – Colégio Santanense, 1966	86
Figura 17 - Turma de formandos – Bonifácio é o único negro entre os colegas. Colégio Santanense, 1966	87
Figura 18 - Portão principal do estádio João Martins do E. C. 14 de Julho	89
Figura 19 - Sombras das árvores e espaço de encontros na entrada do estádio João Martins do E. C. 14 de Julho	90
Figura 20 - Dona Constância no centro da praça Mal. Rondon recebendo mais um neto; ao fundo nossa casa e o Opala amarelo, final dos anos 90 ...	91
Figura 21 - Avó e neta na cozinha, o espaço mais acolhedor da casa – Casa do Estadual 43, inverno de 1995	94

Figura 22 - Prédio do Grupo escolar São Vicente de Paula - Rua Barão do Triunfo	95
Figura 23 - Exemplar da revista Essência com a galeria de presidentes do Clube Farroupilha	123
Figura 24 - Mãe Teta sendo recebida pelo prefeito Elifas Simas, recém empossado no Palácio Moisés Viana	124
Figura 25 - Carteira Social da Sociedade Recreativa Farroupilha (filho é o associado e o pai assina como presidente), 1955	127
Figura 26 - Carteira Social do Clube vinculado a Brigada Militar na categoria civil, 1981	128
Figura 27 - Cerca de Pedra na Estrada da BR-293, no Trevo para o Rincão dos Canudos	139
Figura 28 - Vestígios da escravidão nos pampas fronteiriços, reportagem sobre as cercas de pedras	139
Figura 29 - Prédio da escola Rural Manoel C. de Oliveira - Estrada do Rincão da Bolsa	161
Figura 30 - Casa do seu Sipico, com o poço de balde puxado pela roldana .	162
Figura 31 - Um pé de tuna com sua flor aberta, Cerro da Tabatinga	164
Figura 32 - Vista da planta industrial do antigo Frigorífico Armour	181
Figura 33 - Casa térmica forrada com folhas de Flandres (lata)	181
Figura 34 - Casa de lata localizada no Bairro Tabatinga	182
Figura 35 - Livro didático minimizando a condição dos afrodescendentes no Brasil	184
Figura 36 - Um Marco de fronteira no meu quintal	189
Figura 37 - Jô Soares no “VIVA O GORDO”, 1986	190

SUMÁRIO

1 Introdução	13
1.1 Livramento e Rivera - Fronteira Singular e Diversidade na Região Fronteiriça	23
1.1.1 Convivência de Idiomas e Diversidade Cultural	25
1.1.2 Mobilidade e Diversidade Étnica na Região de uma Fronteira Permeável	28
1.1.3 Comércio Fronteiriço e Economia Local: Compras e Alimentação na Fronteira	29
1.1.4 A Tradição do Mate: Um hábito que transcende gerações e identifica os fronteiriços	31
1.1.5 Uma Janela para a Interculturalidade, Economia e Comércio Transfronteiriço	34
1.1.6 Rivalidades Históricas e Relações Sociais	38
1.1.7 Microcontextos e Estudantes na Fronteira	40
1.2 Narrativas de si: identidades entre fronteiras (nacionais)	48
1.3 Narrativas de si: pensar-se e reconhecer-se negro entre trajetórias fronteiriças	49
1.4 Narrativas de si: viver entre fronteiras como professor de educação básica no Brasil	51
2 Conceitos Teóricos	54
2.1 Escrita de si e identidades de/na fronteira	54
2.2 Fronteiras nacionais e identidades fronteiriças	56
2.3 Fronteiras e identidades (inter) raciais ou interétnicas	60
2.4 Fronteiras sexistas profissionais	64
3 Diversas Fronteiras	66
3.1 Olhares Transfronteiriços: A Alegoria do Cerro do Marco como Observatório de Fronteira	66
3.2 Método	69
3.3 Sobre a técnica de pesquisa adotada para a realização das etapas de trabalho de campo: os questionários e as abordagens	74
3.3.1 Dos questionários	74
3.3.2 Das abordagens	76

3.4 Uma narrativa sobre educação, trabalho, afecções e fricções familiares na fronteira	79
3.4.1 Trabalhando memórias – sobre o agir e comunicar	81
3.4.2 Referência e inspiração: ao caminho da educação	84
3.4.3 Uma organizadora das rotinas: Minha mãe	92
3.4.4 Expectativas, Anseios e o Imaginário Infantil sobre a sua Primeira Escola.....	94
3.4.5 Uma didática do medo: “Caminho suave” com cheiro de giz e nicotina.....	96
3.4.6 Terra de Memórias Verdes: A Viva Conexão entre infância, família e a Flora do Bioma Pampa	99
3.5 Pelos sentidos identitários fronteiriços	102
3.5.1 Identidades pela vivência	104
3.5.2 Por digitais identitárias	105
3.5.3 Identidades olfativas	107
3.5.4 Identidade degustação	110
3.5.5 Identidade auditiva	111
3.5.6 As fronteiras em mim ou o eu fronteiriço: os territórios que atravesso e as identidades que me atravessam	113
3.6 Identidades interraciais no Brasil e no Rio Grande do Sul	115
3.6.1 E lá vem a <i>perrera</i>	119
3.6.2 Dos deslimites das Garças-vaqueiras	129
3.6.3 Do canto da cigarra	133
3.6.4 Identidades em culturas diferentes, ainda assim persistem: uns, ainda cantadores; outros, ainda <i>horneros</i>	135
3.6.5 Vermelho pelo sabor, verde pela identidade do Pampa	137
3.6.6 Pingo de muitas pelagens	143
3.6.7 Língua do PÊ ou <i>Jerigonza</i> : códigos de ações e reações ou formas de poder e saber	147
3.6.8 Identificando atravessamentos em mim	155
3.7 Dona Constância: Entre Raízes de sabedoria e Amor Maternal, Inspirações para o Magistério	156

3.7.1 Entre Flores de Tuna e Lousas Multisseriadas: Uma jornada de Adaptação e transformação no Magistério Rural de Santana do Livramento	160
3.7.2 Eucalipto e Adaptação: Entre os ventos gélidos do Minuano e a transformação do Pampa	165
3.7.3 Marcela - Práticas Culturais na Fronteira Brasil-Uruguai	170
3.7.4 Desafios e Soluções na Periferia de Livramento e Rivera para Controlar o Capim-Annoni e conviver com a Tradição Equestre	173
3.7.5 Raízes Floridas: Anos de Conexão e Afeto no Bairro Tabatinga	178
3.7.6 Desvendando Silêncios: Reflexões nas Entrelinhas da Educação Formal	183
3.7.7 Conexões através do humor: reflexões sobre fronteira e identidade	188
3.7.8 Patrimônio Cultural e Educacional: Biodiversidade no Bioma Pampa e os Atravessamentos Fronteiriços	191
4. Considerações Finais	195
Referências bibliográficas	201
Anexos	208
Anexo 1 – Questionário A	209
Anexo 2 – Questionário B	211
Anexo 3 – Questionário C	213

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, propõe-se como tema de estudo o “fronteiriço” como elemento simbólico fundamental nas subjetividades de poder e saber. O saber e o poder estão intimamente ligados, pois o conhecimento pode ser usado como instrumento de controle, com aqueles que detêm o poder definindo o que é considerado saber legítimo. As fronteiras simbólicas e materiais influenciam essa dinâmica ao incluir ou excluir diferentes formas de conhecimento, determinando quem tem acesso ao poder e quem é marginalizado. Contudo, essas fronteiras também podem ser espaços de resistência, onde novas formas de saber e estruturas de poder são desafiadas e reconfiguradas.

Para isso, apresentamos uma análise textual resultante de uma pesquisa qualitativa das suas relações, conexões e posicionamentos. O objeto de pesquisa, o “fronteiriço”, revela uma singularidade intrigante. Como alguém que é fronteiriço, negro e professor do gênero masculino em um campo tradicionalmente ocupado por mulheres, minha fronteira é bastante singular. A minha identidade racial me traz uma série de experiências e desafios únicos, desde a marginalização até uma rica herança cultural que molda minha visão sobre justiça social e igualdade. Além disso, por ser professor atuo em dinâmicas próprias de interação que exige que eu afirme minha autoridade em um contexto onde o gênero predominante é diferente do meu. Essas múltiplas identidades e experiências não apenas influenciam como sou percebido pelos outros, mas também moldam minha própria percepção e interação com o mundo. Elas me oferecem uma perspectiva valiosa sobre questões de equidade e inclusão, e afetam profundamente minha abordagem e contribuição no ensino.

Minha abordagem crítica e subjetiva é essencial para aprofundar o diálogo acadêmico e proporcionar uma compreensão mais abrangente da fronteira. Minha perspectiva dialoga com teorias geográficas, como as de Lefebvre e Braudel, que destacam a importância de uma visão multifacetada do espaço. Ao relacionar minha observação do Cerro do Marco com essas teorias, enriqueço minha análise e contribuo para uma compreensão mais completa do espaço fronteiriço.

Nesse contexto, a pesquisa se entrelaça de forma direta com as subjetividades, explorando a fluidez de elementos que se movem e se cruzam nas conexões e posicionamentos moldados pelas interações individuais. Para tal, ela exigiu acuidade e adequação dos afetos a algumas variações de sentido da palavra escrita, para

determinar, acrescentar complexidade ao seu uso. Por essa razão, cabe explicar: fala-se aqui sobre constância e sobre transformação e entende-se que a dialógica não deva ser quebrada, pois de outra forma pareceria contraditório com os motivos e a própria razão que a pesquisa busca e representa – vidas em movimento.

Embora o objeto de pesquisa se concentre predominantemente na primeira pessoa do singular, com o "eu" dominando quase toda a narrativa, pressupõe-se que haja uma correspondência direta e equitativa entre o "eu" e o "outro", estabelecendo uma relação entre ambos. Coloquei em ação um desafio íntimo e pouco usual: o de recordar e mobilizar pensamentos profundos da minha vida como morador na campanha gaúcha, da minha família e desta relação que naturalmente tivemos, entrecruzando fronteiras. Abri e revirei minhas gavetas dos Tempos, procurando escrever sobre como residem certos acontecimentos nelas guardados, jogados ou ainda em trânsito. A cronologia está modulada pelas emoções e razões e respeita a lógica da memória pessoal, em retornos por lugares e épocas sob o filtro de olhares dos meninos, dos jovens e agora homens. Todos eles plurais num só: o Eu fronteiriço.

Este local único me oferece a oportunidade de desafiar as fronteiras que, à primeira vista, parecem evidentes e estabelecidas, permitindo-lhe coletar perspectivas e abordagens variadas que enriquecem profundamente a compreensão das dinâmicas fronteiriças.

Então, aqui ao pensar na fronteira não apenas como um limite geográfico, mas também como um espaço simbólico que influencia nossa identidade e o pertencimento que particularmente senti-me provocado ao profundo exercício de descrição do lugar onde nasci e onde passei praticamente toda a minha vida. Portanto, falo de mais de meia centena de anos, período que compreende o fim do século XX e início do XXI, notadamente um momento em que, no mundo, ocorreram inúmeras transformações de toda ordem: econômicas, ambientais, políticas, sociais e tecnológicas, para citar somente algumas. Em meio a isso, todos vivemos e estamos imersos dentro de uma espécie de turbilhão formado pela grande quantidade de informações, e isso nos chega na forma de produtos de consumo, o que contribui para evidenciar, ofuscar ou mesmo modificar as diversas manifestações culturais no mundo como um todo, modo de desenvolvimento que Castells (1999) define como informacionalismo. Aqui, no meu lugar, não é diferente.

Minhas cidades de nascimento situam-se na região mais central do Bioma Pampa, cercadas de coxilhas com seus capões de mato e extensas pradarias

entrecruzadas por galerias de vegetação nativa margeando os córregos, por onde foi traçada a linha imaginária do paralelo 31º, e é nela que se dá o encontro de dois países da América do Sul: o Uruguai e o Brasil. Conhecidas como cidades-gêmeas de fronteira, refiro-me à uruguaia Rivera e à brasileira Santana do Livramento. Estamos falando da “Fronteira da Paz”¹ como também é conhecida. Mais uma questão as une: as duas distam cerca de quinhentos quilômetros dos grandes centros políticos de decisão.

É justamente o distanciamento geográfico em relação aos grandes centros, um dos fatores determinantes para que, até o final do século XX, antes do *Boom* tecnológico e a era da pós-informação (Negroponte, 1995, p. 143), toda essa região dos campos da fronteira tivesse pouquíssimo acesso à informação e ao conhecimento. Essa condição parece contribuir também para congelar a cultura e os ditos valores tradicionais (Anderson, 2008, p. 38), usados como lastro garantidor do status quo para privilégios de poucos e para poucos. Mantém-se uma minoria dentro da sociedade a deter influência econômica, em contraste com a situação da imensa maioria.

No contexto descrito, observamos a atuação de figuras locais que seguem um script de competição por conhecimento e poder, consolidando sua posição privilegiada na apreciação dos melhores momentos da ceia. Eles não apenas ditam a rotina, os significados, o tempo e o progresso de acordo com seus próprios interesses, mas também asseguram que a manutenção desse ritmo seja um imperativo inquestionável, desdobrando-se em esforços para modelar e regular o funcionamento desse peculiar relógio social. Como Anderson (2008, p. 56) aponta de maneira perspicaz, a concepção de um organismo sociológico atravessando cronologicamente um tempo vazio e homogêneo reflete precisamente a ideia de nação, a qual, por sua vez, é percebida como uma comunidade coesa que percorre incessantemente a história, seja em uma trajetória ascendente ou descendente. Essa analogia esclarece a

¹ Fronteira da Paz – A origem dos dois povoados está atrelada à questão territorial e foram criados com fins militares, como vigilantes mútuos dos interesses de seus respectivos países. No entanto, a convivência e a proximidade logo fez surgir uma cultura de fronteira, alimentada pela solidariedade entre os dois povos. A empatia fraternal afastou esses dois povos da visão territorial dos Estados de seus respectivos países e transformou-os em ‘um povo unido por uma fronteira’. O símbolo dessa convivência fraternal foi inaugurado em 1943 e é conhecido como a Praça Internacional, a única praça binacional do mundo. Desde então, a Fronteira da Paz é uma ilustração significativa para designar a área de fronteira entre Sant’Ana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) e simboliza esforços entre dois povos para manter a união e a paz entre si, uma vez que, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos países estavam em conflito. MARQUETTO, Rut M. Friedrich; BECKER, Elsbeth Léia Spode, 2015, p. 79.

dinâmica complexa e a natureza quase ritualística da manutenção do status quo por essas figuras locais, que moldam a narrativa e regulam os elementos fundamentais que compõem o tecido social.

Como consequência de toda esta situação, fica claro que ainda hoje está arraigada no tecido social da sociedade fronteiriça uma forma quase imperceptível de naturalização de visão de mundo conservadora, patriarcal, excludente, racista, que permeia o cotidiano de todas as esferas e espaços de relações tanto urbanos quanto rurais.

Na virada da década de 1960, quando nasci, o mundo estava imerso na Guerra Fria. Nesse período, tanto o Brasil quanto os países da região platina (como Argentina, Uruguai e Paraguai) se viam em desafios importantes para suas democracias. Isso resultou em uma série de problemas, incluindo injustiças, perseguições, torturas e sofrimentos em várias esferas da sociedade. A Guerra Fria dividiu o mundo em duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, e as rivalidades ideológicas entre essas nações tiveram um impacto global, afetando também as mesmas nações sul americanas. Nesse contexto, muitos países da região experimentaram turbulências políticas e sociais, com consequências negativas para a democracia e os direitos humanos.

Minha formação, desde a infância até a juventude, deixou marcas profundas e inesquecíveis em mim. A conformidade e a resiliência foram reveladas como lições determinantes naquele período. Com a redemocratização, finalmente pude desfrutar de maior participação e oportunidades de projeção como indivíduo, ao mesmo tempo em que me integrei no mundo do trabalho. Essas experiências moldaram quem sou hoje, destacando a importância da adaptabilidade e da busca constante por crescimento pessoal e profissional.

A ideia do “eu” fronteiriço aparece aqui, então, de três formas: a partir das fronteiras geográficas e geopolíticas que se constituem meu lugar de habitação; a partir da minha identidade racial e étnica construída nas fronteiras culturais da família e das comunidades nacionais nas quais tenho me inserido ao longo da vida; e, finalmente, na própria vida profissional construída na carreira do magistério básico, na qual me insiro como uma exceção de gênero. São reflexões nas quais me percebo atravessado pelo conviver entre dois países, entre duas línguas, entre dois contextos culturais distintos, e ainda assim compartilhando dos mesmos espaços, envolto nas implicações de ser negro dentro de uma sociedade fronteiriça, de sólida estrutura

cultural de preconceito e de racismo, e nas fronteiras apresentadas para um profissional do magistério, enquanto homem que sempre exerceu uma função historicamente ocupada de forma majoritária por profissionais do gênero feminino.

A partir das reflexões enquanto fronteiriço, negro e professor, proponho compreender como as diferentes dimensões do eu cidadão se entrelaçam e se manifestam nas fronteiras dessas identidades. Quais seriam os desafios únicos que surgem quando alguém transita entre as esferas de ser negro, docente na educação básica e fronteiriço *double chapa*? Há uma negociação constante dessas identidades em busca de um equilíbrio, ou elas coexistem de forma fluida? E, claro, como essas dinâmicas impactam não apenas a experiência pessoal desse indivíduo, mas também seu desempenho na sociedade e no contexto educacional? Isso me faz pensar em como o poder e o saber se entrelaçam nesse cenário. O conhecimento emerge como uma ferramenta poderosa para a navegação por essas fronteiras identitárias, mas como ele é construído e distribuído nesse contexto específico?

Tudo o que inicialmente já se apresentava como tema para a pesquisa de fronteiras foi se voltando para um sentido mais amplo. Assim, as fronteiras ganham análises temáticas particulares e específicas, buscando compreender as peculiaridades de cada uma das relações fronteiriças. Da relação homem e ambiente emerge uma sinergia poderosa e todas as conexões são estabelecidas por serem compatíveis com os receptores sensoriais do homem fronteiriço. A associação entre a mobilidade da fauna regional e o frescor da flora pampeana, com sua exuberância e delicadeza, servem, em toda pesquisa, de alicerce para analogias profundas com a cultura fronteiriça. Essas interligações entre elementos naturais e humanos ecoam ao longo das reflexões e análises, despertando um espírito arraigado no território e validando, a cada capítulo, a pesquisa aqui apresentada.

A partir da metodologia adotada nesta pesquisa, com abordagem rizomática, que considera que a multiplicidade não possui sujeito nem objeto; é composta apenas por determinações, grandezas e dimensões que não podem expandir-se sem alterar sua própria natureza, e assim analisa-se o espaço fronteiriço entre Santana do Livramento e Rivera. Utilizam-se questionários semiestruturados e a analogia do Cerro do Marco, considerando o contexto específico dessas cidades geográficas na fronteira Brasil-Uruguai. A abordagem rizomática destaca-se ao explorar dinâmicas culturais e sociais em Santana do Livramento e Rivera, representando relações transfronteiriças e a multiplicidade de identidades. Questionários semiestruturados

adaptados a essas comunidades permitem a coleta de informações sensíveis às nuances da vivência dos cidadãos.

Ao refletir criticamente sobre perguntas fechadas e abertas, a análise se enriquece considerando os contextos específicos das cidades. A análise "ao partir do interior rígido" implica transitar por certas estruturas sociais consolidadas, e essa exploração "por dentro" visa revelar transformações subjetivas e nuances culturais diante da condição de fronteira. A alegoria do Cerro do Marco, em contexto fronteiriço, emerge como um observatório metafórico, destacando-se como ponto de partida para exploração de interações culturais e sociais. Essa metáfora, alinhada à perspectiva deleuziana, oferece uma visão abrangente das dinâmicas presentes.

Nessa visão, o rizoma representa uma estrutura sem hierarquia ou linearidade, onde as conexões e relações se formam de maneira não centralizada e múltipla. Aplicada ao estudo das fronteiras, essa perspectiva sugere que as dinâmicas identitárias e culturais não seguem uma lógica fixa, mas se configuram de maneira fluida, interconectada e em constante transformação.

No contexto da dissertação, a fronteira é entendida como um rizoma, um espaço permeável onde diferentes identidades, saberes e culturas coexistem e se entrelaçam, sem obedecer a categorias rígidas. Assim, as dinâmicas presentes nas fronteiras não se limitam a divisões claras ou hierárquicas, mas funcionam como múltiplos pontos de contato e negociação, tanto simbólicos quanto geográficos. Essa abordagem amplia a compreensão das interações fronteiriças, considerando-as como redes complexas de relações, onde as identidades são híbridas e mutáveis.

Eu examino as conexões, disputas, poder/saber, afeições, fricções, posicionamentos, agenciamentos e cartografias específicas da região fronteiriça. A análise das respostas obtidas por meio de perguntas fechadas e abertas visa fornecer uma visão abrangente das experiências e percepções dos cidadãos, revelando tanto as estruturas consolidadas quanto as transformações subjetivas que ocorrem nesse território limítrofe.

Toda a pesquisa se estrutura e está organizado fundamentalmente em três capítulos e cada um com seus subcapítulos ou subtítulos. Essa estrutura foi cuidadosamente planejada para se assemelhar a uma planta com raízes profundas, tronco robusto e galhos que se expandem em múltiplas direções, fornecendo sustentação e equilíbrio.

As raízes, representadas pela introdução, são o ponto de partida, mergulhando no solo da pesquisa e fornecendo o contexto necessário para compreender a temática da fronteira e suas peculiaridades. Assim como as raízes de uma planta ancoram e nutrem, a introdução estabelece as bases teóricas e conceituais que sustentam o trabalho.

O segundo capítulo, por sua vez, atua como o tronco da planta. Ele é o eixo central, forte e estruturado, onde se concentram as referências bibliográficas e os conceitos-chave. Esse tronco representa o alicerce teórico que sustenta o desenvolvimento do estudo, conectando a base (a introdução) às partes mais complexas e diversificadas da pesquisa.

Por fim, o terceiro capítulo, que se ramifica em diversas direções, é comparado aos galhos e ramos da planta. Ele é mais extenso e detalhado, e abriga o conteúdo principal da pesquisa, integrando as três dimensões investigadas: a fronteira, a identidade negra e a atuação como professor. Assim como os galhos de uma árvore não se separam do tronco e das raízes, essas dimensões não existem de forma isolada na vida do "eu fronteiriço", que é o objeto central da investigação. Todas as partes, juntas, formam uma estrutura sólida, interconectada e coesa, refletindo a complexidade e a interdependência dos elementos estudados.

Nesse sentido, o primeiro capítulo é introdutório, organizado com subtítulos abordando a região fronteira entre Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai, destacando uma atmosfera singular marcada pela interseção de diferenças geográficas, culturais e linguísticas². As cidades, embora demograficamente distintas, compartilham uma convivência diária que promove a fluência em portunhol³, uma mistura de português e espanhol. A diversidade étnica crescente, composta por venezuelanos, haitianos, chineses e muçulmanos, contribui para a riqueza cultural, refletindo-se na mobilidade da população em uma fronteira permeável. O comércio fronteiriço, com competição entre supermercados brasileiros e uruguaios, oferece uma experiência única aos compradores, que exploram as ofertas gastronômicas de

² Para saber mais sobre essa interseção de diferenças geográficas, culturais e linguísticas, veja: PORTUÑOL: Um filme, uma viagem de desconstrução que não busca uma resposta, mas sim romper todas as possíveis certezas do que significa existir nas bordas de definições culturais. Diretora: Thais Fernandes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cE53uZtrOaM>

³ Portunhol – se define como uma língua resultante do contato linguístico entre o Português e o Espanhol e é identificada como uma língua de contato, mas também como uma língua étnica de falantes de comunidades fronteiriças da região norte do Uruguai com o extremo sul do Brasil. STURZA, Eliana. Portunhol: língua, história e política. 2019, p.95

ambos os lados. Além disso, a tradição do mate, as rivalidades históricas e os micro contextos, como o trânsito de estudantes, são elementos essenciais que caracterizam essa região como um espaço de convergência cultural, econômica e social, moldando o presente e o futuro de Livramento e Rivera.

Complementando esta introdução, trazemos, no subcapítulo "Narrativas de Si: Identidades Entre Fronteiras (Nacionais)", a complexidade das identidades na fronteira entre Brasil e Uruguai, destacando as condições geográficas, políticas, históricas, ambientais, culturais e econômicas que moldam a vida dos habitantes de Livramento e Rivera. Percebe-se a fluidez natural do cotidiano, em que as normas jurídicas muitas vezes se tornam inócuas, permitindo a convivência além das fronteiras oficiais. Existe uma singularidade na identidade dos habitantes da fronteira, caracterizada pela falta de um "freio na consciência" em relação às linhas imaginárias e políticas. Além disso, o autor expõe sua experiência ao considerar e aceitar sua identidade negra, compartilhando vivências como professor na fronteira e destacando desafios relacionados ao gênero na escolha de locais de trabalho e avaliações de desempenho.

No segundo capítulo, dos Conceitos Teóricos, abordam-se temas relacionados à escrita de si e às identidades individuais e sociais, especialmente no contexto das fronteiras. Nos subcapítulos destacam-se a interação entre o indivíduo e a sociedade, explorando a ideia de fronteiras como linhas divisórias que distinguem o "nós" do "eles". Propõe-se uma pesquisa sobre essas interações e identidades, enfatizando a importância da escrita como instrumento fundamental para o entendimento do indivíduo na sociedade. No capítulo explora-se como as fronteiras geográficas e identidades são concebidas e vivenciadas, com ênfase nas linhas de contato e nas lutas por igualdade e reconhecimento da diferença, especialmente no contexto da globalização e regionalização. Destaca-se a preocupação contemporânea com questões de identidade, cultura, etnia e subjetividade, abordando a pluralidade das identidades e a obsessão pela diferença. Aprofunda-se a noção de grupo étnico e sua importância na definição de minorias. Além disso, concentra-se nas disparidades de gênero no campo educacional, especialmente na profissão docente. Remonta-se à história colonial brasileira, apresentando dados contemporâneos sobre a predominância feminina no ensino fundamental e destacando as diferenças nas identidades docentes e nas relações escolares relacionadas ao sexo e gênero. Há uma ênfase na construção social de identidades em contextos fronteiriços, raciais,

étnicos ou de gênero, incorporando perspectivas teóricas diversas para abordar as complexas intersecções de identidade, poder e fronteiras em diferentes contextos sociais. Neste segundo capítulo ainda se conectam conceitos referentes à narrativa biográfica do autor, explorando como a escrita de si se entrelaça com as temáticas de fronteira, identidade e transitoriedade na pós-modernidade. A narrativa biográfica é vista como politicamente posicionada entre a memória e a construção política do sujeito.

No terceiro capítulo tratamos das Diversas Fronteiras desta pesquisa: "Uma narrativa sobre educação, trabalho, afecções e fricções familiares na fronteira" em que se abordam de maneira abrangente diversos aspectos da vida em uma fronteira. Desde a influência das memórias nas ações e comunicações das pessoas até a reflexão sobre como a fronteira reflete o mundo e o país, a partir do texto mergulha-se na didática do medo na educação e suas consequências, examinam-se fontes de referência e inspiração educacional, destaca-se o papel crucial da figura materna na organização das rotinas familiares, explora-se uma abordagem sensorial na experiência educacional, e se tecem conexões entre memórias de infância, dinâmica familiar e a flora específica do Bioma Pampa. Pela narrativa busca-se proporcionar uma compreensão multifacetada e profunda da vida na fronteira. Além disso, o terceiro capítulo é organizado em diversos subtítulos ou subcapítulos que ajudam o autor a desenvolver de forma mais didática para o leitor as narrativas registradas textualmente.

No subcapítulo Pelos sentidos identitários fronteiriços, a discussão central gira em torno da complexa interseção entre a noção de pertencimento e a percepção de cidadania em territórios fronteiriços, com foco na região de Rivera e Livramento. A expressão *doble chapa* é cuidadosamente explorada, e a análise é habilmente construída a partir das percepções sensoriais derivadas dos cinco sentidos na fronteira em questão. Ao desdobrar as identidades fronteiriças, o texto aborda a vivência direta na região, as características distintivas, as experiências olfativas, gustativas e auditivas, destacando a importância fundamental das sensações na construção da identidade fronteiriça. Na seção de conclusões, intitulada "As fronteiras em mim ou o eu fronteiriço: os territórios que atravesso e as identidades que me atravessam", provavelmente se sintetiza o entendimento profundo das influências das fronteiras físicas na construção da identidade pessoal e na percepção da cidadania nesta área específica.

No subcapítulo Identidades interracialias no Brasil e no Rio Grande do Sul abordam-se questões raciais e identitárias na fronteira, explorando as conformações étnicas e sociais de fronteiriços negros e pardos em uma conurbação⁴ binacional. Estabeleço uma conexão mais significativa entre o tema e o espaço da pesquisa, enriquecendo os diálogos com elementos da fauna regional do Pampa. Em subseções subsequentes, como "Identidades interracialias no Brasil e no Rio Grande do Sul," exploro temas específicos, como a *perrera*⁵, os deslimites das Garças-vaqueiras, o canto da cigarra⁶, identidades em culturas diferentes (ainda cantadores e *horneros*⁷), o simbolismo de cores como vermelho e verde no contexto do Pampa, a diversidade de pelagens representada pelo "Pingo"⁸, e a linguagem peculiar do PÊ ou *Jerigonza* como códigos de ações e reações ou formas de poder e saber. O capítulo culmina com as conclusões derivadas dessas análises das experiências vivenciadas em diferentes contextos da campanha gaúcha.

No subcapítulo seguinte desta pesquisa há uma análise aprofundada na discussão sobre gênero e docência, concentrando-se na conduta de professores do sexo masculino em ambientes profissionais predominantemente ocupados por mulheres. Explorando as experiências desses educadores na educação infantil e no ensino fundamental, o texto examina as expectativas sociais que influenciam seus papéis, desempenhos e relações nesses cenários. A sensibilidade do tema levou o pesquisador a uma experiência única na campanha gaúcha, em que o diálogo se desdobrou a partir da prática de macerar vegetais, explorando os odores e perfumes naturais presentes. O subtítulo "Dona Constância: Entre Raízes de Sabedoria e Amor Maternal, Inspirações para o Magistério" indica que as reflexões estão ancoradas em figuras femininas representativas, enfatizando a importância das raízes culturais e da maternidade como fontes de inspiração para o ensino. Além disso, o capítulo se conecta a outros temas tratados na pesquisa, como evidenciado pelos subtítulos em

⁴ Conurbação – é um termo que designa a unificação das malhas urbanas de duas ou mais cidades, que passam a formar um aglomerado urbano contínuo, mantendo, entretanto, suas autonomias político-administrativas.

⁵ *Perrera* – Lugar onde se guardam ou prendem cães. Veículo ou carroça. Instituição encarregada de guardar cães abandonados ou perdidos. Veículo ou carroça. Instituição encarregada de guardar perros abandonados ou perdidos.

⁶ Cigarra ou chicharra – é um inseto que pertence ao conjunto dos hemípteros, isto significa que quer realizar uma metamorfose.

⁷ *Horneros* – pessoa que trabalha ou realiza atividade no forno; pássaros que fazem suas casas de barro no formato de forno (João de Barro).

⁸ Pingo – Cavallo bom, corredor, bonito, vistoso, fogoso, andejo.

que se abordam diferentes contextos, como o magistério rural, a periferia de Livramento e Rivera, e as práticas culturais na fronteira Brasil-Uruguaí.

Em cada subtítulo se oferece uma perspectiva única sobre a interseção entre gênero, docência e contextos específicos, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas envolvidas. Dessa maneira, o fechamento do terceiro capítulo emerge como uma exploração profunda e multifacetada das questões de gênero na docência, enriquecida pela interação com a natureza e experiências variadas na campanha gaúcha. Por fim, apresento minhas considerações a respeito de todo o trabalho desenvolvido e refletido a respeito deste “eu fronteiriço”.

A maior contribuição da minha dissertação para os campos da memória, do patrimônio e da educação fronteiriça reside na análise das fronteiras como espaços de construção identitária, especialmente no que diz respeito às interseções entre etnia e educação. Ao investigar como indivíduos, particularmente negros e docentes, vivenciam e negociam suas identidades em contextos fronteiriços, a pesquisa explora a hibridização cultural e as tensões etnoeducacionais que surgem nesses territórios. Assim, a dissertação oferece um novo olhar sobre a educação fronteiriça, enfatizando como a etnia influencia e é influenciada pela dinâmica simbólica da fronteira. O legado deixado é a valorização do patrimônio imaterial que emerge dessa interação, propondo uma reflexão crítica sobre a construção do conhecimento e da memória em espaços marcados pela diversidade étnica e cultural.

1.1 Livramento e Rivera – Fronteira Singular e Diversidade na Região Fronteiriça

A fronteira entre Santana do Livramento e Rivera compõe uma atmosfera singular, onde as diferenças geográficas, culturais e linguísticas se entrelaçam criando vínculos íntimos e interdependentes entre as duas cidades. Na Figura 1 apresentamos a vista parcial do Cerro do Marco em uma manhã ensolarada, mostrando a linha imaginária do encontro entre duas cidades conurbadas. As vias principais ocupam destaque, por onde circulam não só pessoas, mas também desejos, necessidades, saberes e poderes em diferentes graus de contato. Esta imagem captura a essência dinâmica e multifacetada das interações urbanas, em que as fronteiras físicas se fundem com as fronteiras culturais e sociais, criando um cenário complexo de trocas e influências. Ao explorar essa representação visual, é possível compreender mais

profundamente a interconexão entre os elementos que moldam a vida urbana e as relações que se desenvolvem ao longo desses cruzamentos.

Figura 1 - Vista desde o Cerro do Marco, setembro de 2023

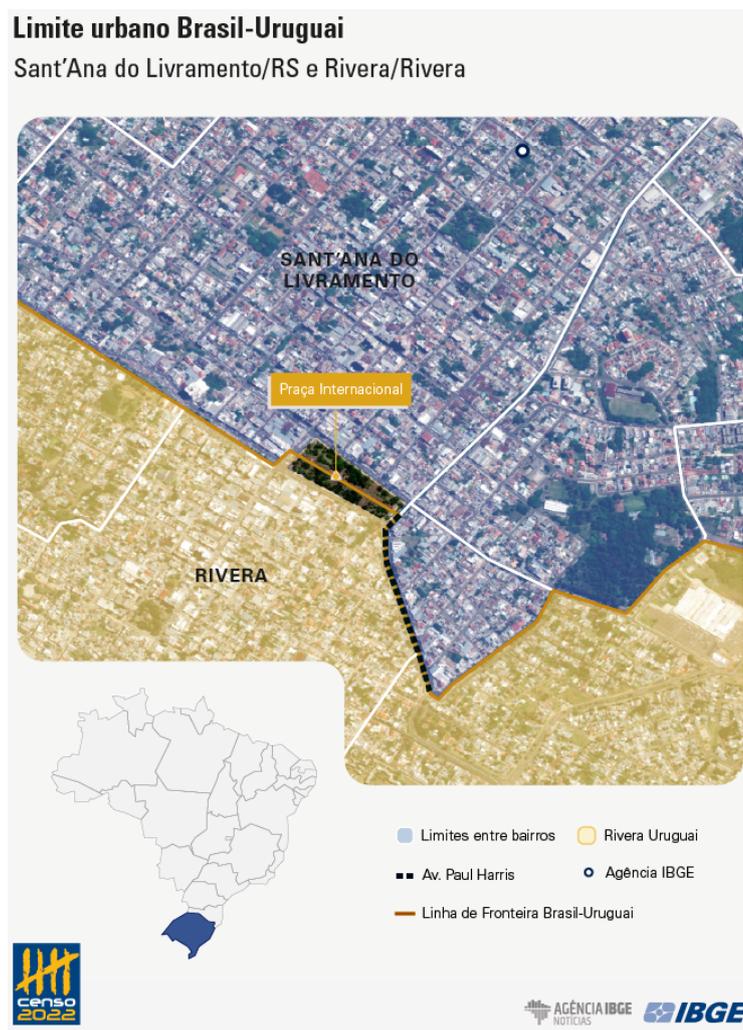


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Particularidades se desdobram em diversos aspectos e definem a identidade e o cotidiano dessa região fronteiriça. Em termos demográficos, Sant'Ana do Livramento abriga uma população de 84.421 pessoas, conforme dados revelados pelo Censo Demográfico de 2022 do IBGE, enquanto Rivera registrou 78.880 habitantes no Censo de 2011, conduzido pelo INE, o Instituto Nacional de Estadística do Uruguai.

A proximidade geográfica é uma característica marcante, pois fisicamente estão conectadas apenas por ruas, avenidas e praças, situadas de forma concomitante no Brasil e no Uruguai. Santana do Livramento está relacionada com o estado do Rio Grande do Sul, Brasil, ao passo que Rivera está localizada no Departamento de Rivera, Uruguai. Trazemos com a Figura 2 uma possibilidade de ir além da imaginação sobre nossa fronteira: uma vista aérea da zona urbana das duas cidades, destacando a linha limítrofe que demarca os territórios das mesmas.

Figura 2 - Vista aérea do Limite urbano da Fronteira



Fonte: IBGE, 2022.

Tal linha não apenas define os limites administrativos das cidades, mas também influencia a geografia física, marcando o ponto no qual o território do Uruguai termina ou começa, assim como o do Brasil. A visualização aérea oferece uma perspectiva ampla e panorâmica, permitindo uma compreensão mais clara da interseção entre os espaços urbanos e as fronteiras geopolíticas. Merece destacar o espaço verde no centro da figura que corresponde a Praça Internacional que recebe este nome pois sua área de canteiros, passeios e monumentos no seu interior pertencem aos dois países ao mesmo tempo.

1.1.1 Convivência de Idiomas e Diversidade Cultural

As cidades de Rivera e Livramento são frutos de uma natureza ímpar. Juntas, elas apresentam a metade norte, rodeadas por morros e matas silvestres, e ao sul

elas são complementadas por campos e coxilhas. Duas cidades delineadas por marcos de cimento e tijolos, forçando suas distinções, mas que de forma umbilical revelam mais as suas similaridades. Quanto à língua, o português prevalece em Santana do Livramento, enquanto o espanhol é a língua nacional em Rivera. Entretanto, devido à convivência diária e às interações frequentes, muitos habitantes das duas cidades são bilíngues ou ainda se comunicam em portunhol que é a mescla resultante do uso de termos, sotaques e outras variações fonéticas das duas línguas oficiais – o português e o espanhol –, o que facilita a comunicação entre as duas culturas.

As disputas históricas entre espanhóis e portugueses por territórios na fronteira resultaram em uma forte presença portuguesa no norte do Uruguai, propiciando o surgimento de uma variação de dialeto dentro do próprio portunhol. Conforme Behares (2012, p. 119), a situação linguística no Uruguai tem sido significativamente moldada pelas políticas educacionais implementadas desde 1977. Neste contexto, a imposição gradual do espanhol como língua dominante tem sido uma característica central, estreitamente ligada ao Estado e à construção da identidade nacional. Esse processo gerou dinâmicas sociais que relegam as variedades portuguesas e seus falantes a ambientes de menor prestígio social, estabelecendo um discurso de menosprezo em relação a eles. Essa situação evidencia tensões sociolinguísticas importantes no panorama uruguaio.

Behares (2012, p. 119) ainda traz uma particularidade da imposição natural como se dá oficialmente a língua uruguaia em todo o país:

Debe tenerse en cuenta que, en sentido técnico, Uruguay no tiene una lengua "oficial" en sentido estricto (establecida constitucionalmente o por ley), sino solamente una lengua usual de la administración y de consuetudine. El gran instrumento para otorgarle un carácter obligatorio al español estuvo en la primera "ley de educación" del país (Uruguay, 1878), que estableció que toda enseñanza debería ser dada en el "Idioma Nacional".

As características sociais refletem a nacionalidade de cada cidade. Santana do Livramento abriga brasileiros, enquanto Rivera é habitada por Uruguaios, no entanto, é comum que muitos mantenham laços familiares e comerciais ligando os lados da fronteira, o que contribui significativamente para a interdependência dos fronteiriços. Além disso, cada cidade segue o sistema de saúde e educação de seus países de origem, resultando em algumas diferenças nos serviços e nas políticas oferecidas.

No campo dos temas culturais, Santana do Livramento está profundamente arraigada na cultura gaúcha brasileira, celebrando tradições e hábitos, como o

chimarrão, a música gaúcha e festivais regionais, com destaque para a Semana Farroupilha; Rivera, por outro lado, mantém viva a cultura crioula, com suas próprias tradições, música, culinária e festas locais. As cidades promovem eventos e festivais que refletem suas respectivas culturas⁹ (Almeida e Dorfman, 2007), proporcionando uma experiência rica e diversificada para seus habitantes e visitantes.

Ao contrário do Brasil, que possui uma grande quantidade de feriados, sejam eles de natureza cívica ou religiosa, o Uruguai adota uma abordagem muito mais comedida em relação a feriados. Aqui em Livramento, paramos para celebrar os feriados municipais, estaduais e nacionais, enquanto em Rivera o calendário de feriados é bastante restrito e se limita a poucas datas que marcam eventos históricos em todo o Uruguai. Isso se deve ao fato de o Uruguai ser um Estado laico, no qual não há celebração de datas religiosas. No entanto, apesar da escassez de feriados, o Uruguai, e conseqüentemente o Departamento de Rivera, são ricos em eventos culturais.

Muitos desses eventos são denominados binacionais, uma vez que são promovidos e executados de forma conjunta pelas duas cidades e realizados em espaços públicos compartilhados, contribuindo para celebrar nossa integração cultural. Alguns exemplos desses notáveis eventos incluem o festival de Pandorgas¹⁰, feiras de livros e o festival gastronômico. Eles enriquecem a vida cultural da região e fortalecem os laços de amizade e colaboração entre Livramento e Rivera.

Sobre as festas de maior apelo popular destacam-se fundamentalmente duas: o carnaval de rua e de clubes, por sua longa duração; e o desfile a cavalo, em setembro, tradicionalmente voltado para reverenciar o homem que vive ou trabalha no campo. Estas duas festas mobilizam a fronteira e a região, tanto em número de

⁹ Para aprofundar seu conhecimento sobre a fronteira cultural entre Brasil e Uruguai, consulte o trabalho de Ricardo Almeida e Adriana Dorfman, intitulado "Fronteras Culturales: Um Processo de Autonomias e de Convergências". Neste estudo, os autores investigam questões de integração cultural nessas regiões fronteiriças, oferecendo propostas de políticas convergentes para promover o desenvolvimento. Este trabalho é relevante dentro do contexto dos estudos culturais, antropologia e áreas afins.

¹⁰Pandorgas – Fiesta de las cometas (festa das pandorgas) que se originou no início do século como reflexo da rivalidade existente entre livre-pensadores (maçons) e católicos (Deleon, 1999: 435-436). Os livres-pensadores desejavam criar uma festa popular que rivalizasse, em atrativos, com a semana santa dos católicos e, para tanto, criaram um festival de pandorgas, tendo em conta o entusiasmo que a população local dedicava a essa brincadeira. Com o passar dos anos, o motivo original perdeu-se da memória coletiva e permaneceu a tradição de toda a sexta feira santa ir até o cerro do marco para empinar pandorgas ou as cometas, como diziam os riverenses. Interessante observar que a polêmica religiosa passou despercebida pelas autoridades locais de Rivera e Santana do Livramento, que logo institucionalizaram a festa popular com um Festival internacional de las cometas, com a previsão de júri e prêmios, visando estimular o turismo local. As festas como formas de integração na fronteira Brasil-Uruguai (1930-1945) Polis, 39 |RANGEL, 2014, p.10.

participação de pessoas quanto na economia. Na Figura 3, temos a imagem de uma manifestação cultural de carnaval no Largo Hugolino Andrade, uma representação vibrante da rica herança cultural compartilhada entre as duas cidades. A via principal que conecta umbilicalmente essas comunidades é o palco de uma cena animada, na qual os sons dos tambores afro-uruguayos ecoam. Na imagem, podemos testemunhar o *La agrupación de tambores afro-uruguayos Tizones de Ansina* em pleno destaque, cativando uma aglomeração de espectadores. Alguns estão debruçados em gradis, enquanto outros estão confortavelmente sentados em suas cadeiras, totalmente envolvidos pela energia pulsante do evento. Essa cena é um testemunho da diversidade e da união através da expressão cultural, em que as fronteiras entre as duas cidades se dissipam diante da música e da celebração compartilhada.

Figura 3 - Carnaval Internacional de Rua, fevereiro de 2018



Fonte: Acervo do autor.

1.1.2 Mobilidade e Diversidade Étnica na Região de uma Fronteira Permeável

Por não ser uma ilha de abundâncias, a fronteira apresenta os mesmos problemas que outras regiões e por isso muitos cidadãos da fronteira estão se deslocando para outras regiões do estado devido a vários motivos, como a escassez de oportunidades de trabalho, a necessidade de formação profissional, o acesso a tratamentos de saúde mais especializados e outros desafios. Eles fazem essa escolha na esperança de reconstruir suas vidas em condições mais adequadas.

Ao mesmo tempo, observamos a crescente diversidade de nacionalidades na região de fronteira, que inclui venezuelanos, haitianos, chineses e muçulmanos, entre outros. Cada um desses grupos chegou à fronteira por motivos diversos, contribuindo

para a riqueza da diversidade cultural na área. Entre os muçulmanos há uma composição predominante de palestinos, sírios ou libaneses, sendo comum a prática da religião islâmica em seus núcleos de convivência, o que amplia as dimensões culturais da comunidade fronteiriça. Essa diversidade reflete a dinâmica social em constante evolução da região de fronteira.

Sob um olhar mais atento, é possível identificar certas áreas ou mesmo bairros inteiros nos quais predominam as lojas tradicionais dos “turcos ou patrícios”, uma designação geralmente usada para descrever os habitantes com raízes originais em países do Oriente Médio.

Esses exemplos são evidências claras de como as fronteiras podem ser permeáveis quando se trata de promover tanto aspectos culturais quanto econômicos. Essas iniciativas fortalecem os laços entre as duas comunidades e ainda conseguem atrair outras, independentemente das barreiras geográficas que possam existir. Tudo isso demonstra uma notável capacidade das pessoas de superar diferenças e construir relações harmoniosas e mutuamente benéficas.

1.1.3 Comércio Fronteiriço e Economia Local: Compras e Alimentação na Fronteira

A paisagem urbana na região fronteiriça entre o Brasil e o Uruguai apresenta uma interessante dinâmica quando se trata de compras de alimentos. Nos grandes supermercados localizados no lado brasileiro, os grandes letreiros são chamarizes estrategicamente posicionados e competem pela atenção dos riverenses oferecendo uma combinação de produtos e preços que torna esses estabelecimentos altamente concorridos.

Nesse contexto, os estabelecimentos brasileiros se destacam não apenas por sua visibilidade, mas também pela variedade e custo mais acessível dos alimentos que oferecem. Os riverenses encontram uma ampla gama de opções a preços atraentes, tornando esses supermercados uma escolha popular para suas compras de alimentos ou mesmo por simples passeio.

Por outro lado, ao cruzar a fronteira e explorar as lojas uruguaias, os apelos visuais são mais discretos, mas as experiências de compras voltam-se para estimular nossa capacidade de discriminação aromática ou até mesmo palatável. As avenidas riverenses revelam uma infinidade de produtos tradicionais e típicos do setor primário uruguaio, como se observa na Figura 4. Isso inclui delícias como *dulce de leche*,

alfajores, lana, além de uma seleção de carnes suculentas, *quesos saborosos y vinos de gran calidad*.

Figura 4 - *Calle Agraciada*, tradicionalmente conhecida como a “rua dos queijos” em Rivera



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2024.

Sobre as impressões de sua infância ao lembrar dos espaços e ruas de Rivera, a professora Sandra Motta (2023, p. 25) descreve assim suas primeiras impressões ao conhecer a cidade:

Uma das lembranças mais fortes que guardo, quando finalmente conheci Rivera, foi o impacto que tive ao pisar pela primeira vez na *Calle Agraciada*, conhecida por ser a rua dos queijos. A rua estreita tinha pequenas *tiendas*, que vendiam uma variedade enorme de produtos, mas predominavam os alimentícios. Entretanto, era o cheiro característico dos *quesos* de todos os tamanhos e formatos, suspensos em suportes de madeira, que impregnava a rua inteira, misturando-se aos odores dos salaminhos e especiarias (cravo, canela, orégano, *chimichurri*...) e aos cereais expostos em sacos, e vendidos “a granel”, ou seja, soltos, sem embalagem, em pequenos estabelecimentos, que faziam daquele espaço, onde circularam e circulam pessoas dos mais variados lugares e etnias, uma imensa feira de fragrâncias e sabores.

No chamado turismo de compras na fronteira entre Brasil e Uruguai, há uma dinâmica econômica peculiar influenciada pela flutuação da moeda internacional. Quando o dólar está em alta, os uruguaios encontram vantagens em comprar no Brasil, especialmente produtos da cesta básica, vestuário, materiais de construção e combustível. Por outro lado, quando o dólar está em baixa, há um aumento significativo na presença de brasileiros realizando compras, tanto nos freeshops quanto nas tradicionais casas de queijos, lã e doce de leite (Figura 5).

Figura 5 - Origem do aroma dos queijos, pastas, salames e produtos a granel nas casas especializadas em produtos típicos uruguaios, "Calle Agraciada"



Fonte: Sandra Motta, abril de 2024.

Esse padrão de comportamento é sazonal, caracterizando o que podemos chamar de uma "gangorra comercial" na fronteira. Em períodos de estabilização da paridade entre dólar e moeda nacional, as compras aumentam e ambos os lados são beneficiados, direta e indiretamente, por esse movimento econômico. Portanto, essa região de fronteira oferece aos compradores uma experiência única, e eles podem escolher entre a variedade econômica e visual dos supermercados brasileiros e a autenticidade aromática e palatável dos produtos uruguaios. É uma oportunidade para explorar e desfrutar das ofertas gastronômicas de ambos os lados da fronteira.

1.1.4 A Tradição do Mate: Um hábito que transcende gerações e identifica os fronteiriços

No ambiente de trabalho ou na praça, o hábito de tomar mate ou chimarrão é uma tradição comum entre os fronteiriços. É possível vê-los frequentemente carregando o inseparável termo embaixo do braço e segurando a cuia na mão, apesar das variações no sabor e na temperatura da água consumida. Seja durante um desfile, uma reunião escolar ou intervalo no trabalho, não é raro ver alguém com sua mateira acomodando o próprio kit, composto pela bomba, a cuia, a erva e a térmica, itens com os quais preparam e desfrutam da bebida.

Na Figura 6, temos a imagem de um kit completo com os itens básicos necessários para desfrutar de um mate ou chimarrão. No centro da composição, destaca-se uma espécie de bolsa feita de couro cru com alça do mesmo material, projetada para acomodar em seu interior os elementos essenciais. A cuia, tradicionalmente feita de cabaça de porongo (fruto de pescoço da mesma família da

aboboreira) ou feito ainda de madeira rígida torneada e esculpida com figuras relacionadas ao campo, a cuia serve como recipiente para a infusão da erva mate. Ao lado, uma térmica, uma garrafa de metal ou vidro que mantém a água aquecida para o preparo da bebida.

Quanto à erva mate, diversas variedades podem ser utilizadas, incluindo folhas mais verdes sapecadas no fogo, em pó fino com pequenos gravetos da própria árvore da erva mate, secos e picados. A bomba, tão essencial para consumir o mate, é representada por um canudo de metal com uma concha na parte inferior e um único orifício na extremidade superior oposta. Esta bomba é inserida no centro da erva, dentro da cuia, permitindo a sucção do líquido da infusão até que se ouça o característico "ronco", indicando que está pronto para ser servido o próximo mate.

Figura 6 - Kit de mate ou chimarrão



Fonte: Acervo do autor.

Este costume se estende a diversas ocasiões, seja para uma festa, uma viagem de ônibus ou até mesmo um velório. Dentro da cuia se joga a erva fazendo um morro, do outro lado fica um oco em que se acomoda o bojo da bomba. Pronto: basta jogar água no nível do gargalo e beber até acabar a sua vez servida. Na Figura 7, presenciamos um casal de jovens com seu mate, enquanto desfrutam do espaço público em um dos bancos da Praça Internacional. É uma tarde agradável de sábado, e no mesmo instante, turistas transitam de um lado ao outro com suas compras entre Rivera e Livramento. Essa cena é muito comum na fronteira, onde em qualquer

espaço se verificam pessoas de várias idades cultuando um saudável hábito de tomar mate sem um motivo especial para tanto.

Figura 7 - Jovem casal mateando em espaço público



Fonte: Acervo do autor.

Depois de bebermos bastante, a erva vai aos poucos perdendo o gosto forte de folha e diz-se que ela fica lavada. Então, literalmente, é hora de virar o mate, isto é, trocar o morro de lado, e pronto: mais um ganho ao nosso prazer pela seiva verde que ora se prolonga. Viramos o mate no gélido inverno riverense ou no abrasador verão santanense. Sempre há uma razão ou algum motivo de se apreciar o puro gosto pelas veredas da fronteira, buscando atalhos numa ilusão de chegar mais rápido ao lugar desenhado no pensar ou no limite do que é desejado: é a nossa forma fronteira e ingênua de dobrar ou vencer o tempo, mesmo que ele, alheio a tudo isso, teime em passar.

Tomamos mate de manhã, de tarde ou à noite; é um hábito de todas as gerações, é viciante e, por isso, naturalmente nos identifica. É um hábito fronteiro, mas não só. Neuberger, Visentini, Chagas (2016 p.137) afirmam que

[...] a erva-mate é uma planta característica da região sul brasileira e incorporada na tradição, na história e na cultura sulina, pois gaúchos e outros habitantes da região sul e de países vizinhos consomem esta bebida em grande escala, sendo que é produto incluído na cesta básica, principalmente no Rio Grande do Sul.

Sua presença constante em momentos de socialização e relaxamento fortalece os laços comunitários e simboliza a rica tradição cultural compartilhada por muitos. Assim, ao testemunhar essa cena simples, podemos contemplar não apenas um

aspecto da vida na fronteira, mas também uma parte essencial da identidade cultural de toda uma nação fronteiriça.

1.1.5 Uma Janela para a Interculturalidade, Economia e Comércio Transfronteiriço

A mobilidade cotidiana das pessoas que cruzam a fronteira revela muito mais do que apenas uma passagem de um país para outro; é um reflexo da vida e cultura compartilhada entre as duas cidades. Uma primeira nota nesse recorte é a diversidade de sotaques que preenchem o ar e podem ser ouvidos por aqui. Os turistas que chegam da grande Porto Alegre trazem sonoridades distintas da serra gaúcha ou mesmo dos visitantes vindos de Santa Catarina. Rivera e Livramento tornam-se um ponto de encontro linguístico, onde a riqueza da diversidade é uma constante.

O principal motivo da presença crescente de visitantes é o comércio. A cada semana, caravanas de ônibus, vans e carros aportam no centro das cidades, trazendo consigo uma variedade de pessoas: turistas ávidos por compras, mochileiros, lojistas, feirantes e até mesmo aqueles que buscam produtos para consumo particular. As lojas de grife internacionais, conhecidas como free shops¹¹, oferecem uma ampla variedade de produtos eletroeletrônicos e bebidas em sua maioria importados da Europa.

Os brasileiros podem realizar compras dentro das cotas de importação estipuladas pelo governo federal e ficam isentos de taxas alfandegárias, o que atrai ainda mais compradores. No entanto, é importante notar que essa prática pode parecer um pouco contraditória em relação à vocação uruguaia para produtos tradicionais, especialmente os de origem animal. A diferença no consumo ou hábito de consumo entre os locais e os turistas não se deve ao gosto ou desejo, mas sim a questões legais que impedem os uruguaios de comprarem produtos em free shops. Os produtos disponíveis nessas lojas são destinados apenas aos turistas estrangeiros que apresentam documentação de identidade e respeitam o limite da cota máxima para compras sem pagamento de impostos sobre o excedente. Esse esclarecimento é necessário para destacar que os produtos tradicionais não fazem parte dos itens das lojas de free shop.

¹¹ Free shop – é uma loja, geralmente localizada dentro das áreas de embarque e desembarque de aeroportos internacionais, que vende produtos com redução ou até isenção total de tributos. Em Rivera, são várias lojas que atuam com o sistema de free shop.

Para aqueles que atuam como intermediários nas negociações, a margem de lucro compensa o esforço de movimentação loja após loja. Essa forma de trabalho e estilo de vida remonta aos tempos dos mascates, eles que foram fundamentais para o desenvolvimento de regiões pelo Brasil e especialmente conectando interior com os grandes centros, percorriam longas distâncias oferecendo seus produtos. No passado, esses mascates viajavam a cavalo, de trem ou com veículos próprios, muitas vezes fixando residência nas áreas em que atuavam. Essa tradição persiste nos dias atuais, e muitos trabalhadores nas regiões de fronteira desempenham um papel semelhante aos mascates do passado, eles intermediam a compra de produtos e os vendem em suas cidades de origem, criando uma rede que se estende além das fronteiras geográficas.

Os mascates e caixeiros viajantes de origem árabe desempenharam um papel histórico significativo nas regiões de fronteira, onde a troca cultural e comercial entre diferentes povos se desenvolveu de maneira intensa e dinâmica. A presença desses comerciantes itinerantes não apenas impulsionou o comércio local, mas também serviu como uma ponte entre diferentes culturas e tradições ao longo das fronteiras geográficas.

Com sua habilidade em negociação e intermediação, os mascates árabes desempenharam um papel crucial na disseminação de produtos tradicionais e na promoção do intercâmbio cultural entre diversas comunidades. Além disso, sua presença estimulou o desenvolvimento de feiras e mercados locais, que se tornaram pontos de encontro para trocas comerciais, sociais e culturais.

Ao longo dos séculos, esses comerciantes contribuíram para a diversificação e enriquecimento dos produtos disponíveis nas fronteiras, agregando valor à economia local e promovendo a interconexão entre diferentes grupos étnicos e culturais. Assim, a presença dos mascates e caixeiros viajantes de origem árabe nas fronteiras não apenas moldou as dinâmicas comerciais, mas também deixou um legado duradouro na história e na cultura das regiões fronteiriças. Conforme Aseff (2014, p. 10):

Nesse período a comunidade local passou a conviver com uma cultura distinta, diversa daquela tida como “fronteiriça”. O que inicialmente gerou certo encantamento, dado à diversidade e à cultura do mundo árabe, a variedade de mercadorias e métodos de vendas, também impulsionou o sucesso de suas “lojinhas”, muito coloridas, diferentes da sobriedade das casas tradicionais. Semelhante ao que ocorrido com os libaneses, que trabalharam de mascates, caixeiros viajantes, comerciantes e tinham suas lojas baseada na variedade de gêneros, mercadorias e método de vendas parcelado.

O interessante é que essa atividade muitas vezes leva turistas e trabalhadores a se tornarem cidadãos da fronteira, estabelecendo residência nas cidades de Rivera e Livramento. Essa influência contribui diretamente para a história e o desenvolvimento dessas duas cidades, mostrando como os mascotes do passado continuam a trazer informações, novidades, mobilização e desenvolvimento para a região.

Na Figura 8, podemos visualizar uma representação ilustrativa do ambiente comercial na fronteira entre Rivera e Livramento. Destaca-se a presença de uma peculiaridade cultural e linguística, em que, dentro de alguns estabelecimentos comerciais, os setores são identificados em três idiomas distintos: português, árabe e espanhol. Essa prática reflete a diversidade e a interconexão cultural presente nesse espaço fronteiriço, evidenciando a influência de diferentes grupos étnicos e a dinâmica de intercâmbio que caracteriza essa região.

Figura 8 - Comércio local com anúncios em três idiomas



Fonte: Acervo do autor, dezembro de 2023.

A singularidade do comércio fronteiriço é desenvolvida em grande escala por compradores de diversos pontos do Brasil e do Uruguai, atraídos por preços e produtos diferenciados. Essa atividade econômica desempenha um papel fundamental na vida das duas cidades, e sua dinâmica é moldada pelo comportamento das moedas e pela inflação em ambos os países.

O comércio fronteiriço é vital para as regiões de fronteira, proporcionando benefícios econômicos importantes. Como já mencionado, a diferença de hábitos de consumo entre cidadãos locais e os turistas é determinada não apenas pelos impeditivos legais, mas também pela variação nas taxas de câmbio, influenciando diretamente as transações comerciais e afetando o poder de compra dos consumidores e os preços dos produtos. Além disso, a inflação nos dois países desempenha um papel importante na determinação dos preços e na demanda por produtos na fronteira.

Em resumo, o comércio fronteiriço entre o Brasil e o Uruguai é uma atividade econômica dinâmica e crucial, impulsionada por fatores econômicos complexos, mas que contribui para o crescimento e desenvolvimento das regiões de fronteira. Portanto, a volatilidade cambial na fronteira é um fator que, ao mesmo tempo, favorece os uruguaios com produtos mais baratos e proporciona aos brasileiros do outro lado oportunidades de sobrevivência. Essa situação pode se alternar periodicamente, refletindo uma naturalização histórica e cultural entre as duas comunidades.

A configuração fronteiriça apresenta uma dinâmica própria que, muitas vezes, pode beirar o contraditório, especialmente quando os interesses mais concretos e imediatos dos seus cidadãos não se alinham ou não fluem com a mesma destreza em relação às questões jurídicas e alfandegárias aplicáveis no âmbito das leis mais amplas de cada um dos dois países. Nesse contexto do comércio local, é bastante comum a menção de termos como "descaminho" e "contrabando"¹², mas aqui eles assumem significados peculiares. Nestas cidades, as pessoas muitas vezes recorrem a essas práticas não apenas na busca de lucro fácil, mas como uma estratégia essencial para garantir o acesso a mercadorias controladas ou mesmo proibidas, como alimentos e medicamentos, a preços mais em conta. Tudo isso é viabilizado pelo comércio informal e pelas conexões comerciais diretas entre as duas cidades.

¹² Descaminho e contrabando – O artigo 334 do Código Penal menciona os crimes de contrabando e descaminho. Embora eles estejam no mesmo artigo, são crimes distintos e quase sempre confundidos. Contrabando é a entrada ou saída de produto proibido, ou que atente contra saúde ou moralidade. Já o descaminho é a entrada ou saída de produtos permitidos, mas sem passar pelos trâmites burocráticos-tributários devidos. Por exemplo, se alguém traz uma televisão ou filmadora do Paraguai sem pagar os tributos devidos, o crime não é contrabando, mas de descaminho. Se alguém traz cigarros do Paraguai (produto cuja importação é proibida pela lei brasileira) ou armas e munições (produtos que só podem ser importados se o governo autorizar), o crime é de contrabando. As famosas sacoleiras não cometem o crime de contrabando, mas de descaminho. Disponível em: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/contrabando-x-descaminho>

Além disso, os mochileiros desempenham um papel vital nesse cenário, atuando como intermediários no transporte de mercadorias através da fronteira. Eles são importantes por conectar comunidades e garantir o acesso a produtos que podem ser escassos nas regiões de origem. Essas conexões humanas condicionadas a partir de Rivera e Livramento com outros pontos mais distantes contribuem para a nossa coesão social.

1.1.6 Rivalidades Históricas e Relações Sociais

Nas histórias de fundação dessas cidades, são revelados um passado de conflitos, rivalidades e rusgas que ecoam nas relações entre Livramento e Rivera ainda nos dias de hoje, influenciando diversas esferas da vida cotidiana e cultural das duas comunidades. Eram povoados cujas origens remontam a acampamentos militares e postos de controle no século XIX, os quais tinham o propósito inicial de estabelecer uma presença territorial sólida e coibir o trânsito ilegal de produtos e pessoas, com foco especial no contrabando de gado e no tráfico de homens negros escravizados. Cabe registrar que a proibição da escravidão e mesmo o tráfico de negros no Uruguai legalmente (Palermo, 2022) teve fim muito antes de ser efetivada no Brasil, evidenciando diferenças nas políticas e regulamentações entre os dois países já naquele passado.

Além disso, as forças militares enviadas pelas autoridades centrais para esta região traziam uma postura de oposição, estranhamento e desconfiança mútua, refletindo relações tensas e beligerantes. Esses conflitos entre as forças militares desempenharam um papel determinante na formação e desenvolvimento dos dois centros urbanos, deixando suas marcas que perduram até os dias de hoje.

Tais rivalidades históricas entre Livramento e Rivera continuam a influenciar as dinâmicas entre as cidades hoje, como ilustra a Figura 9, estendendo-se para além do âmbito esportivo. Na Figura 9 mostram-se as oportunidades de comércio a partir das rivalidades desportivas. Em épocas de embates entre as seleções ou simples disputas entre equipes, as ruas e avenidas centrais se revestem com as tradicionais cores dos uniformes de cada seleção. Entre buzinas, gritos, apitos, foguetes ou fogos de artifício, junto aos tendais de camisetas, são disputadas pelos fronteirizos que procuram manter aceso o orgulho pelos feitos do passado representados nas seleções de futebol, o esporte predileto no Brasil e no Uruguai.

Figura 9 - Comércio de camisetas e bandeiras em tempos de copa do mundo de futebol



Fonte: Acervo do autor, dezembro de 2022.

As comparações são evidenciadas em várias áreas, incluindo preferências culturais, como o samba ou a *cumbia bagacera*¹³, celebrações, como o carnaval ou o *candombe*¹⁴, e até mesmo em métricas de desenvolvimento humano, como *O Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH).

Até a década de 1980, havia uma dependência econômica dos dois lados da linha, as atividades eram relacionadas ao setor primário de produção. Atualmente já existem outras configurações comerciais e tecnológicas, que diminuíram distâncias, tempo de espera, deslocamento, e tempo das informações em relação aos centros políticos de decisão e poder.

As configurações que transformam a concepção da fronteira não apenas refletem mudanças políticas e sociais, mas também moldam novas perspectivas sobre seu papel na sociedade. Antigamente, a fronteira era vista principalmente como um espaço de vigilância e punição para aqueles que transgrediam suas normas. A ênfase

¹³ *Cumbia bagacera* – *Cumbia de frontera* ou “Cumbia de Rivera”: O ritmo é idêntico a outras versões da *cumbia* uruguaia, exceto na língua de expressão das canções, invariavelmente cantadas em portunhol. O baixo prestígio associado a esta variedade dialetal no norte do Uruguai rendeu ao ritmo a designação *bagacera*, palavra utilizada como sinônimo de objeto reles e sem valor. As letras geralmente trazem algum tema de manifestação crítico social. No vídeo do link <https://www.youtube.com/watch?v=UQfZNiJLVbk> temos um exemplo do ritmo e do conteúdo social das letras. O grupo “Terremoto” traduz questões que afetam a comunidade em forma de expressão artística na música “*Bota o chaleco*”. O *chaleco* (colete de material fosforescente) de uso obrigatório para os motociclistas de Rivera. Causou um movimento contrário de muitos jovens riverenses.

¹⁴ *Candombe* – para saber mais sobre essa tradicional manifestação popular do Uruguai, ver em Rabelo (2014).

estava na imposição da lei e da ordem, com o objetivo de controlar e reprimir atividades ilegais.

No entanto, como apontado por Mazzei (2012), essa visão está evoluindo. Hoje em dia, as configurações fronteiriças estão cada vez mais voltadas para a proteção e segurança pessoal e familiar dos habitantes locais. Em vez de simplesmente reprimir o crime, os esforços se concentram em garantir um ambiente seguro e estável para os residentes da região fronteiriça.

Essa mudança de perspectiva é especialmente evidente nos projetos governamentais binacionais de desenvolvimento fronteiriço. Anteriormente, esses projetos muitas vezes negligenciavam as necessidades específicas das comunidades locais, concentrando-se mais em questões de segurança nacional e geopolítica. No entanto, agora há uma crescente conscientização sobre a importância de promover o bem-estar das pessoas que vivem nessas áreas fronteiriças.

Ao adotar uma abordagem mais centrada nas pessoas, os governos estão reconhecendo a complexidade e diversidade das comunidades fronteiriças. Em vez de simplesmente impor medidas de segurança, estão buscando soluções que abordem as preocupações e necessidades das pessoas que vivem nessas áreas. Isso pode incluir políticas que promovam o desenvolvimento econômico, o acesso a serviços básicos e a cooperação transfronteiriça em questões como saúde e educação.

Em última análise, a mudança na visão da fronteira de um foco em vigilância e punição para um foco em segurança e bem-estar reflete uma compreensão mais ampla do papel que ela desempenha na sociedade contemporânea. Ao invés de ser uma barreira a ser cruzada ou uma linha a ser protegida, a fronteira está se tornando cada vez mais um espaço de conexão e cooperação, onde as pessoas podem prosperar e viver em paz.

1.1.7 Microcontextos e Estudantes na Fronteira

A rotina diária por aqui mostra, simultaneamente, muitos ires e vires, e são vários os microcontextos humanos que pulsam e se desenvolvem pelas ruas e “*plazoletas*” fronteiriças. Elas revelam realidades complexas e multifacetadas, onde diferentes aspectos sociais e econômicos coexistem. Por um lado, o trânsito de jovens estudantes e crianças com ou sem túnicas brancas e laços no pescoço são imagens comuns criando uma cena aparentemente uniforme, elementos que fazem parte da

vestimenta escolar típica e obrigatória no Uruguai. No entanto, por trás dessa aparente uniformidade, surgem questões mais profundas sobre igualdade e disparidade socioeconômica.

A vestimenta escolar, em teoria, deveria representar um ideal de igualdade entre os alunos, independentemente de sua origem socioeconômica. No entanto, como mencionado, essa igualdade muitas vezes não se traduz na prática. Isso ocorre porque, embora todos os alunos usem as mesmas túnicas e laços, ainda existem outras formas de diferenciação que não são visíveis à primeira vista.

Alguns alunos mais abastados podem ter túnicas feitas de tecidos de melhor qualidade ou laços feitos com materiais mais luxuosos. Além disso, eles podem complementar sua vestimenta com acessórios mais caros, como sapatos de marca ou calças de grife. Essas pequenas diferenças sutis podem criar divisões sociais dentro da própria comunidade estudantil, mesmo que todos estejam usando a mesma vestimenta. Essa situação evidencia como as desigualdades socioeconômicas podem persistir e se manifestar de formas variadas, mesmo quando há tentativas de promover a igualdade superficialmente. Enquanto as túnicas e os laços podem criar uma ilusão de uniformidade, as disparidades reais permanecem intactas, destacando a complexidade das questões sociais e econômicas subjacentes. Portanto, a dúvida sobre a verdadeira eficácia desses símbolos de igualdade reflete não apenas a questão das diferenças materiais visíveis, mas também as disparidades sociais e econômicas mais profundas que persistem apesar das tentativas de nivelamento aparente.

Compartilhando os mesmos espaços de deslocamento, temos muitos estudantes fronteiriços movimentando-se entre suas residências e seus locais de estudo. Eles apresentam suas diferenças na maneira de se vestir e agir quando evidenciam características específicas que muitas vezes facilitam o reconhecimento dos santanenses em Rivera e dos riverenses em Santana. Os estudantes brasileiros demonstram sua expansividade diferenciada, sobretudo ao se deslocarem em pequenos grupos ou bandos, como eles mesmos denominam, e apresentam posturas de autoafirmação ou de proteção não hesitando em socializar seus gostos musicais, e sem cerimônia sentem-se dominantes nos espaços e logo aumentam o volume dos celulares mesmo possuindo fones de ouvido. Postura semelhante também é observada quanto à forma de vestir, utilizando camisetas simples com estampas da moda e frequentemente amarrando o moletom na cintura e fazendo suas algazarras

coletivas ou mesmo “trolando” um dos seus colegas, prática tida por eles como brincadeira, que geralmente consiste em zoar ou chatear o conhecido ou amigo mesmo com certo controle. O visual colorido no vestuário, como se observa na Figura 10, somado ao gestual que denota certo descompromisso, se mostra contraditório com a forma como demonstram a habilidade de comunicação tímida, truncada ou enigmática dos santanenses.

Figura 10 - Turma de alunos de uma escola santanense



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2023.

Por outro lado, os riverenses mais retraídos parecem refletir e sintonizar com os valores da sua população, que é majoritariamente idosa¹⁵. Ao transitar pelas ruas de Rivera, é recorrente observar uma preponderância de tonalidades neutras e uma atmosfera que se caracteriza pela sobriedade. As edificações, predominantemente erguidas com materiais como concreto, tijolo e outras substâncias terrosas, aparentam integrar-se de maneira harmoniosa ao entorno, conferindo uma sensação de uniformidade. Da mesma forma, os habitantes tendem a vestir-se de forma discreta, evitando cores chamativas ou vibrantes.

¹⁵ A Subsecretaria de Saúde Pública do Uruguai fez questão de ressaltar que "os uruguaios não serão extintos" após divulgar números mostrando que em 2016 nasceram 47.049 bebês, ao todo 1.877 a menos que em 2015. O segundo fator é a alta expectativa de vida, de 77 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde – uma das maiores da América Latina. Mujica, com sua famosa eloquência, resumiu: **"Somos um povo de velhos"**. E há ainda um terceiro elemento: "Desde década de 1960, um fator de baixo crescimento populacional é a emigração", explicou à BBC Mundo Juan José Calvo, representante adjunto do Fundo de População da ONU. Dados de 2016 mostram que 550 mil uruguaios vivem no exterior, em grande parte jovens em idade reprodutiva. (Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39556479>).

A precificação do desconhecido obscurece a realidade, predispondo-nos à formação de preconceitos e barreiras mentais. Tal percepção poderia induzir alguém a conceber o Uruguai como uma nação "mais cinzenta e sombria". No entanto, trata-se de uma primeira impressão superficial, pois à medida que nos aprofundamos nos bairros e vilarejos de Rivera, distanciamos-nos de qualquer generalização simplista. O departamento de Rivera e o Uruguai como um todo constituem uma nação diversificada, enriquecida por paisagens variadas, culturas e modos de vida distintos. Enquanto algumas áreas urbanas podem refletir essa estética mais sóbria, outras se apresentam vibrantes e coloridas.

Na Figura 11, é retratada uma cena de significativa importância cívica, envolvendo professores e alunos de uma escola riverense. Nela, os participantes estão uniformizados com suas túnicas características, destacando-se em uma vibrante atividade realizada em uma praça do bairro Rivera Chico. Este momento ilustra não apenas a coesão e identidade da comunidade escolar, mas também a integração dos cidadãos em prol de um propósito comum, evidenciando os valores de participação cívica e educação cidadã que permeiam esse ambiente.

Figura 11 - Cerimônia Cívica de escola do Bairro Rivera Chico



Fonte: Jornal A Plateia, agosto de 2023.

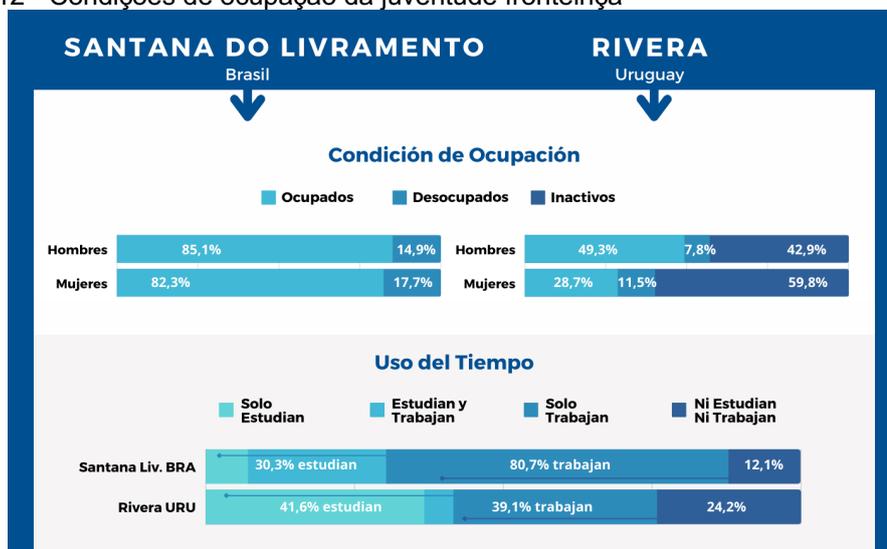
Em resumo, a fronteira entre Santana do Livramento e Rivera é um lugar único onde as diferenças geográficas, culturais e linguísticas se entrelaçam, criando relações íntimas e interdependentes entre as duas cidades. A convivência de idiomas,

a diversidade étnica, o comércio fronteiriço e as rivalidades históricas moldam a vida nessa região.

O comércio, sendo uma parte vital da economia, está intrinsecamente ligado à mobilidade diária das pessoas, refletindo uma cultura compartilhada. Além disso, os estudantes fronteiriços evidenciam diferenças nas formas de se vestir e agir, o que espelha as características específicas de suas respectivas cidades. Entretanto, a fronteira transcende sua mera natureza como linha geográfica divisória; ela se revela como um espaço de convergência cultural (Gilroy, 2022), integrante de uma complexa teia de interações e influências que ultrapassam as barreiras geográficas e culturais.

Na Figura 12 apresentam-se informações detalhadas sobre a condição de ocupação da população fronteiriça (até 35 anos de idade), entre Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai. Os dados destacam a distribuição de ocupações por gênero em cada região, além de informações sobre o uso do tempo da população, especificamente relacionadas a trabalho e estudo. Essa análise oferece insights sobre a dinâmica socioeconômica e educacional nessas áreas de fronteira, fornecendo um panorama inicial para compreender as características da força de trabalho e das atividades da juventude nessas regiões.

Figura 12 - Condições de ocupação da juventude fronteiriça



Fonte: ISM-UNFPA (2022).

Com base nos dados fornecidos sobre a população ocupada e desocupada nas cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), algumas tendências e disparidades interessantes podem ser observadas. Em Santana do Livramento, a taxa de ocupação é significativamente maior do que em Rivera, tanto para homens (85,1%

versus 49,3%) quanto para mulheres (82,3% versus 28,7%), sugerindo uma economia mais ativa ou oportunidades de emprego mais acessíveis do lado brasileiro da fronteira. Embora a taxa de desemprego seja mais alta para as mulheres em ambas as cidades, é notável que Rivera tenha uma taxa de desemprego mais baixa em comparação com Santana do Livramento, especialmente entre os homens. A maioria dos jovens parece estar envolvida na força de trabalho em ambas as cidades, embora as taxas variem. É interessante notar que Rivera tem uma porcentagem mais alta de jovens que somente estudam, o que pode indicar um foco maior na educação nesta região.

Rivera também apresenta uma porcentagem mais alta de inatividade, especialmente entre as mulheres, o que pode ser influenciado por vários fatores, como políticas sociais, estrutura familiar e oportunidades econômicas disponíveis. Além disso, mais pessoas em Santana do Livramento estão dedicadas exclusivamente ao trabalho em comparação com Rivera, onde uma proporção significativa está envolvida apenas nos estudos. Isso pode refletir diferentes prioridades culturais ou políticas em relação à educação e ao trabalho em cada país. Esses dados sugerem diferenças significativas na dinâmica da força de trabalho e no uso do tempo entre Santana do Livramento e Rivera, apontando para possíveis áreas de oportunidade para políticas públicas e desenvolvimento econômico em ambos os lados da fronteira.

Na Figura 13 exploramos a estrutura étnico-racial das populações das duas cidades fronteiriças: Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai. Os dados fornecem informações sobre o tamanho total da população em cada localidade, assim como a proporção de indivíduos que se autodeclaram afrodescendentes e indígenas. Com a análise da Figura 13 será possível compreender a diversidade étnica e cultural da região fronteiriça, além de nos oferecer pontos e conhecimentos importantes sobre a demografia e as interações sociais nesse contexto.

Figura 13- População Afrodescendente e indígena na fronteira

Localidade	População Total	Afrodescendentes (Autodeclarados)	Indígenas
Brasil	211.755.692 Milhões	7,6%	0,4%
Santana do Livramento	84.421 Milhares	5,7%	0,3%
Uruguai	3.517.906 Milhões	4,9%	1,9%
Rivera	103.493 Milhares	13,3%	3,0%

Fontes: *Brasil - Censo 2010. IBGE. Brasil

*Uruguay - Censos de população e domicílio, rodada de 2010.INE.

Esses dados revelam algumas tendências interessantes em relação à distribuição étnica e racial nas regiões mencionadas. Quando analisamos os dados do Brasil, nota-se que a proporção de afrodescendentes é de 7,6%, enquanto a população indígena é de apenas 0,4%. Esses números são baseados no censo de 2010 do IBGE, no qual apenas os dados autodeclarados foram considerados para a população negra. Isso indica uma predominância da população afrodescendente em comparação com a população indígena no país como um todo. Ao nos atermos aos dados de Santana do Livramento (Brasil), percebemos que aqui a proporção de afrodescendentes é de 5,7%, um pouco menor do que a média nacional, enquanto a proporção de indígenas é de 0,3%, também abaixo da média nacional. Isso sugere que Santana do Livramento tem uma presença relativamente menor de ambas as comunidades em comparação com o resto do Brasil.

Já ao analisarmos os dados do Uruguai, notamos que a proporção de afrodescendentes no país é de 4,9%, um pouco abaixo da média brasileira, enquanto

a proporção de indígenas é de 1,9%, consideravelmente maior do que no Brasil. Isso pode indicar uma distribuição étnica diferente no Uruguai em comparação com o Brasil, com uma proporção relativamente maior de indígenas. Também no Uruguai, porém de forma específica no Departamento de Rivera, temos que, do outro lado da fronteira, a proporção de afrodescendentes é notavelmente maior, atingindo 13,3%, muito acima da média nacional uruguaia e da média brasileira. Além disso, a proporção de indígenas em Rivera é de 3,0%, também consideravelmente maior do que no Uruguai e no Brasil. Esses números sugerem uma demografia mais diversificada em Rivera, com uma presença significativa tanto de afrodescendentes quanto de indígenas em comparação com outras regiões.

Em resumo, esses dados destacam as diferenças na distribuição étnica e racial entre o Brasil e o Uruguai, bem como variações dentro de cada país em diferentes regiões. Essas diferenças podem ser influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo história, migração, políticas governamentais e identidade cultural.

A situação da afrodescendência em Rivera e Santana do Livramento, bem como em outras regiões, evidencia uma realidade permeada por desafios e disparidades em diversos aspectos socioeconômicos. Através de dados demográficos, educacionais, laborais e índices de pobreza, constata-se uma lacuna entre a população afrodescendente e não afrodescendente.

No que diz respeito à demografia, nota-se que em Rivera a proporção de afrodescendentes é significativamente maior do que em Santana do Livramento (ISM-UNFPA, 2022, p. 47-48). Essa disparidade também se reflete nos níveis de educação e emprego, sendo que os afrodescendentes enfrentam taxas de analfabetismo mais elevadas e maiores índices de desemprego, especialmente entre as mulheres.

O índice de pobreza revela uma disparidade racial menor em Rivera em comparação com outras regiões do país, porém continua sendo um desafio relevante. Isso sugere que, embora existam programas e políticas voltadas para o combate à pobreza, a população afrodescendente ainda enfrenta desigualdades significativas em termos de acesso a recursos e oportunidades.

No âmbito da organização e do ativismo, identificam-se diversos grupos que trabalham no empoderamento e promoção dos direitos da comunidade afrodescendente. Esses grupos concentram-se em fornecer informações, apoio jurídico e promover políticas que visam à igualdade de direitos e oportunidades.

Além disso, a comunidade LGBTQIA+ também enfrenta desafios consideráveis em termos de discriminação e violência, especialmente provenientes de setores religiosos fundamentalistas (ISM-UNFPA, 2022). No entanto, existem grupos e programas que buscam fornecer apoio e conscientização sobre a diversidade sexual e de gênero.

Quanto à migração, observa-se uma diversidade de origens, com a maioria dos migrantes¹⁶ sendo latino-americanos, mas também com presença de migrantes africanos e árabes. A vulnerabilidade desses migrantes, especialmente aqueles que chegam de forma ilegal, evidencia a necessidade de políticas migratórias mais inclusivas e programas de apoio que atendam às suas necessidades específicas.

Em suma, a situação da afrodescendência, assim como de outros grupos minoritários em Rivera e Santana do Livramento, demonstra a necessidade de políticas e ações concretas para enfrentar as desigualdades socioeconômicas, promover a inclusão e garantir o respeito aos direitos humanos de todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica, orientação sexual ou situação migratória.

1.2 Narrativas de Si: Identidades Entre Fronteiras (Nacionais)

Reconhecer-se como pertencente a um lugar implica necessariamente ter e desenvolver vínculos de inúmeras formas. Nós, fronteiriços dessa conurbação internacional, possuímos características peculiares proporcionadas pelas condições geográficas, políticas, históricas, ambientais, culturais e econômicas, que, além de servir para nos diferenciar, ao mesmo tempo nos identificam.

Todas as normas jurídicas estabelecidas por um ou outro país, por vezes, se tornam inócuas quando nesta conurbação se dá vazão e fluidez natural ao cotidiano da vida das pessoas que aqui moram, trabalham, estudam, se socorrem dos serviços de saúde, dos espaços públicos de lazer e de cultura. É muito normal e nem nos chama a atenção quando, em uma mesma família, um ou mais dos integrantes é uruguaio e os demais, brasileiros, por exemplo; quando o pai vai diariamente trabalhar em Rivera e a mãe, em Livramento; assim como na nossa juventude se possui a possibilidade de optar por estudar em determinada instituição, independente da cidade (e do país) em que sua casa fica.

¹⁶ Para saber mais sobre migrantes na fronteira Livramento e Rivera, consultar ISM-UNFPA (2022).

A professora Sandra Motta (2023, p. 85) contribui para esta discussão ao apresentar o relato da senhora Rossana, doméstica de 55 anos, que mora na cidade de Rivera, Uruguai, mas trabalha em Santana do Livramento, Brasil:

Sobre a senhora Rossana há um aspecto curioso: ela é riverense e, mesmo trabalhando em Santana, tem seu registro funcional pela legislação uruguaia, porque seus patrões são *doble-chapa* (possuem dupla nacionalidade), e são profissionais liberais que residem em Rivera (Uruguay) mas exercem suas atividades profissionais em Santana do Livramento (Brasil) e, portanto, acordaram de que o contrato de trabalho seria firmado em Rivera. Nesse período, julho de 2023, a cotação do peso uruguaio representa uma vantagem para realizar compras no Brasil, uma vez que o Real (moeda brasileira) está desvalorizado em relação ao Peso, moeda oficial do Uruguai).

O consumo diário das famílias se faz tanto nos mercados brasileiros como nos uruguaio. Também desta forma se dão os namoros, os casamentos e o nascimento dos filhos. As similitudes se mostram também na cultura gauchesca, na gastronomia e logicamente em um contato linguístico pulsante demarcado pelo chamado “portunhol”, que surge e se vê prosperando como resultado dos diálogos fronteiriços. Seu registro aponta para toda a extensão da fronteira do Brasil com o Uruguai.

Quem vive na fronteira, vive diariamente sem o freio na consciência avisando toda a vez que se está cruzando uma linha imaginária e política e com isso se tornando estrangeiro a cada instante que por ela transpassa. Decididamente não existe esse freio: simplesmente aqui se vive como se nada oficialmente nos impedisse de transitar e conviver. Assim se identifica o fronteiriço cidadão destas duas cidades, definidas pelo Ministério da Integração (BRASIL, 2014) de cidades-gêmeas: Livramento no estado do Rio Grande do Sul no Brasil e Rivera na República Oriental do Uruguai.

1.3 Narrativas de si: pensar-se e reconhecer-se negro entre trajetórias fronteiriças

Em uma sociedade em que a mescla de culturas, valores e possibilidades diversas se mostram gritantes, como destacado nestas descrições, também para os indivíduos frutificam possibilidades de desejos e sonhos. E é neste sentido que se consagram nessas relações sociais muitas uniões, entre parceiros de nacionalidades diferentes ou mesmo entre identidades raciais distintas. No meu caso em específico, estas duas situações se verificam, pois, enquanto meu pai tinha nacionalidade brasileira, era negro, morava em Rivera, trabalhava e estudava em Livramento, por

outro lado, minha mãe era uruguaia de nascimento e *doble chapa* nos registros, branca com ascendência indígena (bugres¹⁷).

Foi desta união entre dois jovens fronteiriços que eu, além de outros irmãos e irmãs, nascemos, crescemos, tornamo-nos jovens, e logo adultos. Reconhecer-se e aceitar-se como negro nunca foi automático nem natural. Essa consciência foi um processo gradativo, em meio a omissões, negações, “autoproteção” e mesmo alguns embates contra o preconceito e as discriminações. Portanto, uma construção do ver-se como e ser negro se deu ao longo de todas essas fases da minha trajetória e é uma lógica que permanece em mim hoje (homem, cidadão, pai, avô e professor da educação básica).

Em suas reflexões sobre a identidade negra, Mbembe (2014) destaca que a afirmação “Eu sou” em relação à identidade é um ato de autoconhecimento que vai além de uma simples declaração pública. Para ele, revelar a própria identidade é também refletir-se, saber quem se é e proclamá-lo, sendo esse ato não apenas uma divulgação externa, mas também uma afirmação interna de existência. Essa perspectiva ressoa em minha narrativa pessoal que apresento, na qual descrevo meu processo gradual de reconhecimento como negro, num percurso permeado por omissões, negações e enfrentamentos contra o preconceito, evidenciando que a construção da identidade negra é uma jornada complexa e contínua ao longo das diferentes fases da vida.

Como fruto desse caldo étnico, herdamos todo um rico e valoroso passado histórico que vem a ser esta raiz cultural que moldou a sociedade de todos os países cobertos pelo Bioma Pampa gaúcho. Toda essa referência em nada nos exime de enfrentar a negação cultural, dentro dos espaços de convivência e disputas sociais. Somos apontados ou parecem nos fazer crer que não somos dignos nem merecedores de ocupar ou mesmo pensar em disputar espaços com a etnia mais privilegiada em todos os mais qualificados campos de representação criados, tanto de estudo, de trabalho, de habitação, de transporte, de cultura, de saúde e de lazer.

Essa é a realidade, ainda que, de certa forma, em razão da possibilidade econômica diferenciada adquirida pelo meu pai, não representasse particularmente para mim as mesmas condições a que estavam submetidas a imensa maioria de famílias compostas por afrodescendentes na fronteira. Estas, em sua maioria,

¹⁷ Bugres – termo pejorativo relacionado a mestiçagem de etnias entre nativos, brancos e negros.

ocupavam as zonas mais periféricas e menos assistidas por políticas públicas e saneamento básico mínimo. Talvez por isso essa fronteira tenha ficado, por algumas vezes, pouco esclarecida particularmente para mim, ao longo da vida.

1.4 Narrativas de si: viver entre fronteiras como professor de educação básica no Brasil

As experiências de infância e adolescência dos meus pais foram muito diferentes das minhas. Ao contrário deles, fui privilegiado e tive a vantagem de não precisar conciliar trabalho com os estudos. Minha ocupação principal consistia em desfrutar do meu tempo livre com atividades de lazer e diversão na vila onde sempre vivi.

Apesar disso, havia a obrigação de frequentar a escola e cumprir com responsabilidades relacionadas a estudo, respeito, assiduidade e comportamento. Essa estrutura me proporcionou um ambiente familiar de leveza, e garantiu a possibilidade de sonhar e buscar experiências, tanto por meio de iniciações desportivas quanto de formações nos estudos e no trabalho.

Assim, ainda na adolescência, tive a oportunidade de estudar em um turno nas séries finais do 1º grau, modalidade vigente na época. À tarde, ingressei através de uma prova seletiva como estudante do curso profissionalizante do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI – Thomaz Albornoz. Essa jornada abriu portas para a construção do meu caminho educacional e profissional. Como aprendiz e estudante do SENAI, onde cursava eletrotécnica, conquistei vínculo empregatício na Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), aos 15 anos de idade. Este foi meu primeiro emprego “registrado em carteira”. Com os rendimentos ali auferidos consegui pagar e me matricular na única escola que oferecia o curso de magistério na cidade, o Colégio Santa Teresa de Jesus, conhecido como o “colégio das freiras”, com turmas basicamente compostas por jovens moças locais e também por algumas provenientes de outras cidades do estado. Vinham como internas, com o propósito de seguirem a formação religiosa.

Estava eu, envolto e movido por um imaginário romantizado, no qual um professor frente aos seus alunos, por si só, bastaria para transformar o mundo. Mas também idealizava o meu futuro a partir da obtenção de uma formação profissional sólida para a vida. Estes dois cursos representavam na cidade o que havia de mais

prestigioso, contando com altíssima concorrência, por possibilitar ingresso rápido a uma carreira profissional.

Durante todo o curso normal, nós, do gênero masculino, representamos um grupo ínfimo e mesmo raro. Por vezes, em turmas com mais de cinquenta alunos, nem éramos notados. Ainda assim tínhamos o acolhimento, o respeito e até mesmo um grande incentivo para seguirmos nos caminhos profissionais do mundo do magistério. Entretanto, tão logo em posse do certificado de conclusão, ao dar início à carreira na docência, deparei-me estranhamente com o tratamento diferenciado e discriminatório em função do gênero.

Por ser eu um professor homem, a própria mantenedora municipal nomeava-me e destacava-me para uma escola de acesso mais difícil ou insalubre. Isso se dava independente da minha classificação geral no concurso. Uma vez empossado e me apresentando na comunidade escolar como o novo professor que daria prosseguimento ao trabalho até então desenvolvido, tinha que enfrentar e conviver sempre com a desconfiança dos pais, com os olhares de controle, com as ameaças veladas e a avaliação extraoficial da conduta diária.

Uma profissional mulher, normalmente em questão de poucos dias, tinha naturalmente cem por cento de aprovação, enquanto que, somente na metade do ano seguinte e após desdobrar-me em atividades extras e assistencialismo, é que o meu trabalho profissional e eu passaríamos a um nível moral de construção, definido por Bahia (2020) em sua pesquisa como sexismo às avessas. Aqui a situação apresentada é de um problema social a partir do qual ocorria a segregação do profissional em papéis sociais, de acordo com o seu sexo biológico e gênero, e por tal distinção comprometia seu potencial humano e tornava-se um limitador ao desenvolvimento.

Certamente, o caminho profissional pode ser marcado por desafios que vão além das habilidades técnicas e competências individuais. Neste contexto, é essencial reconhecer que minha jornada não é uma busca por vitimização por ser homem em uma sociedade que muitas vezes privilegia essa identidade de gênero. Pelo contrário, o que se destaca é a subalternização de uma profissão que, erroneamente, é atribuída às mulheres devido à associação cultural entre atividades de cuidado e feminilidade. O estranhamento e até mesmo a rejeição que enfrentei não se baseiam apenas no fato de ser homem, mas sim na quebra de padrões estabelecidos sobre quais papéis profissionais são considerados apropriados para cada gênero. Assim, ao enfrentar

esses desafios, busco não apenas superá-los individualmente, mas também contribuir para a desconstrução dessas barreiras de gênero no ambiente profissional.

2 CONCEITOS TEÓRICOS

2.1 Escrita de si e identidades de/na fronteira

Das relações entre o indivíduo e a sociedade surgem ou interagem uma multiplicidade de informações, reafirmações ou mesmo simples reações. Deste contato abre-se um espectro de possibilidades, propiciando no alcance de ambos os segmentos, o individual e o coletivo, um frutificar de características na forma de marcas e registros, podendo ser perceptíveis tanto num quanto noutro. Tais conexões concorrem para definição de identidades da sociedade segundo o seu tempo histórico, catalisando ou sendo difusores das características de moral, ética, saberes e poderes. Esses movimentos também podem concorrer para o conhecimento de si do indivíduo em todos os aspectos. São manifestações de identidades que, enquanto relações, permeiam linhas de fronteiras, “*además por sus franjas fronterizas*” (Anzaldúa, 1987, p. 42).

Las fronteras están diseñadas para definir los lugares que son seguros y los que no lo son, para distinguir el us (nosotros) del them (ellos). Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo de un borde empinado. Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el residuo emocional de una linde contra natura. Está em um estado constante de transición. (Anzaldúa, 1987, p. 42)

Muitas dessas fronteiras são passíveis de constatações e estudos, então, é neste sentido que aqui nos propomos pesquisar. Para aprofundar esta reflexão, temos a escrita como um dos instrumentos fundamentais e necessários ao indivíduo no processo de perceber-se, com e na sociedade. Neste sentido, recorreremos à obra tardia de Michel Foucault (2017, p. 146), sobre a escrita de si, na qual ele procurou traçar relações desde os séculos iniciais da cultura greco-romana com a estética de existência e o governo de si e dos outros, constatando que escrever para si e para outro tem desempenhado um papel considerável já por muito tempo nas sociedades ocidentais.

Ainda em seus estudos, Foucault (2017, p.146) ressalta serem contundentes as afirmações ditas tanto por Sêneca e Epícteto a respeito da escrita e da leitura: “é preciso ler, dizia Sêneca, mas também escrever”. Ele explica também, sobre Epícteto, que “ainda que (este) só tenha dado ensino oral, assim mesmo insistia, várias vezes, sobre o papel da escrita como exercício pessoal”. O autor destaca ainda uma vez mais o resgate do pensamento de Epícteto, que afirma:

deve-se "meditar" (meletan), escrever (graphein), exercitar-se (gummazein); "que possa a morte me apanhar pensando, escrevendo, lendo". 3 Ou ainda: "Mantenha os pensamentos noite e dia à disposição (prokheiron); coloque-os por escrito, faça sua leitura; que eles sejam o objeto de tuas conversações contigo mesmo, com um outro [...] se te ocorrer algum desses acontecimentos chamados indesejáveis, encontrarás imediatamente um alívio no pensamento de que aquilo não é inesperado." (Foucault, 2017, p. 146)

Para Foucault estamos na época do simultâneo, da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Ele ainda afirma que estamos em um mundo que se experimenta como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. Para o autor há uma inquietação residindo fundamentalmente no que se refere ao espaço e ao que ele representa. Ressalta não haver uma dessacralização prática do espaço, ainda assim afirma: "Talvez nossa vida ainda seja comandada por certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar." (Foucault, 1984, p. 413). E sobre as oposições diz:

Oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho; todos são ainda movidos por uma secreta sacralização. (Foucault, 1984, p. 413)

Então Foucault se detém na descrição do espaço no qual vivemos e em meio ao qual somos atraídos para fora de nós mesmos e onde decorre, segundo suas palavras, "a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história" (Foucault, 1984, p. 413). Explica que este espaço, ao mesmo tempo em que corrói e nos sulca, é também em si mesmo um espaço heterogêneo. Portanto, não vivemos em uma espécie de vazio no qual poderiam se situar os indivíduos e as coisas, mas, ao contrário, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irreduzíveis uns com os outros e absolutamente impossíveis de serem sobrepostos. Desta forma, Foucault (1984) descreve o que ele denominou ser o posicionamento de Heterotopias.

Quanto à constituição de uma escrita para o "cuidado de si" na modernidade, temos, segundo Derek Tavares (2014, p.10), a seguinte afirmação: "A autobiografia não deixa de ser outra coisa, senão um jogo travado entre o eu escritor e o eu leitor de uma auto representação que busca a constituição de uma estética de si". Esta seria, dessa forma, uma autobiografia que carrega no seu bojo os termos usados por Michel Foucault acerca do regime de verdades. Contudo, entende-se que a verdade não é somente uma forma verídica relacionada a algo, mas, antes de tudo, um jogo,

um regime. Nesse regime situam-se regras que estabelecem formas, seleções, inscrição, discurso e distribuição (Tavares, 2014).

Mas esse sujeito que narra a si mesmo está hoje inserido em um mundo pós-moderno. Sobre conceitualização do que é um sujeito pós-moderno, para Stuart Hall (2006, p.13) este é um produto de um processo que resulta em não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente, numa espécie de celebração móvel: ela é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Hall afirma que essa identidade pós-moderna do sujeito é definida historicamente, e não biologicamente. Nessa condição o sujeito assume identidades diferentes e em momentos também diferentes, mas que todas essas não são unificadas em torno de um “eu” lógico e coerente. Possuímos internamente identidades contraditórias, deslocando-se em diferentes direções, portanto nossas identidades continuamente estão sendo deslocadas. Tendemos ao conforto da fantasia produzida em forma de “narrativas do eu” contando histórias sobre nós mesmos, mas Hall (2006, p. 13) em contrapartida afirma:

Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

É aqui que podemos compreender, de forma mais aprofundada, de que forma a narrativa da própria biografia do autor se entrelaça com as temáticas discutidas pela pesquisa no que se refere a múltiplos aspectos da ideia de fronteira. Ao mesmo tempo em que a narrativa se coloca politicamente no marco entre a memória e a construção política do sujeito, expressando e (re)construindo suas múltiplas facetas, também o sujeito que se narra, enquanto mergulhado na pós-modernidade, o faz mergulhado em múltiplas transições identitárias, nas fronteiras entre diversas constituições de si, de tal forma que podemos entender biografias e contextos histórico-geográficos e políticos inseridos em um mesmo meio de transitoriedades, em fronteiras a partir das quais um passa a ser metáfora do outro.

2.2 Fronteiras nacionais e identidades fronteiriças

Os mapas que definem fronteiras geográficas nacionais ou de identidades são “linhas”, sobre as quais encontramos formas diferentes de abordar ou viver. Para a

crítica literária e linguista estadunidense Mary Louise Pratt (1993, p. 12), muitas das questões se tornam claras e notórias justamente nas linhas do contato, e ela afirma: “[...] o modo como as diferenças e as hierarquias são produzidas no contato e pelo contato dessas linhas umas com as outras”. Diferenças de classe, etnia e gênero seriam então analisadas não em termos do pertencimento das pessoas a comunidades particulares, mas em termos da produção e da reprodução dessas mesmas diferenças no contato socialmente estruturado entre grupos que vêm sendo forçosamente aglutinados em sua irremediável separação (Pratt, 1993, p. 12-13).

No contato que se estabelece na e sobre a fronteira, Pratt (1993, p. 13) diz que “[...] assim que o mundo é visto sob a perspectiva subalterna ou das 'minorias': a vida econômica e cívica parece ser conduzida em zonas de contato, permanentemente produzindo conflitos em instituições feitas pelos outros”. Desta forma a fronteira assume um protagonismo na discussão.

O curso da globalização e da regionalização que está em andamento entre as diversas nações e regiões do mundo, para Alejandro Grimson (2005, p. 91), afeta fortemente tanto o processo histórico de longo prazo quanto a vida cotidiana de suas comunidades. *“En diversas regiones del mundo, nuevas formas de agrupamiento, así como la reaparición o el fortalecimiento de otras más antiguas, expresan luchas contra la desigualdad y por los derechos de la diferencia”*. Assim, Grimson (2005) faz uma espécie de convocatória no sentido de que busquemos certo saber, certa prática em determinado campo para resolvermos problemas que ainda não tenham sido resolvidos. Ressalta que juntamente com as fronteiras literais e figuradas também há espaços criativos de transculturação nos quais as pessoas se entrecruzam em múltiplas identidades.

Estrategicamente em pontos mais elevados e estendidos ao longo das linhas de fronteiras, inúmeros mangrulhos eram fixados, ponto a ponto, não só com suas sentinelas armadas na função militar de resguardo do território, mas também como controle alfandegário. Sobre esses marcadores de soberania, Hastings Donnan e Thomas M. Wilson (2001) apontam não serem incomuns e, mais, que tais marcadores não correm o risco de desaparecer do cenário mundial. Seguem existindo com o propósito de impedir contrabando ou descaminho nas regiões fronteiriças, já que pelas circunstâncias tais ações são vistas, por quem controla as nações, como hábitos corriqueiros e atividades econômicas presentes e próprias dos limites dessas zonas.

Nesse sentido, persiste uma visão equivocada sobre a fronteira como imagem “metafórica” do Estado e da cultura no discurso, estabelecendo certa rigidez pelo controle territorial, quer demonstrando força ao outro Estado fronteiriço ou ainda internamente influenciando a dominação cultural e política na região de contato. Acerca de tal questão, Thomas e Wilson (2001, p.1 6) afirmam: "O estudo de cultura é o estudo das relações de poder." Sobre o tema da cultura, ainda, Gilberto Gimenez (2009, p. 8) nos traz uma concepção que tem sido usual e voltada aos significados:

La organización social de significados, interiorizados de modo relativamente estable por los sujetos en forma de esquemas o de representaciones compartidas, y objetivados en formas simbólicas, todo ello en contextos históricamente específicos y socialmente estructurados.

Gimenez destaca que há uma relação dialética no âmbito destas duas formas ou dimensões apresentadas pela cultura, tanto objetivas quanto interiorizadas. Como resultado, os seus significados culturais são objetificados na forma de artefatos, comportamentos observáveis, e passam a ser chamados de formas culturais. Sobre o conceito de identidade, Gimenez (2009, p. 11) explica que:

La identidad está relacionada con la idea que tenemos acerca de quiénes somos y quiénes son los otros, es decir, con la representación que tenemos de nosotros mismos en relación con los demás, más que la cultura es la fuente de identidad.

Para ele há identidades individuais e identidades coletivas, porém existem semelhanças e diferenças entre ambas. Entretanto, para o conceito de identidade sempre teremos dois elementos característicos: a permanência no tempo de um sujeito de ação e o sujeito como uma unidade com limites, distinto dos demais e requerendo o reconhecimento desses.

E quanto ao homem moderno, Gimenez (2010, p. 5 *apud* Polinni) explica:

pertenece en primera instancia a la familia de sus progenitores; luego, a la fundada por él mismo, y por tanto, también a la de su mujer; por último, a su profesión, que ya de por sí lo inserta frecuentemente en numerosos círculos de intereses [...].

Este mesmo homem é consciente de que é um cidadão de um determinado estado, e por isso pertence a um determinado estrato social. Ainda assim, em função disso: “*Por otra parte, puede ser oficial de reserva, pertenecer a un par de asociaciones y poseer relaciones sociales conectadas, a su vez, con los más variados círculos sociales...*” (Gimenez, 2010, p.14). Em resposta a um questionamento feito por Gimenez (2010, p. 14) a respeito das principais responde: “*los más importantes – aunque no los únicos– serían la clase social, la etnicidad, las colectividades*

territorializadas (localidad, región, nación), los grupos de edad y el género". Nesse mesmo sentido a região ou área próxima da linha de fronteira dentro dos seus respectivos estados ou nações onde estas se localizam são chamadas "*frangas fronterizas (frontier, border areas), zonas territoriales de amplitud variable que se extienden a uno y otro lados de la línea fronteriza, dentro de los cuales la gente negocia una variedad de comportamientos y sentidos asociados a la pertinência*". Além disso, envolvendo essa realidade nas frangas, temos um variado aparato de estruturas físicas do Estado que Gimenez (2010, p.14) explica: "*demarcan y protegen la línea fronteriza legal, compuestas por agentes e instituciones diversas como los dispositivos de vigilancia, las aduanas, el control de inmigración*".

Entretanto, há que se considerar os espaços "transnacionais" nos quais os estados perderam o controle sobre a dinâmica cultural e identitária de determinados povos, porém as condições humanas forçam muitas memórias ao esquecimento, consciente ou inconscientemente como na narrativa de Darwich (2021, p. 26):

Nas fronteiras, eles apresentam uma identidade que soa como um alarme de doenças contagiosas, que devem ser mantidas sob controle, ao mesmo tempo que observam quão habilmente essa mesma identidade é usada para elevar o espírito nacionalista. Esses esquecidos, expulsos do tecido social, banidos e privados do trabalho e da igualdade de direitos são, ao mesmo tempo, aqueles de quem se espera aplausos para a própria opressão sofrida porque lhes proporciona as bênçãos da memória. Assim, aquele de quem se espera que se esqueça de sua condição humana é forçado a aceitar a sua exclusão dos direitos humanos como um exercício de libertação do mal do esquecimento da pátria. Ele deve contrair tuberculose para não esquecer que possui pulmões. Deve dormir em campo aberto para não esquecer que há outro céu. Deve trabalhar como empregado para não esquecer que possui um dever nacional.

Formam assim uma cultura híbrida e desterritorializada, com identidades efêmeras, instáveis e mesmo ambíguas, em constante processo de negociação e por isso um lugar de memórias difíceis, de ausências de memórias e esquecimento.

Percebe-se a complexidade das identidades culturais em contextos transnacionais e migratórios, em que as fronteiras se tornam permeáveis e as identidades se tornam híbridas e fluidas. Há formação de uma cultura híbrida e desterritorializada, mas os migrantes constroem suas próprias representações e subjetividades, ancoradas em uma ideia de origem comum, mas também influenciadas por elementos cognitivos, míticos e rituais.

Cada sujeito ou grupo veicula um sistema próprio de representação – baseado em uma ideia de origem comum – em um modelo único de subjetividade. Em outras palavras: aproveitando que falamos de territórios e espaços físicos, cada sujeito desenha uma cartografia não só a partir de referências cognitivas, mas também, míticas e rituais, por meio das quais ele

se posiciona em relação a seus afetos, angústias e todas as dores que o deslocamento pode gerar. De fato, as diásporas ou organizações culturais expõem e reproduzem um conjunto de referência mais ou menos imaginário, situado além das fronteiras do país de acolhida ao organizar seus membros em comunidades locais extremamente inseridas no espaço social do país de acolhida e de seus campos, favorecendo a socialidade.” (Escudero, 2017, p. 178)

As comunidades migrantes não só mantêm sua cultura, mas também a transformam e a ressignificam constantemente, mesmo quando confrontadas com pressões de espaços nacionais que buscam homogeneizar ou negar sua importância. Isso evidencia a dinâmica e a resistência dessas culturas, que continuam a florescer apesar das adversidades.

2.3 Fronteiras e identidades (inter)raciais e interétnicas

O mundo contemporâneo demonstra uma profunda preocupação com as questões relacionadas à identidade. Temas sobre cultura, identidade, etnia e subjetividade percorrem uma mesma faixa dessas indagações e de autoconceito, tanto para os indivíduos quanto para a sociedade.

Boaventura de Sousa Santos (1994, p. 31) faz a seguinte afirmação: Sabemos que as identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. “Como resultado desses movimentos transitórios e fugazes em processos de identificações”. Mesmo que muitas dessas identidades demonstrem maior solidez, ainda assim escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, sucessões de configurações, por vezes intercalando identidades de tempo em tempo. Então Santos (1994, p. 32) afirma: “Por isso identidades são identificações em curso”.

Entre o eu e o outro, Santos (1994, p. 31) faz a necessária intercalação do sentido entre quem pergunta sobre sua identidade e suas implicações. Ele assim nos aponta para a predominância das diferenças ou hierarquia das distinções: “Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação”. Santos (1994, p. 31) diz ser crucial “conhecer quem pergunta pela sua identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados”, e conclui:

A questão da identidade é assim semí fictícia e semi-necessária. Para quem a formula, apresenta-se sempre como uma ficção necessária. Se a resposta

é obtida, o seu êxito mede-se pela intensidade da consciência de que a questão fora, desde o início, uma necessidade fictícia.

Os grupos estabelecem, constroem e transformam seus limites entre si. Para Fredrik Barth (1997, p. 152) essas delimitações são necessárias e fundamentais para que se estabeleça alteridade e as posições dos grupos, pois havendo o “nós” há que conseqüentemente existir o “eles” e sublinha que:

[...]. a pertença étnica não pode ser determinada senão em relação a uma linha de demarcação entre os membros e os não-membros. Para que a noção de grupo étnico tenha um sentido, é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acham que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores implicados em um outro sistema social.

Para Barth (1997), o grupo é definido pela fronteira étnica e não pelo resultado da sua matéria ou conteúdo cultural interno, o que permite a consciência da sua persistência. A vida social acaba por canalizar sua fronteira étnica, quer através das relações sociais como também comportamentais.

A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isso leva a aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isso significa que existe entre eles determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade (Barth, 1997, p. 196). Daí, desse princípio de distinção estabelecido como consequência para o grupo étnico, torna-se sim possível erigir e manter uma fronteira entre ele e os outros a partir de um número limitado de traços culturais.

Transitando entre categorias identitárias e culturais, os conceitos de “raça” e “etnia” assumem espaços e definições nem sempre adequada ou devidas. Stuart Hall (2003) faz uma abordagem distinguindo uma e outra. Conceitualmente, a categoria “raça” não é científica:

“Raça” é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. (Hall, 2003, p. 69)

Para Hall (2003), esta é uma lógica que tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, a natureza. A tentativa de naturalização desse efeito como algo fixo

científico não é direcionado com exclusividade aos negros. Também é compartilhado pelo antissemitismo e com o sexismo. São assim “justificados” pela biologia.

O problema é que o nível genético não é imediatamente visível. Daí que, nesse tipo de discurso, as diferenças genéticas (supostamente escondidas na estrutura dos genes) são "materializadas" e podem ser "lidas" nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as características físicas do cabelo, as feições do rosto (por exemplo, o nariz aquilino do judeu), o tipo físico etc., o que permite seu funcionamento enquanto mecanismos de fechamento discursivo em situações cotidianas (Hall, 2003, p.70).

Quanto à "etnicidade", Hall (2003) explica que há todo um lastro garantido nas características culturais e religiosas gerando um discurso de definição, geralmente em contraposição à “raça”. Os marcadores, como cor da pele, recebem relevo no racismo biológico. Hall diz que são significantes utilizados discursivamente para conotar diferenças sociais e culturais. O referente biológico está sempre presente, embora nunca opere isoladamente. Sua influência ocorre de maneira mais indireta nos discursos sobre etnia. Quanto mais relevante a "etnicidade", mais suas características são retratadas como relativamente benéficas, intrínsecas ao grupo e transmitidas de geração em geração não apenas pela cultura e educação:

[...] também pela herança biológica, inscrita no corpo e estabilizada, sobretudo, pelo parentesco e pelas regras do matrimônio endógamo, que garantem ao grupo étnico a manutenção de sua "pureza" genética e, portanto, cultural. (Hall, 2003, p. 70)

O conceito de diáspora para Avtar Brah (2011) assume aqui uma importância singular, e o autor procurou delinear características específicas para distinguir a diáspora como conceito teórico, das “experiências” de diáspora. Brah (2011) sugere que este conceito seja entendido como “genealogias” historicamente contingentes no sentido foucaultiano, como um conjunto de tecnologias de pesquisa que constroem a história das trajetórias de diferentes diásporas e analisam suas relações pelos campos do social, da subjetividade e da identidade.

Na ideia de diáspora está inscrita a noção de fronteira. Estas duas questões estão relacionadas à colocação, ao deslocamento e à realocação. As narrativas autobiográficas são capazes de demonstrar como o mesmo espaço físico e geográfico articula diferentes “histórias” e também como o “lar” pode ser seguro para umas

peças e aterrorizante para outras. Sobre as dualidades¹⁸, Avtar Brah (2011, p. 216) afirma que podem existir múltiplos incluídos dentro e por meio das dualidades, ainda que um ou mais possam ter ou assumir prioridade dentro de uma determinada formação discursiva:

[...] Un discurso puede tratar ante todo sobre el género, y como tal, puede centrarse en las dualidades de género (aunque, por supuesto, una construcción binaria no es siempre inevitable). Pero este discurso no está aislado de otros, tales como aquellos que significan la clase, la raza, la religión o la generación. La especificidad de cada uno está enmarcada en y a través de campos de representación del otro (Brah, 2011, p. 216).

O que está em questão é muito mais do que a simples representação de masculinidade ou feminilidade, ou o fato de essas categorias estarem ou não racializadas. Segundo o autor, há uma forte dependência de como a classe social se modula e se relaciona com outras categorias como a sexualidade (lésbica, gay, heterossexual), a idade, a geração e a autoridade religiosa. Ele destaca a ideia de dualidades intrinsecamente diferenciadas e desprovidas de estabilidade, realçando a importância de compreender como e por que certas dualidades, como branco/negro, adquirem coerência em um contexto dado. A abordagem principal é entender como esses significados estão relacionados entre si na articulação do poder, incluindo construções sociais como juiz/gentil ou homem/mulher.

Há uma tendência em se usar de forma equivocada o termo “minoria”; sobretudo para os grupos racializados ou étnicos esse discurso acaba por patologizar as representações desses grupos, causando efeito contrário.” *el uso continuado del término tiene más posibilidad de reiterar que de minar este nexo de significados*” (Brah, 2011, p. 220). A riqueza de experiências sensoriais vinculadas a um ambiente específico, conforme Brah (2011), é destacada com ênfase na importância da cotidianidade historicamente condicionada das relações sociais. O autor entrelaça especificamente sons, odores, temperaturas e situações climáticas, como noites de verão ou nevadas, com o panorama cultural cotidiano:

A casa como “lar” tem no imaginário o lugar mítico do desejo, “es un lugar de no retorno, incluso si es posible visitar el territorio geográfico que se considera el lugar de origen. Por otro lado, el hogar es también la experiencia vivida de una ciudad” (Brah, 2011, p. 223).

A sugestão é que a vivência de eventos aparentemente simples, como uma noite fria de inverno, seja moldada e diferenciada pelas relações sociais, seja

¹⁸ Dualidades – Dualidade é a propriedade ou caráter do que é duplo, do que é dual, ou que contém em si duas naturezas, duas substâncias ou dois princípios.

desfrutando do calor de uma mansão ou compartilhando uma fogueira nas ruas. Essa abordagem destaca a diversidade de experiências e ressalta como as condições históricas e sociais exercem influência na percepção e vivência da realidade cotidiana.

São as contradições entre e de localização e deslocalização características comuns do posicionamento diaspórico e aqui merecem destaque para Brah (2011, p. 236), sendo que as questões de gênero acabam por constituir espaço preponderante:

De estos debates surge la noción de «políticas de la localización» como localización en contradicción —es decir, una posicionalidad de dispersión; de situación simultánea dentro de espacios generizados de clase, racismo, etnicidad, sexualidad, edad; de movimiento a través de cambiantes barreras culturales, religiosas y lingüísticas; de viajes a través de fronteras geográficas y psíquicas.

Avtar Brah afirma seu propósito de ressaltar que as construções advindas das coincidências e ou diferenças entre esses terrenos conceituais, servem e constituem ponto de confluência e interseccionalidades das perspectivas que emergem da produção de quadros analíticos capazes de estabelecer múltiplos e interseccionais eixos de diferenciação. O autor ressalta a importância de uma abordagem teórica mestiça, destacando os processos de poder nas inter-relações. Esta perspectiva mestiça é considerada crucial para abordar as contradições nas formas de expressão, identidades, posições e pontos de vista que coexistem tanto "dentro" como "fuera". Conectando seu conceito de espaço de diáspora e análise da "diferença" à mestiçagem teórica, Brah (2011) argumenta que essa abordagem é essencial para decodificar a composição complexa da subjetividade e das relações sociais.

2.4 Fronteiras sexistas profissionais

Como campo de trabalho, a educação constitui-se em um dos eixos estruturantes para o desenvolvimento de todas as sociedades. No entanto, sempre houve uma distinção dispensada aos homens em relação às mulheres na função do magistério, fato constatado ao longo da história do Brasil.

No período colonial, segundo Demartini e Antunes (1993, p. 6), os colégios e escolas eram mantidos e administrados pelos jesuítas e destinavam-se apenas aos homens. Mantidas afastadas das escolas, cabia às mulheres “aprender e dedicar-se a tarefas ditas ‘próprias ao seu sexo’: costurar, bordar, lavar, fazer rendas e cuidar das crianças”. Demartini e Antunes (1993) também nos trazem que, aos poucos, já

nos últimos anos do Império, as mulheres foram sendo admitidas na Escola Normal e acabaram por transformá-la num espaço predominantemente feminino.

Historicamente, a presença feminina sempre foi majoritária na educação básica brasileira, que atende crianças, jovens e adultos, que integram a educação infantil, anos iniciais e finais do fundamental e ensino médio. Dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP, do Ministério da Educação, nos mostram que, de acordo com o Censo da Educação de 2021, foram registrados 2.190.943 docentes na educação básica brasileira. A maior parte atua no ensino fundamental (62,7%). No ensino fundamental, atuam 1.373.693 docentes. Nos anos iniciais, 88,1% são do sexo feminino e 11,9% do sexo masculino.

Para Viana (2001, p. 81), “as diferenças entre os sexos indicam diferentes significados masculinos e femininos das identidades docentes e das relações escolares”, então como consequência dessa diferenciação nos deparamos com situações que “apontam para os desafios impostos pela articulação entre o sexo e o gênero da docência”.

Quanto às relações de poder e gênero como pressupostos de significado e preocupação social, Viana (2001, p. 90) declara:

Nossa socialização interfere na forma como nós – homens e mulheres – nos relacionamos, interfere nas profissões que escolhemos e na maneira como atuamos. Não se trata de afirmar que sempre foi assim ou que é inerente à nossa “natureza”. Trata-se, sim, de afirmar que as expressões da masculinidade e da feminilidade são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, à subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto.

Conforme esta abordagem de Viana, a socialização desempenha um papel significativo na maneira como mulheres e homens se relacionam, escolhem suas profissões e se comportam. O autor ainda aponta que tanto a feminilidade quanto a masculinidade não são características inatas, mas sim construções históricas que são influenciadas por fatores culturais, normas sociais e poder. Também explica que gênero, sendo resultado da cultura, pode mudar ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Diante disso, ao reconhecermos essa construção social, estaremos em condições de avançarmos socialmente, ou seja, este reconhecimento é uma forma que nos permitirá questionar e desafiar as normas tradicionais de gênero, abrindo caminho para maior igualdade em nossas relações e expressões individuais.

3 DIVERSAS FRONTEIRAS

3.1 Olhares Transfronteiriços: A Alegoria do Cerro do Marco como Observatório de Fronteira

Na vastidão da fronteira seca entre o Brasil e o Uruguai, um espaço permeado pela diversidade cultural, econômica e um fluxo constante de pessoas, há um ponto singular que emerge como o epicentro desta pesquisa. Neste ponto trazemos a alegoria do "Olhar do Lugar Mais Alto" personificado pelo Cerro do Marco, ponto de referência na linha divisória entre os dois países. Esta alegoria serve como um observatório privilegiado para compreender as complexidades da fronteira, desafiando as concepções convencionais e enriquecendo o diálogo acadêmico sobre fronteiras, identidade cultural e dinâmicas transnacionais.

O Cerro do Marco, com seu marco divisor (ver Figura 14), desempenha um papel fundamental nestas abordagens e olhares imersivos, funcionando como um observatório único. Do topo deste cerro, é possível contemplar vastas paisagens, ativar reflexões profundas e tecer as múltiplas histórias de pessoas que cruzam diariamente essa fronteira. Este local singular permite ao autor confrontar as fronteiras que parecem lógicas "a priori" e colher perspectivas e abordagens diversas, enriquecendo o entendimento do interesse fronteiriço.

Figura 14 - O Cerro e o Marco como observatório panorâmico da fronteira



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2023.

Tanto na perspectiva de Lefebvre quanto de Braudel, há uma ênfase na complexidade do espaço e na necessidade de compreendê-lo considerando múltiplos

elementos. Lefebvre enfoca a concepção do espaço como um produto social e destaca a importância de compreendê-lo como parte integrante das relações econômicas e sociais. A teoria de Lefebvre enfatiza que o espaço não é apenas um objeto inerte, mas algo que influencia e é influenciado pelas forças produtivas, modos de produção e divisão do trabalho.

No contexto de "Olhares Transfronteiriços", o Cerro do Marco representa um espaço que sempre esteve intrinsecamente ligado à sociedade, o que estabelece uma forte correspondência com a obra de Lefebvre. Ao explorarmos o espaço geográfico da fronteira entre Brasil e Uruguai como um espaço socialmente construído e dinâmico, enriquecemos a compreensão das interações entre essas nações desafiando as concepções convencionais.

Braudel enfatiza que a explicação do espaço requer muitos esforços, considerando a contribuição da natureza e dos próprios esforços humanos. Ele sugere que a compreensão do espaço é uma tarefa que se baseia na comparação e na análise de múltiplos elementos, e que a visão do presente ilumina o passado, assim como o passado ajuda a compreender o presente. Essa perspectiva amplia o diálogo com Lefebvre ao enfatizar a importância de considerar as várias camadas temporais e fatores na compreensão do espaço, o que reforça a abordagem multidimensional de ambos os autores, corroborando com as imersões reflexivas proporcionadas a partir do olhar distanciado representado pela alegoria do Cerro do Marco.

Como fronteiriço e observador atento utilizo a alegoria do "Olhar do Lugar Mais Alto" no Cerro do Marco para analisar as complexidades da fronteira Brasil-Uruguai. Esse olhar explorador, a partir de um ponto elevado e de distanciamento, é o que sustenta a alegoria, possibilitando a operacionalização em busca do espaço subjetivo, e desempenha um papel fundamental na minha exploração e compreensão das complexidades da fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Isso reflete minha visão particular, enraizada em minha experiência pessoal e vivência na região, enriquecendo a análise com insights específicos e sensibilidades individuais.

Essa perspectiva do alto também permite imersões reflexivas mais profundas, já que a visão panorâmica do Cerro do Marco oferece maior alcance sobre as paisagens, as histórias das pessoas que cruzam a fronteira e as fronteiras que podem não ser tão evidentes quando partimos do nível do solo. Essas imersões alçadas aprofundaram minha compreensão sobre a complexidade do espaço fronteiriço. Utilizo meu olhar distanciado e de cima para desafiar as concepções casuais sobre a

fronteira: ao contemplar o espaço fronteiriço a partir do Cerro do Marco, questiono as ideias preestabelecidas e procuro perspectivas e abordagens diversas.

Minha atitude crítica e subjetiva é fundamental para enriquecer o diálogo acadêmico e promover uma compreensão mais profunda da fronteira. Minha perspectiva também se inseriu em diálogo com teorias geográficas, como as de Lefebvre e Braudel, que enfatizam a importância de compreender o espaço de maneira multifacetada. Eu subjetivamente relaciono minha observação do Cerro do Marco com essas teorias, enriquecendo minha análise e contribuindo para uma compreensão mais holística do espaço fronteiriço.

Para a psicanalista Jessica Benjamin (1988 *apud* Cintra, 2018), ao discutir o conceito de reconhecimento, afirma que podemos nos considerar no outro e, até mesmo, em objetos inanimados. Através dessa interconexão mútua, somos capazes de ajustar nossa perspectiva e reflexão, inclusive em relação aos questionários semiestruturados concebidos para fornecer referências iniciais e abrir espaço para outras possibilidades. No enfoque das observações, só podem ser compreendidas quando consideradas como conjuntos, e a relação entre ciência e sociedade é percebida como parte integrante de um sistema global. Nessa abordagem, a metodologia é relegada a um plano secundário, enquanto a objetividade é criticada como um mito que encobre estratégias de dominação. A relação entre sujeito e objeto é concebida como uma interação em que ambos participam do processo, e a neutralidade é questionada, considerando o julgamento de valor como uma parte essencial do processo.

Com o intuito de estimular manifestações e descobertas que vão além da concepção inicial, o pesquisador se utiliza de um questionário semiestruturado, proporcionando-lhe a oportunidade de conduzir análises reflexivas e críticas, inclusive por meio da intersecção das respostas obtidas e colhidas através dos questionários e conversas. Isso se insere no contexto da Teoria Crítica, cujos objetivos se pautam na transformação da sociedade e na emancipação do ser humano. Os questionários semiestruturados representam uma ferramenta de pesquisa altamente versátil, combinando elementos de perguntas abertas e fechadas.

La teoría unitaria del espacio (físico, mental y social) se construye desde la tesis, ya bien conocida, de que el espacio es un producto social. No se plantea pues como un mero hecho de la naturaleza modificada ni como resultado de una cultura, sino del producto de una segunda naturaleza (la sociedad urbana) que es ya la nuestra —y como producto no hace referencia a un

simóle objeto o cosa, sino a un conjunto de relaciones. (LEFEBVRE, 1991, p. 27)

Essa abordagem permite aos pesquisadores coletar dados de maneira flexível, adaptando-se às mudanças no campo de estudo. As perguntas abertas permitem que os participantes expressem livremente seus pensamentos, experiências e perspectivas. Por outro lado, as perguntas fechadas representam e trazem de forma intencional a visão estática que foi se moldando de forma empírica, que por vezes reflete preconceitos ou perspectivas pré-estabelecidas sobre as fronteiras em estudo. No entanto, essas perguntas não são limitadas, mas oferecem um ponto de partida mais situacional, com base nas expectativas do pesquisador, gerando ou não algum desconforto ou inquietação que faça querer extrapolar nas entregas, abrindo espaço para que o pesquisador possa colher outros complementos.

A combinação de ambas as formas de perguntas visa a criar um espaço intermediário que permite respostas mais livres por parte dos participantes, transcendendo as expectativas das perguntas fechadas. Essa abordagem híbrida na pesquisa busca equilibrar a orientação na coleta de informações com a necessidade de compreender as complexidades do tema em estudo. É especialmente útil em investigações que exploram as nuances da vida e da cultura de um grupo, adaptando-se às dinâmicas em constante evolução do campo de pesquisa.

Essa perspectiva de pesquisa, em que se propõe investigar os subtextos presentes em nossos corpos e vozes, é fundamentada na percepção. A prática de pesquisa aqui defendida baseia-se na alegoria do "Olhar a partir do Cerro do Marco", permitindo a legitimação da análise de subtextos na corporeidade como base epistemológica para uma escrita de pesquisa que possibilita outras alegorias e formas de expressão. Segundo essa visão, as práticas e escritas de pesquisa podem se abrir para diferentes possibilidades, permitindo que os leitores atribuam significados às informações de maneiras variadas e acolhendo delineamentos metodológicos e epistemológicos que se adequem à interlocução dos assuntos do conhecimento na realidade contemporânea. Nessa perspectiva, a escrita de pesquisa não se limita a palavras textuais, mas também envolve a inclusão de outras linguagens para expressar aquilo que poderia estar restrito a textos acadêmicos tradicionais.

3.2 Método

A humanidade historicamente, dentre muitas características, demonstra possuir grande e diversificada capacidade de expressar, através dos tempos, seus sentimentos, conhecimentos, intenções e toda a sua dinâmica construção cultural. Nos estudos da linguagem se percebe de forma mais eloquente essa efetiva comunicação entre os homens em sociedade.

O sociólogo e linguista Chomsky, na obra Aspectos da Teoria da Sintaxe (1978), aborda a relação dicotômica entre sujeito e objeto, explicitando sua lógica binária através da qual deve haver necessariamente um eixo estruturante a dar validade às relações, do qual partem as ações e para o qual estas se reportam, assim estabelecendo indícios de dependência em relação à ideia de “segurança” ou ainda de um deliberado exercício de domínio e poder exercido nesta verticalidade linear.

Por julgar propícia e ilustrativa esta abordagem da linguística Chomskyana, lembro que, tendo dedicado mais da metade da minha existência como profissional à tarefa de explicar, para crianças e adolescentes, conceitos, definições, noções básicas da língua portuguesa e da matemática, quase sempre tenho buscado e lançado mão da concretude para a exemplificação de cada classe: substantivo, verbo, sujeito, metade, parte ou inteiro. Sempre também identifiquei tais ações como despretensiosas, desprovidas de qualquer desconforto, já que atendiam de forma mais objetiva minhas finalidades didáticas pré-definidas. Sim, para um educador do ensino fundamental, há sempre a busca por aproximar ao máximo todos os conteúdos dos exemplos concretos, que em tese facilitariam a dinâmica de compreensão para os dois lados do processo: o de quem ensina e o de quem aprende. Naturalmente, lidar com a concretude do que é real ajustado ao mais próximo da criança e do adolescente é o que se pratica como adequado, mas se distancia de uma compreensão da multiplicidade como um dos princípios dos mapas rizomáticos descritos por Deleuze (1995).

Transitar por várias disciplinas do conhecimento nos parece próprio desta pesquisa, de forma que se concorda com D'Ambrósio (2005, p. 103), em relação às reflexões que conjugam pesquisa, conhecimento, objeto, disciplina e método:

As disciplinas dão origem a métodos específicos para conhecer objetos de estudo bem definidos. Os métodos e os resultados assim obtidos, que se referem a questionamentos claramente identificados, constituem um corpo nomeado de conhecimento.

Assim, as características multidisciplinares desta pesquisa não podiam prescindir da dinâmica proporcionada pelo espectro do mapa rizomático trazidos por Deleuze (1995, p. 8) descrevendo que:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social.

A conjugação de entendimentos de D'Ambrósio (2005) em relação à disciplina e ao método alinha-se, assim, ao mapeamento de Deleuze (1995), corroborado pelos mapas, por meio dos quais indivíduos e sociedade estão em constante atuação. Portanto, para a pesquisa desenvolvida foi necessário que cada termo, conceito, expressão ou definição empregados para desenvolver ou abordar todas as questões relacionadas ao conjunto de toda esta empreitada fosse exitosa ao alcançar a dimensão da multiplicidade necessária.

Com os mapas rizomáticos a fundamentação por conexões mais profundas e múltiplas alicerça a dialógica explicativa dos fenômenos e conteúdos, em contraposição à prática educacional já citada então caracterizada por uma lógica de relação biunívoca que compreendia explicações pouco mutáveis ou de viés único, o que em realidade pulsa através de palavras, fenômenos, teorias, hipóteses, ensaios ou lógicas a serem ainda testadas. Então, no intuito de estabelecer e fundamentar essa crítica, esta pesquisa opta por trabalhar com e sobre narrativas e busca apoio em Deleuze (1995) ao referir que os modelos linguísticos são muito abstratos e afirmar que a maior parte dos métodos modernos para fazer proliferar séries ou fazer crescer uma multiplicidade movem-se numa direção, linear, circular ou mesmo cíclica.

Toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, para Deleuze (1995), seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação. No entanto, "com raízes múltiplas", somente se quebra efetivamente a unidade da palavra, ou mesmo da língua, à medida que se põe e se atua em múltiplas direções. Para o autor, os aforismos de Nietzsche somente quebram a unidade linear do saber à medida que remetem à unidade cíclica do eterno retorno, presente como um não sabido no pensamento. Vale dizer que o sistema fasciculado não rompe verdadeiramente com o dualismo, com a complementaridade de um sujeito e de um objeto, de uma realidade natural e de uma realidade espiritual: a unidade não para de ser contrariada e impedida no objeto, enquanto que um novo tipo de unidade triunfa no sujeito (Deleuze, 1995, p. 4).

Como método, o rizoma apresenta características ou princípios que garantem o sentido de relação e compreensão justificadas. Conexão e heterogeneidade destacam a importância de qualquer ponto a ser conectado, com seus agenciamentos e cadeias semióticas:

Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais. Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade linguística homogênea. A língua é, "uma realidade essencialmente heterogênea". Não existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política (Deleuze, 1995, p. 5).

Sobre a língua, Deleuze (1995, p. 5) diz que "Ela evolui por hastes e fluxos subterrâneos, ao longo de vales fluviais ou de linhas de estradas de ferro, espalha-se como manchas de óleo". Na língua, podem-se efetuar decomposições estruturais internas e isso difere da simples busca de raízes. Segundo Deleuze, há sempre algo de genealógico numa árvore.

Outro princípio característico do método de rizomas fala que "Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)" (Deleuze, 1995, p. 5).

Com relação às rupturas como princípio, Deleuze (1995, p. 6) afirma que "Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas". Nos princípios de cartografia um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda:

Um eixo genético é como uma unidade pivotante objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos; uma estrutura profunda é, antes, como uma sequência de base decomponível em constituintes imediatos, enquanto que a unidade do produto se apresenta numa outra dimensão, transformacional e subjetiva. (Deleuze, 1995, p. 08)

Quanto à decalcomania como princípio do método por rizomas, destaca que "há uma representação irreal sobre algo já construído inversamente contrária à fluidez da cartografia e do mapeamento" (Deleuze, 1995, p. 8). O uso da decalcomania como uma metáfora para a abordagem representativa consiste em decalcar algo que já está pronto, a partir de uma estrutura preestabelecida. Em contraposição a uma realidade que é uma entidade estática e imutável, que pode ser descrita e representada de

forma objetiva, a abordagem rizomática propõe uma exploração mais livre e criativa dos fenômenos, que não parte de uma estrutura preestabelecida, mas sim de uma exploração mais aberta e flexível dos fenômenos, que leva em conta a complexidade e a multiplicidade de conexões que eles possam apresentar. Ela tem como finalidade a descrição de um estado de fato, o reequilíbrio de correlações intersubjetivas, ou a exploração de um inconsciente já dado camuflado, nos recantos obscuros da memória e da linguagem. Ela consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobre codifica ou de um eixo que suporta (Deleuze, 1995).

Ligados aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas, Filho e Teti (2013) dizem que a cartografia social é mais do que um mapeamento físico. Eles ainda reforçam que o método não se refere a proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa. São afirmativos ao posicionarem-se a respeito dessa estratégia que dizem ser “de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência”:

Trata-se de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. (Filho; Teti, 2013, p. 47)

Para Filho e Teti (2013), ainda, essa é uma estratégia que desenha não exatamente mapas no sentido tradicional do termo, e sim diagramas, que não se referem à topografia, mas a uma topologia dinâmica, a lugares e movimentos de poder; traçar diagramas de poder expõe as linhas de força, descreve diagramas de enfrentamentos, densidades, intensidades. Ao traçar esses diagramas de poder, o objetivo é expor as linhas de força, ou seja, as relações e influências que moldam a estrutura de poder em determinado contexto. Esses diagramas descrevem enfrentamentos, que podem ser entendidos como conflitos ou interações de poder, além de densidades e intensidades, que indicam a concentração e a força dessas relações de poder. Em resumo, para os autores, criar esses diagramas é uma maneira de entender e representar as dinâmicas de poder de forma complexa e interativa, capturando a essência das interações sociais e políticas além das limitações de um mapa físico tradicional.

A análise cartográfica, para os autores, “[...] é, ao mesmo tempo, uma derivação e uma incorporação das perspectivas metodológicas de Foucault – arqueologia do saber, genealogia do poder e genealogia da ética” (Filho; Teti, 2013, p. 48) – e isso

deve ser levado em consideração em um esboço de método cartográfico. Assim, a cartografia aqui apresentada não se refere a territórios, mas a campos de forças e relações; diz mais respeito a movimentos do que propriamente a posições fixas; desdobra-se no tempo, mas também no espaço, além de incorporar os métodos históricos de Foucault – o eixo metodológico saber-poder-subjetividade – à medida que se apresenta como método de análise de dispositivos.

Essa citação destaca a abordagem da cartografia como um método de análise que vai além da representação tradicional de territórios geográficos. Em vez disso, a cartografia é entendida como uma representação dos campos de forças e relações que ocorrem em determinado contexto. Uma das principais ideias expressas é de que a cartografia não está preocupada apenas com posições fixas, mas com os movimentos e processos que ocorrem dentro desses campos de forças. Isso significa que a ênfase é colocada nas dinâmicas, transformações e interações em vez de simplesmente mapear áreas estáticas.

Fica claro que a cartografia não se restringe apenas ao tempo ou espaço, mas engloba ambos. Isso sugere que a análise cartográfica leva em consideração tanto as dimensões temporais dos eventos e processos quanto a dimensão espacial em que eles ocorrem. Portanto, destacamos a concepção ampliada da cartografia, que vai além da representação geográfica tradicional, e a posiciona como um método de análise dos campos de forças, relações, movimentos, tempo, espaço e dispositivos, incorporando abordagens históricas e considerações sobre conhecimento, poder e subjetividade.

Sobre esta pesquisa e a cartografia apontamos a sua importância por apresentar uma perspectiva teórica e metodológica inovadora que pode enriquecer a pesquisa, proporcionando uma compreensão mais profunda e abrangente dos fenômenos estudados, especialmente aqueles que envolvem dinâmicas complexas, temporalidade, espacialidade e dimensões históricas e críticas.

3.3 Sobre a técnica de pesquisa adotada para a realização das etapas de trabalho de campo: o questionário e as abordagens

3.3.1 Dos questionários

Dentro do universo populacional da fronteira, delimitamos o espectro de categorias de estudo e nelas a identificação de grupos focais. Nele, pontuamos os objetos de interesse à reflexão e pesquisa.

Para avançar propriamente na investigação junto à população fronteiriça, tanto a de Rivera quanto a de Livramento, foi preciso definir o adequado instrumento que atendesse ao propósito previamente estabelecido. Queria obter e registrar informações e conhecimentos através de questões subjetivas. São questões que, na definição conceitual de Gil (2008, p. 121), envolvem: crenças, percepções, interesses, valores, expectativas, temores, aspirações ou mesmo comportamentos e posicionamentos que por vezes sujeitam-se com e no tempo, e assim podem apresentar variações. De acordo com Gil (2008, p. 121), estas questões e abordagens devem representar fielmente os objetivos da pesquisa, principalmente em questões mais específicas. Ao refletir-se acerca do “fronteiriço” na correspondência entre as características e as informações coletadas e pesquisadas, e conseqüentemente entrelaçando tal abordagem com os propósitos inicialmente traçados, é que se alcançará maior eficácia na verificação dos objetivos.

O uso do questionário enquanto técnica de pesquisa utilizada foi a escolha mais adequada devido à sua fluidez, apresentando poucas questões, algumas fechadas e outras abertas, além de ser autoaplicável. Além destas, o questionário específico por categoria e na língua do entrevistado permite o anonimato, a racionalização do tempo, uma vez que pode ser respondido no momento que for mais conveniente. Para Gil (2008), garante-se, assim, a não exposição dos pesquisados a uma possível influência de opiniões do entrevistador sobre o entrevistado.

Foi necessário aplicar 3 categorias de questionário: a –ser fronteiriço; b- questões raciais; c- escola, magistério e o homem professor. Cada um direcionado a públicos de características diferentes. Ajustou-se a formatação do instrumento para a abordagem, para o controle e para a reflexão efetiva sobre o material produzido. Pelo Questionário A (para ser aplicado com pessoas de diferentes faixas etárias, profissões e graus de escolaridade), busca-se saber informações territoriais e identitárias relacionadas ao viver em Santana do Livramento e Rivera, o pertencimento e o sentir-se como cidadão entre duas cidades fronteiriças, sobre a cultura, a língua, família e amigos, questionando o significado da expressão *dobble chapa*. No Questionário B (também para ser aplicado com pessoas de diferentes faixas etárias, profissões e graus de escolaridade), trazem-se questões raciais, apresentando diversas

características possíveis de ordem fenotípicas, de ancestralidade, identificação política e étnica. Ainda neste questionário são abordadas situações de ordem identitária entre duas culturas diferentes, brasileira ou uruguaia, parentes de outra nacionalidade ou do outro lado da fronteira. O Questionário C, o terceiro da pesquisa, serve para ser aplicado nas escolas onde atuo e em outras da região. Neste, o que se procura saber compreende o universo da educação, da profissão do magistério feminino e do masculino. Questões de gênero, razões do alto percentual na feminização do magistério da educação básica são ali abordadas. Também são abordados outros temas tais como a normalidade ou o estranhamento do filho ou da filha ter um professor homem. Ainda se indaga sobre o gênero profissional, imaginado para o ensino de crianças, procurando desvendar se esse deve ser feminino ou masculino.

3.3.2 Das abordagens

A seleção e escolha das amostras de cidadãos fronteiriços capazes e qualificados para responder ao questionário e conseqüentemente integrar o conjunto representativo das três categorias desta pesquisa, e também em número satisfatório de questionários preenchidos em ambos lados da fronteira, foi especialmente desafiadora para organizar as abordagens a campo, mais ainda porque precisávamos focar em espaços de representações distintas entre si. A primeira escolha se deu ao natural pelo questionário C sobre questões da educação e a execução foi facilitada por ser um ambiente diretamente ligado ao pesquisador. Os questionário da categoria C (que envolvem questões relacionadas à educação e ao exercício do magistério), foram aplicados em duas escolas públicas do bairro Tabatinga, onde eu trabalho e resido.

Tanto na escola de educação infantil quanto na de ensino fundamental, a compreensão e aceitação dos professores, atendentes, funcionários e pais para responder transcorreu sem registro de intercorrências negativas. Foram registradas manifestações positivas dos pesquisados, que se sentiram prestigiados, considerados e pertencentes a "algo importante" relacionado a uma universidade pública federal. Não raro, ao entregar os questionários preenchidos, percebíamos que tinham "algo a mais a dizer", acrescentando oralmente posicionamentos, opiniões e pareceres em complemento às informações recolhidas. Nesse contato direto com o pesquisador, identificado como vinculado a uma instituição de ensino de fora da cidade e conhecida

apenas por relatos de terceiros ou pela mídia devido à distância física, os participantes sentiram-se prestigiados. Para alguns, era como se estivessem recebendo um tratamento especial, sentindo-se honrados e valorizados por sua participação na pesquisa, pelo simples fato de nunca terem participado de algo semelhante em que pudessem expressar seu posicionamento. Além disso, sentiram-se considerados, pois suas opiniões e respostas eram levadas a sério, percebendo a importância de suas contribuições para a pesquisa. Sentindo-se pertencentes a "algo importante", os participantes reconheceram que estavam fazendo parte de uma iniciativa significativa e relevante, o que adicionou um senso de prestígio. Essas sensações conjuntas fizeram com que se sentissem envolvidos e engajados, percebendo que seu papel na pesquisa era significativo e respeitado.

Já no território uruguaio, encontrei escola pública com características semelhantes às das brasileiras: seja na clientela, e, considerando o centro da cidade, localização com raio de medida equivalente, também quanto à modalidade de ensino, atendendo de forma regular a educação infantil e os adolescentes jovens. Minha experiência inicial tão proveitosa e satisfatória no Brasil, moveu-me a transitar para a aplicação dos questionários também no Uruguai. Pensava eu que encontraria uma descontração e acolhida similar, muito próxima da recepção alcançada em Livramento, por causa das várias similaridades encontradas entre os contextos. Entretanto, ao contrário do que aconteceu no contexto brasileiro, não era suficiente me apresentar diretamente na escola e formalmente encaminhar minha solicitação. Foi preciso oficializar e agendar uma audiência com a *Inspección Departamental de Educación Primaria de Rivera* e nela explicar detalhadamente quem eu era, meu vínculo com a universidade, motivos, o que pretendia, como, quando (tempo), com quem desejava interagir. Só então obtive a autorização e pude colher as respostas do questionário C junto à comunidade da *Escuela 144 – Cristobal Colon – Barrio Pueblo Nuevo*. E, apresentando protocolos diferentes de combate e prevenção a COVID 19, os questionários foram todos aplicados no mês de maio de 2022, enquanto Livramento já dispensava o uso de máscara e distanciamento mínimo, o mesmo do lado de Rivera não se verificava, e em determinados lugares públicos o acesso, quando permitido, exigia o uso de *maskarillas*¹⁹.

¹⁹ *Maskarillas* – Durante o período pandêmico da COVID 19 tornou-se obrigatório o uso de máscaras de tecido que cobriam a boca e o nariz tanto nos prédios, ruas e espaços públicos; em Rivera e

Sobre as abordagens de coleta de respostas aos questionários A (identidade fronteiriça), foram escolhidas pessoas aleatórias em espaços públicos dos dois lados da fronteira, porém de características de fluxo e atividades aproximadas (estações de ônibus, ambulantes e moradores de zonas periféricas nos dois lados da fronteira). A abordagem se deu também entre pessoas que estavam em trânsito pela fronteira, tanto de automóvel quanto de turistas, em compras no *freeshop*.

No caso do questionário B, que corresponde às questões raciais, para respondê-lo, optei em abordar e colher respostas junto a três frentes específicas: um grupo de moradores de bairros mais periférico das cidades; outro de moradores mais centrais; e o terceiro de pessoas que na sociedade atuam e se reconhecem como pretos ou negros na fronteira. Sobre estas escolhas dos grupos de pesquisa que abordam questões raciais, os três grupos selecionados foram de moradores de bairros periféricos, de áreas mais centrais das cidades e pessoas que se auto identificam como pretas ou negras na fronteira. Essa abordagem permitiu obter uma perspectiva diversificada sobre a temática racial abrangendo diferentes realidades e experiências. Ao optar por abordar moradores de bairros periféricos, é possível compreender as origens e vivências da população que reside em áreas com menos infraestrutura e acesso a recursos, o que pode influenciar suas visões sobre raça e identidade. Por sua vez, moradores de áreas centrais das cidades podem fornecer insights sobre como as questões raciais são percebidas em locais mais urbanizados e possivelmente mais concorridos.

A inclusão de pessoas que se auto identificam como pretas ou negras na fronteira é uma escolha interessante, pois permite dar voz a indivíduos que estão em contato direto com as dinâmicas fronteiriças, e, ao mesmo tempo, têm uma identidade racial específica. Essa abordagem permite investigar como a intersecção entre raça e fronteira pode influenciar suas experiências e ocorrências. Combinar esses três grupos distintos amplia a gama de perspectivas raciais, confiante para uma compreensão mais abrangente das questões raciais na região de fronteira.

Quanto ao grupo de pessoas que se reconhecem como pretas ou negras, contatamos movimentos sociais afro-brasileiros, grupos de capoeira, coletivos de arte da fronteira e ativistas raciais. Essas entidades auxiliaram a identificar pessoas que se auto identificam como negras ou pretas e que poderiam contribuir com a pesquisa.

Livramento não foi diferente, embora em cada cidade a autoridade sanitária tornasse mais flexível o uso de acordo com cada lei ou decreto.

Com relação aos grupos de moradores de bairros periféricos e centrais, os sujeitos foram abordados em locais públicos, praças, ruas movimentadas, estabelecimentos comerciais, supermercados, padarias e farmácias. Além disso, buscamos o contato com líderes comunitários e associações de moradores para identificar participantes potenciais. Foi abordado um total de 72 interlocutores para a pesquisa. Dentre esses, 30 moradores de Rivera e outros 6 uruguaios visitantes na cidade. Em Livramento, outros 30 moradores da cidade, e mais 6 turistas de fim de semana. A quantificação dos entrevistados teve como propósito colher uma pequena amostra que ilustrasse nossa pesquisa e representasse um equilíbrio médio entre as duas regiões que formam as cidades. Essa abordagem buscou garantir um controle na quantidade de participantes, atendendo ao propósito maior de análise textual qualitativa, além de considerar os vínculos pessoais do pesquisador com determinados grupos e espaços.

A seleção desses participantes ocorreu de forma aleatória e em locais públicos. A faixa etária das pessoas que responderam ao questionário compreende dos 18 aos 75 anos. Do total geral de participantes, 60 são moradores das cidades e outros 12 possuem determinado vínculo familiar na fronteira ou costumam visitar a região por motivos profissionais ou turísticos. Quanto às ocupações sociais e profissionais dos participantes, há universitários, funcionários públicos, profissionais liberais, autônomos e aposentados. Em relação à caracterização de gênero, integraram a pesquisa 44 homens e 22 mulheres. Sobre o grau de instrução predominante entre 72 entrevistados, 75% possuem ensino fundamental ou médio completos e outros 25% cursam ou concluíram o nível superior.

3.4 Uma narrativa sobre a educação, trabalho, afeções e fricções familiares na fronteira

Os espaços, suas formas e seus significados, presentes na memória do passado, são evocados no presente com a capacidade de determinar ou influenciar as ações futuras. Conceitos e definições no campo memorial auxiliam na compreensão e interpretação desse profundo processo de anamnese.

Busca-se uma fundamentação estruturada que permita explicar melhor o comportamento dos fenômenos memoriais na vida do “eu fronteiriço”, que é o foco desta pesquisa. Sob uma perspectiva semiótica, o objetivo é alcançar uma

interpretação ampla e profunda do todo a partir de suas partes. Os aspectos humanos e sociais tornam-se mais claros à medida que se revelam suas relações, resultado de uma análise detalhada e de percepções aguçadas.

Essa abordagem permite a construção de estudos mais precisos, que justificam nossas relações com os outros e conosco. Ao concentrar nossa atenção na observação de nuances e características das narrativas, surgem conexões e interações entre o humano e o social. Mesmo que essas marcas não sejam reveladas de forma intencional, elas claramente trazem indícios, ainda por decifrar, em um cenário de signos e significados não completamente compreendido.

Sobre esta mesma abordagem, o artigo de Everaldo Gomes e Cármen Lúcia (2021) faz uma densa reflexão a respeito do processo de formação e de compreensão de si e do mundo. Todo o processo exige uma atenção maior aos registros, quanto ao trato do “eu”, pois sobre este aspecto podem residir os maiores desafios deste tipo de investigação. Neste sentido, passa a ser determinante, ao bom cabo do que se pretende, o mapear e a definição dos ‘rizomas’, como os sustentáculos destas relações radiculares do mundo no indivíduo e vice-versa. Dessa forma, ainda que o objeto de pesquisa em questão tenha foco na primeira pessoa do singular com a predominância do “eu” em quase toda a narrativa, fica pressuposta a correspondência direta e em igual dimensão entre o “eu” relacionando-o no “outro” e com o “outro”.

A estrutura costurada em rizomas com suas ramificações passa a cumprir o papel de modelo esquemático e descritivo, formado pelo conjunto de eixos epistemológicos. Então, em destaque são eleitos alguns eixos representativos do “eu fronteiriço” que são: fronteiras nacionais e identidades fronteiriças; fronteiras e identidades interraciais; fronteiras sexistas profissionais e territórios identidades que/ou me atravessam enquanto o eu fronteiriço. Com base nesta representação e a partir dela é que passam a ser desenvolvidas as diversas possibilidades de intervenções que se entenda como relevante ou ainda de se buscar uma explicação ou resposta. Abre-se o campo para os conceitos, teorias ou ideias a respeito das subjetividades percebidas nas narrativas estudadas.

Sobre esse espectro ora apresentado, é saudável e muito adequado trazer algumas posições surgidas no artigo de José Reginaldo Santos Gonçalves (2005) com relação à categoria de patrimônio e da cultura. Ele afirma que ao buscar compreender o grau de ressonância ou de materialidade percebida nos objetos e peculiaridades dentro de uma sociedade está referindo-se a sua vida social e cultural.

Sabemos que o alcance cultural se propaga e reflete o eu no indivíduo, em seu entorno próximo, que desta forma são balizadores da sua identidade. Quanto à formação de subjetividades e formas de autoconsciência individuais e coletivas, Gonçalves (2005, p. 27) ressalta o papel desempenhado pelo patrimônio afirmando “Quero dizer que entre o patrimônio e as formas de autoconsciência individual ou coletiva existe uma relação orgânica e interna e não apenas uma relação externa e emblemática”. Em outras palavras, não há subjetividade sem alguma forma de patrimônio. Nesta linha podemos afirmar que, ao estudar e pesquisar o indivíduo, estamos buscando revelar e compreender culturalmente o processo da formação de si e do mundo.

3.4.1 Trabalhando memórias – sobre o agir e comunicar

Dentro da temática do Eu fronteiriço, nosso recorte de pesquisa percorre do início do século XX até os dias atuais, projetando uma visão de futuro. Ao considerar o período em que meus pais nasceram, é importante reconhecer como suas identidades foram moldadas por eventos históricos e contextos sociais específicos.

Meu pai é afrodescendente e minha mãe estrangeira, o que acrescenta camadas adicionais de complexidade à nossa história familiar e à minha própria identidade. Para meu pai afrodescendente, sua identidade provavelmente foi influenciada pela diáspora africana e pela história da escravidão, bem como pelas lutas por liberdade, igualdade e justiça racial que ocorreram ao longo do século XX. Certamente, ele pode ter sido impactado por movimentos sociais como o Movimento pelos Direitos Civis no Brasil, ou por movimentos similares em outros países, que buscavam desafiar a discriminação e o racismo sistêmico. Minha mãe estrangeira pode ter sido influenciada por sua própria experiência de imigração e adaptação a um novo país e cultura, enfrentando desafios como a barreira do idioma, choques culturais e a busca por identidade em um ambiente diferente do seu de origem.

Ao conectar essas experiências pessoais com o contexto mais amplo do início do século XX e além, posso ver como as identidades de meus pais foram influenciadas por uma variedade de fatores históricos, sociais e culturais. Essas influências provavelmente desempenharam um papel significativo na formação de minha própria identidade e na maneira como eu percebo e navego pelo mundo como um "Eu fronteiriço", numa abordagem da educação como fenômeno na fronteira, da minha própria vida e da relação familiar.

Coloquei em ação um desafio íntimo e pouco usual: o de recordar e mobilizar pensamentos profundos da minha vida como morador na campanha gaúcha, da minha família e desta relação que naturalmente tivemos, entrecruzando fronteiras. Abri e revirei minhas gavetas dos Tempos, procurando escrever sobre como residem certos acontecimentos nelas guardados, jogados ou ainda em trânsito. A cronologia está modulada pelas emoções e razões e respeita a lógica da memória pessoal, em retornos por lugares e épocas sob o filtro de olhares dos meninos, dos jovens e agora homens. Todos eles plurais num só: o Eu fronteiroço.

Sobre tempo, memória e esquecimento há uma conjugação que para Ricoeur (2007, p. 6) é explicado através da metáfora do pedaço de cera – pois então, digamos que se trata de um dom da mãe das Musas, a Memória:

exatamente como quando, à guisa de assinatura, imprimimos a marca de nossos anéis, quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, impressos nele aquilo que queremos recordar, que se trate de coisas que vimos, ouvimos ou recebemos no espírito. Aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem (*eidōlon*) está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não foi capaz de ser impresso, nós esquecemos (*epilelêsthai*), isto é, não o sabemos.

Meu pensar burilou palavras no intento de ser fiel e verdadeiro comigo mesmo, refletindo e ajustando o próprio espelho memorial. Desta forma, quis construir e descrever minhas representações de imagens, de situações, de fatos ou circunstâncias que se transformassem numa expressão capaz de explicar ou mesmo facilitar o bom entendimento ao leitor. Assim, a escrita desta narrativa assume um propósito de mediação entre uma realidade contada e uma percepção proximal do que é SER um fronteiroço, que busca compreender sua relação peculiar e marcante com a educação enquanto trajetória de vida.

No final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX, a união dos jovens Bonifácio e Constância marcou um período de desafios e transformações sociais significativas. Bonifácio, um homem negro trabalhador no comércio e estudante de contabilidade, e Constância, uma mulher branca, de porte firme e estatura mediana, construíram uma casa simples em Rivera, onde decidiram viver juntos. A jovem Constância, sempre com um sorriso no rosto, conferia ao casal uma aura de alegria, enquanto como provedor, Bonifácio se ausentava, cabendo a ela assumir as responsabilidades familiares.

Na figura 15, percebe-se, ao lado do casal, um pequeno porta-bacia de alumínio ou alouçado (lavatório), para colocar água. Para isso era preciso pegar o

balde de metal e ir até a esquina buscar água na *canilla* comunitária (torneira de metal controlada pela Intendência), que abastecia vários quarteirões ou manzanas. Esse recipiente servia para lavar mãos e rosto, ficando normalmente do lado de fora do quarto de banho, de madeira ou alvenaria, construído separado da casa. Essa falta de infraestrutura moderna era evidente. A divisão de ambientes, com o quarto de banho e a cozinha separados da casa principal, era comum na época. No entanto, a modernização das construções, combinando banheiro, quartos e cozinha em um único prédio, refletia os avanços nas infraestruturas urbanas, como a introdução de água encanada e rede de esgoto. Essas mudanças não apenas afetavam as condições de vida, mas também influenciavam a linguagem e as práticas cotidianas. Por exemplo, a expressão "vou ir pras casa", comum na fronteira, gradualmente caiu em desuso com a evolução das construções habitacionais e o surgimento de um novo padrão de moradia. Portanto, mesmo em preto e branco, a Figura 15 traduz e fala mais de uma etapa da vida dos meus pais que hoje consigo decifrar.

Figura 15 - O jovem casal Bonifácio e Constância – em Rivera – anos 50 e 60



Fonte: Acervo da Família Benites.

Quando recordamos, há um processo de interiorização do indivíduo consigo mesmo. Halbwachs (2004, p. 19) fundamenta que *“Pero el acto que evoca el recuerdo, ¿es aquél que nos hace entrar de modo más completo en nosotros mismos? Nuestra memoria, ¿es nuestro ámbito propio?”* Na mesma lógica, o autor apresenta

um importante ponto sobre nossa memória e a sociedade: “Y, *quando nos refugiamos en nuestro pasado, ¿podemos decir que nos evadimos de la sociedad para encerrarnos en nuestro «yo»?*” Ele mesmo explica com a pergunta “*¿Cómo resultaría posible esto, cuando todo recuerdo está vinculado a imágenes (en circunstancias que no constituyen el contenido) que representan otras personas distintas de nosotros mismos?*”

As imagens do passado nos vêm à mente ou estão presentes porque nosso corpo as convoca, sendo ele próprio parte das representações nas quais estamos mergulhados. Bergson (1996, p. 176) faz esta provocação nos apresentando:

Nosso corpo não é mais que a parte invariavelmente renascente de nossa representação, a parte sempre presente, ou melhor, aquela que acaba a todo momento de passar. Sendo ele imagem, esse corpo não pode armazenar as imagens, já que faz parte das imagens.

Nesse sentido, Bergson (1996, p. 176) concebia o corpo como sede dos fenômenos sensório-motores, o lugar de passagem por onde as imagens e ele próprio ocorriam. As memórias que guardo não são só minhas, são compartilhadas com aqueles que fazem parte dos meus círculos, desde os laços familiares aos momentos partilhados com amigos e colegas de trabalho. Essas lembranças estão entrelaçadas nas minhas vivências diárias, nos espaços que habito e nas experiências que dividimos ao longo dos anos. Crescer nesse ambiente desde a infância moldou profundamente como enxergo o mundo e como recorro e compartilho minhas lembranças. Cada lugar guarda suas próprias memórias, cada convivência cria laços que perduram, e cada reencontro traz à tona lembranças há muito guardadas. Assim, vivenciar essas memórias está intimamente ligado ao meu dia a dia e às relações que mantenho, enriquecendo minha jornada pessoal e compartilhada com aqueles ao meu redor.

3.4.2 Referência e inspiração: ao caminho da educação

Meus pais, o senhor Bonifácio e dona Constância, sempre foram uma referência positiva de superação para mim e meus irmãos, nos inspirando a enxergar além, transpondo fronteiras. Mesmo enfrentando desafios, souberam lidar com eles, construindo em torno de si, e de seus ambientes, condições propícias para buscar e aproveitar as oportunidades nessa fronteira.

Na intrincada trama da conjuntura histórica que sempre permeou a fronteira entre Livramento e Rivera, os desafios por direitos e o acesso a oportunidades

moldaram as narrativas dos segmentos mais humildes e de vida simples. Os fatores que ora facilitavam, ora obstaculizavam, desempenharam um papel determinante no caminho das pessoas e famílias em direção a oportunidades relacionadas a trabalho, saúde, educação e lazer.

Alguns condicionantes impuseram impactos singulares, delineando uma realidade em que a simplicidade e a humildade se tornaram traços preponderantes no tecido social dos riverenses e santanenses. A escassez de recursos e a falta de estímulos adequados comprometiam diversas esferas de oportunidades. Esses elementos criaram um ambiente propício à dificuldade de reação e à superação de obstáculos, restringindo o horizonte de conquistas. Os habitantes dessa fronteira enfrentaram desafios, e as possíveis estratégias de superação foram moldadas por essa realidade.

É importante ter para onde olhar quando se busca uma referência. Sentir o apoio presente, um estímulo, se possível carregado em afeto. Muito bom é andar próximo de quem se espelhar ou receber uma orientação, um conselho adequado tanto para o trabalho como para a educação. Nesse sentido, fui contemplado por ter esse exemplo dentro de casa. Claro que de maneiras diferentes, mas sempre eles dois: minha mãe Constância e meu pai Bonifácio.

Ambos já falecidos, meus pais formavam um casal que viveu toda sua vida nesta fronteira. Buscando a chave para cambiar cruzeiros por pesos, comprando pão d'água ou *gajeta*, *congueando*²⁰ nos “turco” ou patrícios, fazendo fé em cabeça nos jogos da *Quiniela* ou *Tômbola*²¹ ou mantendo fidelidade na “igreja” do boliche do Luzardo: estas referências se relacionam profundamente com minha memória e com toda sua carga de sentimento. Halbwachs (2004, p. 24), diz que “*Si la memoria de los sentimientos existe es porque no mueren enteros, y que algo subsiste de nuestro pasado*”.

Meu pai, desde guri, sempre teve determinação sobre sua própria vida, o que também influenciou o seu entorno, quer pela relação precoce com o mundo do trabalho, quer pelas suas conquistas através da educação. Sim, eles refletiam seu tempo cultural da sociedade presa ao patriarcado. Sem representar nenhum

²⁰ Pessoas que pesquisam os preços em diferentes lojas, mas não compram nada (perguntam o preço de tudo e não adquirem nenhum produto), costume comum nas lojas da fronteira.

²¹ *Quiniela* ou *Tômbola*- Loteria tradicional (oficial) em todo o território uruguaio, com sorteios ao final da tarde. Semelhante ao jogo dos bichos no Brasil (não oficial).

embaraço, sou filho e falo neles, da relação deles com o trabalho e a educação, dos sonhos projetados para si e para os seus. Em certos momentos, até *penei* nos exercícios e esforços para recordar.

A presença da minha mãe como organizadora da vida e do cotidiano familiar certamente não começou após o nascimento dos filhos. A historicidade política, econômica e social aponta que essa condição precede ao que veio a se estabelecer como processo bem antes mesmo do casamento com meu pai, muito influenciada pela cultura dos privilégios da condição masculina em detrimento das mulheres, que acabam trilhando o que hoje definimos como auto anulação da própria formação e dos desejos individuais. Logicamente, quase que de forma "natural", essa "opção" de vida mais doméstica e estruturante da casa e dos filhos se estabelece sem maiores sinais de inconformidade com uma espécie de anulação para outras possibilidades na vida.

Assim, as conquistas de meu pai contaram diretamente com a participação de minha mãe. Na figura 16, minha mãe retoca e dá os últimos ajustes na aparência do esposo, minutos antes da formatura dele.

Figura 16 - Dona Constância na formatura do seu Bonifácio – Colégio Santanense, 1966



Fonte: Acervo da família.

Foram muitos os encaixes de lembranças daquilo que nos era contado nas informalidades familiares, extraídos das conversas com minha mãe, de observações, ou do próprio convívio rotineiro no seio desta família humilde, liderada por meu pai,

um brasileiro tipicamente urbano e minha mãe uruguaia de nascimento, “*pero Doble Chapa*” (assim respondia quando perguntada). Juntos empreenderam e formaram uma peculiar união de fronteiriços.

No salão da cerimônia tem-se meu pai, no centro da Figura 17, entre mulheres brancas e homens também brancos. Somente ele, negro, trouxe a sua competência. Mas a presença da minha mãe foi inegável em todo o processo de conquistas do pai e da família; no entanto, sua contribuição muitas vezes veio acompanhada de anulações, confinando-a principalmente ao papel de dona de casa. Isso a deixou sem vislumbrar outras possibilidades de vida para si mesma, enquanto as realizações da família cresciam.

Figura 17 - Turma de formandos – Bonifácio é o único negro entre os colegas. Colégio Santanense, 1966



Fonte: Acervo da família.

A presença única de Bonifácio como negro na cerimônia de formatura de 1966 evidencia a falta de diversidade étnica e racial da época. Isso aponta para as disparidades em espaços sociais e institucionais, onde a representatividade negra era escassa. Ele provavelmente enfrentou barreiras adicionais para ser reconhecido.

Paralelamente, a anulação da mãe na família destaca as normas sociais que restringiam as oportunidades para mulheres e pessoas negras.

Meu progenitor era conhecido como Seu Boni, como o tratavam quando no ambiente de trabalho e a ele se referiam. Ele sempre de pronto contestava: “às suas ordens! ...”, herança dos anos de comerciário. Mesmo nos documentos firmava em sua rubrica de caligrafia formosa somente “Boni”. No registro e documentos, o nome completo era Bonifácio Clavel de Los Santos. Sempre foi um típico “chefe de família”, dentre as definições de provedor, próprio da cultura fronteiriça. Tinha a maior parte do seu tempo ocupado e dedicado ao trabalho; batia o ponto na contabilidade Almeida, um concorrido escritório de Santana do Livramento. Por muitos anos, era visto diretamente atrás de uma máquina Olivetti, datilografando, mas também dedilhando e calculando em uma calculadora mecânica de marca Facit, carimbando talões rotineiramente, teclando com extrema destreza, pondo em ação a memória repetitiva ou memória-hábito de Bergson (1939, pp. 86-87), e preenchendo muitos livros e documentos das empresas e dos clientes.

Essas atividades lhe trouxeram marcas próprias da função, visivelmente notadas em seus dedos, ora largos e achatados que, de tanto teclar, já apresentavam pouca sensibilidade nas digitais. Quase apagadas, suas impressões já davam sinais de gastas. Sobre esta prática e outras relacionadas ao gestual do trabalho, Candau (2020, p. 19) define que, “sob o termo protomemória ou memória de baixo nível, podemos classificar o ethos e os múltiplos aprendizados adquiridos durante a socialização precoce, a memória procedural própria a uma profissão”.

Antes da aposentadoria, na sua rotina, em plena atividade de trabalho, cumpria dois turnos diários, mas intercalados pelo horário do almoço em casa. Rigorosamente o víamos apontar na “meia lua” da praça se dirigindo por entre os canteiros da Marechal Rondon, e isso poucos minutos após o ressoar de apitos, ouvidos pontualmente ao meio dia: um da cervejaria Gazapina e outro emitido pela indústria e Lanifício Albornoz, som que alcançava toda a cidade e, claro, também em Rivera, no Uruguai, se ouvia.

Ele sempre trazia debaixo do braço o jornal Zero Hora, seu preferido para sua leitura rápida, minutos antes de uma sesta curta. Nos dias de semana, ligava o rádio na Cultura AM, a única estação da cidade, da música gaúcha, do aviso fúnebre e das horas certas. Saía cedo da manhã, não sem antes acordar os filhos com um terno e quase cantado chamando, semi-abrindo a porta do quarto, e dizia uma ou duas vezes:

“...olha a hora, está na hora! não vai te atrasar! ...” Era a forma sonora com a qual, mesmo com pouco tempo, ele se fazia presente e também cobrava assiduidade e responsabilidade de todos com a escola. Retornava à noitinha praticamente para algumas horas de profundo “desligar” e, também, momento de repor energias, na preparação da jornada do dia seguinte.

Desde o ano de 1935, meu pai teve uma conexão profunda com o lugar onde cresceu, situado na zona embrionária da cidade, especificamente na rua Tiradentes. Essa região é intimamente ligada ao Grêmio Santanense, um dos clubes de futebol mais destacados da área. Junto a ele, outro clube importante é o 14 de Julho, conhecido como o histórico "Leão da Fronteira", sendo este o terceiro²² clube de futebol mais antigo do Brasil (Figura 18). Essas instituições esportivas não apenas fazem parte da geografia física de onde meu pai foi criado, mas também moldaram sua experiência e seu envolvimento com o esporte desde tenra idade.

Figura 18 - Portão principal do estádio João Martins do E. C. 14 de Julho



Foto: Sandra Motta, outubro de 2023.

De ascendência brasileira e uruguaia, desde cedo se percebeu negro como etnia – ou afrodescendente, nas atuais definições. Os poucos recursos financeiros da família basicamente vinham dos consertos de solas e tacos (saltos) de todo tipo de sapatos e botas, feitos pelo meu avô Gabriel, um reconhecido sapateiro da região.

²² Para saber mais sobre o terceiro clube de futebol mais antigo do Brasil:
<https://www.aplateia.com.br/2023/07/14/e-c-14-de-julho-completa-121-anos-nesta-sexta-feira/>

Raras foram as vezes em que fui à casa do meu avô Gabriel, e destas, sempre de passagem ou enquanto realizava caminhadas, normalmente sem rumo definido. Hábito do pai: convidava e de pronto partíamos para conhecer cemitérios, prédios, ruas ou lugares em que ele fazia questão de retornar. Nos trajetos, nos contava sobre algum fato ocorrido relacionado a ele ou do lugar no qual passava naquele momento. Portanto, nunca foram visitas intencionais ao meu avô.

Havia certo distanciamento respeitoso do meu pai com sua madrasta. Ainda tenho claro na memória as duas peças da frente na casa do avô Gabriel, com pesadas máquinas na cor verde escuro, de costura em couro, além de prateleiras repletas de calçados dos clientes, muitos empoeirados, vários deles provavelmente esquecidos ou abandonados pelos donos. Destas poucas oportunidades em que nos encontramos, ele sempre estava de terno preto ou cinza e usava gravata.

Certa tarde de domingo, cruzamos o portão do estádio João Martins, sede do 14 de Julho, para um jogo importante da segundona gaúcha. De repente, fui surpreendido pelo beijo e pelo demorado abraço do meu pai em um outro homem. Olhei pra cima com atenção e vi: era “Vô Gabriel”. Vi os dois felizes, conversando naturalmente descontraídos, e aquela cena desenhou uma imagem que, por longo tempo, entre a infância e a adolescência, fui processando e aos poucos ressignificando. Percebi meu pai como filho, exatamente como eu, idolatrando copiosamente o seu pai. Naquele momento, ele também era filho, possivelmente com as mesmas fragilidades e sentimentos que eu tinha. Na Figura 19, revivo esse marcante momento sob a mesma alameda de sombras dos cinamomos, onde a imagem do meu pai e meu avô foi registrada na memória e atravessou quase toda a minha vida.

Figura 19 - Sombras das árvores e espaço de encontros na entrada do estádio João Martins do E. C. 14 de Julho



Foto: Sandra Motta, outubro de 2023.

A relação do meu pai com minha mãe sempre nos foi narrada por terceiros, nunca por eles mesmos. Momentos familiares se resumiam a falas isoladas entre um filho ou outro; reunir todos filhos era quase impraticável. Ainda assim, nas descrições, o afeto e leveza apareciam entre eles, assim como a cumplicidade e o cuidado de um com o outro. Minha mãe se incumbia dos “labores domésticos”, cuidados com os filhos e netos, de cozinhar e lavar, e ainda das atividades com os bichos domésticos e as criações, como se observa na Figura 20.

Figura 20 - Dona Constância no centro da praça Mal. Rondon recebendo mais um neto; ao fundo nossa casa e o Opala amarelo, final dos anos 90



Fonte: Acervo da família.

Além do pai, nossa família era composta por minha mãe, Constância Benites, e sete filhos, sendo um adotivo. Eles eram um casal preocupado em oportunizar aos filhos aquilo que acreditavam ser o caminho ou a forma mais adequada de alcançar o sucesso na vida e no trabalho. A educação era esse meio.

Na sua origem simples e humilde, desde muito cedo, ainda guri, meu pai ajudava sua mãe na venda de pastel e em outras atividades com as quais pudessem juntar ou complementar a renda para a compra de alimentos da família, mas, também, inteirar as prestações do terreno no qual moravam. Portanto, o mundo do trabalho e da educação sempre fez parte da rotina daquele pequeno menino negro, que cresceu

tendo de assumir responsabilidades que, nos dias atuais, não seriam mais permitidos. Aprendeu muito cedo a lidar com uma rotina diferente para a idade, que incluía estudar, ajudar sua mãe em casa e ainda vender a produção de pastéis feitos pela mãe Almira. Perfazia becos, ruas, *calles y manzanas de la línea*.

É possível que ter de buscar, de forma mais incisiva, um contato direto para conseguir vender seus produtos, realizar tarefas ou prestar serviços como “mandalete” a terceiros, fizeram-no, desde muito cedo, perceber e valorizar a importância do conhecimento, especialmente o domínio dos cálculos mentais, e conseqüentemente a educação formal como maneira de melhor crescer e alcançar as coisas básicas no horizonte de vida de um guri de vila, interiorano, bem distante dos grandes centros econômicos desenvolvidos. Nestas condições, ou criava os meios de acessar as oportunidades ou simplesmente teria que aceitar e se conformar com o mínimo determinado a ele. Certamente, de outra forma, não se imagina que alguém espontaneamente iria fazer qualquer oferta de trabalho ou estudo.

Exigir a assiduidade dos filhos na escola representava para meu pai o mínimo que cada um tinha a cumprir, e não havia pretexto nenhum que justificasse uma falta. A cada início de ano, a partir da segunda quinzena de fevereiro, minha mãe esperava receber o aval dado por meu pai de já ter passado no setor de crédito do Caggiani Calçados e deixado assinada a abertura de um crediário, deixando os funcionários de sobreaviso para recebê-los. Essa era a logística empreendida por quem basicamente possuía o crédito e conseqüentemente os meios de pagamento, porém lhe faltava o tempo para acompanhar este momento em família. Então, minha mãe se incumbia da responsabilidade desta etapa: realizar as compras previamente acordadas para todos os filhos. Normalmente, dois eram os tipos de lojas: uma de roupas e outra especializada em calçados. Em determinado dia, ela e os filhos faziam as escolhas e efetivavam as compras, o que na prática durava algumas horas, entre encontrar o número ou medida de cada um dos filhos, geralmente uma peça de roupa e calçado.

3.4.3 Uma organizadora das rotinas: minha mãe

Todas as coisas e questões relacionadas à educação dos filhos, na minha casa, sempre tiveram um trânsito saudável e ambiente favorável, ainda que não diretamente com o ensino e aprendizagem, mas no sentido de garantir as condições estruturais mínimas para tal. Minha mãe era de pouco estudo formal, porém de grande capacidade e visão de vida suficiente para reconhecer a importância que essa lacuna

lhe representou como mulher. O papel e espaços ocupados pelas mulheres parecia bem delimitado. Talvez com outro nível de consciência, desejos impulsos, sonhos, imposições. Como saber? Cabe lembrar a abordagem em que Halbwachs (2024 p. 24) enquadra o contexto dos sentimentos:

Pero los sentimientos, así como nuestros otros estados de consciencia, no escapan a esta ley: para acordarse hay que reubicarlos en un conjunto de hechos, de seres y de ideas que forman parte de nuestra representación de la sociedad.

Como “Uma Senhora do Lar”, já que ao pai “Chefe da Família” correspondia sair diariamente para “trabalhar”, era responsável por toda gestão da família, se incumbindo de “tocar” as atividades diárias da casa. Havia zelo nos detalhes, nos horários, nas roupas (uniformes), nos materiais básicos na sacola (pasta), sempre verificados antes de nos mandar para a escola. Não aceitava queixas por algo errado ou mau comportamento, e quando algo assim ocorria dizia: “... te prepara! Tu vai ver só a noite quando teu pai chegar”. Nunca soubemos que tenha falado sobre isso para o meu pai. Entendia que, sim, devia omitir esse tipo de informação (queixas ou *chismes*), era uma forma de “proteção”, mesmo assim nos causava tensão e pavor.

A discussão sobre a dinâmica familiar em um contexto histórico e cultural específico, relacionado à figura de meu pai como provedor da família e à figura de minha mãe como responsável pelo lar, revela desdobramentos interessantes para compreender minha trajetória. Destaco como esses papéis foram tradicionalmente atribuídos e podem ter influenciado a administração da família e a abordagem dos problemas. Aponto a importância da identidade étnica e de gênero de meus pais na dinâmica familiar.

Na figura 21, a grande cozinha como um lugar mais acolhedor da casa é um dos espaços mais marcantes que falam muito sobre dona Constância como mulher, cidadã, com família, cuidadora e avó de muitos netos. Ainda, na figura 21, ao fundo, um fogão a lenha aceso com suas panelas e chaleiras. O fogão servia como varal para as fraldas dos netos em tempos chuvosos. Na chapa, não faltava pão aquecido para agradar aos netos, enquanto preparava alimentos geralmente em panelas grandes. Sob o seu olhar atento, de cuidadora, uma neta intrigada com o flash parecia querer descobrir o mundo à sua volta.

Figura 21 - Avó e neta na cozinha, o espaço mais acolhedor da casa – Casa do Estadual 43, inverno de 1995



Fonte: Acervo da família.

Esses aspectos podem ter tido um papel significativo na percepção deles pela sociedade e na maneira como agiram em nossa família. A referência a meu pai como homem negro levanta questões sobre como sua identidade racial afetou suas experiências, dentro e fora de casa, considerando nosso contexto histórico e social. Da mesma forma, a menção à minha mãe como mulher estrangeira sugere que sua identidade como imigrante pode ter influenciado sua posição na família e sua interação com a sociedade. Isso pode ter agregado complexidade às dinâmicas familiares e à percepção de nossos pais pelos outros membros da família e pela comunidade. Esses elementos, quando explorados mais a fundo, podem fornecer janelas ou trilhas valiosas sobre nossa dinâmica familiar e as experiências individuais de cada membro da família dentro de um contexto mais amplo de identidade, cultura e sociedade.

3.4.4 Expectativas, Anseios e o Imaginário Infantil sobre a sua Primeira Escola

Com sete anos de idade todas as crianças, obrigatoriamente, eram levadas ao Posto de Saúde da cidade (atualmente prédio da Câmara de Vereadores), onde faziam a vacina necessária para que a matrícula na escola fosse autorizada. Rápido era o serviço, tudo em uma só vez, já na fila ao mesmo tempo deviam

arremangar o braço direito da camiseta. Enquanto perfilados e tensos, ouvíamos um trique-trique a aumentar: era a aproximação da pistola de vacinação automática, sendo compartilhada do braço de uma criança para o de outra sucessivamente e sem nenhum intervalo. Em minutos, após essa sessão de comungar a mesma agulha, todos recebiam o cartão carimbado e estavam aptos para serem matriculados na primeira série de alfabetização.

Por algum motivo que nunca entendi, fui matriculado em uma escola totalmente diferente daquela descrita por meus irmãos. Nenhum dos motivos contados me fazia compreender, tanto que nem lembro mais deles. Imaginei aquela escola tão vívida decantada por meus irmãos maiores – o que realmente era, de arquitetura moderna, bonita e distante poucas quadras de casa. Ao passo que eu, depois de ter criado extrema expectativa positiva, vendo e acompanhando meus pais orientarem e cobrarem dos mais velhos, com um quê de sacralidade, sobre as “coisas” de escola, fui desenvolvendo uma ansiedade saudável pelo primeiro dia de aula, motivado por ver e acompanhar todos meus irmãos maiores já na escola, tendo toda uma forma diferenciada no tratar, do ambiente geral da casa, no cumprimento de horários, nas conversas e mesmo nas compras específicas dos materiais escolares.

Ainda que em uma cidade pequena, era uma escola mais longe, relação estabelecida com a precisa régua da noção de uma criança. Tínhamos que descer por uma grande baixada do alto onde morávamos, atravessar um canteiro de obras da estrada federal em construção e subir em direção à Rua dos Andradas, no centro. No meio da subida, à esquerda, na Rua Barão do Triunfo, ele, o casarão da minha primeira escola, Figura 22, o Grupo Escolar São Vicente de Paula, pertencia a uma instituição assistencial de mesmo nome, com vagas pagas pelo poder público para suprir a oferta não disponível nos prédios do estado.

Figura 22 - Prédio do Grupo escolar São Vicente de Paula - Rua Barão do Triunfo



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2023.

Já antigo, de alicerces e paredes de pedra, pisos de um seco e retumbante tabuão, que se anunciava sempre em sonoro e grave toc toc, quando por ele passavam. O assoalho continha frestas por onde escorriam lápis, moedas e até mesmo o giz. Os porões no subsolo de todo o prédio eram acessados por pequenos buracos (respiros), para catar lápis ou borrachas caídas.

Em caso de sede, havia um corredor estreito contra um muro sempre coberto por denso limo. No fundo deste, uma mesa de madeira e sobre ela uma talha de barro e nele, atado, um copo de alumínio, para não quebrarem. Para outras necessidades, no fundo do pátio tinha uma trilha no pastiçal alto. Lá a umidade constante exigia que se colocasse, de quando em quando, tábuas como pinguelas para evitar o lamaçal e escorregar, mas por ali se chegava à “casinha” dos meninos, sempre exalando odor próprio do uso.

3.4.5 Uma didática do medo: “Caminho suave” com cheiro de giz e nicotina

Da primeira professora, vaga lembrança. Dona Elisa, de estatura baixa, cabelos grisalhos, de pele muito clara e algumas marcas de idade, era calma ao falar e a usar seus óculos. Esse conjunto de características se aproximam e me lembram de minha mãe. O seu trato demonstrava experiência acumulada e também, posteriormente, soube que logo estaria se aposentando. Mas durante as férias de julho, circulou no informativo da rádio Cultura, única emissora da cidade na época, o falecimento e convite para enterro da Dona Elisa. Ao retornarmos, em agosto, a turma era apresentada à nova professora, que seguiria a tarefa de nos conduzir pelo “Caminho Suave²³”, nossa cartilha de alfabetização. A “suavidade” da aula era extrema, nenhum “piu” se ouvia, e se olhasse para o lado recebia puxões nas orelhas com retorce para graduar a dor. Claro, não era a mesma atitude dispensada a todos, mas eu estava entre os escolhidos. Por falta de atenção no traçado ou omissão de uma letra, réguas de madeira eram rachadas na cabeça e até quebradas, se estivesse de conversa com o colega. Nunca atinei em contar em casa o que acontecia. Sentia esse tratamento naturalmente como normal, e assim tinha que ser.

²³ Caminho suave - Entre a década de 50 e os anos 90, estima-se que mais de 48 milhões de brasileiros tenham aprendido a ler seguindo as frases simples da cartilha Caminho Suave, que usava a técnica denominada “alfabetização por imagem”, e que ainda desperta memórias afetivas de muitos adultos como a lembrança de um método eficiente para ensinar a ler. Para saber mais sobre a cartilha, inclusive as críticas ao método utilizado:
<https://www.sinprodf.org.br/o-que-e-a-cartilha-caminho-suave-que-alfabetizou-milhoes-e-caiu-em-desuso-mas-mantem-fas-como-bolsonaro/>

Um dos embates de Bergson (1999, p. 158) colocados em discussão diz respeito à questão da dor e das sensações, sempre quando evocamos nossas lembranças:

Quanto mais me esforço por recordar uma dor passada, tanto mais tendo a experimentá-la realmente. Mas isso se compreende sem dificuldade, já que o progresso da lembrança consiste justamente, como dizíamos, em se materializar.

Não decorar os padrões silábicos na tomada da leitura era temeroso. Mas outros momentos também trazem memórias de sofrimento. Ela ficava na entrada do porão maior, o único que tinha uma pequena porta, mas sem janelas, transformado no refeitório da escola, de sentinela. Obrigava a comer até a última colherada de um mesmo engrossado pirão/sopa de todos os dias – farinha de mandioca, repolho, cenoura e algo feito guisado. Nunca variava, causava ânsia e o cheiro também repugnava, ainda hoje o cheiro de farinha cozida não me agrada.

Grandes paradas militares em datas nacionais influenciavam a rotina das escolas que a elas se alinham naturalmente, fazendo treinos maçantes de ordem unida e marchas no esquema cantado de “esquerda e direita”, ao som de “... se não marchar direito, vai preso pro quartel...”. Às vezes o canto era o “eu te amo meu Brasil, eu te amo”. Ainda nessas atividades, a instabilidade emocional da professora nos causava temor.

Era uma senhora de saias sóbrias, roupas formais, cabelos de um avermelhado escuro, sempre armado como se usasse algum suporte ou produto sustentando seu penteado para cima (minha mãe usava laquê em festas). As unhas eram compridas, pontiagudas e somente na cor vermelha, e nos machucaram muito atrás das orelhas, mas sem choro. Ele era engolido: não deveria chorar...não ali...

Depois do recreio, geralmente ela se transformava, fumava um ou dois cigarros e esperava a sineta bater, mas deixava a lixeira da sala com odor fétido e ardido da mistura desagradável: tocos e pó de giz com “puchos” e cinzas do fumo queimado. A professora, de imediato, subia em sua carona, o carro do esposo, um homem de farda engomada, ou então de alguém por ele destacado a buscá-la. Eu voltava pra minha casa direto: essa era a “ordem”. Mas não podia ir correndo, pois podia cair ou ficar com os chinelos presos no piche quente. Indo ou vindo, precisava antes atravessar as pinguelas de tábuas (estreitas passarelas), estendidas sobre tijolos em pontos da BR 158, a maior construção da presença federal na cidade, sinal do “Progresso” que logo seria inaugurado pelo próprio presidente do Brasil.

As lembranças que compartilhei são apenas uma parte da minha jornada. Embora marcadas por momentos difíceis na escola, essas experiências foram fundamentais na construção do meu caminho como professor. Mas para entender como cheguei até aqui, é necessário voltar um pouco mais atrás, para o contexto familiar que moldou minha visão de mundo.

Minha mãe era uma mulher estrangeira, trazendo consigo uma bagagem cultural diferente, que se misturava com a realidade multicultural em que fui criado. A diversidade sempre esteve presente em minha vida, desde os pratos exóticos que ela preparava até as histórias fascinantes que ela contava sobre sua terra natal. Esse ambiente rico em culturas diversas despertou em mim a curiosidade e a vontade de aprender mais sobre o mundo ao meu redor. Por outro lado, meu pai era um homem negro de classe baixa economicamente, enfrentando desafios e preconceitos que infelizmente ainda persistem em nossa sociedade. Sua luta por igualdade e reconhecimento sempre foi uma fonte de inspiração para mim, mostrando que, apesar das adversidades, é possível alcançar os objetivos com determinação e perseverança, sobretudo pela consciência e dignidade.

A questão da raça foi sendo construída de forma intrínseca em minha família, moldando nossas experiências e percepções do mundo. Crescer em um ambiente em que a diversidade era celebrada, mas também confrontada com as injustiças e desigualdades, despertou em mim um senso de responsabilidade e desejo de fazer a diferença. Foi na escola que essas questões ganharam ainda mais importância para mim. Apesar dos desafios que enfrentei, percebi que a educação tinha o poder de transformar vidas e promover a igualdade de oportunidades. A figura de poucos professores, dentre os que tive ao longo dos anos, me inspirou ou mostrou o impacto positivo que um educador pode ter na vida de seus alunos. No entanto, dou crédito maior aos exemplos de posicionamento de pai e mãe frente às questões da vida.

Ao escolher a carreira do magistério, vi a oportunidade de combinar minha paixão pelo ensino com meu compromisso em promover a diversidade e a inclusão. Busco ser o tipo de professor que inspira seus alunos a questionar, a explorar novos horizontes e a celebrar as diferenças que nos tornam únicos. Minha jornada como educador é uma extensão da minha história pessoal, uma busca contínua por justiça, igualdade e compreensão mútua.

3.4.6 Terra de Memórias Verdes: A Viva Conexão entre Infância, Família e a Flora do Bioma Pampa

A flora do Bioma Pampa oferece uma diversidade de espécies, tanto em plantas nativas quanto nas exóticas. Elas prosperam em campos abertos, nos cerros, e ainda são cultivadas em espaços públicos urbanos, além de encontrarem seu lugar nas residências particulares (Andrade, 2023). Desde muito cedo ainda na infância, muitas dessas plantas desempenharam um papel fundamental na imagem das minhas recordações familiares. No cerne dessas lembranças estão as plantas e árvores que cercavam o pátio e o terreiro de nossa casa. Esses lugares resumem a doce trama do ciclo da vida, e revestem de diversos significados, fatos e tempos de extrema relevância pessoal.

Alguns gatilhos de memória são acionados quando, mesmo à distância, lembro do marcante cheiro exalado dos pés de arruda, nos canteiros úmidos encostados na cerca. Pelo ar, eles trazem ao ambiente muito da aura mística e popular que envolve essa planta, cultivos que se entrelaçam com os segredos das benzeduras e as simpatias maternas. Ainda hoje lançam seu encanto verde sobre nossas vidas. Outra, a velha árvore de erva-cidrô, com seu perfume cítrico, que nos envolvia em suas fragrâncias suaves, como se fosse um abraço caloroso. Suas folhas frescas sempre adornavam nossos chás, e cada gole regava e favorecia um profundo ensimesmar tranquilizante.

No pátio, os abacateiros sempre majestosos, destacando-se repletos de frutas pendentes. Sempre em dupla, uma árvore com suas flores com preponderância masculina e a outra feminina de gêneros diferentes para possibilitarem a frutificação²⁴, foram testemunhas silenciosas dos momentos ingênuos vividos sob as sombras dos seus galhos frondosos sempre verdes e reluzentes.

E nas mudanças de casa, de Rivera para Santana, uma companheira fiel nos seguiu: a bergamoteira. Por décadas de vida, ela nunca se apresentou com frutas,

²⁴Abacateiro sem frutos – Quando um abacateiro deixa de dar frutos, mesmo que suas flores tenham aparecido, o problema pode estar relacionado ao grupo a que a planta faz parte. Os abacateiros são divididos em grupos de acordo com o comportamento de suas flores: Grupo A: nesse grupo, a parte feminina das flores do abacateiro se abre pela manhã (para receber o pólen), enquanto as anteras (extremidade da parte masculina da flor, que libera o pólen) estão fechadas. Grupo B: aqui, a parte feminina abre por volta do meio dia e fecha-se à tarde, enquanto a liberação do pólen ocorre pela manhã. Por esses motivos, se você tiver uma plantação de abacateiros apenas do tipo A, a polinização não ocorrerá porque as flores possuem um horário de fecundação diferente da liberação de pólen. Pensando nisso, a plantação deve ser feita intercalando abacateiros do tipo A com outros do tipo B, de forma que a liberação de pólen de um coincida com o horário de recepção do outro. Disponível em: <https://doiscunhados.com.br/abacateiro-sem-frutos-como-resolver/>

mas suas folhas verdes e aromáticas compartilhadas com vizinhos eram como abraços de boas-vindas em cada novo lar. A bergamoteira, obrigada a assumir uma natureza errante, era transplantada de lugar a cada forçosa mudança, ainda que no mesmo terreno, por necessidade de edificar no local onde estava uma área ou um novo quarto ou “puxadinho”, como se entendesse as necessidades de cada recomeço. Somente nos últimos anos e nos meses mais frios, pouco antes de seus troncos secarem por definitivo, ganhamos galhadas carregadas de frutas doces, como a prenunciar a despedida, nos fazendo conscientes do necessário fechamento do ciclo da vida.

No centro do pátio da “casa do estadual”, assim chamada por estar muito próxima da maior escola estadual da cidade, localizada na vila IAPC (Instituto de Assistência Previdenciária dos Comerciários), no entorno da Praça Marechal Rondon, um alto e frondoso cinamomo que por muitos anos sombreou e amparou os varais de roupas. Das suas raízes expostas surgiam fazendinhas, casas ou garagens como edificações próprias do imaginário infantil. Antes de ser eliminada definitivamente, a grande árvore ainda foi cortada, dela restando pouco mais de metro de altura, transformada em base de mesa que fora muito utilizada nas reuniões e almoços nos finais de semana.

Esses guardados da minha lembrança dão destaque à flora do Bioma Pampa como uma conexão viva entre passado e presente, entrelaçando memórias de criança com tradições familiares. Essas plantas e árvores, fronteiras entre natureza e cultura, testemunham a transformação de espaços e histórias, mantendo a essência da interação familiar através das gerações.

Fazer a construção de texto narrativo de imagens e representações memoriais dentro de um recorte temporal determinado como inicialmente proposto, se mostra impossível, como nos foi apresentado por Bergson na relação corpo e imagem. Nesse sentido, faz-se necessário entender por que nossa memória opera e como nosso passado pode adquirir diferentes compreensões e interpretações. Constituímo-nos como um fronteiroço, e há uma tendência natural de somente lançarmos luz ou pintar aquilo que entendemos da nossa imagem, sob a perspectiva positiva do que tencionamos divulgar. Foi difícil o exercício de cruzar as informações sobre si, com definições ou conceitos do campo memorial.

Inicialmente pontuei os posicionamentos de dois filósofos contemporâneos: Bergson, com seus estudos relativos ao tempo e à duração da memória, e Halbwachs,

quando exploramos a sua busca por entender a constituição da memória em nós. Bergson entende que nosso passado sobrevive como um todo e pela percepção vai possibilitando que eu o reconheça no presente. Esta visão, no mínimo, propicia dar vazão à linha metafísica de Bergson. Questionava como a memória opera, qual papel da imagem, do corpo, do espírito metafísico, quando ele diz que nosso passado sobrevive como um todo em um lugar da memória pura em nosso subconsciente.

Enquanto escrevia, fui remetido a uma importante afirmação de Halbwachs (2004): “o passado age sobre nós sob forma de imagens” e ainda costura com a ideia de Paul Ricoeur (2007, p. 424) quanto ao reconhecimento da memória feliz, relacionando com a matriz neuronal ativada por algo que funciona feito gatilho de memória. Para esta escrita foram muitos os gatilhos internalizados.

A necessidade formal desta pesquisa, de certa maneira, permitiu uma utilidade para algumas das minhas memórias, o que veio corroborar com Bergson, quanto ao não existir história no passado “conservada”. Esquecemos porque não há utilidade no presente e trazemos à memória quando a ocasião se faz necessária. Mas para este mesmo estudo que escrevo, necessitei encontrar, visitar, conversar, e de certa maneira interagir com outros do meu entorno familiar e social. Neste ponto, ficou claro quando o sociólogo Halbwachs afirma que: na verdade eu não tenho passado, tenho representações do passado evocadas e, dependendo do lugar onde estamos, com quem estamos. Percebo que, quando recorri a outros, estava montando meus quadros sociais de memória, minhas referências em uma interação social. O que vem contrapor-se à ideia relativa aos sonhos de Bergson (sem interação com o outro). Nos completamos com a memória do outro, vamos construindo determinadas representações do passado que vão mudando conforme meu lugar no presente.

Concluo retomando uma memória coletiva carregada de representações e imagens que resume e diz muito de mim e da minha construção memorial. O encontro de três gerações: eu (neto), meu pai e meu avô, no mesmo evento e espaço – um estádio de futebol para assistir a um jogo. Esse momento em que me encontrei com meu pai e meu avô em um estádio de futebol para assistir a um jogo é de extrema importância para mim, representa não apenas um evento isolado, mas uma conexão profunda com minha história familiar e minhas memórias coletivas. Estar ao lado do meu pai e do meu avô nesse ambiente carregado de emoção e energia é uma experiência que ressoa com as tradições que foram transmitidas ao longo das

gerações. É como se estivéssemos compartilhando não apenas um jogo de futebol, mas também um legado cultural e emocional que nos une como família.

O estádio de futebol se torna mais do que apenas um cenário, é um símbolo vivo das nossas raízes e valores compartilhados. Nele, experimentamos não apenas a adrenalina do esporte, mas também um senso de pertencimento a uma comunidade maior, que se estende além das fronteiras familiares. Esse encontro entre três gerações também ressalta a passagem do tempo e a continuidade da vida, é um lembrete poderoso da importância da transmissão de conhecimento e experiências ao longo das gerações, mostrando como estou inserido em uma linha temporal que se estende para além de mim mesmo. Mais do que isso, esse momento cerca uma série de emoções compartilhadas entre mim, meu pai e meu avô. É um ponto de convergência entre o passado, o presente e o futuro, no qual nossas memórias individuais se entrelaçam com as memórias coletivas, formando um tecido rico de identidade e pertencimento. Essa memória, portanto, não apenas diz muito sobre mim, mas também reflete as influências e conexões que moldaram minha jornada pessoal. É uma lembrança que guardo com carinho, pois representa não apenas um evento singular, mas um momento de profundo significado e conexão com minha família e minha história.

3.5 Pelos sentidos identitários fronteiriços

Rivera e Santana compõem uma paisagem natural típica da região pampeana com extensas pradarias, são duas cidades muito coesas e homogêneas até mesmo pela inexistência de rios ou córregos entre elas. Sua história reflete o resultado de longas disputas de interesses econômicos e territoriais, de formas de poder e de sobrevivência.

A geografia da região se vê caprichosamente forçada a uma convivência com delimitações territoriais resultantes de disposições e constantes movimentos exógenos. Alinhada com a geometria, elas emprestam suas formas e arestas superiores de cada elevação para servirem de referência pluviométrica utilizada para definir as posses territoriais. Conhecidos simplesmente como “marcos da fronteira”, eles formam uma linha de referência já inserida na paisagem.

Com função pragmática, os marcos foram materializados e hoje tornaram-se um conjunto de monumentos de patrimônio binacional. Geralmente sua estrutura

possui pouco mais de três metros de altura em forma de pirâmide de base quadrada; cada um é numerado e recebe também uma identificação com o nome do país gravado na face ou lado correspondente (Pucci, 2010, p. 27). Eles se mostram em pontuados alinhavos e chuleios formando segmentos em que, do ponto de um, logo se avista o seguinte, cravejando o bioma pampa uruguaio/brasileiro em uma sequência instigante que provoca nossa imaginação.

Se na dinâmica e lógica do cotidiano, olvidamos de qualquer diferença de convívio, esses marcadores parecem gritar no sentido contrário. Somos então sugestionados a criar linhas e traçados, até figuras “imaginárias”, porém dotadas de forte capacidade impositiva para rememorar a divisão e avivar disputas de diferenças. Isso se dá porque tais marcos estão dispostos de forma a nos lembrar da sua intencional função delimitadora dentro do nosso cenário em pesquisa.

Como marcadores, os monumentos são posições deliberadas, simbolicamente para se impor e gritar, encravados sobre coxilhas, entre córregos, campos ou mesmo nas entranhas urbanas de Santana do Livramento e Rivera. Da concretude simbólica de cada marco, intrinsecamente ecoam saberes, indiretamente manifestam-se poderes, representam-se interesses de quem não convive objetivamente neste chão.

Tais marcos perpassam cercas, estradas, campos, parques, praças e outros espaços públicos determinando um sentido e sentimento por onde possam circular pessoas. Para Le Goff (2013), esses documentos-monumentos, “Antes de tudo são o resultado de uma montagem ciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que a produziram”, representam e influenciam não só o passado, “mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado ainda que pelo silêncio”.

Sobre os interlocutores que responderam ao questionário A (APÊNDICE 1), registra-se que eles foram selecionados a partir de sua potencial percepção acerca de questões relacionadas ao seu território, sua identidade, seu sentido de pertencimento social e cultural. Essa importante tarefa para ambos, entrevistador e entrevistado, de imediato acionou os gatilhos, redimensionando nossos sentidos nos tempos memoriais. Ficou nítido que esta provocação nos presenteava com a possibilidade do exercício que resgata, que lembra, que acorda e que revive memórias sobre momentos significativos que nos definem.

Dentro do universo de entrevistados foram variadas as idades, o grau de escolaridade, profissões e ocupações. Muitos manifestaram certa desconfiança inicial

com a proposta porque nunca responderam a nenhum tipo de questionário. Em geral, quando o convite ocorria, respondemos e explicamos mais em detalhes sobre nossos objetivos do que o entrevistado sobre as questões. Este processo garantiu maior confiança e entrega sobre cada resposta e a efetiva conclusão de cada questionário.

3.5.1 Identidades pela vivência

Sobre o viver em Livramento e Rivera, destaca-se que pessoas de maior faixa etária possuem a experiência de em algum momento terem morado e trabalhado em outras cidades motivados pela falta de oportunidades de emprego e qualidade de vida. No geral, quando isso ocorre, vão para cidades vizinhas das grandes metrópoles: Montevideu e Porto Alegre. Mesmo assim, fazem esforços para retornar para a fronteira, como cita de maneira enfática o senhor MDLS, 56 anos, trabalhador rural: “... no hay como tu te vires longe dos teus por aí. Tu até fazes algum troco, pero, capital prá respirar..., não aparece. Tu sempre ‘vives’ apertado. Tu gastas tudo que ganhas com coisa que nem está esperando, e toda hora...” Aqui se percebe como as relações fronteiriças entrelaçam-se com as pessoais, familiares, e de cultura local, de forma que, apesar dos trânsitos que atravessam a vida dos moradores locais serem muitos, há sempre um senso de estabilidade e de pertença que os diferencia dos convívios vivenciados em outras áreas de grande trânsito e de intensas fronteiras, como é o convívio nas grandes capitais. Estas outras localidades não trazem em si os mesmos afetos e pertenças que se colocam como cruciais na constituição do sujeito fronteiriço em questão.

Com 47 anos, dona FGS trabalhou mais de oito anos como doméstica em Montevideo e diz: “A gente se aborrece, claro, às vezes tu te vê *solita*. Fazer o quê? Com ‘precisão’ nenhum vizinho ou conhecido pra ti te ‘rebusca’ nem com uma cevadura de erva, não, não mesmo”. A história e a experiência de vida da nossa interlocutora revelam sentir-se solitária, enfrentar momentos de isolamento ou mesmo faltar companhia em sua vida cotidiana. A expressão “Fazer o quê?” sugere resignação e aceitação com suas limitações sociais. Além disso, menciona a falta de vizinhos ou conhecidos para ajudá-la ou mesmo para compartilhar momentos, ainda que ela não tenha uma rede de suporte social ou familiar próxima. Também através desta frase, a senhora FGS transparece que não tem acesso a recursos básicos, mencionando especificamente a falta de “uma cevadura de erva” (erva-mate) para se rebuscar (lidar, enfrentar) com a situação, evidenciando que ela está enfrentando

dificuldades financeiras ou escassez de recursos. Esses são pontos que nos dão uma visão sobre a vida e as circunstâncias da interlocutora, evidenciando os desafios e dificuldades que ela enfrenta.

Para muitos, essa volta ou mesmo a decisão de não sair vêm na mescla de imaginação e saudade. O senhor IGD foi um comerciante. Hoje tem 64 anos, se desfez do que tinha construído e foi seduzido a empreender com material de construção, mudou-se para a casa da filha na cidade de Montenegro, mas logo se arrependeu: “...quando tu te dás conta, tu te lembrás das coisa que tu tinhas e estás longe, perdendo. Tu nem dorme pensando, é o teu canto, né... Eu me lembrava do meu ‘bolicho’²⁵ na Linha, bem ‘surtidinho’!”

Todos referem ser a fronteira boa de morar, porém muitas pessoas precisam sair atrás de oportunidades de trabalho e emprego. Mesmo distantes da sua origem, os entrevistados mobilizaram sentimentos, com imagens do passado, filtrando e optando pelas positivas, revisitando e remontando à própria memória. Apesar de terem optado por se mudar, em alguma fase da vida, para outras cidades, no geral grandes centros, caracterizados por heterogeneidades e intensos trânsitos, portanto, lugares também fronteiriços, dentro de suas próprias especificidades, percebe-se como as vivências de fronteira na região alvo do estudo se constituem por meio de laços identitários e afetivos que constituem, para seus moradores, lugares dotados de estabilidade memorial, de vivências patrimoniais, e de reconhecimento identitário, o que não se percebe em outros contextos fronteiriços.

3.5.2 Por digitais identitárias

Ao longo da vida, fluímos e nos adaptamos a novas informações e experiências, moldando uma identidade em constante transformação (Hall, 2066). Não nos fixamos em uma única ideia, mas abraçamos uma abordagem fluida e dinâmica para o desenvolvimento de quem somos. Em vez de assimilar características fixas, exploramos diferentes possibilidades e perspectivas. Nosso senso de pertencimento não é determinado apenas pela origem, mas pela conexão e por relacionamentos significativos que estabelecemos. Essa abordagem flexível,

²⁵ “bolicho” – era ao mesmo tempo bar, venda e tenda, local onde não só o comércio era realizado, mas era um verdadeiro centro de encontros, conversas, apostas e desavenças, até as lojas constituírem-se legalmente, que podem ser bazar, armazém, secos e molhados, empório, magazines etc. Disponível em <https://pelotas.ufpel.edu.br/glossario.html#:~:text=BOLICHO%2C%20s.,Bodega>.

inspirada pela teoria de poder de Michel Foucault (2004, p. 34), capacita a construir uma identidade adaptável às mudanças ao longo da vida.

Quando fizemos a questão “Você se considera totalmente brasileiro, brasileiro e uruguaio, ou totalmente uruguaio. Por quê?” (ANEXO 1), sendo os entrevistados moradores de três localidades, linha de fronteira central, zonas periféricas de Santana e de Rivera, percebemos um equilíbrio do percentual de entrevistados que se assumem como pertencentes às três designações identitárias propostas. Praticamente um terço, do universo de setenta e dois entrevistados, vê-se totalmente brasileiro, um terço totalmente uruguaio e o terço final brasileiro e uruguaio.

Ficou evidenciado que de acordo com a simetria de distância em relação à linha de fronteira (centro das duas cidades) é que se dá a maior ou menor consideração dos entrevistados com sua nacionalidade (brasileira ou uruguaia). O funcionário público da Intendência de Rivera, JEM, de 29 anos, se diz totalmente uruguaio porque não pode desfrutar das compras das lojas chiques do free shop, mesmo que tenha dinheiro para pagar. Isso é um privilégio dos brasileiros. Mostrando certa insatisfação, o pedreiro PRRD 32, da periferia de Santana, fala com tom de revolta por não ter tempo nem meio de transporte acessível que permita deslocar-se com sua família para o centro da cidade para passear e ver alguma coisa, sente-se um brasileiro indignado.

Comerciantes ambulantes, com dezessete anos com banca no camelódromo²⁶ riverense e outra no santanense, o casal RCTM de 32 anos e seu esposo FSA de 46 anos se dizem do mundo, morando e trabalhando na “Linha”. Moram em um bairro distante de Rivera, e ainda assim se sentem dos dois países. Falam que quando o vento não está bom de um lado o outro compensa, e assim eles vão sempre conseguindo conquistar algumas coisinhas e até já trocaram a camioneta.

²⁶ Um camelódromo é um espaço ou local específico, geralmente uma área comercial, onde vendedores ambulantes ou pequenos comerciantes se reúnem para vender uma variedade de produtos. Geralmente, os camelódromos são compostos por barracas, quiosques ou pequenas lojas agrupadas em uma área designada. Os camelódromos são comuns em muitas cidades ao redor do mundo e são frequentemente encontrados em áreas de grande movimentação, como centros urbanos, estações de transporte público ou áreas turísticas. Eles oferecem uma ampla variedade de produtos, como roupas, acessórios, eletrônicos, artigos domésticos, alimentos e outros itens diversos. Geralmente oferecem preços mais acessíveis em relação às lojas convencionais. É importante observar a qualidade e a confiança dos produtos. Algumas obras relacionadas ao tema camelódromo: SILVA, CAC & Lima, JF (2015). O Camelódromo como espaço público urbano: Apropriações, conflitos e resistências. Revista Iberoamericana de estudos Urbanos e Regionais, 8(1),28-46. CARRIZO, AE, & González, AC (2017). Camelódromos e comerciantes ambulantes: análise das dinâmicas urbanas na cidade de Buenos Aires. Estudios Sociales, 51,173-192.

Percebe-se, assim, que a fronteira parece ser a mesma, mas em espaços que exigem certo tatear e impressões diferentes. A pertença e a identidade encontram aqui uma relação direta com o direito ao uso da cidade. Os entrevistados relacionam diretamente sua sobrevivência material, sua capacidade de agir economicamente, de vivenciar a cidade, de dela extrair oportunidades de presente e de futuro, a essa pertença identitária que se associa, em termos discursivos, ao nascimento em um Estado-Nação. Para esses cidadãos fronteiriços, a Nação é um princípio em aberto e a sua pertença é dada na medida da capacidade de cada Estado em prover as pessoas do sentido de proteção e de direito a uma existência digna, de que se diz que a Nação providencia aos seus membros.

É interessante pensar na fronteira não apenas como um limite geográfico, mas também como um espaço simbólico que influencia nossa identidade e o pertencimento. Concordo que a pertença e a identidade estão intimamente ligadas ao direito de usufruir da cidade e das oportunidades que ela oferece. Para mim, como alguém que vive nesse limiar entre diferentes culturas e perspectivas, a ideia de pertencer a uma Nação é fluida e dinâmica. Sinto que minha identidade é moldada tanto pelas fronteiras físicas quanto pelas fronteiras conceituais que atravesso todos os dias. Enxergo a Nação não apenas como um espaço delimitado por fronteiras políticas, mas como uma comunidade de pessoas unidas por valores e ideais compartilhadas. No entanto, acredito que o papel do Estado vai além de apenas prover proteção e garantir uma existência digna; ele também deve promover a inclusão e a diversidade, reconhecendo as múltiplas identidades que coexistem dentro de seus limites. Portanto, concordo com a ideia de que a pertença é determinada pela capacidade do Estado em garantir direitos e oportunidades, mas também acredito na importância de uma visão mais inclusiva e flexível da identidade nacional.

3.5.3 Identidades olfativas

Odores e aromas invadem os espaços e são levados para lugares que independem da nossa vontade ou desejo. Ao exalarmos determinado cheiro ou fragrância, estabelecemos ligações internas e externas instantaneamente, que atuam como alimentos de vida e energia na relação do ambiente com o corpo.

Essa conexão entre cheiros e lembranças é conhecida como “efeito Proust” em referência a uma famosa cena da obra “Em Busca do Tempo Perdido”, escrita por Marcel Proust (1913). O autor descreve como certos odores podem invadir os espaços

de forma involuntária, despertando conexões emocionais e sensoriais em nossa mente:

Eram desses quartos da província que- assim como em certas regiões há porções inteiras do ar e do mar iluminadas ou perfumadas por miríades de protozoários que não vemos nos encantam com mil aromas que neles exalam as virtudes, a sabedoria, os hábitos, toda uma vida secreta, invisível, superabundante e moral que a atmosfera ali mantém em suspensão; aromas naturais ainda, é certo, e cor do tempo como os do campo vizinho, mas já caseiros, humanos e encerrados (Proust, 1913, p. 29).

Essas ligações podem ocorrer tanto internamente, influenciando nosso estado de espírito, quanto externamente, afetando a maneira como percebemos o ambiente ao nosso redor. Quando as questões pesquisadas tratam do ser ou pertencer a um país e a sensação de encontrar-se em outro, causa curiosidade ou mesmo ares de brincadeira. Geralmente esse é o tom das respostas de pessoas em trânsito pela fronteira.

Ao ser perguntado “Quando tu estás em Rivera ou em outra cidade uruguaia, tu sentes que estás em casa, por quê?”, a resposta de uma turista da serra gaúcha que recorre à nossa fronteira para compras nas lojas de free shop, transparece certa leveza e descompromisso. LKJN, de 41 anos, profissional liberal, junto a sua família, faz questão de lembrar a todos, logo ao descer do ônibus, “há um perfume próprio aqui”, ainda que eles estivessem entre dois países e cruzando uma fronteira política. Marcando essa experiência, ela faz questão de registrar a tradicional foto com um pé de cada lado da linha de fronteira, exibindo suas compras junto ao obelisco do Parque Internacional.

Mas para as pessoas que vivem na região de fronteira, esse trânsito não se dá a partir de uma percepção tão clara de fronteira, nem tampouco se apresenta como a celebração de uma experiência peculiar e festiva. Para os habitantes da região, as vivências fronteiriças se apresentam a partir de interações profundas entre culturas, que se manifestam a partir de múltiplos afetos, constituindo experiências positivas e vivências negativas, a depender dos contextos envolvidos.

A compreensão das falas e pronúncias próprias de cada país, nos idiomas espanhol e português, percebe-se mais assimilável conforme há maior proximidade das pessoas que vivenciam a experiência de viajar entre países, com a zona de contato propriamente vivenciada na linha de fronteira. Fruto desse contato com o tempo, surgiu uma variante linguística, “o portunhol”, que tem ganhado espaço entre os estudos acadêmicos e políticos de ambos países. Cresce a campanha pelo

reconhecimento do portunhol como um patrimônio cultural imaterial pela Unesco (Abrantes, 2018, p.100). Porém, há posturas de discriminação e de preconceito com as pessoas que vivem o portunhol, situação verificada dos dois lados da fronteira. Geralmente associam o seu uso à linguagem praticada pelos pobres e que não está sujeita ao padrão hegemônico.

Poucas pessoas não possuem algum grau de parentesco ou familiares próximos vivendo e trabalhando do outro lado da fronteira. Dona VFTR, de 74 anos, viúva e jubilada, hoje tem dois filhos que trabalham em Santana, mas suas netas estudam em escolas do lado uruguaio. Lembra que muitas vezes no mesmo ano participa de reuniões e festas de família em lados diferentes da fronteira. Ela calcula que, juntando parentes (filhos e netos) ainda aqui, somam cerca de vinte e cinco, inclusive bebês.

O olfato nos move sem nos deslocar, lembramos de lugares e momentos. O senhor TTD, de 49 anos, lembra que: “posso estar tanto em Rivera ou em Santana, que já me sinto bem”. Diz conhecer todas essas ruas desde guri,

[...] eu juntava esterco de cavalo para a horta. Trabalhei em muitas *calecitas* montadas na linha (férica). Vendia bergamota enquanto passeava na avenida Agraciada. Sentia a diferença entre o cheiro dos queijos. Isso tudo é inconfundível e não tem preço. Estamos na fronteira da paz, é isso o que importa.

Aqui, percebe-se como a relação de pertença se enraíza na vivência do lugar, ao reconhecer os cheiros se relaciona a compreender o outro e fazer-se compreender em um contexto fronteiriço. Os cheiros são múltiplos e remetem a múltiplas memórias, a múltiplas experiências adquiridas ao longo da vida, aos afetos a elas associadas. Os cheiros fazem o sujeito viajar entre fronteiras memoriais, no tempo/espço dos múltiplos afetos que constituem as identidades dos sujeitos. A língua, com suas múltiplas referências, também enraíza o sujeito em suas múltiplas referências familiares, de formação, de vivências: vai buscar, em cada léxico, a melhor forma de nomear os afetos, ao passo que todas as vezes em que as palavras são buscadas, com elas emergem as memórias e as pertenças, as identidades e as vivências, que fazem com que o sujeito se situe nesse entrelugar dotado de sentido próprio, de reconhecimento.

Ainda que determinada marca linguística seja encarada como o signo da exclusão socioeconômica, ainda assim, é a partir dela que o sujeito se reconhece na sua completude, que ele compreende estar muito para além desses estigmas sociais.

Assim também os cheiros do campo, das ruas, dos produtos rurais, remetem a memórias que podem ser menos valorizadas em um ambiente cada vez mais dominado pelas referências de uma sociedade de consumo. Ainda assim, são elas que posicionam o sujeito, a partir de suas memórias, nesse lugar fronteiro que o constitui.

3.5.4 Identidade-degustação

O gosto por determinado alimento é pessoal e diretamente associado aos afetos individuais vividos por cada um. Um alimento pode nos associar a lembranças e momentos dessas vivências. A fronteira nos oferece um conjunto de sabores próprios vinculado às características que a região possui.

Para reuniões de família, o senhor CRG de 62 anos e sua esposa, a senhora GBLM de 64 anos, ambos aposentados, costumam encomendar a manta de charque de ovino da carniceria Marco VIII, que “tem uma gordura mais grossa que frita dá um sabor especial misturada à cebola”. “Parece coisa simples, mas minha mãe preparava assim”, diz GBLM, “eu ensinei minha filha e no fim de ano eles vêm com o genro e netos pra gente se reunir e saborear”.

O sabor favorito tanto para o doce quanto para o salgado acontece segundo o lugar especial que ele é capaz de nos levar. Escolhemos livremente nossas fronteiras no paladar para agradar a alma. São associações e experiências que Proust (1913) distingue, em saborearmos um alimento com a evocação de lembranças e emoções profundas.

E logo, maquinalmente, acabrunhado pelo dia tristonho e a perspectiva de um dia seguinte igualmente sombrio, levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de *madeleine*. Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim (Proust, 1913, p. 27-28).

Aqui novamente os trânsitos levam a um léxico, a um menu, a um conjunto de sabores que se constituem de escolhas que se dão entre as fronteiras. As escolhas relacionam-se a memórias familiares e a pertencas culturais que selecionam, sem as amarras políticas dos limites territoriais, seus próprios territórios de sabores, suas receitas compostas por ingredientes dos dois países, que se constituem como o lugar das pertencas de sujeitos que se enxergam e que compõem receitas e memórias, para além de lógicas artificiais de Estado. O melhor charque e os melhores temperos podem vir de lugares diferentes da fronteira, mas juntos constituem uma experiência

única de paladar, de memória e de afetos, que representam o sujeito fronteiriço nesse lugar próprio de pertença que o caracteriza.

3.5.5 Identidade auditiva

Ficamos alertas sobre coisas que nos rodeiam; mesclas de falas nem sempre audíveis, ou simplesmente entrecortadas quando um aviso é dado, ou, por outro lado, quando uma “charla” sobre nada importante se diz. Eles dizem que o fronteiriço costuma falar gritando, mas nós aqui nem “notemo”, só “falemo”²⁷. Literalmente, há algumas décadas, os veículos se utilizavam de duas placas para circularem na fronteira livremente, depois, devido aos acordos do Mercosul, foi caindo em desuso e essa expressão relacionada à livre circulação, *doble chapa*, ficou associada à identidade do local.

Muitos cidadãos brasileiros, com a intenção de garantir direitos sociais e trabalhistas no Brasil e no Uruguai, faziam o RG no Brasil e a Cédula de Identidade no Uruguai. Era o cidadão que assumia a mesma designação, ou seja, *doble chapa*. Atualmente tratados entre os dois países garantem a identidade e direitos fronteiriços a todos os residentes nestas regiões.

A expressão *doble chapa* transcende significados. Para a “senhorita” CLF de 31 anos (pediu essa distinção de tratamento porque é solteira), comerciária em Rivera, “o que importa por ser *doble chapa* é não ter nenhum receio quando te param e pedem documentação da moto e os teus. É sempre tranquilo mostrar às autoridades de trânsito e policial e também, nos hospitais de Santana e de Rivera, tu é bem atendido”.

Nós, fronteiriços, ouvimos e sentimos que: “*doble chapa es una expresión que suena diferente*”, como um som poderoso e infinito. Esse som é a celebração da transitoriedade, das identidades que se (re)constroem entre duplos documentos, atestados, reconhecimentos, caminhos, entre ambos os lados das fronteiras geográficas e culturais. Ser duplamente reconhecido significa identificar-se com diferentes exigências legais e administrativas de diferentes Estados e, ao mesmo tempo, reconhecer-se a partir dessa posição de trânsito. É ser uruguaio, brasileiro e também algo de intermédio, como na célebre frase de Mário de Sá Carneiro (apud Pontes, 2014, p.130): “Eu não sou eu nem o outro/Sou qualquer coisa de intermédio”. Ele expressa uma sensação de indeterminação e ambiguidade em relação a sua

²⁷ “Falemo” – Autores que abordam sobre a forma de falar na região: ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. Nos Falemo Brasileiro. Dialectos portugueses del Uruguay. Montevideo: Amesur, 1987.

identidade, ele se vê como algo intermediário entre si mesmo e o outro, sugerindo a falta de uma identidade fixa.

Da mesma forma, os *doble chapas* da fronteira Rivera-Livramento são pessoas que possuem dupla cidadania e têm a capacidade de viver e trabalhar em ambos os países. Eles são, de certa forma, uma espécie de intermédio entre as duas nações, transitando e vivendo em ambos os lados da fronteira. Portanto, podemos relacionar a ideia de ser “algo de intermédio” do poema de Sá-Carneiro com a condição dos *doble chapas* da fronteira Rivera-Livramento, que também se encontram nessa posição intermediária entre duas identidades nacionais.

O motivo do duplo e da dilatação das fronteiras do eu é um tema recorrente em diversos tipos de textos, nos quais se explora a dualidade, a multiplicidade e a expansão da identidade humana. Neste sentido, Bento (2013, p. 73), ao refletir sobre Santana do Livramento e Rivera, afirma que: “constituem uma espécie de terceiro Estado, muito mais de fato do que de direito”. Como consequência, “Os cidadãos que nascem e vivem neste caldo cultural binacional, em vez de um ethos nacional típico do miolo dos Estados, manifestam um ethos diferente, binacional, ethos fronteiriço de fronteira integrada”.

Trata-se de um quase Estado, peculiar, de dois Estados distintos, entre dois estados distintos, integrados aos seus dois Estados de partida, Brasil e Uruguai, e com uma população maior do que a população do menor Estado do mundo, o Estado do Vaticano (Bento, 2013 p. 73).

Sobre a identidade fronteiriça referida por Bento (2013), ele é afirmativo e direto ao dizer que ela: “contém, no mesmo ser, dois seres”. Assim, percebemos a convergência entre o “algo de intermédio” na licença poética de Sá-Carneiro e “os dois seres em um só” trazidos por Bento, uma forma lúdica e alegórica, mas extremamente representativa da fronteira, reside na figura da “casa-família” no desenho destas duas cidades.

Os fronteiriços gerados ao longo de décadas nesta comunidade binacional vivem desde o nascimento entre culturas que são constitutivas da sua cultura, fronteiriça. Nasce-se numa casa-família com janelas abertas para o Brasil e para o Uruguai (Bento, 2013, p.73).

Outro jogo lúdico com a representação do duplo está na dimensão de uma expressão corrente oral e popular, quando o diálogo ganha recheio representativo do fronteiriço: “*yo soy Doble Chapa*”, e se transfigura nessa expressão; dois seres em um só, o eu, o outro, e o intermédio. A forma como essa expressão é vocalizada e

interpretada enfatiza a linguagem oral, com a intencionalidade auditiva na transmissão do significado dessa dualidade.

3.5.6 As fronteiras em mim ou o eu fronteiriço: os territórios que atravesso e as identidades que me atravessam

Neste capítulo abordam-se as identidades fronteiriças entre as cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), na região pampeana. Essas cidades são coesas e homogêneas, e a inexistência de rios ou córregos entre elas contribui para essa coesão. A história da região reflete disputas de interesses econômicos e de poder.

A geografia da região é influenciada por delimitações territoriais resultantes de movimentos externos. Os marcos da fronteira são monumentos que delimitam a linha de fronteira entre os dois países e se tornaram pontos de referência na paisagem. Esses marcos têm uma função pragmática, mas também carregam significados simbólicos, representando interesses e poderes.

Então, passo ao meu olhar sob o ângulo e análise da alegoria do Cerro do Marco. Os entrevistados neste estudo foram selecionados por sua percepção acerca de questões relacionadas a território, identidade e senso de pertencimento social e cultural. As entrevistas revelaram a importância da memória e das experiências vividas na construção das identidades fronteiriças. Muitos entrevistados expressaram o desejo de retornar à fronteira, mesmo depois de terem morado em outras cidades.

As entrevistas também mostraram as dificuldades enfrentadas pelos moradores da região, como a falta de oportunidades de emprego e a necessidade de se deslocar para outras cidades em busca de trabalho. Alguns entrevistados expressaram frustração com as desigualdades entre os dois lados da fronteira, como a impossibilidade de desfrutar das compras nas lojas de free shop ou a falta de acesso ao centro da cidade.

No que diz respeito à identidade, os entrevistados apresentaram uma variedade de respostas. Alguns se identificaram como totalmente brasileiros, outros como totalmente uruguaios e outros ainda como brasileiros e uruguaios. A proximidade com a linha de fronteira influencia a percepção da identidade nacional.

Além disso, a partir deste texto abordou-se a importância dos odores e aromas na construção das identidades. Os cheiros e fragrâncias têm o poder de evocar memórias e estabelecer conexões com o ambiente. No contexto da fronteira, as

vivências são marcadas por interações entre culturas e sentimentos positivos e negativos, dependendo dos contextos envolvidos.

Em resumo, nesta dissertação destaca-se a complexidade das identidades fronteiriças entre Santana do Livramento e Rivera. Aponta-se para a importância da memória, das experiências vividas e das interações culturais na construção dessas identidades. Também se ressaltam as desigualdades e as dificuldades enfrentadas pelos moradores da região, assim como as particularidades da vivência na fronteira.

Com base na análise dos territórios que atravesso e das identidades que me atravessam, cheguei a algumas conclusões iniciais significativas. Ao explorar as fronteiras em mim ou o eu fronteiriço, ficou claro que as fronteiras são mais do que meros limites geográficos. Elas também podem ser conceituais, sociais e culturais, e têm um impacto profundo na nossa formação de identidade.

Ao atravessar territórios, seja física ou mentalmente, deparamo-nos com diferentes realidades e perspectivas, o que nos desafia a expandir nossa compreensão do mundo. Essas experiências nos obrigam a confrontar nossos próprios preconceitos e suposições, permitindo-nos desenvolver uma visão mais inclusiva e tolerante. As identidades que nos atravessam são influenciadas por uma variedade de fatores, como cultura, gênero, raça, religião e nacionalidade. Essas identidades não são fixas, mas fluidas e multifacetadas, moldadas pela interação com diferentes grupos e contextos. Ao atravessar fronteiras, somos expostos a novas formas de ser e pensar, desafiando assim nossas identidades preexistentes e possibilitando um processo de crescimento e autodescoberta.

Além disso, as fronteiras internas que enfrentamos individualmente também merecem atenção. Essas fronteiras podem ser criadas por medos, inseguranças, limitações auto impostas ou experiências passadas. Reconhecer e enfrentar essas fronteiras internas é um passo importante para o desenvolvimento pessoal e para alcançar maior integridade.

Nessa jornada de exploração das fronteiras, é essencial buscar o equilíbrio entre a preservação da própria identidade e a abertura para o outro. Ao reconhecer e respeitar as fronteiras dos outros, podemos promover a compreensão mútua e construir conexões significativas. Essas conclusões iniciais nos convidam a aprofundar nossa compreensão das fronteiras em nós mesmos e nos outros. Atravessar territórios e permitir que diferentes identidades nos atravessem nos

proporciona uma riqueza de experiências e perspectivas que enriquecem nossa jornada pessoal e coletiva.

Percebo o que me atravessa, sendo negro, com dupla cidadania (uruguaia e brasileira), quinquagenário. Nesse contexto, acumulei uma variedade de experiências e perspectivas. Esses elementos identitários são importantes para entender como sou atravessado por diferentes culturas, sociedades e contextos. Possuo laços com ambos os países, com suas respectivas culturas, línguas e tradições. Isso me traz muitos benefícios como mobilidade e a possibilidade de aproveitar oportunidades em ambos os países. No entanto, alguns desafios também foram gerados ou se apresentaram, como a necessidade de adaptação a diferentes sistemas políticos, econômicos e sociais. Vivi e acompanhei diferentes momentos históricos, testemunhando mudanças significativas na sociedade e hoje tenho uma bagagem de experiências pessoais que moldaram minha identidade. Esses aspectos influenciaram minha visão de mundo e as interações com os outros. Cada uma dessas dimensões identitárias aqui na fronteira contribuíram para moldar quem sou como indivíduo, e, nessa jornada, atravessar territórios e fronteiras geográficas, sociais e culturais certamente foi algo único e enriquecedor. É importante ressaltar que essas conclusões são preliminares e sujeitas a revisão e aprofundamentos futuros; continuaremos a explorar as fronteiras em nós mesmos e nas identidades que nos atravessam, a fim de expandir nossos conhecimentos e desenvolvimento.

3.6 Identidades inter-raciais no Brasil e no Rio Grande do Sul

O Pampa gaúcho é um dos seis biomas brasileiros, com inúmeras peculiaridades naturais e humanas formando uma riquíssima sociobiodiversidade. Esta região geográfica abrange não só o sul do Brasil, mas também o território uruguaio, paraguaio e o centro-norte argentino. Esta área em extensas superfícies terrestres envolve os países da América meridional que comungam de semelhantes pradarias naturais compostas de campos baixos e coxilhas. É nesse vasto espaço ambiental que surgiu a figura cultural de *el gaúcho platino* e o gaúcho brasileiro, ou simplesmente homem pampeano.

Até o século XIV, toda esta extensão era integrada originalmente pelos povos nativos de denominações Guaranis, Minuanos e Charruas antes de iniciar a colonização pelos europeus. Esses grupos étnicos desempenharam um papel

significativo na configuração da cultura e do ambiente local antes da chegada dos colonizadores europeus, provenientes principalmente da Espanha e de Portugal. Essa dinâmica de coexistência e posterior interação entre os povos nativos e os colonizadores europeus é um aspecto crucial para compreender como as tradições gaúchas evoluíram ao longo do tempo, eventualmente sendo reinterpretadas e racionalizadas na modernidade tardia (Luvizotto, 2010).

Cabe destaque a busca por essa compreensão histórica sobre a importância de entender a história pré-colonial do Rio Grande do Sul, reconhecendo a necessidade de uma abordagem mais abrangente e detalhada para enriquecer o conhecimento histórico da região (Schmitz, 2006). A investida dos europeus era motivada no interesse em conquistar novos territórios para explorá-los economicamente. Tão logo chegavam pelo litoral, tratavam de fazer incursões para o interior do continente, buscando por recursos naturais e minerais, alguma matéria-prima que pudessem encaminhar à sua respectiva coroa na Europa.

Desde o princípio, os ciclos econômicos seguiram em sequência: derrubada das árvores de pau-brasil, extração do ouro, plantações de canaviais e cafezais, ou mesmo retirada do látex das seringueiras. Todas essas atividades exigiam muitos homens para trabalhar, mão de obra não disponível para os europeus que chegavam. Ao se verem desprovidos de quantitativo braçal suficiente para atender seus propósitos econômicos predatórios, não hesitaram na alternativa de empreender em embates desiguais, partindo sobre a população nativa para massacrá-los e subjugá-los, apreendendo e forçando-os a trabalhar, fatos que hoje são vistos e condenados pela história como desumanos e extremamente violentos.

Porém, o domínio e a escravização de nativos também se mostravam insuficientes, ilegais e de difícil quantificação devido à sua natureza clandestina, às complexas dinâmicas de aquisição de mão de obra indígena no império do Brasil, enfatizadas pela coexistência de sistemas de trabalho, e à ilegalidade da escravização indígena e suas semelhanças com a escravidão africana em termos de coerção, remoção forçada e falta de remuneração (Dornelles, 2018). Logo recorreram a uma prática bastante habitual entre estes colonizadores europeus: o comércio e tráfico violento de homens e mulheres trazidos de inúmeras nações do continente africano. Todos eram arrancados de localizações variadas do continente, negociados e forçados a servirem ao trabalho escravo. O tráfico de negros escravizados envolvia a

captura de africanos em suas terras natais, seu transporte em condições horríveis através do Atlântico e sua venda como escravos nas colônias (Motta, 2022).

Nesta síntese cronológica vimos a relação de povos e etnias, a subsequente ocupação e colonização europeia no Brasil tendo-se povos nativos, invasores europeus e escravizados africanos. No entanto, determinar como pilares exclusivos da formação do homem pampeano somente a tríade étnica historicamente baseada nos povos originários, nos europeus e nos africanos, é uma forma retórica simplificada e genérica que invisibiliza memórias culturais, históricas e econômicas de uma pluralidade aberta de contribuições vindas de diferentes recantos do mundo e que aqui se encontram.

No tecido social, persiste como necessidade a negociação permanente do próprio pertencimento, desafiando as narrativas simplificadas de identidades culturais, daí a importância da salvaguarda da memória atlântica contemporânea, para que não seja esquecida e nem silenciada (Pereira; Santos, 2018). No Brasil, persiste o não reconhecimento da riqueza cultural que se desenvolveu na diáspora africana (Santos, 2008), havendo uma necessidade em superarmos essa dificuldade para uma compreensão mais profunda e justa desta cultura. No entender do autor, o termo “diáspora” se apresenta como uma evocação à complexidade da história e da identidade afro-brasileira. Ele ainda atribui essa falta de reconhecimento à forma como sempre fomos culturalmente educados:

Não poderia ser diferente. Fomos sempre educados a pensar em termos europeus. Em geral, mantemos a ilusão de uma nação branca, que não somos e nunca fomos. No entanto, podemos nos questionar: por que o Brasil é reconhecido no mundo como uma nação de cultura eminentemente de origem africana- negra? (Santos, 2008 p. 190)

Mesmo diante das manifestações tão intrínsecas à identidade brasileira, como o carnaval, o futebol, a capoeira, a feijoada e o samba, que representam e identificam o Brasil em todo o mundo (Santos, 2008, p. 190), a influência africana frequentemente é ignorada ou desvalorizada. Neste contexto de reflexão e questionamento, o autor explora comparações entre os processos imigratórios de europeus e africanos para lançar luz sobre essa inquietação: “Por que o Brasil é representado como negro, quando o número de imigrantes europeus que chegaram ao país é praticamente igual ao número de africanos?” (Santos, 2008, p. 190).

No caso dos europeus, foram cerca de 5 milhões, concentrados basicamente em menos de cem anos de processo imigratório, da segunda metade do século XIX

ao início do século XX. O mesmo número – cerca de 5 milhões – de africanos chegou até aqui em três séculos de deslocamento forçado. Os imigrantes europeus vieram de vários povos com línguas, religiões, costumes e culturas diferentes; os africanos escravizados também vieram de várias regiões com línguas, religiões, costumes e culturas também diferentes (Santos, 2008 p. 190).

A história dos africanos não começou no encontro com os europeus, muito menos a partir dos embarques nos navios negreiros. Ao contrário, suas histórias e culturas são tão antigas, ricas de significados e diferentes entre si como de resto toda a humanidade. Mais do que respostas, estamos interessados em questionamentos e talvez possamos encontrar alguns indícios para isso nos estudos da diáspora africana (Santos, 2008, p.191).

A diáspora africana desencadeia reflexões profundas sobre a influência dos africanos nas sociedades globais, destacando tanto a tragédia da escravidão quanto a resiliência e as contribuições culturais. Apesar das lacunas e dos desafios na reconstituição dessas histórias, a busca por compreensão através de estudos interdisciplinares revela indícios valiosos sobre identidades híbridas e culturais enriquecedoras. Enquanto respostas definitivas podem ser vagas ou obscuras, essa busca contínua ressalta a importância de confrontar opressões passadas e celebrar a diversidade, orientando-nos em direção a um futuro mais justo e inclusivo.

Sem o pressuposto da unidade e da unicidade ficamos abertos às considerações e comprovações sobre a formação do povo brasileiro e também do sul americano. As liberdades nos remetem aos alinhavos de uma colcha de *retazos* de inúmeras matizes e pelagens, que cumprem a função de baixeiros²⁸ seguros e confortáveis sob um trote suave que se exige nestas extensas planuras do Pampa.

Sobre questões raciais, o fronteiroço expressa suas convicções e seus entendimentos como decorrência de diferentes sentimentos, denotando determinismos e preconceitos dados como naturais pelo tempo e pelo espaço. Eles percorrem posições de poder, credo, humanidade, sentimentos de igualdade e de justiça. Aqui trazemos essas percepções com base em respostas e manifestações a partir da aplicação do questionário B desta pesquisa (ANEXO 2), que transita por questões raciais, calcada na etnia negra e miscigenada do próprio pesquisador.

²⁸ Baixeiro – uma espécie de manta, que pode ser de lã, de fibra ou de lã de ovelha. Esta peça serve para proteger o lombo do cavalo.

3.6.1 E lá vem a perrera!

O palco da fronteira, oficialmente estabelecida, sacramentou ações higienistas e segregadoras como pano de fundo a um eugenismo colonial que ainda hoje recrudescer. São reflexos de inúmeras situações evidenciadas desde que se iniciou o processo de urbanização e as formas de ocupação territorial, regulando ou negando determinadas etnias e classes sociais, acesso aos serviços de qualidade em saúde, educação, trabalho e demais necessidades comunitárias.

Episódio marcante e ilustrativo que nos remete a essa postura discriminatória registramos durante a aplicação do questionário B. Várias crônicas são recorrentes em bares, vendas e vilas das extremidades da zona urbana da Linha. Elas são contadas e recontadas com toques de graça ou beirando ao folclore entre as gerações. Uma em especial conta que, mal despontava na esquina dos quarteirões, mas ainda longe, aquela velha camionete barulhenta com sua encerra de grades de ferro na caçamba, que costumava recorrer às periferias duas ou mais vezes ao mês, crianças e donas de casa aterrorizadas corriam para salvar seus caninos e felinos, os menores membros da família. Era a *perrera*, veículo oficial da intendência, de onde, de quadra em quadra, desciam agentes sanitários, incumbidos de lançar e recolher todo e qualquer “cusco ou bichano” encontrado solto nas ruas. Difícil existir alguém que de um dia para o outro não tivesse dado por falta, no próprio terreiro do fundo de casa, o sumiço de um ou outro dos seus “cusquinhos”.

Qualquer “cusco” facilmente fica “aquereciado”, basta um afago, atenção ou que de regalo²⁹ receba alguma sobra de osso ou alimento. De pronto, como gratidão passa a eterno fiel e muito prestativo aos seus donos. Para o serviço de campo, “nas tropeadas ou na mangueira”, a “peonada” não dispensa um bom “guaieca”. Quando esse “peão” conclui seu serviço no campo do patrão e volta para sua casa na cidade, é justamente para a periferia humilde que os dois vêm. Daí que, por vezes, as vítimas da *perrera* eram justamente os tais “guaiecas”, companheiros do trabalhador do campo que, por sua natureza de andarilhos, não distinguem os limites das cercas que para eles faria a diferença da própria existência.

Num olhar menos atento parece irrelevante tal situação, porém saber que regiões centrais da cidade não faziam parte do roteiro da *perrera*, ou que alguns animais antes de serem encaminhados para seu destino final que nunca era revelado,

²⁹Regalo – Presente, “mimo” com o qual se brinda alguém.

eram deliberadamente separados por critérios de ordem econômica e social dos seus donos, ganhando um tempo razoável para serem resgatados, evidenciavam tratamentos diferentes segundo critérios discriminatórios mesmo diante de uma desumanidade reprovável. Esse quadro nos remete à reflexão sobre as estruturas de poder e exploração fechadas ainda durante o período colonial e que hoje têm um impacto profundo nas dinâmicas sociais, políticas e psicológicas no Brasil e em demais países do cone sul, e em outras partes do mundo colonizado. No Brasil, tais estruturas de poder colonial persistem de várias maneiras, perpetuando desigualdades e opressões históricas.

A colonialidade do poder (Restrepo; Rojas, 2010), no Brasil, contribui para a manutenção de fossos sociais, e psicológicos entre diferentes grupos, como negros, indígenas e outros subalternizados. Resultado das relações históricas de exploração e dominação que foram protegidas durante a colonização e continuaram a moldar as estruturas sociais contemporâneas. A noção de totalidade histórico-social implica que essas desigualdades e fossos não são eventos isolados, mas sim partes de um sistema interconectado. A totalidade refere-se às relações complexas entre diferentes esferas da vida social, como econômica, política, cultural e psicológica. A compreensão dessa totalidade é fundamental para abordar efetivamente as desigualdades e opressões presentes no Brasil e países vizinhos. A ideia de classificação social também é relevante nesse contexto.

A situação no Brasil envolve a formação de identidades coletivas, como grupos étnicos ou raciais (negros, indígenas), que estão relacionados às histórias de luta e resistência contra a opressão. Essas identidades são construídas em torno de questões como raça, gênero e classe, e têm raízes nas lutas históricas pelo controle do trabalho, recursos e poder. Portanto, essas análises ajudam a entender como a colonialidade do poder (Restrepo; Rojas, 2010), ao contribuir para a persistência de fossos sociais e psicológicos entre diferentes grupos, deve ocupar destaque pela importância de abordar essas questões de maneira abrangente e sistêmica para alcançar uma transformação social mais significativa e justa.

Por essa perspectiva eurocentrista, fundada na colonialidade do poder (Quijano, 2005), a burguesia senhorial latino-americana tem sido inimiga da democratização social e política como condição de nacionalização da sociedade e do Estado.

O processo de homogeneização dos membros da sociedade imaginada de uma perspectiva eurocêntrica como característica e condição dos Estados-nação modernos, foi levado a cabo nos países do Cone Sul latino-americano não por meio da descolonização das relações sociais e políticas entre os diversos componentes da população, mas pela eliminação massiva de alguns deles (índios, negros e mestiços). Ou seja, não por meio da democratização fundamental das relações sociais e políticas, mas pela exclusão de uma parte da população. Dadas essas condições originais, a democracia alcançada e o Estado-nação constituído não podiam ser afirmados e estáveis. A história política desses países, muito especialmente desde fins da década de 60 até o presente, não poderia ser explicada à margem dessas determinações. (Quijano, 2005, p. 133).

As formas coloniais de poder não se restringem ao período da colonização, mas se atualizam e são mantidas em diferentes modalidades no decorrer do tempo (Streva, 2022). Nestes termos, a “colonialidade do ser” não se limita ao período de regência portuguesa no Brasil, mas se mantém para além da independência e da abolição da escravatura. Nesse contexto, torna-se evidente como o racismo atua como uma força poderosa estrutural nas diversas ramificações da sociedade, exercendo influência não apenas no âmbito individual, mas também nas configurações mais amplas dos lugares sociais. De acordo com Madeira e Gomes (2018), à medida que nos deparamos com a ressurgência do conservadorismo, é alarmante testemunhar a reedição das desigualdades históricas legadas pelo passado colonial escravista. Essa retomada das injustiças tem resultado em profundas violações de direitos humanos, lançando sombras sobre as aspirações de equidade e respeito.

Essa reflexão sobre justiça social e humanidade, utilizando a analogia dos “cuscos”, traz à tona questões cruciais sobre exclusão e marginalização. Ao empregar essa metáfora, não se está comparando diretamente seres humanos a animais, mas sim destacando como certas comunidades enfrentam limitações injustas que restringem suas oportunidades e liberdades. A relação afetuosa e de trabalho entre humanos e animais nos convida a refletir sobre como a exclusão e a marginalização funcionam de maneira direcionada e discriminatória. Ao reconhecer essas dinâmicas, podemos buscar maneiras de promover uma sociedade mais justa e inclusiva, em que todos tenham igualdade de oportunidades e acesso a seus direitos fundamentais.

Em respostas sobre “Quando alguém deve ser considerado negro?”, temos falas e comentários entre os moradores de periferias orbitando sobre duas questões bem práticas e diretas dizendo que: somente são considerados pretos ou negros quando “tem algum dos seus progenitores negros ou ainda por terem traços

fenotípicos específicos; no caso, pele escura, cabelo crespo, nariz largo, lábios grossos etc.” A simplicidade rápida das respostas denota um vácuo estabelecido sem margem a questionamentos complementares. Esta é uma forma de atuação discursiva que inibe qualquer permissão a aprofundar razões ou pontos de vista sobre a figura ou a imagem entendida como do negro. Neste sentido, inexistem reflexos que expressem criticamente a própria imagem, em especial nas respostas e conversas com as pessoas das zonas e vilas mais periféricas que foram abordadas.

O senhor JAM de 73 anos, trabalhador rural aposentado diz: “uns nascem assim e devem se conformar com o que Deus criou”. Com essa justificativa, o senhor JAM diz que para ser considerado negro necessita ter ao menos um dos progenitores negros. Ainda discorre que: “o importante é que a pessoa deve fazer a coisa correta... Fui bem aceito pelos patrões, todos brancos nas estâncias que trabalhei”. E repete com ar de orgulho: “tive patrões que até sentavam na mesma mesa pra comer com a gente, pessoas boas [...]”.

A senhora VMS de 59 anos é empregada doméstica. Estudou até o 4º ano na campanha e, ainda jovem, veio para a cidade, indicada para ajudar/trabalhar na casa de alguns doutores, cozinhando e lavando roupas. Traz em sonora eloquência sua impressão sobre a patroa: “Todos são muito bons pra mim. Muitas vezes a dona (minha patroa) vem de carro até aqui na minha casa me levar e me trazer por uma coisa ou outra”. Fala que os avós e pais já tinham essa mesma ideia ou sentido sobre o ser negro, “[...] que assim aprenderam a respeitar e a entender todos como eles são, simples assim.”

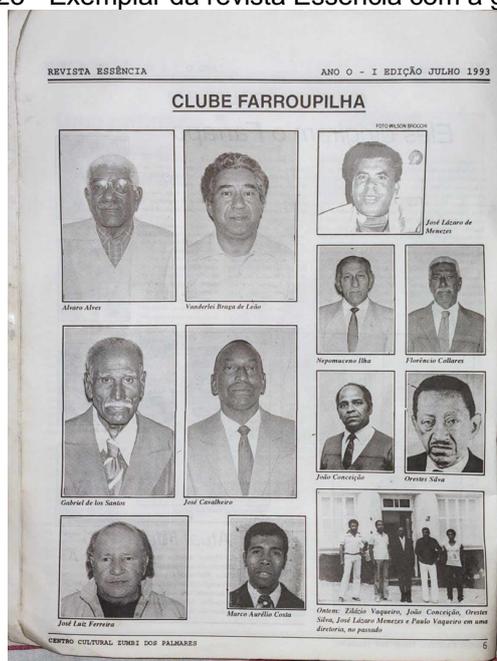
Moradores mais centrais das cidades também são bem objetivos quando discorrem que ser negro passa necessariamente por uma ancestralidade de avós ou bisavós negros. Também são negros por terem nascido e crescido dentro de uma vila ou família de maioria negros de religião africana, a terreira. Chegam a falar que, em outros tempos, os negros tinham até mais lugar para se divertirem e fazerem suas coisas. Havia até clubes exclusivos para eles. Certamente, é fundamental fornecer um contraponto esclarecedor sobre a origem dos clubes negros. Estes espaços não surgiram como uma forma de exclusivismo social por parte do Afro-gaúcho ou de qualquer outra comunidade negra, mas sim como uma resposta à exclusão e discriminação que essas comunidades enfrentavam nos clubes predominantemente brancos da época. Os clubes negros representam uma importante manifestação de resistência cultural e social, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para os

afrodescendentes expressarem sua identidade, praticarem suas tradições e se divertirem sem medo de discriminação ou exclusão.

É essencial contextualizar essa história dentro do panorama mais amplo de opressão e segregação racial que marcou a sociedade em tempos passados. Ao entendermos que os clubes negros surgiram como uma alternativa necessária para uma população que era proibida de frequentar outros espaços sociais da cidade, podemos reconhecer o papel fundamental que desempenharam na preservação da cultura e na promoção da solidariedade dentro da comunidade afrodescendente. Portanto, ao abordarmos a existência dos clubes negros, é importante destacar sua importância como locais de resistência e celebração da cultura afro-brasileira, em vez de retratá-los como formas de exclusivismo social.

Conforme Conceição (2018), a personalidade jurídica do Clube Farroupilha remonta ao dia 31 de janeiro de 1944, ocasião em que o Sr. Gabriel de Los Santos, meu avô, ocupava o cargo de presidente. O clube, carinhosamente conhecido como "o clube da raça", "o clube do povo" e "o Clube dos Negros", é tombado pelo patrimônio cultural municipal. Na Figura 23, do Centro Cultural Zumbi dos Palmares, na Revista Essência 1993, há uma lista com ex-presidentes, entre eles meu avô Gabriel de Los Santos.

Figura 23 - Exemplar da revista Essência com a galeria de presidentes do Clube Farroupilha



Fonte: Acervo de Raquel de Los Santos, julho de 1993.

A senhora ITPD, de 65 anos, afirma que “para ser negro deve ser como ela é, onde um dos avós ao menos é negro”. Descreve com nostalgia momentos em família

no clube que podia frequentar: "quando tinha reunião dançante no Farrapo ia toda a família, até com alguns brancos que entravam, se dançava; mulher branca era raro, mas tudo com muito respeito". Quanto à resposta que relaciona o fato de ser negro à condição de crescer dentro de uma comunidade quilombola ou de religião de matriz africana, há muita proximidade nesta fala apresentada pela senhora AVIM, pensionista de 64 anos, ao recordar que na sua infância frequentava com seus pais o terreiro de mãe Teta. Sobre o prestígio da mãe Teta, a senhora diz que: "vinha gente de vários lugares do Uruguai para tomar passe, se benzer ou encomendar trabalho". Conforme as palavras da entrevistada, "Mãe Teta era afamada, e ali na volta eram todos de cor e havia respeito, tudo era sagrado na nossa sessão. Com o tempo, hoje, já tem terreira em todo lado. Se pudessem funcionariam até sem tamboreiro". Dona AVIM destaca que "basicamente todos cresceram na vila em torno da Terreira e depois foram indo por aí". Na figura 24, mãe Teta é recebida pelo senhor prefeito Elifas Simas em sua posse em 1992.

Figura 24 - Mãe Teta sendo recebida pelo prefeito Elifas Simas, recém empossado no Palácio Moisés Viana



Fonte: Duda Pinto, janeiro de 1992.

A reputação e o respeito persistem até hoje, mesmo após a morte de Mãe Teta. Por várias décadas em Santana do Livramento, ela desempenhou um papel central

na propagação das religiões afro-brasileiras na região platina, destacando-se como um ponto fundamental nessas características.

Dois personagens-chave na expansão da Linha Cruzada foram pai João do Bará, originário de Porto Alegre, e mãe Teta de Oxalá, natural de Santana e discípula do primeiro, com quem foi iniciada nesse contexto. A transnacionalização foi impulsionada por suas ações, seja por meio de deslocamentos regulares ao Uruguai e à Argentina, seja pela realização de cerimônias de iniciação para numerosos adeptos uruguaios e argentinos, especialmente na Nação³⁰ (Hugarte, 1993). Este aspecto histórico continua a desenvolver-se em Santana do Livramento, onde muitos Pais de Santo contemporâneos e/ou descendentes desses pioneiros perpetuam suas práticas até os dias atuais (Hugarte, 1993). Essa dinâmica contribui significativamente para a compreensão e difusão das religiões afro-brasileiras no contexto transnacional na região platina.

O depoimento de dona AVIM aponta para a importância dessas comunidades e religiões na vida das pessoas negras. Ela destaca a valorização da sua identidade étnica, o respeito mútuo e a sacralidade presente em sua religião. No entanto, ao mencionar a expansão das terreiras e a dispersão das pessoas, também sugere transformações sociais e culturais que estão ocorrendo ao longo do tempo. Esse depoimento reforça a ideia de que as comunidades e as religiões de matriz africana desempenham um papel significativo na construção da identidade e no fortalecimento da cultura negra. Além disso, mostra a importância de preservar e valorizar essas tradições, respeitando a sacralidade e a memória coletivas associadas a elas.

Atualmente, a comunidade negra está encontrando mais facilidade em compreender e aceitar sua própria identidade afrodiáspórica. A sociedade e a legislação têm evoluído para a busca por respeito, aceitação e valorização de todos, independentemente de preconceitos ou discriminação. Por explorar o conceito de afrocentricidade, Mazama (2009) ilumina de maneira profunda a transformação contemporânea da comunidade negra.

³⁰ No contexto mencionado, "Nação" refere-se a uma tradição específica dentro das religiões afro-brasileiras, especialmente no candomblé. A Nação é uma das denominações que se referem aos diferentes ritos ou nações litúrgicas, como Ketu, Angola, Jeje, entre outras. Cada "Nação" tem suas práticas, divindades e rituais próprios, baseados nas culturas africanas de onde originaram. Nesse caso, o termo indica a linhagem espiritual e cultural transmitida por líderes religiosos, como Pai João do Bará e Mãe Teta de Oxalá, e sua influência na expansão e transnacionalização dessas tradições religiosas na fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina.

Nesse sentido, tem se tornado comum a valorização de seus corpos negros e não aceitem passivamente a injusta condição de desigualdade de oportunidades entre negros e brancos. Este processo de reafirmação da identidade, como defendido pela afrocentricidade, ressoa com a distinção dos valores e ideais africanos no cerne da vida africana, abrangendo cosmologia, estética, axiologia e epistemologia, conforme delineado por Mazama (2019, p.117), e é refletido no crescente movimento de valorização dos corpos negros.

Com base nessas premissas, passa a ser compreensível todo o entusiasmo e a satisfação com que a comerciária MAC, de 45 anos, responde à pergunta “Quando alguém deve ser considerado negro?” A entrevistada apropria-se do argumento a partir do qual ser negro se dá quando há traços fenotípicos específicos, a pele escura, o cabelo crespo, o nariz largo e lábios grossos. Sobre essas características, ela fala: “Se antes isso incomodava e nunca se entendia o porquê, hoje nossas características são orgulho total, e defendemos já nas crianças”. Ilustrando esse posicionamento, MAC, durante suas explicações, apresenta um paralelo entre os dias de hoje e seu tempo de jovem em que seguidamente retornava para casa frustrada ao se apresentar para uma entrevista de emprego mesmo em lojas da rua dos Andradas no centro de Santana. Ela conclui dizendo: “Era difícil atender o perfil exigido, uma em dez no máximo”.

O não se encaixar no perfil exigido para a época era a forma de discriminação e desigualdade de oportunidades que já afetava a vida das pessoas negras no passado e ainda é uma luta que permanece. Há um processo de afirmação e auto aceitação da comunidade negra, que valoriza suas características físicas, lutando contra a discriminação racial. Esses exemplos indicam que, em certas situações, as pessoas se conformam com as expectativas sociais e aceitam sua condição ou papel atribuído, mesmo que possa haver algum desconforto subjacente. A resignação pode surgir da necessidade de se encaixar em normas ou padrões estabelecidos, o que pode limitar a expressão plena da identidade ou o questionamento dessas normas.

Analisando o terceiro grupo de pessoas, integrado por aqueles que atuam na sociedade de forma mais direta com o tema racial e se reconhecem como pretos ou negros na fronteira, destacamos o repórter JCV de 49 anos. Pela sua percepção, muitos avanços já existem quanto ao debate sobre o negro na sociedade hoje, comparando com tempos não muito distantes. Na opinião desse interlocutor em particular, “as pessoas fazem questão de se manifestar ou de se dizer negras em

diversas oportunidades...”. Muitos assumem sua etnia, caminhando na identificação política e étnica como negra, preta, afrodiáspórica etc., em vários espaços que a mídia e os meios acadêmicos oportunizam.

Há um processo de desconstrução de inúmeros conceitos e posicionamentos, mas ainda são exceções na sociedade, e estes não possuem a penetração e influência que se desejaria para fazer frente ao preconceito e a discriminação. Para SMPL, estudante universitária, “as leis avançam, mas a sociedade se move em compasso diferente, anda mais devagar”, e complementa que “precisamos trabalhar mais e melhor a boa informação”.

A respeito da interação de três gerações da minha família com os grupos sociais de Livramento, destaco que meu avô Gabriel, motivado pelo senso de autoproteção e identificação, participou ativamente da organização formal do clube Farroupilha, onde congregava, assumindo a liderança da única agremiação representativa dos negros de Santana do Livramento desde os 40 anos. Então, meu pai Bonifácio cresceu nessa esfera de proteção e reconhecimento, integrando-se naturalmente entre os seus. Na Figura 25, tem-se a imagem da carteira do clube, na qual constam os nomes do associado Bonifácio de Los Santos e do Presidente, Gabriel de Los Santos, meu pai e meu avô, respectivamente.

Figura 25 - Carteira Social da Sociedade Recreativa Farroupilha (filho é o associado e o pai assina como presidente), 1955



Fonte: Acervo da família

Com o passar dos anos, meu pai buscou ampliar o círculo de atuação através da educação, do trabalho e da participação ativa na diretoria do sindicato de classe

dos Comerciários, sendo chefe contabilista do setor de crediário na loja Varejo Martins por muitos anos, expandindo sua diversidade de conhecidos na cidade.

Santana do Livramento sempre teve vários clubes sociais criados por alguma associação de classe ou colônias de imigrantes que vieram para cá. Até a década de 80, como estratégia de arrecadação financeira, por telefone ou por carta, mais de uma vez, ligavam para nossa casa na Marechal Rondon ou enviavam formulários de proposta de sócio para toda a família. Essa era a ação dos clubes mais movimentados da Rua dos Andradas, no centro.

Sempre que meu pai assinava e entregava pessoalmente os formulários e documentos nas secretarias dos clubes, aceitando o que havia sido proposto, o vínculo social não se concretizava, muitas vezes com explicação relacionada à cor. Não imaginavam que era uma família de negros. Muitas vezes, alegavam a necessidade de ser apresentado por um sócio mais antigo, uma forma de apadrinhamento. Apesar de meu pai ter sido prestativo com muitos já associados com serviços ou favores, para essa situação específica, padrinhos nunca apareceram, e meu pai também não os buscou.

Somente quando o convite chegou de um clube vinculado a uma instituição pública, a Brigada Militar, nossa família negra foi finalmente aceita em outra associação social, o Sargentão, como se observa pela imagem da carteira social do Clube, na Figura 26.

Figura 26 - Carteira Social do Clube vinculado a Brigada Militar na categoria civil, 1981



Fonte: Acervo de família

Essa narrativa reflete uma realidade dolorosa, e minha consciência como negro é fundamental para enfrentar essas barreiras sociais. A história de resistência e contribuição significativa do meu pai é um testemunho poderoso da força e da resiliência da comunidade negra diante da discriminação. Apesar dos desafios

persistentes, minha própria jornada e reflexão sobre essas questões mostram que estamos avançando. A mudança acontece quando reconhecemos e confrontamos as injustiças, por isso temos de compartilhar essas histórias. Cada voz que se levanta contra o preconceito e a exclusão é um passo em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva.

O relato ressalta a importância contínua do diálogo, da educação e da ação coletiva para combater o racismo estrutural. Ao reconhecer nossas próprias experiências e as experiências dos outros, podemos criar uma base mais sólida para a igualdade e a justiça racial. Juntos, podemos construir um futuro em que todos, independentemente da cor da pele, tenham oportunidades iguais e sejam valorizados por quem são.

3.6.2 Dos deslimites das Garças-vaqueiras

O parque da hidráulica é uma área verde situada no limite da fronteira e no centro de Livramento com Rivera. Contornada pelos monumentos demarcatórios, é o local que acolhe sob suas sombras de ciprestes e eucaliptos dezenas de ônibus de turistas, que chegam após um intenso deslocamento pelo turismo de comércio da região. São pessoas de vários locais do sul do Brasil que, nos finais de semana, vêm com suas listas de encomendas fazer compras nas lojas de free shop em Rivera.

Deslocamentos são necessários e alguns determinados pela própria natureza. Conforme as mudanças de tempo e o ciclo de reprodução das aves há uma rota migratória que passa anualmente pela fronteira. O parque verde da hidráulica tem sido o lugar usado pelas garças-vaqueiras³¹ durante a primavera para fazer seus ninhos e reproduzirem. São centenas delas todo ano, grasnando nos finais de tarde, acasalando, construindo ninhos e chocando ovos por três semanas.

Estas aves são nativas da África e migraram para o continente americano sendo vistas com bastante frequência aqui no Rio Grande do Sul, por serem grandes herbívoras e encontrarem, no Pampa, grandes pradarias. No campo são comedoras de insetos andando principalmente próximas ao rebanho bovino e assim ajudando o homem no controle do carrapato do gado, proporcionando um importante equilíbrio

³¹ Garça-vaqueira – é nativa do continente africano. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2021/04/07/garca-vaqueira-a-especie-de-origem-africana-que-dominou-o-territorio-brasileiro.ghtml>

natural na sanidade dos rebanhos. É justamente dessa relação que surge o seu nome: garça-vaqueira.

No entanto, hoje, com a ampliação das fronteiras de soja, eucalipto e outros cultivares por toda a pampa e conseqüentemente maior frequência de aplicação de agrotóxicos, que forçam a fuga ou diminuição das variedades da fauna do pampa, resta então para algumas espécies, em determinados meses do ano, como refúgio forçado, buscarem zonas distantes dessa ameaça e fazerem seus ninhos com alguma segurança na zona urbana onde vive o homem e onde, certamente, não há aplicação nenhuma de agrotóxicos ou venenos. Na cidade, essas aves são consideradas um transtorno, devido ao barulho, ao mau-cheiro e à acidez dos excrementos depositados no solo do parque. Essa insatisfação dos moradores da cidade com a presença delas não permite outra discussão alternativa que não seja a simples eliminação das garças. Inclusive, aventou-se soltar fumaça nos ninhos, pôr veneno na ração, promover a retirada dos ninhos e mesmo alguns cortes das árvores. Isso tudo a despeito dos estudos que já apontam que hoje as garças-vaqueiras fazem parte do Pampa e contribuem para o equilíbrio³² da nossa fauna.

Essa questão envolve homem e fauna, e nos leva a uma reflexão equilibrada e muito necessária sobre como uma sociedade lida com determinadas situações, tanto em relação ao outro quanto aos próprios interesses. Fica claro que a fuga forçada, quando encarada como única saída diante dos desafios, revela a falência de nossos sistemas sociais e políticos de proteção, e mostra a todos os cidadãos que a forma como tratamos essas situações não reflete apenas valores e prioridades como sociedade, mas também revela lacunas e falhas em nossos sistemas políticos e sociais. Isso nos convida a questionar e avaliar criticamente como as políticas e estruturas sociais estão lidando com esses desafios, e ressalta a importância de buscar soluções mais eficazes e compassivas para proteger tanto os seres humanos quanto a fauna e o meio ambiente. No entanto, encontrar equilíbrio com a natureza e evitar ações desmedidas não deve ser um luxo inacessível à presença do outro. É essencial considerar que cada indivíduo, independentemente de sua origem ou condição, merece um ambiente seguro e sustentável para viver. Diversas fronteiras,

³² O chefe do ICMBio destaca ainda que as garças-vaqueiras, no DAE, possuem uma grande importância para o bioma e ecossistema, ajudando a eliminar o carrapato nos bovinos, por exemplo. “Elas auxiliam na pecuária e também nas lavouras de arroz no combate às lagartas e outras pragas”. Disponível em: https://www.aplateia.com.br/2023/01/01/___trashed/. Acesso em: 12 de agosto de 2023

tanto no passado quanto hoje, forçaram os homens a enfrentarem essa realidade; portanto, é imperativo que pensemos na construção de sociedades que promovam o bem-estar coletivo, nas quais a fuga forçada não seja a única alternativa, mas que a solidariedade, a justiça e o respeito mútuo sejam os pilares fundamentais de nossa convivência.

Compreender essa intolerância surgida pela disputa de espaço de certa dinâmica da natureza contra o homem urbano, se faz importante a partir da reflexão sobre outras situações na fronteira. Tal reflexão é provocada aos três grupos de pesquisados ao serem questionados sobre “Quando uma pessoa tem parentes (pais, avós, bisavós, irmãos) negros e brancos, o que ela será?” Quanto a essa questão, as respostas de ser negra sempre ou branca sempre se fizeram constantes entre muitas falas incisivas registradas na periferia das cidades.

A técnica em enfermagem JBO, de 39 anos, comenta sobre sua própria condição: “Sou a única morena clara... negra mesmo, no meu trabalho”. Sobre sua rotina, ela diz: “Eu saio cedo de casa, tenho permissão pra entrar em todas as salas lá da clínica e faço as coisas certinho até tarde, deixo as salas preparadas para o outro dia novamente... tranco com a chave”. Ela termina sua explicação demonstrando sentir certo conforto com essa situação: “Volto pra casa tranquila porque cumpro com o que esperam de mim”. Pode-se considerar, assim, que a interlocutora é uma presença tolerada em determinados espaços e atividades, coroada com a resignação de quem serve e se recolhe à própria realidade.

Já no grupo pesquisado nas zonas centrais, os traços fenotípicos (físicos) ou dos laços familiares mais fortes determinam a definição de negro ou branco. No relato do casal de aposentados da Brigada Militar e magistério municipal, respectivamente, VDG, de 63 anos, e ITG, de 60 anos, o esposo diz que “tivemos três filhas que estudaram e estão trabalhando bem. Uma só solteira; as outras duas formaram famílias, mas sempre orientamos para ir crescendo, melhorando e hoje temos cinco netos e só dois mais escurinhos”. Aqui se revela uma demonstração das ideias históricas de lógica racial e política de embranquecimento. Essa abordagem de encorajar uniões inter-raciais como uma forma de “melhorar” a própria etnia está definida com a antiga política de branqueamento que buscava diluir a presença negra na sociedade.

A representação negativa da cultura negra produzida pelo branco tornou-se naturalizada pela política do branqueamento, disseminando uma busca por

aceitação por parte da população ex-escrava através do modelo brancocêntrico. (Maia; Zamora, 2018, p. 281)

A percepção de valor ligada à cor da pele e à mistura racial é determinante para a continuação da autoridade racial e do racismo estrutural. Ao longo da história, as ideias de que tons de pele mais claros são superiores (Devulsky, 2021) têm sido utilizadas para justificar hierarquias sociais e tratamento discriminatório. Essa dinâmica influencia não apenas as interações sociais, mas também se insere nas instituições e nos sistemas, criando desigualdades profundas e persistentes. Reconhecer e abordar essa percepção de valor é crucial para a luta contra o racismo e a promoção da igualdade.

O embranquecimento legitima, mais uma vez, um não-lugar para o negro na sociedade pós-abolicionista, solidificando-se no imaginário social de forma a atravessar os processos de subjetivação tanto do negro quanto do branco. (Maia; Zamora, 2018 p. 281)

A conexão entre esses trechos e o contexto anterior reforça a análise crítica sobre como as noções históricas de lógica racial e branqueamento continuam a influenciar as perspectivas e práticas contemporâneas, incluindo as abordagens interraciais e o valor atribuído à cor da pele. Isso demonstra como as ideias do passado ainda ecoam no presente, afetando a forma como vemos as relações raciais e como as hierarquias raciais persistentes são sustentadas. “O negro, marcado por uma negação existencial, e o branco, por uma supremacia narcísica e hegemônica, ambos mantêm, em grande medida, essa estrutura na contemporaneidade”. (Maia; Zamora, 2018, p. 282)

Na situação em questão, fica claro também que através do colorismo³³ é que se busca explicar o fosso social de desigualdades e preconceitos. O colorismo, que envolve a valoração de tons de pele mais claros em relação aos mais escuros dentro de uma mesma comunidade racial, é uma forma sutil de discriminação que perpetua a hierarquia baseada na cor da pele. Essa abordagem ainda reflete a influência das noções históricas de lógica racial e branqueamento, mostrando como os padrões de beleza e as percepções de valor continuam a ser moldados por essas ideias arraigadas.

³³ "Colorismo", de Alessandra Devulsky, é uma análise profunda sobre a dinâmica do colorismo na sociedade brasileira, destacando sua conexão com o racismo e suas implicações nas relações sociais e de poder. A autora explora como o colorismo afeta o ambiente de trabalho, a união entre pessoas negras e enfraquece a luta antirracista. Além disso, o livro também examina o colorismo através do prisma do feminismo negro, explorando suas consequências tanto afetivas quanto políticas na vida das mulheres negras.

O colorismo pode ser compreendido também como uma engrenagem de produção de sofrimento, já que o ideal de branqueamento continua a se perpetuar e a dividir a própria população negra e a brasileira entre o branco, o menos branco, o bege, o marrom, o “queimado”, o vermelho... e o negro! A cada tom mais escuro se institui potencialmente menos humanidade e mais sofrimento; em contrapartida, a cada tom mais claro se afirma mais privilégio e um modelo hegemônico de Ser Humano. (Maia; Zamora, 2018, p. 282)

Essa clara projeção de uniões inter-raciais como justificativa de melhorar a própria etnia é opção de escolha que encontra forte guarida entre nossos pesquisados. Apesar disso, um posicionamento majoritário de como a pessoa se vê e se identifica acompanha o discurso mais engajado dos que se identificam como negros. A cabeleireira MCM, de 46 anos, declara que: “com a luta e o conhecimento, vamos modificando o nosso pensar e percebendo o nosso poder de crença e afirmação”.

3.6.3 Do canto da cigarra

Aqui na fronteira é comum ouvir um som estridente vindo dos arvoredos sem visualizarmos claramente o local de quem o produz, invadindo as manhãs ensolaradas e os fins de tardes na campanha e cidade. Cigarrear é o som característico desde outubro e novembro como prenúncio do verão no Pampa. Uma apoteose sonora de muitos decibéis, produzidos a partir do próprio abdômen da cigarra: este é o resultado de um longo e demorado processo de autocontenção, após estes insetos passarem por anos no subsolo até emergirem e grudarem-se nos sulcos³⁴ e rachaduras dos caules de árvores. São os machos chamando as fêmeas para o acasalamento, para demarcar território ou em sinal de alarme. É um som forte que chega a ensurdecer sobrepondo-se a todos os outros nas proximidades, o qual fecha o episódio do acasalamento.

O processo de se identificar e assumir-se como negro pode ser comparado ao ciclo de vida da cigarra, que surge do solo após um período de descoberta. Assim como a cigarra, muitas pessoas negras podem passar por uma fase de desconhecimento ou negação de sua identidade racial, influenciadas por pressão social, falta de representatividade e negação de sua própria cultura. Durante esse tempo, pode sentir-se desconfortável e até mesmo ocultar sua identidade, avaliando o momento certo para se manifestar plenamente. Esse processo envolve medo de

³⁴ Sulco em português ou surco em espanhol ou hendaduras ou fendas na terra feita pelo arado no preparo da plantação.

discriminação, estereótipos raciais e a necessidade de buscar sua própria dignidade e igualdade na sociedade. Considerar-se como negros é o passo inicial e fundamental para o empoderamento, para expressar sua identidade, participar de movimentos sociais e exigir respeito por seus direitos. Assim como uma cigarra que emerge do solo e ergue sua voz, busca-se enfrentar desafios, celebrar conquistas e continuar lutando por uma relação social mais justa e inclusiva para todos, numa jornada contínua de autodescoberta e afirmação.

Este fenômeno ilustra bem as respostas da seguinte questão: “Como tu te identificas em termos raciais?” Percebe-se claramente que é um processo longo e demorado o identificar-se, reconhecer-se como pertencente ou identificado com uma raça. Implica em tratar de conforto, adequado segundo o que a situação exige para ser aceito, avaliações de conveniência e oportunidade, medo, receio, vergonha, sentimento de inferioridade, entre outros. Em muitos aspectos, essa jornada assemelha-se à da cigarra, em acobertamento no subsolo individual e social, entretanto, em algumas situações chega-se à metamorfose da segurança e convicção. Essa determinação identitária assumida propõe provocar uma sobreposição sobre quaisquer outros ruídos, o que se dá justamente porque, com a compreensão da própria identidade e de tudo que dela implica em termos de dificuldades de se reconhecer e posicionar frente às situações de preconceito, discriminação e injustiça, passa-se a um patamar de respeito e dignidade sem medida.

Como negro, educador, homem e residente na fronteira, essas questões me atravessam de maneiras profundas e multifacetadas. Como negro, identifico-me com a jornada de autodescoberta e afirmação da identidade racial descrita. Reconheço os meus desafios enfrentados ao longo desse processo e entendo a importância de assumir a negritude como um ato de empoderamento e resistência. Como educador, sinto-me inspirado a promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e respeitoso. Quero que todos os meus alunos se sintam valorizados e representados, independentemente de sua origem, étnica ou racial. Pretendo usar minha posição para promover o diálogo sobre questões raciais e para incentivar meus alunos a explorar e celebrar sua própria identidade. Como homem, esta reflexão me leva a examinar minhas próprias experiências de masculinidade e como elas se relacionam com minha identidade racial e cultural. Sinto-me desafiado a questionar e redefinir conceitos tradicionais de masculinidade, buscando construir uma visão mais inclusiva e compassiva do que significa ser um homem na sociedade contemporânea. Como

residente na fronteira, vejo essas questões não apenas como indivíduo, mas também como parte de um contexto social e cultural mais amplo. Sinto-me motivado a trabalhar para promover a diversidade e a igualdade em minha comunidade, enfrentando os desafios específicos que surgem na interseção de identidades raciais, culturais e geográficas. No geral, esta reflexão é um chamado à ação para mim como indivíduo e como membro de diversas comunidades. Estou incentivado a buscar a justiça, a igualdade e o respeito em todas as áreas da minha vida.

3.6.4 Identidades em culturas diferentes, ainda assim persistem: uns, ainda cantadores; outros, ainda horneros

Em várzeas da campanha, há cantadores que protegem seus territórios e ninhos com voos rasantes sobre qualquer intruso que represente ameaça. Antes, ouvem-se infintos gritos de alerta: quero-quero, quero-quero. Este é o pássaro “sentinela do Pampa” anunciando o perigo de que alguém se aproxima. Em platôs mais altos dos capões de mato, outros constroem seus ninhos, que lembram a forma de fornos de lenha. Instintivamente, esse pássaro junta pequenos ramos e gravetos, que são mesclados ao barro úmido e ao esterco fresco para dar liga. Carrega tudo no bico incansáveis vezes, e lentamente vai assentando cada “tijolo” da sua obra de divina arquitetura. Este outro é o João-Barreiro. Duas culturas com as quais a natureza pampeana nos brinda e que persistem, mesmo quando seu habitat natural está sob ameaça de queimadas, desmatamentos ou outras intervenções humanas; duas aves que são forçadas a defender e disputar território em espaço urbano.

Se antes a várzea, próximo aos banhados, era o habitat exclusivo e seguro para o quero-quero, hoje é o estacionamento do Shopping Sineriz ou o Estádio Municipal Atílio Paiva de Rivera. Ainda assim, ele faz seus voos rasantes de proteção e propaga sua peculiar onomatopeia sonora que os denomina. Se antes a extremidade de um caponete representava a estrutura com as fundações naturais adequadas para a edificação que se propõe o João de Barro, hoje é o obelisco do Parque Internacional ou o campanário da igreja Matriz de Sant’Ana, padroeira da cidade. Todavia, a receita de *hormigón armado*³⁵ do Barreiro permanece, mesmo com a necessidade de ter de se adaptar, quer por escassez ou ainda pela indisponibilidade de algum material, como o esterco, o graveto de vegetais ou a umidade no barro.

³⁵ *Hormigón armado* – bloco de concreto reforçado interiormente por uma armadura de barras de ferro, brita, argamassa e cimento. Concreto armado.

Destas manifestações naturais em que um se adapta a um novo espaço e outro se percebe resiliente frente a situações adversas, neste caso aves da fauna pampeana, e mesmo assim a cultura deles permanece e se reinventa, podemos absorver informações que nos auxiliam na análise das respostas ao questionar homens e mulheres, brasileiros e uruguaios, com: “Alguém pode pertencer a duas culturas diferentes?”

Fica claro que a cultura é dinâmica e ajustável para a maioria dos nossos entrevistados e, por isso, o saber “acumulado” e as experiências pelas quais somos levados a passar vão se tornando capital cultural que nos fortalece frente às dificuldades, porque não há cultura estagnada. Pertencemos a, e produzimos várias culturas ao mesmo tempo. Então, pode acontecer, e acontece com frequência, de transitarmos por diversas identidades, mas fica quase impossível anular uma para pôr em evidência outra como se fosse um botão de verso e reverso houvesse, para que a pessoa alterne entre um e outro em ato, em meio a diversos cenários.

Há respostas dos entrevistados, ainda que em escala minoritária, porém presentes nos três grupos desta aplicação, que vêm calcadas numa visão de cultura inerte e cristalizada no passado. Assumem uma postura peremptória e arrogante ao afirmar que “não, isso é impossível”, definição do auxiliar de padeiro PSS, de 43 anos, que complementa: “desde de que nascemos já fica definido isso, não há como trocar ou mudar, esse é o nosso caso aqui na fronteira”. Com falas geralmente acompanhadas de comentários e justificativas carregadas de valores moralistas e temores de que a sociedade em geral, em ideia corporificada, perca gradativamente a sua legítima identidade, dizem que cada um deve ter e defender a sua cultura, caso contrário, todos perdem.

Por outro lado, sobre pertencer a duas culturas diferentes, a fiscal de comércio JGDF de 35 anos ressalta que tal situação é muito comum em nossa fronteira: “pode acontecer até com frequência mesmo que não se perceba claramente”. E do exposto pela maioria dos entrevistados a respeito do entendimento de cultura e sociedade, tem-se uma visão majoritária de serem elas dinâmicas e fruto das suas vivências. “Uma necessidade de se valer mais de uma cultura em determinada situação alternando por outra ocorre”, fato trazido por seu CLV, funcionário público de 54 anos.

Portanto, a cultura deve refletir os avanços e movimentos da própria sociedade. Os identificados com esse olhar e concepção não desfrutam dos mesmos espaços de divulgação, comunicação, influência e decisões oficiais que as promovem. Nesse

ponto, fica gritante o paradoxo do protagonismo da minoria no Pampa, que defende o passado cultural estático, moralista e retrógrado.

3.6.5 Vermelho pelo sabor, verde pela identidade do Pampa

O sul era uma imensidão de campinas fartas e verdejantes a perder de vista, de onde brotava água em abundância. Toda a região geográfica, que hoje é denominada de estado do Rio Grande do Sul, refletia a ausência de cercamentos. Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, por muitos anos foi desprezada e esquecida por não possuir nem minérios nem pedras preciosas em seu subsolo. No entanto, este território, então de completo domínio e ocupação dos povos Guaranis, Charruas e Minuanos, foi usado como moeda de troca em negociações e acordos entre Portugal e Espanha, duas coroas europeias que passaram a exercer forte influência após 1492, sobre estas terras da América.

Dentre as iniciativas de exploração e ocupação territorial que frutificaram, uma das primeiras se deu em consequência do patrocínio dos espanhóis às missões jesuíticas no propósito de buscar aldear e catequizar os nativos. Isso ocorreu após algumas incursões por terras hoje denominadas paraguaias e argentinas, quando fundaram reduções e subjugarum um elevado número de nativos da nação Guarani.

A ideia de fundar missões entre os Guarani no Paraguai surgiu em 1551 e sua efetivação ocorreu durante o período da União Ibérica (1580-1640) facilitando essa tarefa (Barra, 2008, p. 40). Não tardaram a cruzar o rio Uruguai e adentrar no território gaúcho com o mesmo intuito: cooptar e isolar o maior número de nativos para implantar uma nova sociedade cristã com as qualidades culturais europeias e sem os vícios morais nem maldades para os padrões europeus. Reduzir os nativos em um espaço controlado era estratégia fundamental, facilitando o domínio social, econômico e cultural.

Junto a essas empreitadas, em 1610, os primeiros vacunos foram trazidos também para o Pampa gaúcho pelos jesuítas. Esses animais se adaptaram com muita facilidade em toda a região, pois havia abundância de gramíneas como alimento e diversas fontes de água em córregos, banhados, sangas e rios. O gado bovino passava a ocupar importância fundamental para a manutenção e o desenvolvimento de cada povoado jesuítico-indígenas, era a fonte de proteína que supria as necessidades nutricionais de todos de forma mais fácil. Assim, totalmente soltos, os bois eram criados nas reduções, e com isso passavam a xucros, tornavam-se rústicos,

denominados criollos. E foram avançando, ganhando territórios, reproduzindo e se multiplicando a quantitativos que fugiam de qualquer forma de controle humano, impactando decisivamente no ecossistema, na economia, nos costumes, também no desenho geográfico e político do Pampa, que oferecia somente as sinuosidades verdes e ciliares das margens de qualquer rio mais próximo como alguma referência no espaço. O gado bovino passava a comungar da mesma formação identitária de todos os povos e regiões da América meridional, composta por Paraguai, Argentina, Uruguai e o sul do Brasil.

Quanto à alimentação nos povoados jesuítico-indígenas, inicialmente era total a dependência das variações de tempo e clima, que determinavam o resultado das safras em pequenas roças de grãos para suprir toda a população de reduzidos. Aguardavam pela sorte na pesca e caça, ainda que estas habilidades fizessem parte da identidade de cada guarani desde mitã³⁶, dados como prontos logo do rito de adorno³⁷ (Stein, 2009, p.191), cerimônia dos jovens guaranis quando ainda estavam aldeados.

No campo ou no mato, um rebanho bovino, por onde passa, vai deitando e judiando o pasto, deixando seus rastros em galhos quebrados. No tranco³⁸ lento, espalham as marcas dos seus cascos formando trilhas e clareiras. Até aqui, neste longo caminho percorrido na história com o gado criollo, se atravessaram jesuítas ibéricos para manter seus intentos junto aos nativos dentro das reduções: os Guaranis, considerados de “índole mansa”, forçosamente “aculturados” e convertidos; os indômitos Charruas, considerados de habilidades libertárias e arredias; e os “ou-ne-tras-gros”³⁹, literalmente negros entre outras etnias, a quem por séculos foi negada a humanidade, e ainda hoje percebem-se invisibilizados ou enevoados na sociedade, embora seus gritos persistam por direitos, justiça e igualdade.

No auge dos latifúndios de sesmeiros, milhares de homens, mulheres e crianças escravizados desempenharam um papel decisivo na consolidação do reduto socioeconômico dominante entre os séculos 18 e 19 em toda a região de Santana do Livramento e Rivera. Nas figuras 27 e 28, ilustram-se elementos marcantes desse

³⁶ Mitã – na língua guarani, significa criança.

³⁷ Adorno – enfeite usado para embelezar, Rito de passagem guarani, rito de adorno pós mitã e início da juventude.

³⁸ Tranco – o trote, os passos lentos do cavalo, os esbarros.

³⁹ Ou-ne-tras-gros – Neologismo formado pela junção das palavras negros e outros. Passatempo ou brincadeira codificada representando as diversas formas de relação e disputas de negros com outras etnias.

período. Na figura 27, destacam cercas de pedra, resultado do árduo trabalho durante a escravidão, que se transformou no marco divisor das estâncias no Pampa (Medeiros, 2018, p. 29). Com um metro de altura por um metro de largura, essas construções estendem-se por línguas, atravessam gerações e se integram ao ecossistema local.

Figura 27 - Cerca de Pedra na Estrada da BR-293, no Trevo para o Rincão dos Canudos



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2023.

Na Figura 28 destaca-se a região das mangueiras de pedra e mangueirões circulares, apontando para vestígios no campo que indicam o que um dia foi o "plantel de negros". Nessa área, um pequeno reduto permanece visível, como se fosse uma mercadoria em exposição para fazendeiros que utilizavam esse caminho durante longas tropeadas (Medeiros, 2018, p. 29). Além disso, conforme destacado na imagem, há uma reportagem com foto das cercas de pedra que hoje são pontos turísticos, representando vestígios da escravidão na região da fronteira.

Figura 28 - Vestígios da escravidão nos pampas fronteiriços, reportagem sobre as cercas de pedras



Foto: Jango Medeiros, Almanaque santanense, 2018.

Essas representações visuais revelaram uma visão mais completa da presença de negros escravizados na fronteira, contribuindo para a compreensão da complexidade histórica da região. Formaram-se composições étnicas plurais, maceradas nos tempos e transformadas nos espaços, de águas e terras, das quais frutificam plantas, animais e homens. Atualmente, quando as pessoas são questionadas sobre como se identificam, as respostas dadas podem transitar entre variações que vão de “possivelmente pampeana”, “criolla”, “gaucha” ou “castelhana”. Algumas ainda, com nuances de vaidade ou orgulho, posicionam-se em tom vocal mais elevado ou mesmo imperativo: “sou fronteriza” ou *doble chapa*.

A gênese identitária do Pampa se molda, queimada na geada fria e cortada pelo vento minuano, onde se perdem de vista os campos e as canchadas, regados nos afloramentos hídricos das recargas do aquífero Guarani⁴⁰. Homens e rebanhos, “xucros” ou “teatinos”, vivem peitando a rusticidade das distâncias, que para lhe encurtá-las dizem “logo ali”, resultando em sensações de atalho na percepção ou desejo, ainda que sabedores que tudo é mais longínquo mesmo. Gado e homem estão consubstanciados desde tempos e lugares anteriores aos daqui, e que, por esta estrutura, trazem cepas originárias que hoje se refletem em identidade gaúcha ou identidade pampeana.

O gado na forma de proteína deixou de ser a única maneira de trazer riquezas para a região com os lucros financeiros aos seus proprietários, mas também lhes garantiu influência e perpetuação no poder, tanto no campo quanto na cidade.

Na ingenuidade da infância em vila, nem imaginávamos que os poucos trocados conseguidos, juntando e vendendo sacos de ossos, disputados depois de cruzar pátios, fugir de cachorros e “campear terrenos ajenos”⁴¹, poderia nos associar, na atualidade, a atividades do agronegócio. Nem sequer sabíamos para que destino ou finalidade alguém compraria ossos de vaca. Nós nos revezávamos em pura especulação: talvez fosse do interesse da fábrica de porcelana ou mesmo usados para a ração animal.

O fato concreto é que nossa alegria estava em correr e encontrar ossos mais pesados, preferencialmente com sobrepeso entranhado no espaço em que antes

⁴⁰ Aquífero Guarani – reserva subterrânea de água doce localizada em países da América do Sul, abrangendo áreas de Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

⁴¹ Ajenos – alheio estranho, pertence a outros, desconhecido.

estava o tutano. Cada grama com ou sem preenchimento da terra molhada no somatório da balança nos resultava em centavos de cruzeiro a mais na mão, moedas que, no fim da tarde, inteiravam o valor de cada quilo de galleta⁴² na panaderia Don Alvaro, logo ali, atrás do marco da linha. Por vezes, até, para a compra de última hora no carrinho do verdureiro, mas minha preferência semanal era gastar no matinê de domingo no Cinema Internacional onde numa tarde passavam aventuras nacionais, cowboys ou comédias, tendo na abertura a vinheta inesquecível do “Canal 100”, nosso imenso fascínio de infância ao ver os lances em câmera lenta dos jogadores que mais pareciam super heróis e, logo depois, com o carimbo e autorização da censura na tela grande, começavam os filmes.

Assim eram os destinos certos de toda nossa relação de infância com o gado na fronteira: dos ossos sem donos para serem processados e utilizados novamente; o comércio e o consumo no outro lado da linha; e também com igual importância, a possibilidade do lazer e entretenimento. Todas essas imagens estão muito presentes na minha mente e na identidade de muitos guris desta fronteira como eu.

Replicamos no questionário essa pergunta aos nossos três grupos de entrevistados: “Para ti, a forma como as pessoas se identificam pode ou não mudar? A identidade de cada indivíduo possui espaço no qual é permitido transformar-se em algum momento da vida ou ela está em constante transformação?”

Ponderando sobre o perfil característico dos três grupos que responderam ao questionário B sobre questões étnico raciais e identitárias, massivamente os da periferia apresentam condições sociais, econômicas, de formação acadêmica e oportunidades desfavoráveis em relação às do grupo de moradores da zona mais central. Conseqüentemente, possuem entendimentos e necessidades distintas entre si. Da mesma forma, é possível correlacionar os resultados e posicionamentos obtidos entre os engajados e defensores de causas raciais, grupo no qual, entretanto, há diferenças e mesmo extremos que aparecem em destaque, se considerarmos a configuração social e econômica dos entrevistados.

“Não, não se pode mudar de identidade porque as pessoas são o que são”: uma resposta determinista mais presente no grupo da periferia e assim foi a manifestação de JCP, tratorista agrícola de 59 anos. Parece mais uma justificativa

⁴² Galleta – biscoito ou bolacha com sal e gordura animal misturada a farinha de trigo e vendido por quilo.

para o aceite da própria condição. Em paralelo a esta resposta se alinham outras posturas resguardadas atrás de mitos, crenças e perspectivas.

Este mesmo grupo se permite defender a mudança de identidade em virtude de um trauma, ou situação de necessidade básica que venha implicar em migração forçada, ou ainda em razão de saúde ou integridade física. Neste sentido, colhemos um registro que lembra ou se aproxima de folclore, e que sempre perdurava nas rodas de conversas na campanha ou na cidade. Este é contado por dona BMD, de 65 anos, e seu esposo MAPD, de 70, ambos aposentados. Contam que chegaram a morar escondidos no interior de Rivera, pois ele já havia se casado antes de conhecer sua atual esposa. Ele estava ilegal e fugiu para não ser preso nem cruzar pelos familiares da primeira. Eles concluem: “Mas é ruim viver fugindo escondido, com medo, de uma hora pra outra ninguém te conhece, e que tu faz da vida?”.

O parecer colhido junto a quem possui engajamento social e político mais comprometido está representado pelos entrevistados do terceiro grupo, que demonstram compreender que todos os acontecimentos que vivenciamos, potencialmente, nos possibilitam a que tenhamos condições de nos transformar de forma constante ao longo de nossas vidas e de acordo com inúmeras influências, podendo ir desde uma simples experiência de vida diferente, passando por novos relacionamentos, que acompanham fracassos e sucessos, e determinam escolhas ou outros fatores. Colocam-se como exemplos de que todas essas questões concorrem para que nossas crenças, valores, objetivos e até mesmo nossa identidade sofram alteração e assim descubramos novas perspectivas sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Dentre essas pessoas o senhor LPD, pequeno empresário de 42 anos, é um dos defensores abertos de que essas mudanças não representam necessariamente algo negativo ou ruim, e, sim, em sua maioria, representam adaptações necessárias às novas circunstâncias que determinam nosso grau de autoconhecimento e felicidade pessoal e social. LPD comenta que: “quanto mais conhecemos a nossa família, nossa cidade e mesmo a história do nosso país e comparamos com as demais vamos nos permitindo ver coisas boas no outro e crescemos com ele”. Por assim entenderem as transformações e a identidade, percebem-se em constante vigilância e cobranças sobre si mesmas, o que nem sempre agrada o seu entorno social, mas trata-se de convicção.

O conjunto de respostas e pareceres dos entrevistados à questão sobre se a pessoa deve ou não mudar sua forma de identificar-se ou mesmo se há essa possibilidade, apresentou diferentes perspectivas em relação à mudança de identidade ao longo da vida. As diferentes opiniões refletem tanto aspectos individuais e pessoais quanto influências sociais, econômicas e culturais. Cabe destaque a importância de considerar a diversidade de experiências e contextos ao discutir a questão da identidade e sua capacidade de transformação.

3.6.6 Pingo de muitas pelagens

Muito antes da chegada dos europeus na América, os diferentes povos originários já eram agraciados com um panorama exuberante composto por vastidões de campos que se estendiam para além do horizonte. Essa era a característica marcante da natureza que se revelava diante deles.

Qualquer deslocamento entre um ponto e outro se dava através dos rios ou passo-a-passo gradativamente. Tal situação se modificou desde que os espanhóis trouxeram os primeiros exemplares de cavalos da península ibérica para o cone sul da América (Teixeira, 2014, p. 22). Esses primeiros equinos foram se aclimatando e ganhando condições de resistência e adaptabilidade exigidas pelo novo ambiente. Logo passaram a ocupar espaço fundamental em toda a região tanto para o transporte, o trabalho e mesmo em atividades bélicas.

Com o transcorrer do processo de adaptabilidade, desenvolveu-se na região uma raça equina perfeitamente adaptada às condições de clima e relevo da região pampeana: surgia então o cavalo crioulo, do cruzamento da raça berbere e da andaluz. Cargas, transporte ou mesmo um chasque rápido que necessitasse percorrer longas distâncias para que a mensagem fosse entregue em tempo menor, contava agora do transporte equino para ser executado. Toda a região pampeana e seus habitantes passaram a conviver com essa situação que alterou completamente a forma como as atividades diárias desta imensa região funcionavam.

Pelagens são muitas e variadas, entre mouro, gateado, baio, mas todas com a mesma base de origem: ibérica. A relação cultural, econômica e social do pampeano adquiriu profundas e fundamentais influências com a simbiose entre homem e cavalo. Hoje, há uma estreita identidade do pampeano/gaúcho com o cavalo e tudo que este animal representa para a história do ser e da região do Pampa.

Com base no espelhamento da história dessa identidade formada entre homem e cavalo, buscamos compreender a formação da identidade de parentes tendo que viver em local que não o da sua origem de partida. Para quem vive em regiões fronteiriças, ter parentes em países vizinhos é uma situação bastante comum. Além disso, tanto a globalização ou mesmo a facilidade de viajar e se comunicar por meio da internet, ampliam as oportunidades de conexão mesmo que, por vezes, tais distâncias ultrapassem fronteiras nacionais. Diversos motivos, que vão desde migração, deslocamentos populacionais, casamentos, estudos, novas oportunidades de trabalho ou outros fatores, fazem com que muitas pessoas tenham de ultrapassar fronteiras geográficas. Encontramos diferentes olhares sobre a situação de quem tem parentes do outro lado da fronteira e buscamos compreender esses posicionamentos.

Quando questionado a respeito dessa situação relacionada a um parente do outro lado, o senhor WDTT, de 44 anos, proprietário de barbearia, nos transmite a posição de que sempre será brasileiro, e explica: “O lugar onde se nasce determina a sua identidade e mostra de onde tu é e pertence”. Para nosso entrevistado, quem nasce no Brasil naturalmente é criado na cultura brasileira: “passa ser muito normal que te forme e molde como brasileiro, tu fala brasileiro, faz tuas comidas, escuta as músicas, participa de todas as festas religiosas bem brasileiras”. Ele ainda ressalta que: “somos muito influenciados, de acordo com o local onde nascemos e vamos carregar sempre essas marcas de onde somos, isso não muda, não tem como mudar”. Já em tom mais eufórico, surgem vários exemplos nas explicações de WDTT: “desde muito cedo nos envolvemos com várias coisas próprias do Brasil: desde o futebol, carnaval e mesmo a alegria, e o nosso país sempre foi muito grande e rico nisso”.

Concluindo a entrevista, registramos um último posicionamento do seu WDTT, bastante revelador da sua percepção de poder e força cultural entre diferentes sociedades: “É bem mais fácil estes países vizinhos mudarem a sua cultura para a do Brasil, tudo aqui é mais forte e se espalha rápido”. Arremata dizendo: “Todos querem inclusive vir para o Brasil de férias, trabalho ou turismo”. Essa visão denota convicções que desconsideram que as culturas de cada país possuem maneiras próprias de evoluir que são únicas e atendem particularidades de cada um. Ainda destaca que todas elas, além de serem apreciadas, devem ser preservadas, sem nenhuma sobreposição ou anulação de nenhuma.

Um momento bastante reflexivo foi o da senhora ACRA, que possui 46 anos de idade, antes de responder e detalhar sua afirmativa sobre o item de resposta que diz:

o parente pode se identificar como uruguaio quando lá está, porque aquela cultura também é parte da pessoa. Após lembrar de seus familiares que intercalam moradias nos dois lados da linha de acordo com as oportunidades de emprego ou de alquiler mais em conta, Dona ACRA explica sobre influências ao ir morar no Uruguai ou mesmo passando algum tempo por lá: “claro que pode, qualquer pessoa passar a ser influenciada com os costumes e jeito de vida dos uriguaios e até mesmo comece a se achar um castelhano ou uruguaio”. Ela descreve algumas mudanças de hábitos e costumes que verificou entre seus parentes: “muda o costume, a língua, até nossas coisas de comer”. Aponta que no dia a dia vão se observando muitas diferenças sim e aos poucos se percebe: “desde o chimarrão mesmo, em Santana se toma mais suave porque a erva é folhada, e já em Rivera é um mate feito com erva mais sapecada e sai forte, mas depois um vai se acostumando”. Ao finalizar a sua fala, nossa interlocutora destaca que, às vezes, o ambiente do lugar começa a interferir sobre a pessoa, por experiências novas e contato com coisas diferentes: “Vai de cada um; uns se adaptam muito rápido, outros podem demorar”.

Depreende-se de que hábitos e costumes podem mudar entre países diferentes, como os alimentares, a língua, e refletir as peculiaridades culturais de cada um. Também da mesma forma, o ambiente no qual a pessoa está inserida influencia sua visão e adaptação a essas mudanças. Experiências novas surgem quando entramos em contato com diferentes culturas. Cada indivíduo se ajusta necessitando de maior ou menor tempo. Podemos nos apresentar como mescla das duas nações no caso tanto brasileiro como uruguaio. Vivemos estas duas culturas e a origem dos dois países são experiências muito próprias desse lugar onde vivemos na fronteira. Embora tenhamos nascido em um país, vamos nos misturando por necessidade e sem problema nenhum parece que nascemos mesmo nos dois lugares ao mesmo tempo.

Para o jornalista e comunicador que trabalha em diferentes emissoras de rádio nos dois lados da fronteira, JIM de 52 anos de idade, “o *dobble chapa* não é nem brasileiro nem uruguaio”. A identidade dessas pessoas é uma mistura das duas culturas e, aqui, seu parecer reflete essa vivência diária: “escutamos todas as músicas tanto de um lado quanto as de outro, e as rádios tocam o samba, cumbia, sertaneja ou reggaeton e sempre se canta nos bares, e até nas escolas essas músicas”. O comunicador, sempre atuando profissionalmente em ambos países, pontua: “Me parece muito importante quando as pessoas passam a viver as coisas de arte e cultura

no dia a dia nos dois lados da linha. Na verdade, somos aqui uma coisa só, e assim vivendo, a pessoa cresce pra vida”.

A expressão cultural e a música em específico possui a capacidade de unir as pessoas de diferentes países, tendo a oportunidade de expandir seus horizontes enriquecendo suas vidas de maneira significativa. A imersão cultural permite que se descubram novas perspectivas, e que se desenvolva a empatia necessária entre os diferentes. Uma sociedade mais inclusiva e diversa se expressa através das músicas compartilhadas em diversos lugares, tornando-se parte integrante do cotidiano das pessoas da fronteira e essa é uma das identidades fronteiriças. A sociedade mais harmoniosa surge como resultado dessa conexão que extrapola a geografia, e dá-se pela união entre as pessoas na construção de uma identidade cultural compartilhada.

A trajetória individual de cada pessoa se reveste de uma complexidade e, mais ainda, quando se quer compreender as experiências e maneiras como elas se voltam para suas origens culturais e de como esse indivíduo as abraça, enfrenta desafios específicos navegando por expectativas culturais, tradições, costumes, idiomas diferentes, não é possível determinar uma única posição de pertencimento a nenhum lugar exclusivo. Não se é nem brasileiro nem uruguaio; a pessoa tem uma identidade própria, que tem partes das duas culturas, mas ao mesmo tempo é uma coisa diferente, não é somente uma mistura de elementos das duas: este é o *doble chapa*. As diversas influências culturais potencialmente vão formar uma rica identidade multicultural. Aqui podemos afirmar que possuímos influências de outros lugares e de variadas culturas do mundo. Vivemos em uma zona limítrofe em que é perceptível uma identidade própria e diferente, nem tanto brasileira nem tanto uruguaia, mas o resultado da combinação dessas duas.

Com esta linha de pensamento, trazemos o depoimento de CCGF de 37 anos, que trabalha como representante comercial na linha divisória, atendendo clientes uruguaios e brasileiros. Ele diz que: “Não existe uma simples combinação das características culturais destes países, há algo além”. Conforme ele, sempre convivemos com inúmeras pessoas e elas tiveram seus motivos para chegarem aqui: “Nós estamos em contato com o mundo todo, não há somente gente daqui, e a todo instante chegam inúmeras pessoas de vários lugares do mundo isso sempre foi assim”. Esse fato indica que: “para além de ser uruguaio e brasileiros, somos *doble chapa*”, e, por isso, representam vários cantos do mundo em constante mudança. Somos indivíduos compostos por vários outros.

Das entrevistas e dos depoimentos podemos estabelecer uma associação aproximando o homem, a identidade cultural e o grande símbolo representativo desta região, o cavalo crioulo. Especialmente nas regiões fronteiriças, onde há intercâmbio cultural e contato com diferentes povos e culturas, as identidades individuais podem ser formadas por mistura de influências e experiências de diferentes origens. A presença do cavalo crioulo transformou as atividades intercambiáveis dos habitantes da região, como também a convivência com diferentes culturas e influências de países vizinhos que molda a identidade das pessoas que vivem na fronteira.

3.6.7 Língua do PÊ ou Jerigonza: códigos de ações e reações ou formas de poder e saber

O desenvolvimento das crianças interioranas ou criadas mais distante dos grandes centros de desenvolvimento, como as capitais, ocorre de maneira mais simples, mas não menos criativa e envolvente. Muitos dos jogos e atividades são revestidas de brincadeiras infantis aparentemente ingênuas, mas tornam-se representativas quer de manifestações de afirmação ou mesmo da exclusão social, ainda que entre crianças.

Nesse sentido, trago o relato de uma situação específica, sobre a qual somente fui compreendendo toda a sua dimensão muito após a maturidade adquirida com o tempo. Recordo que, na infância e adolescência, dentre meus grupos de amigos e vizinhos, sempre que queriam mascarar alguma informação ou mesmo um mero desafio, surgia um jogo de palavras e sílabas, sendo que cada sílaba pronunciada vinha antecedida pelo fonema /p/. Era a forma codificada de enviar a mensagem sem socializar seu conteúdo com quem desconhecia o processo. Para brasileiros essa era a Língua do Pê, e Jerigonza era na versão platina.

Na minha profissão de professor, jogos e brincadeiras sempre foram instrumentos valiosos de socialização, integração, respeito e inclusão. No entanto, não é de hoje, nem por trabalhar diretamente com crianças, que minhas observações se iniciaram, mas começaram e persistem desde a minha própria experiência, ainda como criança negra na vila onde morava.

Conviver entre outras etnias de crianças e ser aceito, no mesmo espaço e nas mesmas dinâmicas de interação, inconscientemente nos exigia diversos e constantes atos de ter de: ceder o lugar ao outro; desmerecer-se no próprio feito; ficar na retaguarda ou na reserva; priorizar o outro; emprestar meus materiais ou objetos –

mas sempre aos outros “ter de”. Nunca me convenci de que era a simples baixa autoestima a única e definitiva justificativa que suficientemente explicava tal condição; prefiro transitar e especular pela dinâmica da historicidade crítica.

Ainda hoje verifico nas escolas e grupos sociais onde atuo, relações sutis dessa natureza, nunca ensinadas diretamente, mas que negros e negras enquanto etnia entre outras e outros, são levados a aprender ou colocar-se. Nesse ponto, resgato um dos exemplos mais recorrentes da criança negra de diferentes gerações, invariavelmente, ter de ceder seus brinquedos novos a outras crianças para ser aceito pelo grupo; são ações sutis, posicionamentos de códigos e línguas, poderes e saberes a serem constantemente decifradas dentro das relações.

Retornando à brincadeira ingênua da Língua do Pê, vez por outra fico remoendo memórias sobre o período que precedia ao meu domínio da brincadeira e sua técnica de uso para decifrar mensagens e diálogos. Jamais teria como mensurar quantas vezes e quantos insultos racistas foram ditos sem eu entender, justamente por não possuir nem entender a decodificação e tampouco a lógica da língua do Pê, tendo vivido, nessas ocasiões, o que ficou definido por Moreira (2019, p. 95) como racismo recreativo⁴³. Obviamente naquele momento, por desconhecer, eu não possuía nem o saber e menos ainda o poder para enfrentar tais situações.

Esse poder e saber, entretanto, não faltou à personagem da professora Cidinha do conto Jeringonza⁴⁴, escrito por Clarice Lispector (1998, p. 67-70), que, tendo o conhecimento do código, conseguiu criar uma estratégia de fuga para não ser currada. Mesma sorte, se fosse caso de sorte, não teve a mulher que a viu com o olhar de julgamento e desprezo antes de subir no trem, pois esta não tinha o conhecimento do código, a língua do Pê que Cidinha e eu aprendemos ainda na infância.

Então, eu, menino negro, somente após conquistar o conhecimento e decifrar a linguagem consegui me posicionar e fazer frente ao que era dito por outras crianças na brincadeira. Criança se incomoda, sente e sofre com o racismo, mas no geral não

⁴³ Racismo Recreativo – Definição de Adilson Moreira. Projeto de dominação racial que opera de acordo com premissas específicas da cultura pública brasileira, baseado na noção de inferioridade moral de minorias raciais, busca a gratificação psicológica dos membros do grupo racial dominante por meio da afirmação da suposta inferioridade de minorias raciais. Isso permite que eles obtenham compensação de caráter narcisista a partir do humor.

⁴⁴ Jeringonza – Linguagem especial de algumas guildas (grupos de indivíduos com interesse comum). Outro significado é a linguagem de mau gosto, complicada e difícil de entender. Jeringonza também é uma ação estranha e ridícula.

se questiona, nem é ajudada a alcançar um raciocínio sobre a imensa carga de naturalização assumida pelos ofensores.

Pessoas negras e brancas têm uma existência concreta, porém elas também são produtos de ideias que surgiram em um momento no qual europeus precisavam justificar diferentes aspectos de projeto colonial que então se desenhava. Eles criaram uma série de teorias que tinham o objetivo de afirmar a suposta inferioridade essencial de todos os outros grupos humanos. Essa representação de africanos como pessoas que são essencialmente diferentes traçou as bases das representações culturais que muitas pessoas brancas possuem sobre as pessoas negras até o mundo de hoje. (Moreira, 2017, p. 403-404)

Fazem transparecer, quando atuam, como se estivessem autorizados a agredir deliberadamente, pois assim agindo sentem estar conquistando cotas e demarcando uma reserva pessoal de superioridade. Mesmo na infância, perdurava uma percepção de consentimento determinista de certa inferioridade racial. Em geral, mesmo quando confrontados, a justificativa utilizada pelo agressor racista se resumia à desculpa de que não passava de brincadeira ou de que foi mal interpretado.

[...] pensar como um jurista negro também significa reconhecer que a raça tem um papel central na vida das pessoas. Quero dizer que ela é algo de extrema relevância para negros e para brancos, embora tenha consequências distintas para essas pessoas. Rejeito por completo a ideia segundo a qual a raça é uma mera característica biológica sem implicações na vida dos cidadãos. Não posso deixar de repetir que essa posição tem sido usada para encobrir a opressão aos negros e o privilégio branco, os dois fatores principais para a reprodução da desigualdade racial no Brasil. (Moreira, 2017, p. 403-404)

Tudo que se depreende dessas chamadas sutilezas em forma de enigmas é que todas são pinçadas e trabalhadas cuidadosamente para humilhar, agredir, inferiorizar e discriminar com aparência de brincadeira. Extraio das recordações juvenis outra brincadeira, porém séria, responsável por certo posicionamento reflexivo, crítico e de certa forma contrapondo-se ludicamente ao que foi anteriormente narrado. Enquanto ainda estudantes do ensino médio em escola privada e de freiras, éramos um grupo bem restrito de negros, e a quantidade de homens menor ainda, mas tínhamos nossos próprios códigos, como a maioria dos jovens.

Largamente usado para explicar aos pares da mesma etnia sobre o comportamento de qualquer ser específico, assumido ou tido como estranho no ninho de um outro, o poder do código protegia o grupo que assim abusava da criatividade. Então surgiu o ou-NE-tras-GROS, nossa forma lúdica com a qual nos referíamos ao negro que ousava situar-se ou transitar por entre outras etnias. E aqui abrangia não somente a minha condição familiar e de moradia, mas também a de outros colegas

que dispunham ou ascendiam economicamente em condições distintas e privilegiadas em relação à maioria da nossa mesma etnia.

Mas é claro que as pessoas negras possuem uma existência concreta. Ao contrário do que o professor conservador acredita, a discriminação racial não desaparece na estrutura de classes. Ela é um produto direto das representações sociais que determinam os lugares que pessoas negras devem ocupar dentro da sociedade. Há, por esse motivo, uma relação estrutural entre as desigualdades de status cultural e as desigualdades de status material. Eu posso estar em uma posição social superior à maioria das pessoas negras, mas ainda faço parte de um grupo que não possui o mesmo nível de estima social que os membros do grupo racial dominante gozam. É por esse motivo que negros estão sempre em uma situação social inferior a brancos, mesmo quando possuem o mesmo nível educacional. (Moreira, 2017, p. 403-404)

Esta reflexão sobre nós mesmos na sociedade nos dava garantia e nos autorizava a essa brincadeira e assim canalizamos o bom e necessário uso dessa palavra “ounetrasgros”. Por cumprir sua função oral, nunca percebemos a dificuldade hoje para soletrar sua grafia, concebida no plural, e nem podia ser diferente em razão e reconhecimento à heterogeneidade de cada uma das outras etnias e igualmente das negras. No plural, provocava certo desconforto vocal para a sua pronúncia, justamente porque nada é suave.

Testemunhando todo o preconceito de quem fala ou se manifesta contrário à presença negra em algum lugar, percebe-se um eloquente vazio em sutilidade, ainda somatizado ao peso do que se ouve, nada fica ou é suave. O termo sutil está somente no discurso de quem tenta explicar ou pintar superficialmente os motivos do racismo com pinceladas de verniz. Este é o racismo mais difícil de combater.

Pero este discurso no está aislado de otros, tales como aquellos que significan la clase, la raza, la religión o la generación. La especificidad de cada uno está enmarcada en y a través de campos de representación del otro. Lo que está en juego, entonces, no es simplemente alguna noción generalizada de, digamos, masculinidad y femineidad, sino si estas representaciones de masculinidad y femineidad están o no racializadas; cómo y de qué maneras modulan la clase; si hacen referencia a la sexualidad lesbica, gay, heterosexual u otras; cómo caracterizan la edad y la generación; cómo, y si lo hacen, invocan a la autoridad religiosa. (Brah, 1996, p. 216)

Durante toda a análise sobre as diferentes respostas a este questionário que aborda questões raciais e identitárias, torna-se imperativa a realização de um profundo exercício, ainda que mental, para entender os cenários de cada um dos entrevistados e relacioná-los aos ounetrasgros. Esta mesma expressão lúdica, na posição de vértice e utilizada sem maiores pretensões, atendia a um fim determinado pelo grupo restrito de envolvidos, e nos permitia compreender situações semelhantes nestas observações de mobilidade, inserção e pertencimento social.

Sobre *desplazamientos*⁴⁵ e dualidades, cabe aqui trazermos Avtar Brah que faz uma análise crítica dessas dualidades e construções sociais presentes nas relações de poder, ainda destaca a importância de investigar as condições de formação dessas dualidades, dos deslocamentos e das interações, sua implicação na hierarquização social e seu poder de mobilizar grupos coletivos. Brah ressalta que existem múltiplos “outros” incluídos nas dualidades, ou seja, há diversos elementos além da dicotomia principal que podem ter prioridade em uma formação discursiva específica entre nós e outros, mas não se resumem neles mesmos:

[...]son espacios diferenciados, heterogéneos, de debate, incluso si se implican en la construcción de un «nosotros» común. Es importante, por lo tanto, prestar atención a la naturaleza y al tipo de procesos en los cuales y a través de los cuales se constituye el «nosotros» colectivo. ¿Quién está autorizado y quién no lo está en una construcción específica del «nosotros»? ¿Cómo se negocian las divisiones sociales en la construcción del «nosotros»? ¿Cuál es la relación de este «nosotros» con los «Otros»? ¿Quiénes son estos Otros? Ésta es una pregunta crucial. Generalmente se asume que hay un único Otro dominante cuya omnipresencia circunscribe las construcciones del «nosotros». Por lo tanto, tiende a haber un énfasis en las oposiciones bipolares: negro/blanco, judío/gentil, árabe/judío, inglés/irlandés, hindú/musulmán. La centralidad de una oposición binaria particular como base de la división política y social en una situación dada puede hacer necesario, incluso imperativo, ponerla en primer plano. El problema sigue siendo, sin embargo, cómo deberían ser analizadas estas dualidades. Puede asumirse que todas estas dualidades representan construcciones universales y ahistóricas. (Brah, 1996, p. 215)

Deste exercício mostram-se reveladoras as graduações ou diferentes tonalidades que se abrem no percurso da inserção dos negros na sociedade. Percebe-se em tais descrições o mesmo rascunho de desenho que caracteriza o cenário atual desta paleta, traçando: os resignados ou terminantes na qual tudo é porque é; dos destemidos conscientes ou destemidos aparentes que buscam algo diferente para si; e dos anunciadores ou formadores que se projetam para o seu lugar desejado.

Las dualidades, por lo tanto, están intrínsecamente diferenciadas y son inestables. Lo más importante es cómo y por qué, en un contexto dado, una dualidad específica —por ejemplo, blanco/negro— toma forma, adquiere una aparente coherencia y estabilidad y se combina con otras construcciones tales como judío/gentil u hombre/mujer. En otras palabras, cómo estos significantes se relacionan entre sí en la articulación del poder. (Brah, 1996, p. 216)

Ao transitar e mesmo colocando-se por entre outras etnias, assim entendidos os oinetragros, negros assumem fronteiras de ações e reações tanto exógenas quanto endógenas. A partir delas percebemos um amplo espectro no qual se

⁴⁵ Desplazamientos – Deslocamentos de indivíduos diversos entre espaços e territórios também diversos.

encontram razões, motivos, desculpas, mal-entendidos, espaços ou pura transgressões.

Nessa dinâmica, as fronteiras exógenas representam os limites e as interações sociais estabelecidas entre negros e pessoas de outras etnias. Nesse contexto surgem razões, motivações, desculpas, mal-entendidos, disputas por espaços e até mesmo transgressões.

Podemos elaborar el punto anterior haciendo referencia a los discursos y las prácticas racializadas. Desde este enfoque, la cuestión se reformula a sí misma en torno a la relación entre diferentes formas de racismo en un momento específico. La atención se dirige a las formas en las que la clase, el género, la sexualidad o la religión, por ejemplo, pueden figurar dentro de estos racismos, y al/los signifi cante/s específico/s —color, fisonomía, religión, cultura, etc.—alrededor de los cuales se constituyen estos diferentes racismos. Un aspecto importante de la problemática es el posicionamiento relacional de los grupos en virtud de estos racismos. (Brah, 1996, p. 216)

As razões e motivações podem incluir preconceitos, estereótipos, discriminação, desigualdades e relações de poder. As desculpas podem ser utilizadas como justificativas para comportamentos discriminatórios ou opressivos. Os mal-entendidos podem surgir devido a diferentes perspectivas culturais e experiências de vida.

As fronteiras endógenas, por sua vez, dizem respeito às interações dentro da própria comunidade negra. Dentro desse contexto, também existem complexidades e diversidades de experiências. As fronteiras endógenas podem envolver questões de identidade, pertencimento, hierarquias sociais e diferentes visões sobre a luta antirracista. Essas fronteiras evidenciam a complexidade das interações entre negros e outras etnias, destacando a importância de uma análise crítica e atenta aos contextos sociais em que ocorrem.

[...] como objeto de análisis y herramienta de deconstrucción; esto es, como medio de investigar las condiciones de su formación, su implicación en la inscripción de jerarquías y su poder para movilizar colectivos. La cuestión es que hay múltiples Otros incluidos dentro de y a través de las dualidades, aunque uno o más pueden tener prioridad dentro de una formación discursiva concreta. Por ejemplo, un discurso puede tratar ante todo sobre el género, y como tal, puede centrarse en las dualidades de género (aunque, por supuesto, una construcción binaria no es siempre inevitable). (Brah, 1996, p. 216)

Neste ponto resgatamos a abordagem de Gilles Deleuze e Félix Guattari, conhecida como “rizoma”, apresentada no livro “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia”, a partir da qual buscam romper com os modelos tradicionais de pensamento, especialmente os baseados em estruturas hierárquicas e lineares. O

conceito de rizoma é uma metáfora botânica que descreve um sistema de ramificação subterrânea e horizontal, no qual existe uma raiz central ou hierarquia fixa. Com relação aos negros no neologismo *ounetrasgros*, justamente por transitar e interagir com outras etnias e culturas, assumem fronteiras de ações e reações tanto exógenas quanto endógenas. Nesse contexto, as fronteiras exógenas se referem às fronteiras impostas externamente por forças sociais, culturais e políticas, enquanto as fronteiras endógenas são as fronteiras internas, próprias de cada indivíduo ou grupo.

Essa referência às fronteiras exógenas e endógenas pode ser relacionada à abordagem do rizoma proposta por Deleuze e Guattari, pois o rizoma busca descentralizar e desestabilizar as estruturas hierárquicas fixas, permitindo uma análise das relações entre diferentes elementos sem uma autoridade central ou tradicional. O rizoma enfatiza a multiplicidade, conexão, a interação e a fluidez entre os elementos, rejeitando a noção de uma ordem linear e fixa. Assim, a referência às fronteiras exógenas e endógenas sugere uma compreensão das relações étnicas como um complexo emaranhado de interações horizontais, em que as fronteiras são fluidas, permeáveis e moldadas tanto interna quanto externamente.

No contexto da abordagem do rizoma, as fronteiras exógenas e endógenas podem ser entendidas como linhas de fuga que desafiam as estruturas de poder estabelecidas e permitem a emergência de novas conexões e multiplicidades. Os negros, ao assumirem essas fronteiras de ações e reações, estão desafiando as categorias fixas e as fronteiras pré-estabelecidas, criando um espaço de possibilidades e transformações. Passamos do termo “*ounetrasgros*” como neologismo que abrange a multiplicidade e complexidade dessas relações e temos um rizoma, propondo-se uma compreensão não hierárquica das relações étnicas, permitindo que diferentes elementos sejam conectados e relacionados de maneira não linear, abrindo espaço para emergência de novas formas de identidade e subjetividade. Estas identidades e subjetividades emergem da intersecção na zona de contato, revelando diferentes formas de poder, seja nas relações sociais entre as crianças, nas dinâmicas raciais, ou na busca por uma compreensão mais ampla e não hierárquica das relações étnicas.

No contexto da comunidade negra, é importante reconhecer e compreender as complexidades e diversidades de experiências, crenças e perspectivas presentes dentro deste grupo racial. Dentro dessa comunidade, as “fronteiras endógenas” são

distintas, visto que são moldadas por confrontos históricos e pela maleabilidade que emergem dos conceitos de raça e negritude não hegemônica.

As experiências intrinsecamente diversas apresentam fatores, como localização geográfica, histórico familiar, educação, classe social e identidades culturais. O impacto da diáspora africana, por exemplo, surgiu em diferentes tradições, línguas e costumes. Além disso, as crenças e perspectivas também variam amplamente; enquanto algumas pessoas podem ter uma forte conexão com as tradições religiosas africanas, outras podem se identificar com diferentes sistemas de crenças ou podem se considerar seculares. Essas diferentes perspectivas influenciam como os indivíduos entendem sua própria identidade racial e como interagem com o mundo ao seu redor.

Os conceitos de raça e negritude não hegemônica refletem a ideia de que não há uma única definição ou experiência universal de ser negro:

As vivências sociais dos grupos historicamente marginalizados, a partir das regras sociais daqueles que se encontram hegemonicamente nos espaços decisórios, por vezes levam a reprodução de aspectos que contribuem para a manutenção de suas próprias opressões (Assis, 2019, p. 47).

Portanto, o entendimento de uma negritude não hegemônica é uma forma de reconhecer e valorizar a multiplicidade de vivências e identidades dentro da comunidade negra, desafiando as narrativas simplistas ou unidimensionais. A interseccionalidade, criada por Kimberlé Crenshaw, em 2002, é uma abordagem fundamental para analisar e compreender as diversas formas de opressão que se cruzam em indivíduos marginalizados, além de reconhecer que identidades são compostas por múltiplos aspectos interconectados, como gênero, raça, classe social e orientação sexual.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como as ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw, 2002, p. 177)

Este é um instrumento que visa desenvolver as complexas teias de descrição que permeiam a sociedade, reconhecendo como essas intersecções moldam as experiências das pessoas em diferentes contextos. Trata-se de uma ferramenta essencial para uma análise abrangente das estruturas sociais. A interseccionalidade,

como metodologia de análise, representa um avanço na compreensão ao reconhecer as intrincadas sobreposições de identidades e opressões que moldam a vida das pessoas, conforme indicado por Carla Akotirene (2019, p.16). Ela destaca que, na sociedade contemporânea, existe uma constelação de fatores que influenciam as trajetórias individuais:

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras. (Akotirene, 2019, p. 16).

A intersecção na zona de contato desvenda uma gama complexa de identidades e poderes nas relações sociais, particularmente dentro da comunidade negra, onde fatores endógenos moldam as fronteiras internas.

3.6.8 Identificando atravessamentos em mim

As dinâmicas dentro da comunidade, como subordinação social e perspectivas divergentes, são vistas como fronteiras internas. O termo "ounetrasgros" surge como uma expressão que reflete sobre a diversidade de experiências na comunidade: os atravessamentos em mim ocorrem através do olhar reflexivo que explora a diversidade étnica e racial no Brasil e no Rio Grande do Sul, assim como as interações de identidades culturais na fronteira entre Livramento e Rivera.

Esse entendimento é fornecido pelo distanciamento na alegoria do Cerro do Marco, permitindo uma compreensão profunda da complexidade nas relações entre diferentes grupos de identidade, culturas e outros, ao longo da história, geografia e relações sociais. Desde as interações iniciais entre povos nativos e colonizadores até as dinâmicas atuais de identidade e preconceito, essas complexidades persistem em minha percepção.

A influência da colonialidade do poder, do racismo estrutural e do colorismo nas experiências de diversas comunidades também atravessa meu entendimento, impactando o acesso a oportunidades e perpetuando desigualdades. A busca contínua por justiça e igualdade repercute em mim, possibilitando a afirmação das identidades negras e culturais consideradas minoritárias. As discussões interseccionais reconhecem a multiplicidade de fatores que moldam as experiências individuais e coletivas, trazendo uma consciência mais ampla das complexidades sociais.

A compreensão das fronteiras externas e internas nas questões sociais, guiada pela interseccionalidade, revela as restrições e discriminações impostas pela sociedade como fronteiras externas, enquanto as fronteiras internas são as dinâmicas dentro da comunidade, como subordinação social e perspectivas divergentes. O termo “ounetrasgros” reconhece a diversidade de experiências e identidades na comunidade negra.

Analogias valiosas descobertas na natureza, como as aves migratórias e o cavalo crioulo, atuam em minha compreensão, comparando adaptação, resistência e resiliência dessas formas de vida com as identidades culturais e sociais. Assim como essas formas de vida evoluem em resposta aos desafios do ambiente em constante mudança, as culturas e identidades também se transformam, refletindo um processo dinâmico e contínuo que permite minha própria evolução de pensamento.

Na última análise, a compreensão da complexidade é imperativa para promover a igualdade, a justiça social e a valorização da diversidade. Em um cenário em constante evolução, as abordagens sensíveis e inclusivas são essenciais para construir um futuro mais equitativo, em que as identidades possam coexistir e prosperar em harmonia na sociedade brasileira e global, influenciando meu posicionamento e minha perspectiva.

3.7 Dona Constância: Entre Raízes de Sabedoria e Amor Maternal, Inspirações para o Magistério

No contexto humilde de uma pequena vila, residia uma mulher de sabedoria ancestral e mãos acolhedoras: Dona Constância, minha mãe e também de outros onze filhos e filhas, uns brasileiros e outros uruguaios. Uma figura reverenciada, conhecida por todos os moradores do entorno e até mesmo além de suas fronteiras. Sua fama se espalhava como os raios do sol, alcançando os ouvidos de muitos desconhecidos em busca de cura através das benzeduras e chás que ela preparava com maestria.

Era com uma pitada de misticismo e muito amor que Dona Constância recomendava suas poções naturais de vários jujos que distribuía. Para o peito congestionado e a tosse incômoda, ela prescrevia respirar o vapor do chá da casca do eucalipto branco, conhecido por suas propriedades medicinais. Em busca de alívio

emocional, ela indicava a capim-cidreira e a erva-cidró, confortando corações inquietos com suas propriedades calmantes.

Seus conhecimentos eram vastos e diversificados, incluindo desde a utilização da arruda e guaçatumba para afugentar males indesejados, até a bênção da marcela colhida antes do amanhecer da sexta-feira santa. Para combater o diabetes, não havia segredos: a pata de vaca era o remédio preconizado.

O preparo das infusões era uma verdadeira alquimia, envolvendo o uso de álcool e fumo para afumentar dores, torções e incômodos. Com a destreza de quem dominava um antigo ritual, Dona Constância benzia com a ponta da faca, fazendo seus gestos sagrados na pedra ao chão. Era ali, com a sabedoria das gerações passadas, onde ela decidia se utilizaria a faca, o ramo verde ou a arruda, ou quem sabe sua tesoura velha e cega, de folhas compridas com a qual largava pedaços de brasas sobre a água calma em um vidro transparente.

Um dos ritos de benzedura começava assim, avivando um braseiro no fogareiro, tições e carvões rubros ardiam ao serem separados e pinçados com muita parcimônia, nem pressa alguma, no silêncio próprio do rito, uma a uma das brasas então eram suspensas pela tesoura, aguardavam por segundos no ar. Logo, guiados pelo silvo de uma oração, no movimento da mão, brasa e tesoura em cruz persignavam três vezes sobre a borda do copo de água meio cheio. Só então a brasa era lançada no líquido. Deste ponto, envolto em fumaça e vapor que subia depois de apagar-se, o carvão devia lentamente flutuar ou rápido submergir, e dona Constância, minha mãe, já esboçando certa alteração de consciência, repassava a interpretação e na sequência proferia os conselhos e instruções: “filho/filha...”.

Porém, seus dons iam além da simples cura de males físicos. Ela enfrentava com coragem e determinação energias negativas, cobreiros, mau olhado, empate no estômago, intestino preso ou ainda dores de cabeça. Seu ritual de limpeza e proteção se repetia por três dias, afastando malefícios e desfazendo os laços de negatividade. Das suas orações sempre em forma de murmúrios inaudíveis e sentada ao sol, cortando (curando) um cobreiro ou impinge, dava-se a ouvir com clareza, somente a pergunta final: “[...] que corto, senhora?”, correspondendo ao benzido prontamente responder: “laga braba, senhora!” ou “cobreiro brabo, senhora!”. Perguntas e respostas repetidas sete vezes a cada três dias de sol.

Dona Constância não discriminava suas bênçãos e cuidados, acolhendo a todos que a procuravam. Desde seres humanos até cachorros sarnentos, ela os

envolvia em sua aura de bondade. No caso dos caninos, os besuntava com um óleo queimado, afastando deles todo o mal, até nascerem pelos no corpo do bichinho novamente.

Assim, no seio dessa vila, Dona Constância era mais do que uma simples benzedeira e curandeira. Ela era um símbolo de esperança, alívio e compaixão, uma guardiã dos segredos da natureza que oferecia conforto a todos que a ela recorriam. Sua fama e reputação transcendem as fronteiras daquele pequeno lugar, e seu legado de sabedoria continua a ecoar no coração daqueles que a conheceram.

Por tudo isso, Dona Constância tornou-se muito mais do que uma figura respeitada em sua vila. Para mim, era a personificação de uma cuidadora dedicada, uma educadora nata e um exemplo vivo de amor maternal. A cada gesto carinhoso com que abençoava suas poções e chás, eu me sentia envolvido por uma ternura incomparável, como se seus cuidados fossem capazes de curar não apenas o corpo, mas também a alma.

Quando observava sua forma paciente e sábia de transmitir conhecimento sobre as propriedades das plantas e ervas medicinais, percebia que ela era, sem dúvida, uma educadora única. Sua sabedoria ancestral era compartilhada com generosidade, e ela tinha o dom de ensinar de forma a cativar a todos, transformando até mesmo os mais céticos em admiradores de seus ensinamentos.

Mas o que mais me tocava era seu amor maternal, que se estendia para além dos limites de sua família biológica. Dona Constância acolhia a todos com o mesmo carinho e atenção dedicada a um filho ou filha, demonstrando que o verdadeiro amor não conhece fronteiras ou distinções. Sua presença era um bálsamo para os corações aflitos e uma luz na escuridão dos momentos difíceis. Quantas vezes me senti reconfortado por sua presença acolhedora e suas palavras de incentivo! Ela era a prova viva de que, mesmo nos tempos mais sombrios, o amor e a compaixão podem florescer e fazer toda a diferença na vida daqueles que cruzam nosso caminho.

O dom protetor excepcional demonstrado por dona Constância, minha mãe, se revelava até mesmo quando as tormentas se aproximavam com o céu escuro e fechado dos lados do Uruguai, e ela sabia como agir. Com uma sabedoria ancestral, orientava simpatias e rituais, buscando acalmar os vendavais que se formavam. Lembro-me dela deitando um balde de boca virada para o vendaval, como uma forma de desviar ou dissipar as forças naturais em fúria. Além disso, suas orações à Santa Bárbara, a guardiã dos trovões, raios e vendavais, demonstravam sua profunda

conexão com o divino e sua capacidade de apaziguar os elementos da natureza. Seu dom era um verdadeiro presente para nossa família e comunidade, trazendo tranquilidade e proteção nos momentos de maior aflição.

Assim, com seus cuidados, seus ensinamentos e seu amor incondicional, Dona Constância se tornou minha referência suprema de cuidadora, educadora e amor maternal. Seu legado perdura em minha memória e coração, inspirando-me a seguir seus passos de bondade e sabedoria, e a compartilhar com o mundo a mesma dedicação em acolher e cuidar daqueles que necessitam de auxílio e afeto.

O cenário simples da nossa pequena vila da pracinha Marechal Rondon, onde Dona Constância vivia com seu lote de filhos, cercada pela flora exuberante do Pampa gaúcho, exerceu uma profunda influência em sua jornada como educadora mística e naturalista. A sabedoria ancestral que ela possuía estava intrinsecamente ligada à natureza ao seu redor, permitindo-lhe desenvolver uma conexão profunda com as plantas medicinais e fitoterápicas tão presentes no bioma Pampa.

Ao observar Dona Constância em sua atuação como educadora, pôde-se perceber que suas práticas estavam profundamente enraizadas na relação com a flora e a natureza local. Seu conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas do Pampa, como a arruda, o capim-cidreira e a pata de vaca, ilustra como a natureza serviu como fonte de ensinamentos valiosos para ela. Essa conexão com a flora do Pampa também a tornou uma educadora, cuidadora, minha referência e inspiração para buscar o mundo do magistério como carreira profissional. Ao compartilhar seus conhecimentos sobre as plantas e ervas com seus atendidos, ela os inspirava a desenvolver uma apreciação mais profunda pela natureza e uma compreensão das riquezas naturais que os cercavam. Além disso, seu amor maternal e acolhedor, oriundo dessa conexão com a natureza, refletia-se em sua abordagem educacional, tornando o ambiente de aprendizado, durante o ato da benzedura, algo de lúdico, caloroso e receptivo para todos. Como educadora, ela transmitia não apenas o conhecimento empírico, mas também valores como respeito à natureza, compaixão e cuidado com o próximo.

A presença de Dona Constância na vida de familiares, vizinhos e de todos que a ela recorriam, representava um quê do prestígio em ser guardiã dos segredos da natureza, oferecendo conforto e esperança, assim como suas infusões e chás medicinais traziam alívio aos necessitados. Seu legado de cuidadora, educadora e

amor maternal ecoava pelas gerações, criando um impacto duradouro na vida de seus atendidos.

Portanto, a influência da flora e natureza do Pampa gaúcho na vida de Dona Constância desempenhou um papel crucial em sua formação como educadora, impulsionando-a a compartilhar sua sabedoria com o outro e nutrir uma conexão profunda entre eles e o ambiente natural que os cercava. Essa relação com a natureza tornou-a uma educadora singular, transmitindo e trocando lições valiosas para além de experiências cotidianas e inspirando os seus próximos como eu, desde criança a amar, respeitar e proteger o meio ambiente. Por tudo isso, afirmo que as fronteiras que vivo hoje no magistério tiveram uma sólida e profunda referência e inspiração: a rede de vida e conexões representadas pelo Pampa e toda sua natureza e a mãe afetuosa e acolhedora com seus dons em cuidar.

3.7.1 Entre Flores de tuna e Lousas Multisseriadas: Uma Jornada de Adaptação e Transformação no Magistério Rural de Santana do Livramento

Quando prestei concurso público para o magistério municipal em Santana do Livramento, fui nomeado para uma escola rural, no ano de 1990. A cidade contava com mais de quarenta escolas, sendo dez urbanas e as demais eram de difícil acesso, espalhadas pelo interior do município. Para chegar a essas escolas remotas, era necessário contar com ônibus, trator ou tração animal.

Minhas únicas informações sobre o local onde deveria assumir o cargo, foram obtidas com os motoristas junto à mantenedora, que a descreveram como "aquela escolinha que fica logo ali no pé da serra". Com a ausência de transporte público, embarquei em uma aventura de duas horas a pé até encontrar a escola.

Após andar por estradas de balastro e cruzar o córrego da cachoeira, finalmente cheguei à Escola Municipal Manoel Cavalheiro de Oliveira, localizada a onze quilômetros da sede do município. Nesse percurso, subi e descii três morros cobertos por mata nativa fechada em uma pequena serra. Percebi-me como um indivíduo estranho no local, observado por olhos curiosos e vigilantes camuflados atrás de cercas vivas. Na Figura 29, temos a visão da estrada do Rincão da Bolsa, da escola Manoel de Oliveira Cavalheiro e, mais ao fundo, a casa do Seu Sipico, onde buscamos a água de poço para abastecer a escola.

Figura 29 - Prédio da escola Rural Manoel C. de Oliveira - Estrada do Rincão da Bolsa



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2023.

A escola em si era uma construção de alvenaria com características que lembravam as sedes de fazendas e estâncias do início do século XX. Tinha paredes de pedra com meio metro de largura, fachada caiada, com uma porta central entre um par de janelas venezianas. Nenhum letreiro de identificação, somente um suporte de metal para o mastro da bandeira, além de uma lâmpada externa quebrada.

Tive acesso ao interior da escola com a chave dos fundos, o que forçou minha memória a gravar a seguinte sequência de imagens, vindo internamente do fundo para a frente: todo o espaço construído consistia em apenas cinco cômodos, incluindo uma cozinha, um banheiro e duas salas vazias. Transformei uma das centrais em meu dormitório, logo que passei a pernoitar na escola durante a semana. A sala de aula, utilizada para a única turma multisseriada, era a primeira, localizada bem na parte da frente. Era uma sala ampla com piso de tábuas de madeira e forro também de madeira, tinha um pequeno alçapão no teto. Assiduamente, o forro da escola era habitado por morcegos e até um casal de raposas, cuja entrada misteriosa nunca descobri. O lugar passava fechado já há alguns meses, concentrando no seu interior uma umidade propícia ao crescimento de limo nas paredes e criando um odor ácido vindo da fermentação de certos vegetais e ervas do entorno. Em poucos dias, tive a certeza de que somente abrir para arejar diariamente não seria suficiente para eliminar o cheiro ardido do mofo, que, por impregnar nossas narinas, o ambiente, de desagradável, passava a inquietar.

A escola apresentava dois quadros de giz para atender a uma turma multisseriada, ensinando da alfabetização à quinta série, correspondente aos atuais

anos iniciais do ensino fundamental. No fundo de uma única caixa de papéis e documentos encontrei um grande e pesado livro de capa dura com registros de alunos. O número de matrículas para aquele ano letivo correspondia a onze crianças, que até então estavam sem nenhum atendimento por falta de professor. Fui percebendo que, além da responsabilidade por conduzir o processo de ensino e aprendizagem, estava assumindo também as funções de limpeza, preparação da merenda, e diariamente era responsável por buscar baldes com água no poço no campo lindeiro onde morava o seu Sipico (Figura 30), um dos poucos vizinhos próximos da escola.

Figura 30 - Casa do seu Sipico, com o poço de balde puxado pela roldana



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2023.

Na época, toda e qualquer comunicação se dava de forma presencial ou via ondas de rádio e era anunciada diariamente no tradicional programa de Avisos Para o Interior, mas no interior uns se referiam a esses avisos como chasque⁴⁶. A comunidade local esperava ansiosamente a chegada de uma nova professora, o que não se confirmou como anunciado no informativo da rádio Cultura. Mas atendendo ao chamado oficial, em apenas três dias, todas as crianças estavam presentes na escola, e foram chegando, algumas caminhando pelos campos, outras a cavalo.

Nas primeiras semanas, meu foco era acolher as crianças e compreender o estágio de desenvolvimento de cada uma. A minha vivência até aquela data tinha sido totalmente urbana e o que ora se apresentava era uma realidade distante e muito

⁴⁶ Chasque – Atualmente esse termo está relacionado aos avisos através do rádio para o interior do município. No passado era um Mensageiro despachado, com aviso ou recado urgente, de um lugar para outro, que geralmente fazia o percurso a cavalo.

diferente da minha. Naquele momento tinha que lidar simultaneamente com dois focos de interesses: a obrigação de ensinar e a necessidade de aprender, entendendo que assim seria uma forma humilde de buscar conexão e dar sentido ao que me propunha. O fato concreto é que eu estava mais interessado em ouvir do que falar, e percebendo, diante dessas novidades, receber mais do que entregava.

Sempre que eu ia até a Secretaria Municipal de Educação em busca de material escolar e merenda para a escola, via essa como uma oportunidade para descrever a situação precária em que a escola se encontrava. Minhas queixas carregavam a esperança de receber atenção e, quem sabe, resultaria em uma reforma tão necessária na estrutura da escola. Aqui cabe destacar que, em nenhum momento, insinuei que estava disposto a desistir da escola, apesar das razões que poderiam levar outros a fazê-lo. Minhas queixas eram motivadas por um desejo de seguir adiante, adaptando-me ao ambiente existente.

Como resultado de minha persistência, a Secretaria Municipal de Educação destacou, em apenas um mês e meio, uma pequena equipe de trabalhadores composta por carpinteiros, pintores e pedreiros, profissionais que receberam a tarefa de realizar melhorias na escola. Em um prazo de duas semanas, essa equipe trouxe novos ares e cores, tanto no interior quanto no exterior da escola.

As intervenções desses trabalhadores não apenas garantiram uma estrutura mais segura, mas também foram determinantes para melhorar a salubridade do ambiente escolar. Eu e os alunos desejávamos tornar o ambiente escolar mais agradável. Tentamos criar um jardim na entrada da escola, mas as plantas eram frequentemente atacadas por formigas ou não conseguiam prosperar. No entanto, durante uma caminhada pelos rochedos próximos à escola, descobrimos flores de tuna, um cacto sem espinho, cujas pétalas amarelas e vermelhas possuíam um brilho único parecendo plastificadas que as destacavam entre os musgos do chapadão rochoso. Esta sim era uma planta diferente que prosperava em condições adversas.

Decidimos coletar mudas dessas flores e utilizá-las para embelezar o caminho que conduzia até a escola. Essas flores, além de resistentes, adicionaram um toque especial ao nosso modesto ambiente escolar. A planta de tuna tornou-se objeto de estudo, revelando-se uma espécie que prospera em terrenos rochosos com exposição direta ao sol, semelhante a diversos tipos de cactos adaptados a ambientes de baixa umidade. Suas folhas modificadas desempenham um papel fundamental na conservação da água, permitindo que sobreviva a longos períodos de seca e se

recupere rapidamente. Na figura 31, temos uma tuna em seu delicado e demorado processo de floração, neste caso com pétalas amarelas.

Figura 31 - Um pé de tuna com sua flor aberta, Cerro da Tabatinga



Fonte: Acervo do autor, março de 2024.

A pesquisa e o aprendizado resultaram em uma mentalidade de curiosidade e adaptação. Embora a descoberta da planta de tuna tenha sido admirável, o foco principal se deslocou para a educação das crianças. A partir desse episódio, nossa prioridade passou a ser garantir que os alunos recebessem uma educação de qualidade.

A tuna não serviu apenas para decorar nossa escola, mas também apresentou um grande potencial ornamental devido à beleza de suas flores e à facilidade de cultivo. Alguns alunos mencionaram que suas tias costumavam usar o caule da tuna para produzir uma geleia conhecida como geleia de tuna. No entanto, ao buscar mais informações sobre a espécie, descobri que, apesar de sua resistência, a tuna estava ameaçada de extinção no Estado do Rio Grande do Sul.

Assim, a história da minha primeira escola e a descoberta das flores de tuna nos ensinaram a importância de nos adaptarmos às situações adversárias, encontrando beleza e resiliência nas coisas mais inesperadas. A lição aprendida com a tuna se assemelha à nossa jornada educacional: perseverança e capacidade de florescer diante dos desafios. Contudo, é crucial considerar que a beleza do ambiente, embora valiosa, não deve substituir ou compensar deficiências na qualidade da educação. A prioridade deve ser sempre uma educação de qualidade, sendo o ambiente agradável um complemento.

A compreensão das respostas dos professores em relação às questões pertinentes à educação infantil e ao ensino fundamental, desvela um cenário complexo permeado por transformações e desafios. O embasamento inicial desta

investigação reside na percepção da escola como um espaço que vai além da mera transmissão de conhecimentos, adentrando no âmbito do embelezamento e cuidado do ambiente educacional.

A primeira questão apresentada aos docentes foi: “Para ti, a educação infantil do ensino fundamental é uma profissão feminina, masculina ou de ambos os gêneros?” E todas respostas dos pesquisados foram afirmativas, como evidencia o senhor MAQS, merendeiro, com 47 anos de idade, que respondeu que é feminina e masculina. A professora pós-graduada CJMR, de 45 anos, também afirmou que, embora haja mais mulheres trabalhando, é uma profissão que abrange tanto o feminino quanto o masculino.

Nesse contexto, surge a necessidade de analisar criticamente as percepções sociais e os estereótipos associados à profissão docente, desde uma visão tradicional majoritariamente feminina até a evolução para uma compreensão mais equitativa, na qual o magistério é reconhecido como uma carreira passível de ser exercida por ambos os gêneros. A presente pesquisa propõe-se a desvelar as nuances dessas respostas, cada uma delas carregando implicações profundas que transcendem a realidade atual e apontam para a necessidade premente de desafiar normas sociais condicionais. Uma visão predominante da profissão docente como majoritariamente feminina sugere a existência de estereótipos arranjados que recentemente foram desconstruídos. No entanto, a evolução para a liberdade de que ambos os gêneros possam desempenhar um papel fundamental na educação incita uma reflexão crítica sobre o papel dos professores na formação das gerações futuras.

Ao constatar que dentre outras possibilidades e negando a exclusividade de um só gênero na docência, somos instigados a considerar a riqueza da diversidade de talentos, habilidades e perspectivas que homens e mulheres podem oferecer ao cenário educacional. Uma discussão em torno dessas opções revela-se vital para desmantelar estigmas e preconceitos de gênero que podem influenciar a percepção e a valorização da profissão docente. Mais do que uma análise isolada, esta pesquisa visa contribuir para a construção de uma visão mais inclusiva, na qual o valor de cada profissional na formação das futuras gerações não seja determinado por normas de gênero, mas sim pelo seu compromisso, sua paixão e capacidade de inspirar e educar.

3.7.2 Eucalipto e Adaptação: Entre os Ventos Gélidos do Minuano e a Transformação do Pampa

Nas terras de Rivera ou Livramento, durante o inverno fronteiriço, a paisagem assume uma qualidade poética visual, na qual as cores se mesclam em uma dança saturada pela umidade persistente. Tons frios e penetrantes prevalecem, refletindo a intensidade do clima gelado. A geada meticulosamente cobre os campos em um branco rígido, enquanto os céus oscilam entre azuis profundos e cinzas pesados, simultaneamente brilhantes. Ao percorrer as calçadas da Andradas ou a extensão da Sarandi, especialmente nas manhãs, quando a luz do sol acaricia as diminutas partículas de gelo que se formam no chão, surge uma sensação de frio intenso. A quebra da geada gera um som cadenciado a cada passo sobre os campos gélidos.

No entanto, este quadro não estaria completo sem a presença imponente do Minuano, que sopra incansavelmente em portunhol ou mesmo pampeano, trazendo consigo uma friagem cortante que ressoa pela vastidão da região fronteiriça. Em meio a esse espetáculo, surge uma fronteira não produzida pelo Minuano, e sim pela responsabilidade direta do homem, gerando um frio que dói e gela a alma, distante de qualquer romantismo, só sentido por quem não dispõe de uma brasa para aquecer o corpo ou, pior ainda, de uma substância para preencher o estômago.

O Minuano é o vento característico do Pampa gaúcho, um nome da língua tupi-guarani, significando "vento do Sul". Sua presença é marcante tanto pelo frio quanto pela sonoridade ao cruzar; com isso, temos a percepção cortante dos seus efeitos no organismo pampeano. As sensações e emoções que as condições climáticas extremas podem evocar nas pessoas, enquanto há busca por calor e conforto diante das adversidades climáticas, remetem a necessidades emocionais de segurança e bem-estar.

Desde tempos imemoriais, o ser humano tem buscado calor e conforto para enfrentar as severidades desse vento. Na natureza, encontramos a resposta às nossas necessidades mais prementes, e é nela que buscamos soluções para nossos desafios. O Minuano representa não apenas um fenômeno natural, mas também um elemento cultural com significado na língua tupi-guarani.

Há uma atividade comum a Livramento e Rivera que merece destaque nas relações sociais e familiares envolvidas no processo de enfrentamento das condições climáticas: os guris do campo e mesmo nós, urbanos, tínhamos a inadiável tarefa familiar de juntar ou comprar gravetos, lascas e tocos, cuidadosamente coletados e transformados em lenha, não apenas como fonte de calor, mas também de acolhimento e segurança em fornos e fogões, especialmente nos meses rigorosos de

inverno. A lenha era extraída dos capões de mato e caponetes de árvores nativas, localizados próximos a rios e córregos que cruzam o Pampa. Essa interação homem-ambiente evidencia a interdependência e as consequências ambientais das práticas de extração de lenha.

A crescente demanda por mais lenha e madeira, para atender às necessidades naturais e também comerciais, apontou para a busca de outras possibilidades. Em 1868, uma alternativa foi introduzida para a produção de mourões, tramas de cercas, construção de casas e biomassa na produção de energia: o eucalipto. O plantio dessa árvore se espalhou pelo território devido ao seu rápido crescimento, apesar do elevado consumo de água com prejuízo às demais espécies do sistema. Vemos assim as mudanças ao longo do tempo nas práticas humanas e nas respostas às demandas naturais e comerciais.

Hoje em dia, a monocultura do eucalipto compromete grandes extensões no Pampa, ameaçando o Aquífero Guarani e o bioma da região. Embora as áreas de mata nativa no Pampa sejam comparativamente menores que as vastas planícies ou campos limpos, historicamente, uma parte significativa da lenha era extraída das galerias verdes e capões de árvores nativas, muitos deles localizados próximos a rios e córregos que atravessam a região do Pampa. Nessa parceria entre homem e natureza, vemos a força da natureza resistindo à ação agressiva do ser humano, proporcionando-nos a proteção necessária para enfrentar os desafios do clima e a importância da natureza na proteção contra os desafios climáticos. Atualmente, a monocultura do eucalipto (Shiva, 2002, p. 68) compromete grandes extensões por toda a região pampeana e representa uma ameaça ao Aquífero Guarani e ao próprio bioma do Pampa, mesmo assim ele se adapta e ainda resiste.

Assim como a natureza se adapta e resiste, as sociedades também evoluem ou se transformam. No contexto das questões de gênero nos espaços de educação, percebemos mudanças significativas na educação infantil e fundamental. A presença majoritária de mulheres nesses campos se deve a uma série de fatores, incluindo habilidades intrínsecas necessárias para equilibrar carinho, paciência e habilidades pedagógicas. A importância das relações de gênero na escolha de profissões e na conciliação entre vida profissional e doméstica.

No entanto, é importante lembrar que a igualdade de gênero é um ideal a ser perseguido, e todas as pessoas, independentemente do gênero, devem ter a oportunidade de seguir suas vocações e carreiras de escolha. Portanto, a presença

predominante de mulheres na educação infantil e fundamental não deve ser vista como uma restrição, mas como um reflexo das circunstâncias e um convite para continuarmos a promover a igualdade de oportunidades para todos. Afinal, a diversidade enriquece o ambiente educacional, proporcionando às crianças um espaço mais inclusivo e enriquecedor. A importância da igualdade de oportunidades e da diversidade no ambiente educacional.

As dinâmicas de gênero na educação infantil e fundamental são complexas e multifacetadas, a proposta de introdução lança luz sobre possíveis conexões entre a adaptação das sociedades ao longo do tempo e a predominância de mulheres nesses campos. A associação entre a busca por calor e conforto nas adversidades climáticas, mencionada no texto introdutório, e a importância da presença feminina destaca uma possível ligação entre características maternas e o aprendizado das crianças. Além disso, a relação estabelecida entre a resistência da natureza e a capacidade de evolução das sociedades sugere que as mulheres têm de se adaptar a diferentes funções, incluindo a conciliação entre trabalho, educação dos filhos e vida profissional.

Ao perguntar à professora CBR, pós-graduada, com 40 anos de idade, sobre o porquê de haver mais mulheres na docência da educação infantil e do ensino fundamental, ela responde concordando que esta profissão exige dons maternos para que ocorra o aprendizado das crianças. Quem acompanha a mesma resposta também é professora pós-graduada MCC, de 47 anos de idade, justificando para o aprendizado das crianças à exigência de dons maternos.

A mulher para lidar com crianças pequenas aparece como resposta para a professora ACFF, de 38 anos de idade, e especialista em gestão escolar. Ela concorda que essa presença é um fator de segurança para as crianças, o que está de pleno acordo com a resposta de SMCDs, professora com ensino superior completo e 60 anos de idade, que diz: “As escolas de educação infantil contratam mais mulheres provavelmente pelo fato de representarem a figura materna e as crianças sentirem-se mais confortáveis”.

A resposta sobre a não aceitação das famílias em relação a professores do gênero masculino está de acordo com o que pensa a pedagoga DMSNX, de 34 anos. Da mesma forma, em função da longa experiência atuando no magistério estadual e municipal, a professora IAS, de 64 anos de idade, também concorda com a ideia: “tem colegas sofrendo com movimentos de pais se manifestando em escolas com esse posicionamento contrário à presença de professores homens junto aos seus filhos”.

Em relação à profissão com remuneração baixa e com reserva de mercado e atuação exclusiva para as mulheres, obteve-se o alinhamento de pensamento da professora uruguaia DA, formada no magistério e com 30 anos de idade.

Muitos dos entrevistados discorrem que a profissão de professor de ensino infantil e ensino fundamental permite que se trabalhe em regime de meio turno, o que possibilita conciliar trabalho doméstico. Isso é o que confirma a auxiliar de limpeza LA, de 31 anos e com secundária completa. Também é uma profissão que, para MGJP, servidora pública de 49 anos, permite conciliar a educação dos filhos e a vida profissional.

Outras respostas sobre gênero, educação foram manifestadas por NGPD, de 38 anos e docente com o curso de magistério: *“Porque las mujeres tienen mayor tendencia o mayor afinidad con la profesión en relación a los hombres”*. Já a servente AAM, de 38 anos de idade e com o 2º grau (ensino Médio), acredita ser cultural “as mulheres são incentivadas pela família para trabalhar na educação, e a grande maioria dos homens que trabalham na área preferem trabalhar com crianças maiores”. De forma instigante é a afirmação da educadora especial RRL, de 56 anos: “A tradição machista não permitia que a mulher trabalhasse, mas ela poderia ter uma ‘classe’ em casa e ensinar crianças. E formou-se o conceito...”.

A professora PSR, de 30 anos de idade e curso superior completo, diz: “[...] acredito que a identificação feminina seja maior, por esse motivo, há mais mulheres do que homens”. Algumas questões e temas como o cuidado e o aprendizado são trazidos para a reflexão pela professora LRC de 45 anos e curso superior completo, que diz sobre haver mais mulheres na educação infantil e ensino fundamental: “Porque está muito relacionada ao CUIDADO, ação culturalmente definida como feminina e muitas vezes em detrimento do APRENDIZADO”.

No que diz respeito ao texto inicial, em que se abordou a evolução social e a busca pelo equilíbrio entre diferentes responsabilidades, e a esta reflexão sobre questões de gênero e educação, traz-se a opção da possibilidade de conciliar trabalho doméstico, educação dos filhos e vida profissional, o que encontra respaldo na ideia de adaptação e evolução das mulheres ao longo do tempo. A flexibilidade de meio turno na educação infantil ou ensino fundamental pode ser vista como uma resposta a essa necessidade de equilíbrio entre a vida profissional e as responsabilidades familiares. Dessa forma, a análise das justificativas à luz da introdução fornece uma compreensão mais profunda das possíveis relações entre as condições sociais, a

evolução das sociedades e as escolhas profissionais das mulheres na educação infantil e fundamental.

3.7.3 Marcela – Práticas Culturais na Fronteira Brasil-Uruguaí

No coração do Pampa, nestas duas cidades na fronteira do Brasil e Uruguaí mantêm-se tradições profundamente enraizadas. Essas tradições são baseadas em crenças, cultura e hábitos que têm sido transmitidos de geração em geração.

Minha mãe costumava colecionar uma ampla variedade de ervas medicinais, armazenando-as em potes, gavetas e até mesmo sacos plásticos, porém meu pai também contribuía para manter essa coleção. Composto o cenário dessa tradição fronteiriça, tínhamos o Cerro do Caqueiro, que, por sua localização privilegiada, sempre foi concorrido em épocas de soltar pandorgas entre março e abril, durante a semana santa.

Situado sobre a linha divisória entre duas cidades e próximo dos bairros centrais, esse rochedo era ocupado por famílias inteiras do Brasil e do Uruguaí, todos competindo pelo melhor sopro de vento para soltar as pandorgas ou cometas, feitas com taquara, grude e papel de seda. Essa competição acirrada transformava o local em um palco de energia e emoção, em que crianças e adultos se reuniam para mostrar suas habilidades e criatividade nas formas, cores e figuras. E soltavam, enquanto a brisa fresca do entardecer favorecia essa disputa pela altura e pela beleza colorida dos cometas que deslizavam para o céu.

Neste mesmo cerro, tanto do lado brasileiro quanto uruguaio, meu pai tinha o hábito de colher marcela, uma planta de aroma agradável com flores amareladas. Costumava fazer isso nas primeiras horas da manhã, antes do orvalho desaparecer e corria contra o tempo para que fosse antes ainda dos primeiros raios de sol do dia aparecerem. Acreditava que a colheita matinal aumentava a eficácia das propriedades curativas da marcela.

Essa atividade não era apenas um costume pessoal de meu pai, mas uma tradição profundamente enraizada em nossa comunidade. Rito sagrado, toda sexta-feira santa, culminando com o fim da quaresma, de acordo com a tradição católica, a colheita da marcela é realizada. Isso coincide com os meses em que a planta está florescendo, tornando-a ainda mais especial e simbólica. É importante notar que essa prática não se limitava apenas à nossa família, mas ainda hoje é compartilhada por muitos outros habitantes do sul do Brasil e muitos colhem em grandes quantidades

inclusive para comércio. Isso, no entanto, prejudica seu ciclo natural, pois com o corte durante a floração ela deixa de cumprir com sua função natural de reprodução da própria espécie e, desta forma, passa-se a ameaçar sua sobrevivência já que o seu ciclo vital não se completa.

Ao longo das gerações, essas crenças e manifestações religiosas têm sido cultivadas e transmitidas de forma semelhante em toda a região sul do Brasil. São práticas que demonstram como as crenças, a cultura e os hábitos podem unir comunidades ao longo do tempo, enriquecendo nossa compreensão das tradições locais na fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

Minha mãe não possuía nenhuma outra comprovação de eficácia das propriedades medicinais das flores de marcela. Mesmo prescrevendo seu uso como atenuante de cólicas intestinais, problemas digestivos, anti-inflamatório ou sedativo, ela expressava a valorização de uma experiência prática acumulada com o tempo. De igual forma, quando recomendava a ornamentação de vasos dos ambientes ou mesmo ensinando a costurar pequenos travesseiros preenchidos de marcela, eficaz era a crença, para que o aroma envolvente da planta agisse na cura e limpeza do espaço e das pessoas.

Assim como a tradição da colheita da marcela é transmitida de geração em geração, a educação infantil e o ensino fundamental desempenham um papel crucial na formação das próximas gerações. Ambas são enraizadas na cultura e estão na transmissão de conhecimento, mas também em dinâmicas de gênero interessantes.

Antigamente, a educação infantil e fundamental era predominantemente vista como uma profissão feminina, assim como o papel das mulheres na tradição em apanhar marcela. No entanto, ao longo do tempo, apresentamos uma mudança gradual, com mais homens ingressando nesse campo, de maneira semelhante à tradição da colheita da Marcela que era compartilhada por homens e mulheres. Essa evolução destaca como as tradições e profissões podem se adaptar e crescer para refletir a igualdade de gênero e a diversidade de perspectivas. Essa conexão entre a tradição de marcela, a educação infantil e fundamental, e as dinâmicas de gênero ressaltam a importância de adaptação de tradições e profissões para refletir os valores contemporâneos de igualdade e inclusão.

Assim como a colheita da marcela é profundamente enraizada em nossa comunidade, a escolha de profissão também pode ser influenciada por tradições e expectativas de gênero que variam ao longo do tempo e em diferentes regiões. Isso

levanta questões importantes sobre como a educação pode se adaptar para melhor atender às necessidades e expectativas da sociedade moderna.

No contexto das práticas culturais na fronteira Brasil-Uruguai, o texto destaca a tradição da colheita da marcela, enraizada em implicações transmitidas de geração em geração. A evolução dessa tradição, que passou a incluir homens e mulheres, serve como ponto de partida para reflexões sobre a identidade de gênero na educação infantil e fundamental. A conexão entre a tradição de marcela, a educação e as dinâmicas de gênero ressaltam a importância de uma abordagem adaptativa e inclusiva para atender às necessidades da sociedade moderna.

Ao considerarmos a pergunta sobre as imagens que nos vêm à mente ao pensar em um profissional que ensina crianças pequenas, deparamo-nos com diferentes possibilidades de resposta. Cada opção traz implicações significativas em relação à percepção de gênero e às expectativas sociais associadas ao papel do educador.

Imaginar ser uma mulher o profissional que ensina crianças pequenas porque geralmente são professoras que ensinam nessa modalidade de ensino é a resposta que aparece nos posicionamentos da professora ACFF, especialista em gestão escolar, e da mesma forma é o que pensa a professora LRC, de 45 anos. O imaginário de um docente infantil para MCC, de 47 anos, também se desenha com a figura feminina em razão da generalização ou do costume, que não permite outra forma de possibilidade.

A mulher vista afirmativamente como a imagem ideal para as exigências dessa profissão não foi manifestada por nenhum dos entrevistados, no entanto, a professora

CFCSB, de 36 anos e pós-graduada, diz: "Penso que a procura por formação e qualificação nessa área de atuação, seja baixa por parte do gênero masculino". Para *la maestra nível terciário MSC* de 43 años de edad, a presença da mulher se constata "*Por la capacidad de la mujer de desempeñar varios papeles*".

A resposta de o imaginário residir tanto na figura de uma mulher ou de um homem já aparece em boa parcela das respostas. Neste sentido, a atendente II com pós completo em educação infantil LSM, de 39 anos, registra que: "Há mais interesses de mulheres em trabalhar na área da educação infantil. Eu escolhi a profissão por querer trabalhar com crianças pequenas". A professora DCCC, de 43 anos, acredita "ter mais mulheres nesta profissão por questão realmente cultural". A docente com magistério RJLL, de 50 anos, ao responder sobre a imagem de mulheres na educação

aponta que: “Acho que é histórico, qualquer um pode lecionar independentemente do seu gênero”.

A questão que aborda “O que acharias (normal ou estranho) se teu filho tivesse um professor de gênero masculino?” As justificativas incluem “normal por já ter presenciado homens dando aula” ou ainda “um emprego que pode ser desempenhado por qualquer gênero”, “não é usual, mas encararia de forma positiva”. Merece atenção a manifestação escrita pelo Atendente II, AG, que tem 24 anos e ensino superior completo: “porque o ato de cuidar de crianças pequenas, em nossa sociedade, ainda é visto como uma atividade da mulher. Isso tendo em vista os aspectos paternalistas e tradicionais ainda presentes no contexto social da fronteira”.

Vista como “algo estranho a presença de um docente masculino para meu filho, por não ser usual com o que me sentiria desconfortável”: essa é a posição da professora LRC de 45 anos, que ainda arremata sobre seu desconforto dizendo que “O desconforto residiria nas questões relacionadas à higiene: banheiro, troca de fraldas... é bem delicado”.

A importância da reflexão sobre essas respostas reside na desconstrução de estereótipos de gênero, que limitam escolhas profissionais e perpetuam ideias preconcebidas. Analisar as possíveis respostas oferece uma oportunidade de questionar e desafiar normas sociais, contribuindo para uma compreensão mais ampla da igualdade de gênero e fomentando ambientes educacionais mais inclusivos, onde uma diversidade de identidades de gênero é valorizada e respeitada. Essa discussão é essencial para promover uma educação que transcenda estereótipos e reconheça o potencial de todos, independentemente do gênero.

3.7.4 Desafios e Soluções na Periferia de Livramento e Rivera para Controlar o Capim-Annoni⁴⁷ e a conviver com a Tradição Equestre

Durante meu período de atuação nas escolas, observo que muitos alunos, sem distinção de gênero, manifestam desejos que vão além dos brinquedos convencionais, como bicicletas, bonecas, bolas, celulares ou carrinhos de rolimã. Um presente que se destaca nessas listas de desejos é a posse de um potro manso, ou “petiço”, como

⁴⁷ A descoberta do capim-annoni remonta a 1957 em Tupanciretã/RS, e acredita-se que tenha ingressado no Brasil por meio de um lote de sementes de capim-de-rodas importadas da África do Sul. Embora seja considerado uma praga aqui, no país de origem, o capim-annoni não exibe esse comportamento. Atualmente, há focos de infestação em diferentes níveis de intensidade no Sul do Brasil, estimando-se que tenha ultrapassado 20% da área com vegetação nativa no Rio Grande do Sul.

é mais chamado aqui na campanha gaúcha – o cavalo de estatura pequena mais apropriado para crianças.

Na periferia de Livramento e Rivera, é notável a intensa relação das famílias com atividades relacionadas a cavalos, seja por diversão, trabalho ou prática esportiva: alguns alunos acompanham seus pais na coleta de cartões e sucata para venda, ou até mesmo na entrega de garrafas de leite pela cidade; outros se aventuram em corridas ou participam de eventos como gineteadas e tiro de laço. No meu bairro, Tabatinga, onde resido e trabalho, observa-se diariamente um cenário típico presente em praticamente todos os bairros e vilas: a presença marcante de equinos conduzidos serenamente por mãos humanas, seja de uma criança, jovem ou até mesmo um adulto. Nesse quadro, a figura humana parece exercer controle absoluto sobre a situação, enquanto os cavalos, com seus pescoços curvados em direção ao solo, buscam ávidos se alimentar do pasto nas praças, nas calçadas ou à beira de cercas.

A relação entre humanos e cavalos assume uma dimensão mais profunda quando comparada à atenção muitas vezes negligenciada aos membros do seu próprio núcleo familiar, e observamos homens adultos solteiros ou casados dedicando um tempo especial para cuidar dos cavalos. As despesas financeiras associadas a esses animais vão além do simples custo com milho, remédios ou alfafa. Nas conversas informais das esposas, mães de alunos e até mesmo colegas professoras, percebe-se a insatisfação com o que observam, lamentando que seus maridos investem mais recursos nos cuidados com o animal do que nas despesas cotidianas do lar ou mesmo em presentes para elas.

O intrigante contexto dessa dinâmica se revela ainda mais simbólico quando se compara o tempo dedicado à família com o tempo destinado ao rasqueado, às massagens e à proteção contra as intempéries. Elas afirmam que “com seus amigos de quatro patas, eles até conversam e se entendem”. Esta busca por relações mais gratificantes fora do círculo familiar sugere que as interações com animais proporcionam um terreno mais propício para a expressão emocional e o cultivo de cuidados mútuos. Assim, a relação entre o ser humano e o cavalo transcende a mera questão de posse.

Há uma priorização inadequada na distribuição de cuidados, favorecendo os cavalos em detrimento dos parceiros humanos. Essa discrepância parece refletir padrões culturais ou sociais que perpetuam a ideia de que determinadas tarefas, como o cuidado das pessoas, são de responsabilidade principalmente das mulheres. Esse

comportamento machista contribui para a manutenção de estereótipos de gênero e para a subestimação do valor do trabalho emocional desempenhado pelas mulheres.

Encontram tempo especial para acariciar e escovar os pelos dos equinos, demonstrando um zelo e atenção meticulosa dada aos cavalos, em contraste com a negligência percebida em relação aos parceiros humanos, o que sugere uma falta de cuidado e consideração para com as necessidades emocionais e práticas das parceiras mulheres. Isso pode resultar em sentimentos de desvalorização e insatisfação nas relações, contribuindo para conflitos e desconexão emocional. A falta de cuidado pode ser alimentada por expectativas tradicionais de gênero que desvalorizam as contribuições das mulheres nos relacionamentos. Assim, homem e cavalo representam um elo complexo que reflete dinâmicas de controle e poder nas interações interpessoais. Isso cria um desafio para a reflexão pedagógica em sala de aula, especialmente no que diz respeito à formação de meninos e meninas.

Dentro da sala de aula, meus alunos compartilham histórias de bravura e aventuras, contando vantagens aos colegas. Esses relatos podem representar esforços para construir uma narrativa pessoal que busque reconhecimento e validação dos outros, contribuindo para a construção da identidade em um contexto social. Do alto dos feitos propagados em narrativas dramáticas entre pequenos grupos de colegas, sempre narrados com expressões de autoestima elevada, investem sobre a escola e sobre o próprio professor para mais uma “tenteada” livre.

Justamente por conhecerem as amplas dimensões dos terrenos da escola e do terreno da casa do professor também, mesmo assim, não resistem em pedir: "Professor, o senhor deixa eu colocar meu cavalo para pastar no pátio da sua casa?" A pronta resposta como barreira impede novas investidas. Mesmo explicando os motivos da negativa, não encontrei nenhum que quisesse compreender. Aqui se apresenta uma dinâmica de poder e resistência à compreensão mútua.

Quando os meninos são orientados a priorizar atividades relacionadas a animais em detrimento do cuidado com seus pares humanos, isso pode contribuir para a internalização de normas de gênero desiguais desde cedo. Essa socialização inicial estabelece padrões que podem perpetuar a falta de cuidado e a desigualdade nas relações futuras. Muitos desses alunos têm seus próprios cavalos desde a infância, cultivando o hábito de cuidar deles e mergulhando profundamente na cultura enraizada no folclore e no tradicionalismo gaúcho. Para eles, o cavalo representa mais do que um animal: é um símbolo de tradição, cultura gaúcha e até mesmo um modo

de vida. Os eventos ao longo do ano, como desfiles, rodeios, gineteadas e tiro de laço, desempenham um papel crucial em fortalecer a ligação entre as famílias e seus cavalos, criando uma tradição que perdura ao longo das gerações.

Nos bairros, é comum encontrar cabanhas especializadas no cuidado e tratamento de cavalos. Contudo, a maioria dos proprietários enfrenta a dependência de pastagens disponíveis em terrenos baldios e canteiros públicos que permitem que seus cavalos pastem. Essa contradição reflete a dificuldade de possuir o animal sem dispor de locais adequados para alimentação, enfrentando elementos indesejados que ameaçam o equilíbrio do ambiente.

A ameaça ao bioma natural do Pampa surge com a presença invasiva do capim-annoni. A dependência de terrenos públicos para pastagem reflete a dificuldade causada por essa praga, que não apenas aniquila os gramados naturais, mas também danifica equipamentos. O gado e os cavalos desempenham um papel crucial na dispersão do capim-annoni, contribuindo para a germinação acelerada das sementes nas fezes. Essa invasão compromete a pastagem natural, dificultando a recuperação do bioma.

A baixa qualidade de proteína do capim-annoni leva os animais a evitá-lo, aumentando a pressão de pastejo sobre as espécies nativas. Como resultado, o capim-annoni suprime a pastagem natural do Pampa, levando à sua eliminação. A capacidade de dispersão da planta apresenta um desafio adicional, tornando crucial a busca contínua por estratégias eficientes para lidar com essa ameaça ao equilíbrio do bioma.

Uma discussão ou debate reflexivo pode ser introduzido considerando como essas dinâmicas de poder e desigualdade de gênero se manifestam não apenas na relação entre humanos e cavalos, mas também na sociedade em geral. O comportamento machista destacado no texto, com homens investindo mais recursos nos cuidados com os animais do que nas despesas cotidianas do lar, pode ser visto como um exemplo de como as expectativas tradicionais de gênero influenciam as relações interpessoais. Essa análise pode levar à reflexão sobre como esses padrões de comportamento e a priorização de interesses podem se manifestar no ambiente educacional. A questão sobre desconforto em ter um professor do gênero masculino na educação infantil e fundamental pode estar relacionada a essas normas culturais que influenciam as percepções sobre quais papéis são socialmente aceitáveis para homens e mulheres.

Pelo prisma das dinâmicas de gênero presentes nas interações humanas, a questão é implicitamente abordada pela ideia de desconforto relacionado à presença de um professor do gênero masculino em níveis de ensino associados ao cuidado e à educação feminina. Ao relacionar essa questão com o texto sobre o Capim-Annoni, percebemos uma conexão que transcende a superficialidade da aparente dicotomia entre gêneros nas funções educacionais. O texto destaca a forma como, na periferia de Livramento e Rivera, há uma priorização concentrada na distribuição de cuidados, favorecendo os cavalos em detrimento dos parceiros humanos. Essa discrepância é interpretada como reflexo de padrões culturais ou sociais que perpetuam estereótipos de gênero e comentários para a desvalorização do trabalho emocional influenciado pelas mulheres.

Esses padrões de comportamento e priorização de interesses podem se manifestar no ambiente educacional com normas culturais que influenciam as percepções sobre quais papéis são socialmente aceitáveis para homens e mulheres.

Abordar como a quebra desses estereótipos de gênero pode contribuir para uma sociedade mais igualitária e como a educação pode desempenhar um papel fundamental nesse processo pode se estender para além do ambiente escolar, considerando como as relações de poder e as expectativas de gênero impactam não apenas as interações entre humanos, mas também a relação entre a sociedade e o meio ambiente, como evidenciado pelo desafio do Capim-Annoni na periferia de Livramento e Rivera.

O texto sobre o Capim-Annoni e a manifestação da professora LRC sobre a presença de um docente masculino para seu filho podem estar relacionados por meio do tema subjacente aos padrões de gênero e suas manifestações na sociedade. Essa discrepância é interpretada como reflexo de padrões culturais ou sociais que perpetuam ideias machistas, contribuindo para a desvalorização do trabalho emocional exercido pelas mulheres.

A manifestação da professora LRC reforça a existência desses padrões de gênero na sociedade, diminuindo um desconforto específico em relação à presença de um professor masculino para seu filho, principalmente devido a preocupações relacionadas à higiene e tarefas como troca de fraldas.

A relação entre os dois contextos destaca como as expectativas de gênero podem influenciar diferentes áreas da vida, desde a distribuição de cuidados dentro da família até as percepções sobre papéis e responsabilidades na educação. A

atenção meticulosa dada aos cavalos em comparação com a negligência percebida em relação aos parceiros humanos no texto sobre o Capim-Annoni pode ser vista como uma extensão dos papéis de gênero tradicionais.

Em conclusão, a análise conjunta desses dois contextos destacou a persistência de normas de gênero e sua influência nas interações sociais, nas relações familiares e até mesmo na educação. Essa observação pode ser crucial para a reflexão pedagógica em sala de aula, especialmente no que diz respeito à formação de crianças e adolescentes em relação aos papéis de gênero e à igualdade.

3.7.5 Raízes Floridas: Anos de Conexão e Afeto no Bairro Tabatinga

Há mais de 33 anos, tenho me dedicado ao trabalho direto com crianças, tanto na zona rural quanto na urbana, em escolas centrais ou periféricas. Nesse período, testemunhei a transformação de muitos ex-alunos em adultos, e conheci diferentes gerações da mesma família. Ainda me surpreendo a cada início de ano letivo durante as minhas apresentações para a nova turma, tendo que ler lista com sobrenomes que têm uma sonoridade bastante familiar e logo constato que estes são filhos de ex-alunos e alunas de tempos atrás.

Alguns adultos hoje possuem fisionomia tão distinta de quando crianças, que quase não os reconheço mais, mas outros permanecem ou frequentam mais as minhas lembranças, especialmente aqueles que diariamente demonstravam a capacidade de preencher para além dos espaços da sala, sempre movidos por uma constante sobrecarga de energia tão própria da idade. Aqueles que nunca se contentaram em ser apenas figurantes, sendo comum seu desempenho em papel de destaque na turma; estes pareciam escolher aquelas quatro horas na escola, como o tempo e o lugar, para canalizar o potencial acumulado. Além disso, comparecem assiduamente, mesmo que queimados pela geada fria ou abaixo das fortes chuvas, ainda assim estão lá. Não tanto pela aula em si, mas pelo contato direto e pelo sentido de pertencimento ao seu grupo de identificação.

Hoje, nas minhas andanças pelos corredores de algum supermercado da cidade ou no aguardo formando fila de banco, muitas vezes sou interpelado com exclamações vigorosas: "Professor Érico! Lembra de mim?" Nem sempre consigo recuperar de imediato essas memórias, dada a sobreposição de rostos somados ao longo dos anos, o que se torna possível, no entanto, ao compartilharem suas histórias, desde uma pedrada na testa, um dribles no recreio, ou episódios mais isolados como

levá-los até suas casas quando a mãe perdia a hora, e elas não demonstravam nenhuma vergonha com a situação. Essas narrativas trazem à tona lembranças valiosas, muitas vezes de épocas em que os registros em fotografias não eram tão acessíveis.

Minha relação com os alunos, imagino, sempre foi num tom singular, marcada pela imponência como homem entre as crianças, pela minha identidade negra e pela proximidade como vizinho de muitos. Essa escolha consciente ou não, de manter certa distância física, fugindo do padrão comum entre meus colegas, nunca impediu a troca de gestos de carinho e querer, tanto que, no trajeto de casa até a escola, alguns alunos ainda continuavam a colher flores do campo, como margaridas, Malmequer ou flor-maria-mole, presentes que são entregues como afeto e aos quais demonstro apreço.

Minha mesa da sala de aula é diariamente enfeitada com esses presentes simples, sejam flores ou desenhos coloridos, gestos gentis dos alunos. Em que pese a delação enciumada de algum colega que por ter lembrado, colocava em dúvida a origem das flores frescas trazidas por crianças que moram próximas ao cemitério da Tabatinga. Sem dar crédito, eu trato de acolher e reservar o espaço devido ao botão trazido ao professor. Recebo com gratidão, acomodando tudo em um pequeno copo com água na tentativa de prolongar sua vida e o frescor de sua cor. Que criança já não levou flor para a sua professora ou um rabisco pintado com cores da emoção? Essas são as fotografias que a alma grava pra toda a vida! Daí, todo o meu cuidado.

Esses gestos vão além de meros presentes materiais, eles representam a expressão do afeto possível na relação entre aluno e professor. Ao acomodar os presentes com cuidado em minha mesa, reconheço não apenas as flores ou desenhos, mas uma demonstração sincera de carinho por parte dos meus alunos. Esta jornada não é apenas profissional, mas uma trajetória marcada por relacionamentos, afeto e impacto do papel do professor na vida de seus alunos. Essa conexão transcende o cuidado obrigatório próprio da função. É uma conexão com o indivíduo e com o coletivo da comunidade escolar.

Das mesmas campinas de onde nascem naturalmente as flores que motivam o relacionamento saudável entre o professor, alunos e familiares, brotam fatos que permitem o estudo do explorar a história e a realidade de cada um deles na sua família.

O bairro Tabatinga é meu local de residência, e também é onde se encontra a escola estadual Pinto da Rocha, instituição na qual leciono há 13 anos. Durante as manhãs, ensino adolescentes, e à tarde, uma turma de crianças. A convivência próxima e a interação constante com esses alunos garantem uma riqueza de informações sobre a região e a vida de suas famílias.

Ao longo desses anos, realizei levantamentos e estabeleci relações dentro da comunidade escolar, resultando em relatos sobre diversas situações e características das famílias, do trabalho e das residências locais. Os alunos frequentemente compartilham histórias de seus pais, tios e avós que eram operários do antigo frigorífico Armour, registrando com saudade os momentos de grande atividade da empresa. Além disso, muitos alunos trazem à tona detalhes das características de suas próprias casas, assim como das residências onde seus avós ainda vivem. Essas habitações muitas vezes estão diretamente ligadas ao passado do bairro, marcadas por um intenso fluxo de pessoas e tropas de gado, pela estrada da mangueira colorada, em direção à planta industrial do grande frigorífico.

Um bairro rodeado de coxilhas verdes, em que florescem as flores do campo trazidas até a escola pelas crianças, formam a relação histórica, econômica e social que merece nossa profunda reflexão sobre a influência de um passado recente que ainda persiste na memória dessas famílias do bairro e da comunidade escolar. Essa vegetação fronteira facilitava a qualidade e a quantidade de gado, que, inicialmente, se destinava à produção de charque e, posteriormente, era industrializado em conservas enlatadas.

O gado era criado em extensas áreas denominadas latifúndios, e essa produção ao longo da fronteira proporcionou um enriquecimento significativo aos estancieiros da região, graças à comercialização desse gado para diversos países vizinhos, Estados Unidos e Europa. Nas primeiras décadas de 1900, empresários americanos chegaram para a instalação do Frigorífico Armour, representando um marco crucial e trazendo mudanças profundas para as cidades fronteiriças de Livramento e Rivera. Hoje, essa planta industrial histórica, Figura 32, encontra-se completamente desativada.

Figura 32 - Vista da planta industrial do antigo Frigorífico Armour



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2023.

Conforme descrito por Albornoz (2010, p. 111), o impacto positivo dessa iniciativa, além de beneficiar os estancieiros ao valorizar sua matéria-prima, na indústria também impulsionou a economia local. O comércio experimentou uma revitalização notável, impulsionada pela influência financeira gerada pela indústria frigorífica. Entretanto, essas riquezas não se distribuíram de maneira uniforme. Os operários e residentes próximos à empresa não desfrutavam dos mesmos benefícios que os estancieiros. Nas áreas adjacentes ao frigorífico, vilas e bairros adotaram a prática de revestir casas de madeira e pintá-las com cores fortes, conforme evidenciado na Figura 33.

Figura 33 - Casa térmica forrada com folhas de Flandres (lata)



Fonte: Acervo do autor, outubro de 2022.

Essa técnica térmica na fala de alguns pais e alunos, garante que no inverno a habitação internamente segurasse o calor, e no verão ocorria o contrário, tornando o

interior mais fresco e agradável. Segundo Schäffer (1993, p. 128), inicialmente, havia uma ligação estreita entre os moradores/proprietários das casas revestidas com chapas metálicas (latas) e o trabalho como operários na empresa Armour, conforme exemplificado na Figura 34.

Figura 34 - Casa de lata localizada no Bairro Tabatinga. Havia uma relação direta entre operários do frigorífico com as casas coloridas e forradas de lata



Fonte: Acervo do autor, maio de 2023.

O revestimento das casas com chapas metálicas originou-se da necessidade de garantir a qualidade e durabilidade do material utilizado para enlatar carnes em conservação. Assim, as primeiras chapas do fardo, que poderiam apresentar algum defeito, sempre foram descartadas e essas eram geralmente utilizadas na forração. Atualmente, essa relação não é tão íntima; contudo, a disparidade na distribuição de benefícios destaca desafios sociais e econômicos acentuados, pois não garantiram uma prosperidade mais equitativa e sustentável.

De acordo com Silva (2020), a influência do Frigorífico Armour não se limitou à esfera industrial, mas instaurou um cenário social e econômico abrangente. Na área adjacente ao estabelecimento, consolidou-se uma sociedade que experimentou melhorias vinculadas diretamente ao refrigerador específico. Desde sua instalação na localidade, a empresa promoveu inovações em diversas áreas laborais, reconfigurando uma atividade peculiar, otimizando diversos processos produtivos e dedicando-se à melhoria dos rebanhos. Além disso, o empreendimento propiciou o surgimento de estabelecimentos modulares. O desenvolvimento urbano, portanto, foi majoritariamente respaldado por essa corporação.

Durante a operação do Frigorífico Armour em Santana do Livramento, conforme afirma Silva (2020), poucos perceberam que o progresso instigado pelo frigorífico não era intrinsecamente sustentável. Dada a natureza estrangeira do capital investido e a falta de um profundo vínculo de compromisso da empresa na comunidade local, uma concentração significativa de poder econômico não poderia ser mantida por um longo prazo. Há duas décadas, o frigorífico entrou em concordata. Com o fim da empresa, em Santana e Rivera, mesmo após lapso temporal, apesar do substancial potencial econômico da cidade, seu avanço na direção ao desenvolvimento ocorre de forma morosa.

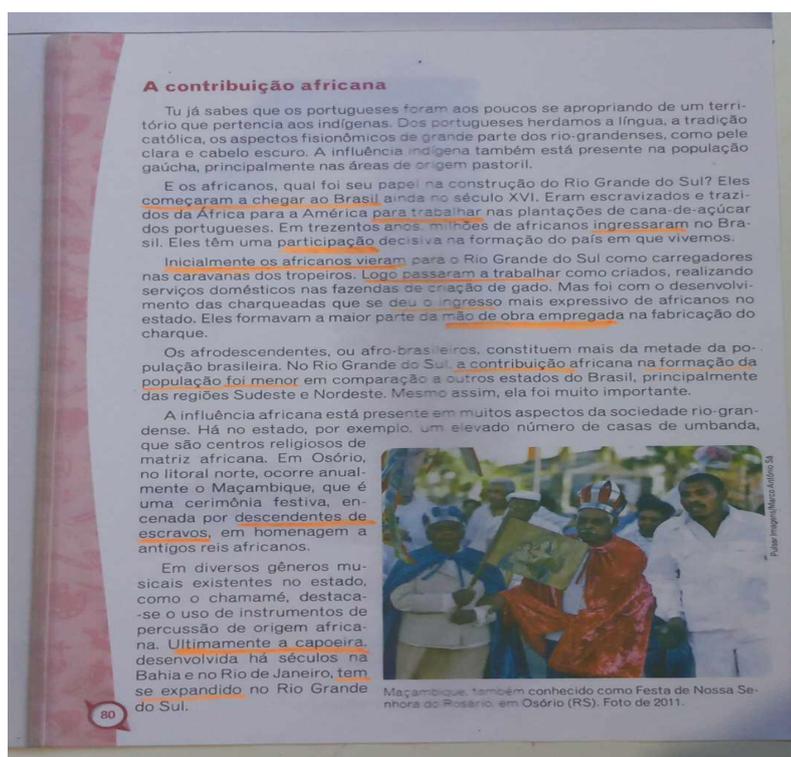
Essa interconexão entre o presente dos alunos, suas raízes familiares e a história do bairro cria uma teia de relações que enriquece o ambiente educacional e promove uma compreensão mais profunda e contextualizada do local em que vivem e aprendem, sempre entre as coxilhas da fronteira oeste do Rio Grande do Sul e o Norte do Uruguai.

3.7.6 Desvendando Silêncios: Reflexões nas Entrelinhas da Educação Formal

O papel intrínseco dos educadores na tarefa de explicar e interpretar o mundo torna-se evidente à medida que acumulamos experiência, desenvolvendo uma habilidade de compreender o verdadeiro significado de eventos e situações. Surge, assim, um compromisso inerente às palavras, tanto faladas quanto escritas, uma vez que cada educador carrega posições, ideias e interesses moldados pela vivência em sociedade e pelas condições que se apresentam. Esses elementos se manifestam de diversas formas no cotidiano e nas práticas didáticas que assumimos.

Conceitos fundamentais, como contextualizar e relacionar, tornam-se ferramentas essenciais para abordar temas ou conteúdos e promover o correto entendimento dos alunos. Contudo, um exemplo emblemático desse desafio é a Figura 35, extraída de um livro didático Pequenos Exploradores (Moreira, 2014), que em uma única página apresenta termos, afirmações e expressões que naturalizam ou minimizam o histórico da condição dos afrodescendentes no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Figura 35 - Livro didático minimizando a condição dos afrodescendentes no Brasil



Fonte: PNLD, 2014.

É crucial destacar que essa é uma impressão oficial transmitida por livros didáticos públicos, materiais elaborados e selecionados por meio de vários critérios de qualidade e competência, tanto das editoras quanto dos autores. No entanto, mostram-se distanciados de alguma preocupação com a correção e fidelidade das informações. Nesse contexto, cabe uma análise alegórica do Cerro do Marco como um filtro ou seleção dessa situação, exigindo nossa atenção para destacar inúmeras palavras que afirmam, criando uma representação quase que romantizada que não corresponde a crueza dos fatos.

A página de número 80 apresenta um texto (Moreira, 2014), em que se lê uma visão sobre a presença de homens negros no Brasil e no Rio Grande do Sul. Muitas palavras que sublinhei na figura geram grande desconforto devido à maneira como são casualmente retratadas nos livros didáticos que tenho que utilizar em minha prática pedagógica.

Sob o olhar analítico e crítico oportunizado pela alegoria do Cerro do Marco, do olhar distanciado, é possível perceber o impacto profundo dessa representação, especialmente para um educador negro. A forma violenta como o passado e o presente dos negros são apresentados no livro didático gera constrangimento e

desrespeito. Diante disso, surge a necessidade de recontar e questionar o verdadeiro sentido por trás de cada palavra ou expressão de cada texto, em busca de uma compreensão mais justa e fiel.

Vejamos que termos como "contribuição", "começaram a chegar", "trabalhar", "juntaram", "participação" e "mão de obra empregada" refletem uma abordagem que exige uma reflexão crítica. A afirmação de que a contribuição africana na formação da população foi menor no Rio Grande do Sul, ou a referência aos descendentes "de escravos" e à "capoeira" como expressão cultural do negro no RS, levantam questionamentos sobre as nuances e representações presentes nos materiais didáticos.

Portanto, é imperativo compreender as palavras no sentido que realmente possuem e respeitar as complexidades históricas e sociais implícitas, proporcionando uma educação que promova uma compreensão mais completa e crítica da realidade. Falamos sobre algo que geralmente não é visível à primeira vista, referindo a subtextos, mensagens não explícitas ou aspectos subjacentes da vida escolar que podem ser facilmente ignorados. Nesse sentido, como professor e negro, faço constantemente a reflexão possível sobre como a conscientização desses aspectos pode contribuir para um ambiente educacional mais enriquecedor e inclusivo.

Este cenário não é exclusivo dos descendentes de africanos escravizados, estendendo-se também aos povos indígenas, vítimas de genocídios ao longo da história brasileira. Ao assumir a perspectiva Sankofa⁴⁸ entendo como um ato de resistência e resiliência, pois significa um olhar para trás, mas não apenas para compreender, mas para se comprometer a corrigir as injustiças históricas.

Ao estar plenamente em um programa de pós-graduação por meio das políticas de cotas da universidade, em uma modalidade de ensino que se ramifica democraticamente, sendo a universidade um rizoma, penso que me torno um agente ativo na construção do conhecimento e na quebra de barreiras que perpetuam desigualdades, preconceitos ou estereótipos.

Em relação aos olhares sobre a fronteira, Pedruzzi e Schardosim (2016) destacam que, ao longo da história, o imaginário sobre determinadas pessoas ou

⁴⁸ Sankofa – “Abre em nova aba” é um ideograma africano representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar).

lugares tem sido moldado por narrativas que reforçam mitos negativos, evidenciando aspectos como brutalidade, violência e preconceitos. Essas representações muitas vezes lançam uma sombra sobre comunidades ou regiões inteiras, como é o caso dos fronteiriços, cuja identidade é distorcida por relatos que não representam a totalidade de suas experiências. Pedruzzi e Schardosim (2016) trazem exemplos como o relato do escritor uruguaio Florêncio Sanches sobre as atrocidades de João Francisco, conhecido como "o grande degolador", ou a experiência do escritor argentino Jorge Luis Borges⁴⁹ quando testemunhou uma cena de morte em Santana do Livramento, fato que se refletiu na escrita de histórias que não apenas influenciam a percepção pública, mas também impactam a autoimagem e o entendimento das próprias comunidades.

Ao analisar a presença desses mitos em obras literárias, como as de (Borges e Sánchez, 2016), é possível compreender melhor como o espaço geográfico da fronteira Brasil-Uruguaí é representado e como essas representações afetam a construção da identidade regional e nacional. Essa influência alcança não apenas os fronteiriços, mas também aqueles que não o são, com se destaca o "gaúcho, violento e machista" presente no épico "Martín Fierro", escrito em Santana do Livramento enquanto José Hernández estava exilado. Todos os três, ao meu ver, não determinam, porém, contribuem para o distanciamento, o estereótipo, o preconceito e desigualdades sobre o todo de uma coletividade.

Essas desigualdades também podem ser claramente compreendidas por quem não é da fronteira, mas que, em visita, por contato familiar ou profissional, necessita estar na fronteira, como o autor e jornalista Tulio Milman (2023), que mediou um debate sobre educação e trouxe à tona reflexões profundas e instigantes. Reunindo uma diversidade de vozes, incluindo pais, professores, políticos, ativistas e empresários, o debate destacou a singularidade do processo educativo. Milman (2023) enfatizou que a educação não deve ser uniformizada, mas sim vista como um todo composto por diversas partes, cada uma delas valiosa e única em sua contribuição para o desenvolvimento humano. Sua rápida experiência na fronteira

⁴⁹ Jorge Luis Borges – Para saber mais sobre a presença de Borges na fronteira e esta influência sobre sua obra, leia também: PEDRUZZI, Tiago & SCHARDOSIM, Chris Royes: **Dois olhares sobre a fronteira Brasil - Uruguaí**, Caderno de Letras, nº 26, Jan-Jun - 2016 - ISSN 0102-9576 SERRALTA, Carmen Maria. A fronteira onde Borges encontra o Brasil. Porto Alegre: Movimento, 2011. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/cultura/2011/10/borges-por-testemunha/>

levou-o a fazer registros que nos fazem refletir sobre as oportunidades e desafios presentes nesse espaço.

Fui escolhendo pela tela: batatas fritas, hambúrguer e refrigerante. Com a ponta do dedo, tocava nas imagens até que veio a conta: 495,00. Assustado, olhei para o lado à procura de um atendente. O sistema estava errado. Impossível um lanche custar tanto. Foi então que me dei conta: eu estava no Uruguai e não mais em Santana do Livramento, onde alguns minutos antes terminara de mediar o terceiro debate do Movimento pela Educação, uma iniciativa da presidência da Assembleia Legislativa. Os 495,00 eram pesos e não reais. Convertendo, não é exatamente barato: R\$ 62, mas é bem melhor do que a facada inicial. (Milman, 2023).

Quando se observa pelo olhar de quem é de fora, indaga-se como muitos conseguem destacar o potencial e a riqueza cultural que muitas vezes podem ser subestimados pelos olhos locais. Essa perspectiva externa nos permite perceber como algo que pode parecer tão próximo também pode ser, ao mesmo tempo, tão distante. No cerne de suas observações está a ideia de que a educação é um campo vasto e diversificado, no qual cada experiência é valiosa e merece ser reconhecida.

De volta à lanchonete, me lembrei imediatamente das reflexões sobre como o Rio Grande do Sul e o Brasil têm realidades locais diferentes e como isso é pouco considerado, dadas as características centralizadoras de todo o sistema.

Desafiando as fronteiras da uniformização, Milman (2023) nos convida a abraçar a complexidade e a diversidade das abordagens educacionais. Sua mensagem ressoa como um convite para explorar novos horizontes, enriquecendo nossas práticas e ampliando nossa compreensão sobre o que é possível alcançar na busca por uma educação mais inclusiva e transformadora.

Eu cruzara a fronteira, levado de carona, sem me dar conta. É natural para quem vive e trabalha naquela região, onde as pessoas respondem a um “muito obrigado” com um caloroso e correto “merece”. Eu, nascido e criado em Porto Alegre, não sabia. Então, pensei: não podem pessoas que moram tão longe dali determinarem jeitos únicos de ensinar e de aprender, porque as realidades apontam em direções múltiplas. (Milman, 2023).

Nesse retrato do cotidiano, agora descrito e pintado sob o “Olhar do Cerro do Marco” de quem viveu a fronteira cruzando pra cá e pra lá, sem importar-se com nenhuma trava burocrática ou filtro legal, ele ainda experienciou sua invisibilidade aduaneira. Mais ainda, constatou diferentes olhares sobre as distâncias que separam os fronteiriços: “Paguei meu lanche com cartão, cruzei a fronteira invisível novamente e peguei o ônibus de volta para casa. Livramento não é longe. Porto Alegre sim, é.” (Milman, 2023).

Reunindo todos esses olhares diferentes, eu fronteiro vou me vendo, conhecendo e me redescobindo. Para redescobrir-me na definição proposta por Kilomba (2019) como *sujeito negro*, por iniciar uma série de identificações consecutivas com outras pessoas negras: suas histórias, biografias, experiências, conhecimentos etc., a própria negritude leva e constrói um sentimento de segurança interior e autorreconhecimento fora da ordem colonial.

Meu papel como professor e estudante cotista contribui para a diversidade e inclusão, desafiando sistemas que historicamente marginalizaram certos grupos. É crucial destacar que essa luta não é apenas pessoal, mas coletiva. A necessidade de políticas efetivas de componentes históricos é um chamado à sociedade como um todo para considerar e abordar as consequências persistentes do passado. Essa conscientização é essencial para promover uma mudança significativa, não apenas no ambiente acadêmico, mas em toda a sociedade.

Portanto, ao trazer minha perspectiva também para o programa de pós-graduação, acredito não só no enriquecimento da experiência educacional, mas ela também desempenha um papel vital na construção de um futuro mais justo e equitativo. A visão Sankofa é uma bússola que orienta não apenas para o entendimento, mas para a ação transformadora. Então, esta é uma jornada de compromisso e responsabilidade.

3.7.7 Conexões através do humor: reflexões sobre fronteira e identidade

O uso do humor como meio de abordar e debater temas sociais, políticos, esportivos, culturais e outros é uma prática enraizada em diversas sociedades ao longo da história. Essa forma de expressão permite uma compreensão mais leve e acessível da realidade, muitas vezes através de representações exageradas e satíricas. Ainda assim, é um dos meios que melhor ajudam a compreender, refletir e informar sobre situações e contextos que, de outra forma, ficariam difíceis de serem contadas.

Na figura 36, aparecem em diferentes planos peculiaridades que, no mínimo, mobilizam nossa capacidade imagética. Vemos esse conceito em ação, quando do meu encontro como pesquisador com o seu Biscarra, que ilustra a convivência na fronteira entre Brasil e Uruguai de maneira descontraída. Em destaque, eu apareço estendendo a mão para saudar o morador da casa, seu Biscarra, em frente ao Marco

de nº 687, um monumento localizado exatamente no meio do seu pátio, entre as balanças dos netos e canteiros de flores.

Figura 36 - Um Marco de fronteira no meu quintal



Foto: Sandra Motta, outubro de 2023.

Seu Biscarra, com igual sorriso e simplicidade, retribui o cumprimento que então lhe soava de forma muito natural, como quem parece não alcançar a dimensão simbólica do gesto que compartilhamos naquele cenário. Eu estava do lado brasileiro, e ele, do uruguaio. Logo nos convida a percorrer e conhecer o seu espaço e domicílio, ao mesmo tempo em que narra e responde sobre as mesmas perguntas de todas as visitas de curiosos, jornalistas e pesquisadores, como meu caso, e faz questão de mostrar todos os marcos que cruzam seu pequeno campo.

Seu Biscarra descreve sua casa, diz que algumas peças e quartos estão em território riverense e a sala e banheiros em território santanense. Para aqueles como eu, quinquagenários ou próximos, tornou-se fácil resgatar lembranças do humorista Jô Soares⁵⁰ no quadro de sátira na televisão do ano de 1986, em que o artista representava os personagens Paulinho das Candongas ou *Pablo*, a depender do local da sua casa (como ilustra a Figura 37), no programa “Viva o Gordo”, que estreou em 1981.

Neste quadro humorístico, o personagem narra sua condição de morador na fronteira do Brasil e Uruguai, nas mesmas condições hoje vividas cotidianamente na casa do seu Biscarra e sua família. Na licença poética do artista, o personagem na

⁵⁰ Jô Soares no Programa “VIVA O GORDO”: Jô Soares- melhor quadro de todos;
https://www.youtube.com/watch?v=ztbT_NuZb4

sua própria casa sempre que necessitava se deslocar entre a sala e a cozinha, precisava entregar seu passaporte ao guarda da fronteira, “para não ficar clandestino toda vez que entrasse na sua própria cozinha”, o personagem assumia outra identidade, cultura, desejos, costumes, moeda e mesmo o idioma. No chão da casa as linhas nas cores de cada país demarcam os territórios.

Figura 37 - Jô Soares no “VIVA O GORDO”, 1986



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ztbT_NuZb4

Portanto, o uso do humor não apenas nos permite refletir sobre questões importantes, mas também nos aproxima, permitindo uma compreensão mais profunda e empática das experiências dos outros. Ao rir juntos das peculiaridades e das diferenças culturais, podemos fortalecer os laços humanos e encontrar pontos em comum mesmo em contextos aparentemente divergentes.

Diante das reflexões sobre fronteira e identidade, e considerando toda essa questão que me atravessa como fronteiriço, homem, educador, negro e quinquagenário preocupado com a vida, a sociedade e nossa capacidade de encarar as situações com leveza e alegria, mesmo diante das dificuldades, é fundamental destacar a importância do ajustamento consciente e necessário na modernidade do mundo. O humor, como ferramenta de conexão e reflexão, torna-se ainda mais relevante nesse contexto. Ao compartilharmos risos e trocas humorísticas, não apenas fortalecemos os laços humanos, mas também ampliamos nossa compreensão mútua, permitindo uma visão mais empática das experiências alheias. Assim, ao rir juntos das peculiaridades e das diferenças culturais, encontramos espaço para o diálogo, o entendimento e a construção de pontes entre as fronteiras que nos separam, fortalecendo o tecido social e promovendo uma convivência mais harmoniosa e inclusiva.

3.7.8 Patrimônio Cultural e Educacional: Biodiversidade no Bioma Pampa e os Atravessamentos Fronteiriços

Como exemplos de espaços públicos acessíveis, considerados patrimônios e promotores da integração social, os campos na fronteira, como o Parque Gran Bretaña em Rivera ou campos santanenses, como o do Lago do Batuva, destacam-se como verdadeiras joias e exemplos na vastidão do Pampa. Esses locais públicos não são apenas destinados a atividades ao ar livre, mas são celebrações da biodiversidade única dos campos nativos. A partir deles, contemplamos o todo que nos cerca e reconhecemos nossa responsabilidade enquanto identidade e sobrevivência. O campo nativo pulsa com vida e clama por atenção.

Aqui a paisagem se estende até onde os olhos podem alcançar. Moradores locais e visitantes de outras regiões encontram refúgios perfeitos para escapar da agitação do dia a dia. Seja para um piquenique em meio ao gramado-tapete ou para explorar a natureza, os Parques Naturais na fronteira convidam à conexão com o ambiente natural. Além de serem locais para jogos, encontros familiares, namoros e mateadas, esses espaços revelam-se tesouros científicos. Neles, o bioma Pampa, aparentemente modesto à primeira vista, surpreende com sua incrível diversidade. Na região fronteira do Brasil com o Uruguai, pesquisadores identificaram 56 espécies de gramíneas em apenas um metro quadrado, conforme destacado por Gerhard Overbeck (2014). Os campos nativos são ecossistemas que merecem reconhecimento e preservação.

Ao desafiar preconceitos sobre a suposta monotonia dos campos na fronteira, nossa pesquisa também destaca a importância de compreender a riqueza presente nos campos nativos. Vamos além dos estereótipos negativos, sistematizando o conhecimento sobre a flora e fauna, desafiando percepções limitadas. A diversidade única dos campos nativos não é apenas fascinante do ponto de vista científico, mas também possui uma relevância ecológica vital. A região abriga uma parte significativa do aquífero Guarani, tornando-a essencial para a sobrevivência não apenas dos biomas, mas de todos os seres vivos que dependem desse recurso hídrico.

Apesar de sua importância, os biomas como os campos nativos são os mais ameaçados e menos protegidos do planeta. Sua boa produtividade e propensão à ocupação humana tornam crucial a implementação de esforços contínuos na preservação. A fragilidade dos campos nativos destaca a necessidade urgente de promover a compreensão pública e o respeito por esse ambiente singular nas escolas,

instituições públicas e entre todos nós, cidadãos dependentes desse sistema. Assim, preservar os campos nativos do bioma na fronteira vai além de proteger espaços de lazer individuais; é um compromisso com a harmonia entre o fronteiriço e a natureza local. Ao reconhecer a importância dos campos nativos e agir em prol de sua preservação, estamos assegurando não apenas a sobrevivência dos biomas, que são ricos e frágeis ao mesmo tempo, mas também o equilíbrio essencial entre a comunidade e o ambiente natural que a sustenta.

Os textos e depoimentos dos professores nos questionários oferecem uma perspectiva enriquecedora e multifacetada sobre a experiência de ser professor homem, negro e fronteiriço, especialmente no prisma da metáfora do Cerro do Marco, que representa a fronteira Brasil-Uruguai. Em meio a essa riqueza de experiências, é crucial destacar o bioma Pampa não apenas como um ambiente natural notável, mas também como um patrimônio ambiental e cultural.

A figura de Dona Constância, apresentada como uma educadora sábia e naturalista, destaca a importância da educação ambiental no contexto específico do bioma Pampa, ressaltando sua singularidade e relevância cultural. Essa narrativa ressoa especialmente em minha experiência como filho e professor, proporcionando uma reflexão sobre como a conexão profunda com a natureza e a cultura local pode ser uma ferramenta valiosa na abordagem educacional, preservando não apenas o ecossistema, mas também a identidade cultural da região.

O texto que aborda a capacidade de resiliência na educação em uma escola rural fronteiriça, também destaca a natureza única do bioma Pampa como um patrimônio ambiental e cultural. A metáfora das flores de tuna florescendo mesmo em condições adversas simboliza não apenas a capacidade de superar obstáculos na educação, mas também o potencial do próprio bioma diante dos desafios ambientais. Isso marca profundamente minha experiência como professor, evidenciando a importância de cultivar essa capacidade adaptativa em todos os aspectos da vida fronteiriça, preservando o patrimônio natural e cultural.

O texto sobre o eucalipto enfatiza a relação entre o homem e o bioma Pampa, destacando a necessidade de equilibrar as atividades humanas com a preservação do meio ambiente, reconhecendo o bioma como um patrimônio ambiental que merece proteção. Essa reflexão traz destaque particularmente à minha experiência como professor negro e fronteiriço, lembrando-me da importância de considerar os impactos

ambientais das ações humanas e de promover um equilíbrio sustentável em prol do patrimônio compartilhado.

O terceiro texto, ao explorar práticas culturais na fronteira Brasil-Uruguai, destaca a evolução da tradição da colheita da marcela, incluindo a participação masculina, conectando a educação com o patrimônio cultural do bioma Pampa. Isso não traduz apenas uma mudança nas tradições culturais, mas também na educação infantil e fundamental, preservando e adaptando o patrimônio cultural às transformações da sociedade fronteiriça.

Esses textos corroboram com minha experiência como professor homem, negro e fronteiriço, oferecendo *insights* valiosos sobre a interconexão entre a educação, a preservação do bioma Pampa e as dinâmicas complexas da fronteira. Eles reforçam a importância da educação ambiental, da resiliência e do equilíbrio sustentável, contribuindo para uma prática pedagógica mais enraizada na realidade fronteiriça e no patrimônio ambiental e cultural compartilhado.

A profundidade e complexidade das situações e fatos apresentados ecoam fortemente em mim, provocando uma série de emoções e reflexões. A crítica à representação contemporânea da história afrodescendente e a ênfase na identidade entre a interconexão do homem fronteiriço e a biodiversidade dos campos nativos impactam profundamente minha percepção e experiência. Essas reflexões me levam a questionar as narrativas dominantes e a valorizar a complexidade das relações humanas e ambientais. Ao ponderar sobre esses temas, percebo que minha compreensão do mundo se amplia, assim como minha conexão com minha própria identidade. Essa consciência me impulsiona a buscar um entendimento mais profundo e inclusivo da história e da diversidade cultural, expandindo minha visão de mundo e fortalecendo meu senso de pertencimento. Como professor, homem negro e fronteiriço, sinto-me profundamente tocado por essas questões, despertando uma mistura de indignação, consciência e identificação com as experiências revividas e narradas.

O reconhecimento da importância da abordagem crítica na educação formal me impulsiona a um sentimento de responsabilidade e urgência em relação à necessidade de transformações no sistema educacional. A conexão entre a preservação ambiental, a identidade cultural e a prática pedagógica não apenas reverbera em minha mente, mas também repercute diariamente na minha experiência pessoal. Esse cruzamento por essas reflexões não é apenas intelectual, mas também

emocional, criando um chamado à ação e uma profunda reflexão sobre como posso contribuir para uma educação mais inclusiva, ambientalmente consciente e culturalmente sensível. Essa jornada de reflexão está, sem dúvida, moldando minhas perspectivas e me inspirando a promover mudanças positivas em meu ambiente educacional e na compreensão do mundo ao meu redor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a perspectiva interdisciplinar do programa de pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, esta pesquisa, conduzida na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera, emerge como uma exploração aprofundada das facetas das identidades fronteiriças. No estudo fixou-se o foco nas interconexões complexas entre fronteiras geográficas, mobilidades étnicas raciais, aspectos de gênero e profissionais que moldam a dinâmica social e cultural nessa região singular.

Para uma abordagem e análise rizomática da exploração, do contexto ambiental, da sociedade e do indivíduo, a alegoria do Cerro do Marco utilizada ofereceu uma visão holística que destacou a relevância das experiências individuais na formação da identidade pessoal e social, enriquecendo a análise, pois proporcionou visões profundas sobre as interseções entre identidade, poder e fronteiras. Desta maneira, foi possível atingir o propósito inicial da pesquisa: compreender e responder sobre a condição de ser fronteiriço, negro e professor de crianças e adolescentes, seus enfrentamentos, negociações, de identidade constantes e equilíbrio entre suas diversas dimensões.

O termo *doble chapa* destaca a dualidade de pertencer a duas nacionalidades devido à condição fronteiriça, trazendo consigo desafios relacionados a diferentes sistemas legais, culturas e realidades sociais em ambos os lados da fronteira. Ser negro acrescenta uma camada adicional de desafios, incluindo o enfrentamento do racismo, estereótipos e preconceitos, afetando não apenas a autoestima, mas também a interação social. Além disso, o papel de docente na educação básica já é desafiador por si só, e ser negro pode intensificar questões como a representatividade e o enfrentamento de preconceitos dentro da sala de aula. A negociação constante dessas identidades envolve a adaptação a diferentes contextos, o enfrentamento de estereótipos e a busca por um equilíbrio que abrange todas as dimensões do Eu cidadão.

Essa busca por equilíbrio se reflete na experiência individual, impactando a construção da identidade pessoal, as relações interpessoais e a busca por pertencimento e sociabilidade. Compreendemos como essas dinâmicas impactam não apenas a experiência pessoal do indivíduo, mas também seu desempenho na sociedade e no contexto educacional. O poder e o saber se entrelaçam nesse cenário,

e o conhecimento reveste-se em ferramenta poderosa para a navegação por essas fronteiras identitárias.

O desempenho desse fronteiriço na sociedade pode ser influenciado por percepções sociais e preconceitos, porém, no contexto educacional, a representatividade do professor pode impactar positivamente o relacionamento com os alunos, promovendo o engajamento e o aprendizado. O entrelaçamento de poder e saber coloca o professor negro fronteiriço em uma posição única para desafiar e transformar estruturas condicionais, promovendo a equidade. No entanto, não se realizam ações intencionais para uma formação mais eficaz para esse enfrentamento. A construção e o compartilhamento de conhecimento, fundamentais nesse contexto, são impulsionados pela experiência pessoal, diálogo intercultural e engajamento crítico.

A conscientização da interseção dessas identidades torna-se uma ferramenta poderosa para lidar com desigualdades sistêmicas e desafiar estereótipos, contribuindo para uma compreensão mais ampla das identidades fronteiriças. A complexidade dessas identidades interseccionais enfatiza a necessidade de abordagens sensíveis e inclusivas nos campos educacionais e sociais. O indivíduo fronteiriço, negro e professor desempenha um papel crucial na promoção da compreensão e transformação das dinâmicas sociais.

A interdisciplinaridade metodológica da pesquisa caracteriza-se pela combinação de conhecimentos de geografia, educação e meio ambiente. Contudo, diante da complexidade inerente às fronteiras, sugere-se a incorporação de uma variedade ainda mais ampla de disciplinas, como sociologia, antropologia e psicologia, para aprimorar a compreensão mais abrangente das dinâmicas fronteiriças.

Embora a pesquisa se desdobre em análises específicas abordando questões raciais, de gênero e educacionais enfrentadas pelo autor enquanto homem negro, professor e habitante de uma região fronteiriça, ressalto que a investigação transcende os limites físicos da fronteira entre as duas cidades, ampliando sua perspectiva para oferecer insights profundos sobre as interações entre poder, conhecimento e identidade em contextos fronteiriços. Com a alegoria do Cerro do Marco, compreende-se a abrangência das dinâmicas culturais e sociais da região, ressaltando a importância de considerar não apenas as diferenças, mas também os vínculos que moldam a fronteira.

A convivência de idiomas e a diversidade cultural entre Rivera e Livramento foram exploradas, juntamente com a mobilidade e a diversidade étnica na região. A tradição do mate emergiu como um símbolo identitário unificador. As relações entre as duas cidades foram delineadas, e também a busca por uma colaboração mais integrada.

A pesquisa em questão fornece novidades e resultados positivos em diversas áreas. A abordagem interdisciplinar aplicada, que integra conhecimentos de geografia, identidade, educação e meio ambiente, destaca-se como uma característica distintiva e enriquecedora. Os marcos de fronteira são abordados como pontos nodais em um rizoma que conecta geografias, símbolos e memórias.

A ênfase na especificidade de Santana do Livramento e Rivera serve como um ponto de partida para uma compreensão mais profunda das dinâmicas fronteiriças, enquanto a abordagem rizomática fornece uma estrutura conceitual que transcende as limitações das abordagens convencionais. Uma análise crítica sugere a necessidade de uma exploração mais profunda sobre como as sociedades fronteiriças são realizadas e construídas localmente. Isso implica examinar as representações sociais, os estereótipos e as narrativas que foram elevadas para a formação da identidade das comunidades fronteiriças. Uma abordagem mais crítica poderia desentranhar os discursos subjacentes que moldam as percepções e influenciam as interações sociais nesse contexto específico.

Na análise propositiva, é sugerido intensificar a análise crítica, ampliando as investigações para compreender de que maneira as dinâmicas fronteiriças impactam a vida cotidiana das pessoas. Isso poderia envolver uma avaliação mais profunda das implicações práticas das experiências fronteiriças nas áreas de educação, emprego, saúde e outras esferas da vida social. Além disso, questionar como essas dinâmicas influenciam as políticas locais permitiria uma compreensão mais completa do papel das fronteiras na formulação de políticas públicas e práticas governamentais.

A proposta de uma discussão mais detalhada sobre a aplicabilidade prática dos resultados da pesquisa destaca a importância de traduzir os resultados acadêmicos em ações tangíveis que possam beneficiar as comunidades fronteiriças. Isso poderia incluir recomendações específicas para políticas locais, programas educacionais ou iniciativas sociais que busquem abordar as questões identificadas na pesquisa. Dessa forma, a pesquisa não apenas contribuiria para o conhecimento teórico, mas também teria um impacto mais direto e significativo nas realidades locais.

As limitações desta pesquisa são evidentes na necessidade de considerar diversas perspectivas e experiências fronteiriças, bem como a influência de fatores históricos mais amplos na formação das identidades individuais. O estudo concentrou-se nas cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), proporcionando uma visão específica das dinâmicas fronteiriças nessas localidades. No entanto, outras regiões ou outras fronteiras podem apresentar nuances e desafios diferentes, exigindo pesquisas adicionais para uma compreensão abrangente.

A pesquisa ressalta a importância de continuar explorando as dinâmicas fronteiriças em diferentes contextos e regiões. Cada fronteira possui sua própria história, cultura e desafios únicos, o que exige uma abordagem sensível às especificidades locais. Além disso, a pesquisa se concentrou nas cidades fronteiriças e, portanto, não abordou integralmente as experiências de comunidades rurais ou outras configurações fronteiriças menos urbanizadas. Outra limitação refere-se à complexidade das identidades fronteiriças, que vão além das barreiras geográficas. A pesquisa permite observar a influência de disputas históricas, interesses econômicos, identidade e poder na formação desses, mas não pode abranger todas as nuances desses elementos em profundidade. Uma pesquisa mais aprofundada em cada um desses aspectos poderia identificar ainda mais a compreensão das fronteiras.

A pesquisa em questão representa um avanço significativo no campo acadêmico, fornecendo contribuições valiosas e resultados positivos em diversas áreas. A incorporação da filosofia de Deleuze, notadamente uma abordagem rizomática, ofereceu uma perspectiva inovadora, desafiando estruturas tradicionais e promovendo uma compreensão mais dinâmica das relações fronteiriças. Uma análise aliada à alegoria do Cerro do Marco proporcionou uma compreensão não linear e interconectada das dinâmicas, revelando complexidades culturais e sociais da região. Essa abordagem contribuiu para uma compreensão mais profunda das identidades fronteiriças, destacando as interconexões entre fronteiras geográficas, minorias étnicas, raciais, de gênero e profissionais.

A complexidade das identidades fronteiriças, exemplificadas no estudo das cidades de Santana do Livramento e Rivera, demanda políticas públicas sensíveis e inclusivas. Uma pesquisa interdisciplinar, enriquecida pela abordagem rizomática e alegoria do Cerro do Marco, revela uma interconexão entre geografia, identidade e poder. Propõe-se a implementação de políticas educacionais que capacitem professores fronteiriços, promovam a representatividade, integrem temas identitários

no currículo e incentivem redes de apoio. Além disso, sugere-se a conscientização contra o racismo, parcerias interinstitucionais para enriquecimento cultural, e uma avaliação contínua para garantir a equidade. Essas ações visam não apenas mitigar desafios, mas transformar estruturalmente as instituições, criando ambientes educacionais mais inclusivos e conscientizando cidadãos para a compreensão das complexidades globais.

A pesquisa empreendida revela de maneira inequívoca a intrínseca interligação entre o bioma Pampa, a educação, a cidadania fronteiriça e a experiência do ser negro e professor fronteiriço. Os resultados obtidos ressaltam a vitalidade desse ecossistema, não apenas como um espaço geográfico, mas como um protagonista essencial na formação da identidade regional. Nesse contexto, a educação surge como uma ponte fundamental, conectado não apenas aos conhecimentos acadêmicos, mas também promovendo a conscientização ambiental e social. O engajamento cidadão na fronteira, por sua vez, é destacado como um elemento-chave para a sustentabilidade do bioma e o fortalecimento dos laços comunitários.

Uma análise específica da experiência do ser negro e do professor fronteiriço revela nuances importantes sobre a construção da identidade e a superação de desafios específicos. Este estudo, centrado no indivíduo imerso na trama urbana e cultural de Santana do Livramento e Rivera, destaca-se o conceito de rizoma para enfatizar a natureza complexa e interconectada desses espaços, fundamentais no bioma Pampa. A análise das ramificações do rizoma urbano revela aspectos singulares, como o caráter fronteiriço, a dualidade do *doble chapa*, a presença da negritude e a influência do papel do professor, entre outros.

Uma fronteira, simbolizada pela dualidade das cidades compartilhadas, surge como ponto crucial de interseção, onde as identidades se entrelaçam e se reinventam. O conceito de *doble chapa*, intrínseco às fronteiras, reflete a duplicidade de experiências e pertencimentos que coexistem nesse espaço. A negritude, por sua vez, apresenta-se como uma ramificação essencial, conectando-se profundamente com a história e cultura locais.

O papel do professor destaca-se como um nó vital, influenciando as conexões entre educação, identidade e comunidade, formando um sistema radicular no qual as ramificações não seguem uma estrutura linear ou hierárquica, mas manifestam-se como uma intrincada teia de relações. A metáfora do rizoma enfatizou a ampla

vitalidade dessas cidades, desafiando noções preestabelecidas de organização urbana.

Ao considerar essa complexidade, concluímos que a integração do indivíduo na sociedade dessas cidades transcende fronteiras físicas e simbólicas. Esta conclusão não apenas encerra um estudo, mas inaugura uma jornada contínua de exploração e expansão do conhecimento sobre as interconexões que moldam a identidade dos habitantes de Santana do Livramento e Rivera. Ao entender essas cidades como rizomas, reconhecemos que suas raízes se entrelaçam, formando uma rede viva e dinâmica, cujo potencial de crescimento e transformação é infinito.

A principal contribuição da minha dissertação para os campos da memória, do patrimônio e da educação fronteiriça reside na proposição de um novo e necessário olhar sobre o papel do professor e educador fronteiriço, especialmente o negro, nesses territórios de intensa hibridização cultural. Ao analisar como esses educadores vivenciam e negociam suas identidades em espaços fronteiriços, a pesquisa destaca as interseções entre etnia, educação e a construção de pertencimentos identitários. A dissertação contribui para a academia ao sugerir que a figura do professor negro na fronteira representa um agente crucial na preservação e valorização do patrimônio imaterial, visto que ele não só transmite conhecimento, mas também carrega e promove a memória e a herança cultural afrodescendente em um contexto de múltiplas tensões e interações culturais.

Para o programa de memória e patrimônio, a dissertação propõe uma reflexão crítica sobre como a educação fronteiriça pode ser um espaço de resistência e afirmação identitária. A valorização da figura do educador fronteiriço negro se torna central, pois ele atua como um mediador entre as culturas locais e as demandas de uma educação que deve ser inclusiva e sensível às particularidades étnicas e históricas desses territórios. Assim, a pesquisa oferece subsídios para políticas públicas que integrem o reconhecimento da diversidade cultural e étnica como elementos fundamentais no desenvolvimento educacional de regiões fronteiriças, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que celebrem a riqueza das experiências vividas por esses educadores e suas comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Fernanda Arruda. **A escrita em línguas híbridas e a superação da tradição do silêncio dos sujeitos transfronteiriços**: uma comparação entre a escrita literária em português e em spanglish. UFJF, 2018.

ALMANAQUE SANTANENSE, 2. edição. Santa Maria: editora Pallotti, 2018.

ALMEIDA, Ricardo; DORFMAN, Adriana. **Fronteras Culturales**: um processo de autonomias e de convergências – Unbral Fronteira – Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras; Instituto de Geociências/UFRGS. Porto Alegre: Editora Letra1, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35894-outro-pais-do-outro-lado-da-rua-o-censo-2022-na-fronteira-brasil-uruguai>

AKOTIRENE, Carla, **Interseccionalidade**. (Coleção Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo: Pólen, 2019.

ANDERSON, Benedict O’Gorman. **Comunidades Imaginadas**. 1. ed. Companhia das Letras, 2008.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**. Madrid, 1987.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1994.

ASEFF, Liane Chipollino. Estudios Historicos – Uruguay Um olhar sobre a presença árabe na Fronteira. **CDHRPyB** - Año VI, n. 12 – Julio, 2014.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades** Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

ASSIS SG 1999. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

BARRA, Sergio. Assentamentos jesuíticos: territórios e significados. In: CHUVA, Márcia (org.). **Cadernos de Pesquisa e Documentação do IPHAN 1**. Rio de Janeiro: IPHAN/ Copedoc, 2008. p. 40

BEHARES, Luis E. **La Conceptualización de las Variedades de Portugués Habladas en Uruguay - Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** / Ana Lourdes da Rosa Nieves Fernández [ET AL.] (org.). Pelotas: Ed. da UFPel, 2012.

BAHIA, Rodrigo Zola. **Sexismo às avessas?**: professores homens na educação infantil na rede pública municipal de educação de Belo Horizonte. CEFET – MG, 2020.

BEM, Daniel Francisco de. **Caminhos do Axé**: a transnacionalização afro-religiosa para os países platinos a partir do terreiro de mãe Chola de Ogum, de Santana do

Livramento – RS. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em

BENTO, Fabio Regio. **Cidades de Fronteira e Integração Sul-Americana**. 1. ed. Paco Editorial, 2013.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)

BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora. Identidades em cuestión**. London, 1996. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021. Brasília, DF: Inep, 2021.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. PUCCI, Adriano Silva. **O Estatuto da Fronteira Brasil-Uruguaí**. Brasília: FUNAG, 2010.

BRAUDEL, Fernand. **O mediterrâneo o espaço e a história**. Lisboa, Portugal: Editorial Teorema Lda, 1985.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joel. Memória ou metamemória das origens. **Caderno de Letras**, UFPEL, n. 37, 2020

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra: Sucessor, 1978.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa. Dominar, Submeter-Se, Libertar-Se: Jessica Benjamin e os Laços de Amor. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 686-704, dez. 2018

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, nº 1/2002, pp. 171-188.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 1, São Paulo, jan/abr. 2005. p. 99-120.

DARWICH, Mahmud. **Memória para o esquecimento**. 1. ed. São Paulo: Editora Tabla, 2021.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)**. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cad. Pes.**, n. 86, São Paulo, ago. 1993, p. 5-14.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo, (Feminismos Plurais/** coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo: Jandaíra, 2021.

DOISCUNHADOS. Abacateiro sem frutos: como resolver. 15/02/2024. Disponível em: <https://doiscunhados.com.br/abacateiro-sem-frutos-como-resolver/>

DONNAN, Hastings. WILSON, Thomas M. **Fronteiras da Identidade, Nação e Estado**. Reino Unido: Biddles Ltd, 2001.

DORNELLES, Soraia Sales. **Trabalho compulsório e escravidão indígena no Brasil imperial: reflexões a partir da província paulista**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 38, n. 79, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/rgy7QbXBkb5chc8xRvrMxsc/?format=pdf&lang=pt>

ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L., BARRIOS, G. **Nos Falemo Brasileiro**. Dialectos portugueses del Uruguay. Montevideo: Amesur, 1987.

ESCUADERO, Camila. **Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens**. UFRJ, Rio de Janeiro, Fevereiro de 2017.

FILHO, Kleber Prado. TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun.2013.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILROY, Paul. **The Black Atlantic: Modernity And Double Consciousness**. 1. ed. 2022.

GIMENEZ, Gilberto. **Cultura, Identidad y memoria**. Materiales para una sociología de los procesos culturales en las franjas fronterizas. Frontera Norte, vol. 21, Núm. 41, Enero-junio de 2009. México, 2009.

GONÇALVES, José. Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos, 2004

HARTOG, François. Regime de Historicidade. **Time, History and the writing of History**, KVHAA, Konferenser, n. 37, p. 95-113 Stockholm, 1996.

GLOSSÁRIO de expressões gauchescas - Simões Lopes Neto. Disponível em: <https://pelotas.ufpel.edu.br/glossario.html#:~:text=BOLICHO%2C%20s.,Bodega>.

GRIMSON, Alejandro. **Fronteras e identificaciones nacionales**: diálogos desde el Cono Sur. Iberoamericana, v. 17, 2005, p. 91-99.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ISM-UNFPA. **¿Cómo es crecer en la frontera?** Juventudes de Rivera (Uruguay) y Santana do Livramento (Brasil). Asunción, 2022. p. 47,48.

JORNAL EDIÇÃO ONLINE. O que fazer com as garças vaqueiras?, 01/01/2023. Disponível em: https://www.aplateia.com.br/2023/01/01/___trashed/

JORNAL EDIÇÃO ONLINE. DAE inicia operação de retirada de garças do Parque da Hidráulica. 07/11/2020. Disponível em: <https://www.aplateia.com.br/2020/11/07/dae-inicia-operacao-de-retirada-de-garcas-do-parque-da-hidraulica/>

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e74611, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfcHxwYm3Q8zB/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A via Crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUVIZOTTO, CK. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Antígona editores refractários. 1. ed. 2014.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo**. 2018.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a Lógica Racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 265 – 286, 2018.

MARQUETTO, Rut Maria Friedrich; BECKER Elsbeth Léia Spode, r Territorialização e desenvolvimento regional na Fronteira da Paz na perspectiva da uva e do vinho. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 9, n. 2, p.77-98, ago/2015.

MILMAN, Tulio. **Educação, o todo e cada uma das partes**. Gauchazh, 28/06/2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/conteudo-de-marca/2023/06/tulio-milman-educacao-o-todo-e-cada-uma-das-partes-cljelahgs008w01518853wa7n.html>

MOREIRA, Adilson. Pensando Como um Negro: ensaio de hermenêutica jurídica. **Revista de Direito Brasileira**, São Paulo, SP, v. 18, n. 7, p. 393 – 421, Set./Dez. 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

MOREIRA, Igor. **Pequenos Exploradores** - livro regional: Rio Grande do Sul. geografia, história, arte e cultura; 4º e 5º ano/ Curitiba: Positivo, 2014.

MOTTA, José Flávio. A escravidão brasileira à época da Independência. *Revista USP*, São Paulo, n. 132, p. 37-58, janeiro/fevereiro/março, 2022.

MOTTA, Sandra Edelmira Rosa. **As diferentes relações do fronteiro das cidades conurbadas de Santana do Livramento e Rivera com os espaços públicos de lazer**. Orientador: Francisco Luiz Pereira da Silva Neto. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PEREIRA, Gloria Maria Santiago; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Subjetividades em Trânsito: identidade, diáspora africana e cultura imaterial. **Psicologia e Sociedade**, n. 30, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/5S3rjSTTTzJjFT7CvmVDtCv/>

NEUBERGER, Francielle; VISENTINI, Monize Sâmara; CHAGAS, Fernanda Bard. A Tradição Gaúcha de Tomar Chimarrão Refletida nos Hábitos de Consumo de Erva-Mate em Diferentes Classes Sociais. **RAIMED** – Revista de Administração IMED, v. 6, n. 2, p. 118-148, jul./dez. 2016.

PALERMO, Eduardo R, RIVERA: **Los orígenes de un pueblo de frontera**.1. ed. Durazno: Tierradentro ediciones, 2022.

PARA ENTENDER DIREITO. **Contrabando x Descaminho**, 11/03/2010. Disponível em: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/contrabando-x-descaminho>

PEDRUZZI, Tiago; SCHARDOSIM, Chris Royes. Dois olhares sobre a fronteira Brasil – Uruguai. **Caderno de Letras**, n. 26, Jan-Jun - 2016 - ISSN 0102-9576

PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. **Travessia: Revista de Literatura**, n. 38, p. 7-29, 1999.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PORTUÑOL. Diretora: Thais Fernandes. 2020. 70 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cE53uZtrOaM>

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Livro em português, 1913.

RABELO, Marcela Monteiro. Cortejando pela rua, cortejando pelo palco: “llamadas” da dança no candombe uruguaio. Recife: O autor, 2014.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa, **As festas como formas de integração na fronteira Brasil-Uruguai (1930-1945)**, Polis [Online], n. 39, 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p.27-60.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social. Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993.

SANTOS, JÁ. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR. (org.). **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194.

SCHMITZ, Pl. **Arqueologia do Rio Grande do Sul**. Documentos 05 2. ed. Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS São Leopoldo, RS, Brasil, 2006.

SCHÄFFER, Neiva Otero. **Urbanização na fronteira (a expansão de Sant’Ana do Livramento)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/ Prefeitura Municipal de Sant’Ana do Livramento, 1993

SILVA, Bianca Pinheiro da. **Influência do Frigorífico Armour no Desenvolvimento Sócioeconômico de Santana do Livramento**. Unipampa, 2020.

SIMÕES, Olyntho Maria. **La Sombra de Los Platanos**. Tallero Gráfico do A. Monteverde y Cia. Montevideo, 1950.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. **Kyringüé mborai – os cantos das crianças e a cosmo-sônica Mbbyá-Guarani**, UFRGS. Porto Alegre, 2009

STREVA, Juliana Moreira. **Colonialidade do Ser e Corporalidade: o racismo brasileiro por uma lente descolonial**. Revista Antropolítica, Apr. 2022.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, São Paulo, 2005.

STURZA, Eliana. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, p. 95-116, jan.-abr. 2019

TAVARES, Derek. **Escrita de si: uma ilusão autobiográfica**. 1º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Governamentalidade e Segurança. João Pessoa/PB -2014.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. **Cavalo Crioulo, O símbolo do Rio Grande do Sul**. 3. ed. 2014 p. 22.

TERRA DA GENTE. Garça-vaqueira: a espécie de origem africana que dominou o território brasileiro. G1, 07/04/2021. Disponível em:
<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2021/04/07/garca-vaqueira-a-especie-de-origem-africana-que-dominou-o-territorio-brasileiro.ghtml>

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*, n. 17/18. 2001/02, pp.81-103

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário A (para ser aplicado com pessoas de diferentes faixas etárias, profissões e graus de escolaridade)

1) Informações pessoais:

Iniciais do nome:

Idade:

Grau de escolaridade:

Profissão:

2) Informações territoriais

Há quanto tempo você vive em Santana do Livramento?

Já viveu ou trabalhou em outra localidade?

Onde?

Se pudesse escolher outro local para viver, qual seria?

Por quê?

3) Informações identitárias

Você se considera totalmente brasileiro, brasileiro e uruguaio ou totalmente uruguaio.

Por quê?

Quando tu estás em Rivera ou em outra cidade Uruguiaia, tu sentes que estás em outro país, porque:

- a) () tu cruzaste a fronteira política dos países e sempre te dá conta disso.
- b) () porque todos falam outra língua que não compreendes ou falas com fluência.
- c) () porque sentes que as pessoas têm cultura e hábitos muito diferentes dos teus.
- d) () porque não tens nenhuma relação familiar ou amigos nesse outro país.

Quando tu estás em Rivera ou em outra cidade Uruguiaia, tu sentes que estás em casa porque:

- a) () tu não percebes, ou raramente percebes que cruzaste a fronteira entre países
- b) () porque não percebes a língua castelhana como sendo muito diferente do português, porque compreendes e falas as duas com fluência
- c) () porque sentes que as pessoas têm cultura e hábitos muito semelhantes aos teus
- d) () porque tens algumas ou muitas relações familiares e amigos nesse outro país

O que significa para ti a expressão “*doble chapa*”?

ANEXO 2 – Questionário B (para ser aplicado com pessoas de diferentes faixas etárias, profissões e graus de escolaridade)

1) Informações pessoais:

Iniciais do nome: _____

Idade: _____

Grau de escolaridade: _____

Profissão: _____

2) Questões raciais:

Para ti, alguém deve ser considerado negro quando:

- a) () tem algum dos progenitores negros
- b) () tem algum dos ancestrais diretor (avós e bisavós) negros
- c) () quando cresce dentro de uma comunidade quilombola, ou de religião de matriz africana, por exemplo
- d) () quando traços fenotípicos específicos: pele escura, cabelo crespo, nariz largo, lábios grossos, etc
- e) () quando a pessoa se identifica politicamente e etnicamente como negra, preta, afrodiaspórica, etc

Quando uma pessoa tem parentes (pais, avós, bisavós, irmãos) negros e brancos, ela será:

- a) () negra sempre
- b) () branca sempre
- c) () branca ou negra, dependendo dos traços fenotípicos (físicos)
- d) () branca ou negra, dependendo dos laços familiares mais fortes
- e) () branca ou negra, dependendo de como a pessoa se vê e se identifica

Como tu te identificas em termos raciais?

Por quê? _____

3) Questões identitárias:

Para ti, alguém pode pertencer a duas culturas diferentes?

- a) () Não, isso é impossível
- b) () Sim, pode acontecer
- c) () Sim, acontece com frequência
- d) () Sim, desde que a pessoa alterne entre uma e outra

Para ti, a forma como as pessoas se identificam:

- a) () não pode mudar. As pessoas são o que são.
- b) () pode eventualmente mudar, dependendo de alguma experiência traumática, por exemplo
- c) () transforma-se com frequência, dependendo da fase da vida e dos acontecimentos
- d) () transforma-se o tempo todo, porque todos os acontecimentos da vida podem fazer com que as pessoas repensem quem são.

Para ti, quem tem parentes do outro lado da fronteira:

- a) () é sempre brasileiro, porque nasceu dentro dessa cultura
- b) () pode se identificar como uruguaio quando lá está, porque aquela cultura também é em parte da pessoa
- c) () não é nem brasileiro, nem uruguaio. A identidade dessa pessoa é uma mistura das duas culturas (*doble chapa*)
- d) () não é nem brasileiro nem uruguaio. A pessoa tem uma identidade própria, que tem partes das duas culturas, mas ao mesmo tempo é uma coisa diferente, não é somente uma mistura de elementos das duas (*doble chapa*)

ANEXO 3 – Questionário C (para ser aplicado na minha escola e em outras da região)

1) Informações pessoais:

Iniciais do nome: _____

Idade: _____

Grau de escolaridade: _____

Profissão: _____

Para ti, a educação infantil e fundamental é uma profissão:

- a) () feminina, embora haja alguns homens trabalhando
- b) () feminina e masculina, embora haja mais mulheres trabalhando
- c) () masculina, embora as mulheres estejam no momento ocupando mais essas vagas

2) Questões de gênero:

Para ti, há mais mulheres na educação infantil e fundamental porque:

- a) () essa é uma profissão que exige dons maternais para o aprendizado das crianças
- b) () porque lida com crianças pequenas e esse é um fator de segurança para elas
- c) () porque as famílias não aceitam professores do gênero masculino
- d) () porque é uma profissão de remuneração baixa e por isso fica reservada às mulheres
- e) () porque permite que se trabalhe em regime de meio turno, o que permite às mulheres conciliar trabalho doméstico, educação dos filhos e vida profissional
- e) () outra. Explique: _____

Quando você imagina um profissional que ensina crianças pequenas você imagina:

- a) () uma mulher, porque geralmente as professoras de ensino infantil e iniciais são mulheres
- b) () uma mulher, porque esse é o ideal para as exigências dessa profissão
- c) () um homem ou uma mulher, porque a profissão não está ligada a identidade de gênero

d) () um homem ou uma mulher porque tu pensas que essa é uma profissão que não deveria estar restrita a nenhuma identidade de gênero

e) () um homem, porque pensas que é uma imagem perfeitamente adequada e normal para a profissão.

Se teu filho ou filha tivesse um professor de educação infantil de gênero masculino, tu acharias:

a) () normal, porque já viste outros professores homens dando aula para a educação infantil e iniciais

b) () normal, porque é um emprego que pode ser desempenhado por qualquer gênero

c) () estranho, porque não é usual, mas encararia de forma positiva

d) () estranho, porque não é usual, e me sentiria desconfortável.

Se você respondeu letra D na questão acima, diga por que tu te sentirias desconfortável, se teu filho tivesse um professor do gênero masculino na educação infantil e do ensino fundamental:
